

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LAUDIÉLCIO FERREIRA MACIEL DA SILVA**

**OS SABERES DA MATA DO ENGENHO UCHÔA**

**Recife  
2018**

**LAUDIÉLCIO FERREIRA MACIEL DA SILVA**

**OS SABERES DA MATA DO ENGENHO UCHÔA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção de título de Doutor em Educação.

**Área de Concentração:** Educação

**Orientador:** Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Amanda Nascimento, CRB-4/1806

S586s Silva, Laudílcio Ferreira Maciel da Silva.  
Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa / Laudílcio Ferreira Maciel da Silva. – Recife, 2018.  
255 f. : il.

Orientador: Souza, Edilson Fernandes de.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.  
Programa de Pós-graduação em Educação, 2018.  
Inclui Referências e apêndices.

1. Educação - História. 2. Certeau, Michel de, 1925-1986. 3. Mata do Engenho Uchôa. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Souza, Edilson Fernandes de. II. Título.

370.9 CDD (22. ed.)

UFPE (CE2018-73)

**LAUDIÉLCIO FERREIRA MACIEL DA SILVA**

**OS SABERES DA MATA DO ENGENHO UCHÔA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: 28/09/2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Auxiliadora Maria Martins da Silva (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. André Gustavo Ferreira da Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. José Luis Simões (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu querido pai, Helcio Maciel da Silva e à minha querida mãe, Laudicéa Ferreira da Silva, de quem herdei lições de vida, recheadas de amor incondicional.

À minha amável esposa Marcia Nascimento da Silva, pela companhia de sempre, sobretudo nas horas difíceis na construção desta tese.

Aos meus queridos irmãos: Fátima, Ladjane, Helcio Jr e Helder, pela comunhão e compreensão de sempre.

Aos demais familiares aqui representados na pessoa da minha avó Alda e a Tia Lia pela assistência em momentos difíceis e à Nandinho, Mônica, Sr. Luiz e D. Maria (*in memorian*).

Aos inesquecíveis tio Vavá (*in memorian*) e sobrinho Cinho (*in memorian*) que partiram para a eternidade durante esta minha empreitada.

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Se a caminhada pela mata fosse percorrida de forma solitária possivelmente eu teria me perdido na trilha. Nesse sentido, já antecipando minhas desculpas por não conseguir mencionar todos(as) que, de alguma forma, gentilmente, colaboraram na realização deste trabalho, apresento minha gratidão:

À Deus, pela criação de todas as coisas e pelas maravilhas que tem acontecido em minha vida e à Santa Maria pela sua intercessão de sempre;

Ao Prof. Dr. Phd. Edilson Fernandes de Souza pela oportunidade de tê-lo como orientador. Ao aceitar orientar a minha paixão pela história da educação ambiental, entrou na mata comigo, sempre respeitando a autonomia intelectual e acreditando no meu potencial. Ao oportunizar a realização desta pesquisa mostrou-se também um ambientalista, um sujeito ecológico, enriquecendo seu perfil multidisciplinar; ele, a quem eu vejo acolhendo a todos sem discriminação, me acolheu e me conduziu até aqui, no cumprimento do exercício de sua missão pedagógica;

Aos demais membros das bancas examinadoras (qualificação e defesa): Prof. Dr. André Gustavo Ferreira da Silva, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Auxiliadora Maria Martins da Silva, Prof. Dr. Gustavo Ferreira da Costa Lima, Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva, Prof. Dr. José Luis Simões; Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição dos Santos Reis, que contribuíram, qualitativamente, para o desenvolvimento da pesquisa;

Aos ilustres integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa; da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia; da Agremiação O Boi de Mainha e Creche de Mainha; da Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco; da Igreja N. Sra. da Conceição (Barro, Recife/PE); da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Tejipió, Recife/PE); do Terreiro de Ogum; do Arquivo da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ); do Museu da Cidade do Recife, do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), pela participação na construção desta tese;

À TV Mangue, aqui representada na pessoa do Sr. Hiran, pela captação das imagens dentro da mata e edição de vídeo que resultou no documentário “Os Saberes da Mata”;

Às pessoas que me concederam entrevistas exclusivamente para esta pesquisa: Prof. Edmar Neto (*in memorian*), Dr. Flávio Falcão, Prof<sup>a</sup>. Jacilda Nascimento, Prof. José Semente, Sra. Olívia Conceição; Prof. Ronei Prado e Sr. Valter Libânio (Vavá do Boi de Mainha), pela disponibilidade de sempre na construção da pesquisa;

Ao Sr. Sérgio, morador do bairro do Ibura, que atuou como guia na mata. Sem a colaboração dele muito possivelmente não teríamos entrando na mata;

Aos docentes do curso de Graduação em Pedagogia, Especialização em Educação Ambiental, e do Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE pelas excelentes aulas ministradas ao longo dos cursos e também aos Professores Heloisa F. B. N Bastos e Argus Vasconcelos de Almeida (UFRPE) por me guiarem nos primeiros passos da pesquisa científica durante minha formação em Biologia;

A todos os demais professores que tive desde a educação básica às Pós-graduações pelos ensinamentos que deles recebi;

Aos técnicos administrativos, funcionários terceirizados e estagiários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE pela atenção dispensada durante todo o vínculo com o Programa;

Às bibliotecárias Kátia e Andréa pelas orientações técnicas que me concederam;

Às Professoras Ladjane Ferreira Maciel de Moura e Mestre Márcia Nascimento da Silva, pela importante revisão das normas cultas da língua portuguesa;

Aos amigos Leonardo Luizines, Alexandre Andrade e Caio Andrade, pelos registros fotográficos dentro e fora da mata, e tratamento das imagens e mapas;

Aos meus amigos do Núcleo de Educação Física (NEFD/UFPE) e Departamento de Educação Física (DEF/CCS/UFPE) aqui representados pelo Dr. Márcio Eustáquio Lopes Cavalcanti (*in memórian*), a quem sou imensamente grato pela parceria firmada ao longo da minha formação na pós-graduação;

Aos colegas de curso de graduação, especialização, mestrado e doutorado, que sempre me incentivaram por acreditarem que era possível esta conquista, mesmo no cenário de uma educação ainda excludente e elitista como a nossa;

Ao Prof. Dr. Alfredo Macedo Gomes e demais colegas de trabalho da Diretoria do Centro de Educação (CE/UFPE), pela compreensão, colaboração e incentivo que deles recebi durante meus estudos;

Aos demais amigos que tenho fora do âmbito acadêmico e de trabalho, aqui representados pela figura ilustre do Jornalista e Mestre Robério Daniel da Silva Coutinho, o qual nas caminhadas pela vida me ajudou a construir os projetos (artigos, livros, capítulos de livros, etc) que muito me ajudaram a ingressar no Doutorado;

Aos meus irmãos da Igreja Matriz de São Pio X (Camaragibe/PE), que sempre estão em oração por mim;

Aos autores e autoras mencionados nas referências finais desta obra que contou com as suas qualitativas contribuições;

E, como não poderia deixar de ser, apresento também a minha gratidão àquela que, estando à frente de seu tempo, enfrentando as ameaças e demonstrando coragem sem medir esforços, foi pioneira em defesa da Mata do Engenho Uchôa, consagrando-se num sujeito ecológico inquestionável e deixando como legado um Movimento Ambientalista que em 2019 estará completando 40 anos de luta em defesa da mata: Obrigado, Rousinete Taveira Falcão (***in memorian***)!

Obrigado a todos.

Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas (CERTEAU, 1998).

## RESUMO

Esta pesquisa, situada no campo da história da educação, lançou seu olhar para os saberes da Mata do Engenho Uchôa (Recife/PE) no marco temporal que teve início em 1979 até os dias atuais. A hipótese trabalhada foi a de que os saberes que circulam no cotidiano dos sujeitos em sua relação com a mata constituem uma variedade de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998) que a mantém relativamente preservada e conservada em suas diversas dimensões até os dias atuais. A questão central procurou responder a seguinte pergunta: Que saberes circulam no cotidiano dos sujeitos em sua relação com a Mata do Engenho Uchôa? Esta questão se desdobrou noutras mais específicas: O quê nos revela o estado da arte sobre a mata? Que características e trajetórias identificam a mata ao longo de sua história? O quê os saberes da mata nos revelam? O objetivo geral buscou conhecer os saberes da mata, enquanto que os específicos foram: a) construir o estado da arte das pesquisas que tem a mata como campo de investigação; b) descrever as características da mata; c) registrar a trajetória da mata enquanto terras do Engenho Uchôa, até a sua transformação numa APA; e d) registrar as diferentes estratégias e táticas, constitutivas dos saberes da mata. A história oral enquanto método foi prioritária na coleta de dados. A tese evidenciou, à luz dos escritos de Certeau (1998), que os saberes da mata são do tipo estratégicos e táticos, manifestados por meio da cultura tradicional & popular, do movimento ecológico e da presença do sagrado na mata.

**Palavras-chave:** História da Educação. Saberes Tradicionais. Mata Uchôa. Estratégia e Tática. Michel de Certeau.

## ABSTRACT

This research, located in the field of the history of education, looked to the knowledge of the Mata do Engenho Uchôa (Recife / PE) in the temporary framework that began in 1979 until the present day. The hypothesis worked out is that the knowledge circulating in the daily life of the subjects in their relationship with the forest constitute a variety of strategies and tactics (CERTEAU, 1998) that maintains it relatively preserved and conserved in its various dimensions up to the present day. The central question sought to answer the following question: What knowledge circulates in the daily life of the subjects in their relationship with the Mata do Engenho Uchôa? This issue has developed into more specific ones: What does the state of the art tell us about the forest? What characteristics and trajectories identify the forest throughout its history? What do the knowledge of the forest tell us? The general objective was to know the knowledge of the forest, while the specific ones were: a) to build the state of the art of research that has the forest as a field of research; b) describe the characteristics of the forest; c) to record the trajectory of the forest as lands of Engenho Uchôa, until its transformation into an APA; and d) to record the different strategies and tactics that constitute the knowledge of the forest. The oral history as a method was a priority in the collection. In the light of the writings of Certeau (1998), the thesis evidenced that the knowledge of the forest is of the strategic and tactical type manifested through the traditional & popular culture, the ecological movement and the presence of the sacred in the forest.

**Keywords:** History of Education. Traditional Knowledge. Mata Uchôa. Strategy and Tactics. Michel de Certeau.

## RÉSUMÉ

Cette recherche, située dans le domaine de l'histoire de l'éducation, a lancé son regard vers le Engenho Uchôa connaissances forestières (Recife / PE) dans le délai qui a commencé en 1979 à nos jours. L'hypothèse était que la travaillé connaissances circulant dans la vie quotidienne des individus dans leur relation avec la forêt sont une variété de stratégies et tactiques (Certeau, 1998) qui reste relativement préservé et conservé dans ses multiples dimensions à nos jours. La question centrale a cherché à répondre à la question suivante: quelles connaissances circulent dans la vie quotidienne des sujets dans leur relation avec la Mata do Engenho Uchôa? Cette question est devenue plus spécifique: qu'est-ce qui révèle l'état de l'art sur la forêt? Quelles caractéristiques et trajectoires identifient la forêt tout au long de son histoire? Que nous dit la connaissance de la forêt? L'objectif général a cherché à connaître la connaissance de la forêt, tout en particulier étaient les suivants: a) la construction état de la recherche artistique qui a la forêt comme champ de recherche; b) décrire les caractéristiques de la forêt; c) enregistrer la trajectoire de la forêt comme terre d'Engenho Uchôa, jusqu'à sa transformation en APA; et d) enregistrer les différentes stratégies et tactiques qui constituent la connaissance de la forêt. L'histoire orale en tant que méthode était une priorité dans la collecte des données. La thèse a montré, à la lumière des écrits de Certeau (1998), que la connaissance de la forêt sont le type stratégique et tactique, qui se manifeste par la culture traditionnelle et populaire, le mouvement environnemental et La présence sacrée dans les bois.

**Mots clés:** l'histoire de l'éducation. Connaissances Traditionnelles. Mata Uchôa.

Stratégie et tactique. Michel de Certeau.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1	-	Preparando-se para a trilha .....	21
Fotografia 2	-	Entrando na mata .....	66
Figura 1	-	Imagem de satélite da região onde fica localizada a Mata do Engenho Uchôa .....	78
Fotografia 3	-	Os quatro biomas existentes na Mata do Engenho Uchôa	69
Fotografia 3a	-	Área de Mata Atlântica .....	69
Fotografia 3b	-	Área de Mangue .....	69
Fotografia 3c	-	Área de Restinga .....	69
Fotografia 3d	-	Área de Pântano .....	69
Fotografia 4	-	Situações de contraste na mata .....	72
Fotografia 4a	-	A Garça .....	72
Fotografia 4b	-	O Rio Moxotó .....	72
Fotografia 5	-	Dendzeal na Mata do Engenho Uchôa .....	74
Fotografia 6	-	O formigueiro e o buraco do tatu na mata .....	75
Fotografia 6a	-	O formigueiro .....	75
Fotografia 6b	-	O buraco do tatu .....	75
Fotografia 7	-	Demarcadores de lotes no interior da mata .....	76
Fotografia 8	-	Ruínas do casarão encontrado no interior da mata .....	78
Fotografia 9	-	O Rio Tejipió .....	80
Figura 2	-	Escala de Desenvolvimento Humano Municipal .....	82
Mapa 1	-	O município do Recife e suas RPA's .....	83
Mapa 2	-	Localização da mata e dos bairros circunvizinhos distribuídos nas RPA's 5 e 6 .....	84
Figura 3	-	Mapa da cidade do Recife, 1870. Visualização do Engenho Uchôa .....	98
Figura 4	-	Notícias sobre a mata denunciam devastação .....	105
Fotografia 10	-	Rousinete Taveira Falcão, desde jovem já alimentava seu sentimento de pertença à mata .....	115
Figura 5	-	Carta em Homenagem à Rousinete Falcão .....	120
Fotografia 11	-	Homenagem à Rousinete Falcão no 10º ano de seu falecimento .....	121

Fotografia 12 -	Rousinete em um dos desfiles da TCM Arrebenta Sapucaia .....	123
Fotografia 13 -	O araçá na mata .....	133
Fotografia 14 -	Primeiro Estandarte da TCM Arrebenta Sapucaia .....	135
Fotografia 15 -	Edmar e o primeiro estandarte da troça .....	137
Figura 6 -	Modelos de camisas do desfile da troça .....	138
Figura 6a -	Camisa da troça para o desfile de 2013 .....	138
Figura 6b -	Camisa da troça para o desfile de 2016 .....	138
Fotografia 16 -	6º Desfile da TCM Arrebenta Sapucaia (2012) .....	140
Fotografia 17 -	7º Desfile da TCM Arrebenta Sapucaia (2013) .....	141
Fotografia 18 -	11º Desfile da TCM Arrebenta Sapucaia (2017) .....	142
Fotografia 19 -	Apresentação do Boi de Mainha (2017) .....	146
Fotografia 20 -	Valter Libânio da Silva (Vavá) - Organizador do Boi de Mainha .....	147
Fotografia 21 -	Desfile do Movimento Ecológico realizado no dia 09/11/2013 .....	157
Fotografia 22 -	Alunos no pátio externo da escola Castelo Branco no bairro do Tejipió .....	157
Fotografia 23 -	I Caminhada em Defesa do Rio Tejipió .....	167
Fotografia 24 -	Sinais de oferendas na Mata do Engenho Uchôa .....	175
Fotografia 25 -	Imagem aproximada das oferendas na mata .....	176

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Produções técnicas e científicas que referenciam a Mata do Engenho Uchôa.....	53
Quadro 2 -	Trabalhos de natureza científica.....	55
Quadro 3 -	Características das RPA's 5 e 6.....	85
Quadro 4 -	Trabalhos de natureza técnica.....	87
Quadro 5 -	Lista de unidades de conservação por grupo.....	89
Quadro 6 -	Potencialidades e vulnerabilidades do RVS Mata do Engenho Uchôa.....	91
Quadro 7 -	Temas escolhidos e personalidades homenageadas pela Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia .....	139
Quadro 8 -	Representações sociais sobre a mata .....	178

## LISTA DE SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APA	Área de Proteção Ambiental
ASPAN	Associação de Proteção ao Ambiente Natural
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CIPOMA	Companhia Independente de Policiamento do Meio Ambiente
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
CPRH	Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos
EMLURB	Empresa de Urbanização do Recife
ESEC	Estação Ecológica de Caetés
FASE	Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional
FURB	Reserva de Floresta Urbana
IAHGP	Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
ONG'S	Organizações Não Governamentais
PE	Pernambuco
PM	Plano de Manejo
PPSH/RMR	Plano de Preservação dos Sítios Históricos da Região Metropolitana do Recife
PQE	Parque Estadual
RMR	Região Metropolitana do Recife
RVS	Refúgio de Vida Silvestre
SESI	Serviço Social da Indústria
SEUC	Sistema Estadual de Unidades de Conservação da Natureza
SINTEPE	Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Pernambuco
SNE	Sociedade Nordestina de Ecologia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCM	Troça Carnavalesca Mista
UC	Unidade de Conservação

UC'S	Unidades de Conservação
UDH	Unidade de Desenvolvimento Humano
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
VANT	Veículo Aéreo Não Tripulado
ZEPA	Zona Especial de Proteção Ambiental

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ABRINDO OS CAMINHOS PARA A TRILHA.....</b>	<b>21</b>
1.1	A HIPÓTESE DA PESQUISA .....	25
1.2	OBJETIVOS .....	26
1.3	JUSTIFICATIVAS .....	27
1.4	RELEVÂNCIA DA PESQUISA .....	29
1.5	TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE FUNDAMENTAM A TRILHA .....	31
<b>2</b>	<b>ENTRANDO NA MATA COM A ESCRITA DA HISTÓRIA E AS ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DE MICHEL DE CERTEAU.....</b>	<b>37</b>
2.1	MICHEL DE CERTEAU: UM HISTORIADOR RENOMADO .....	37
2.2	A ESCRITA DA HISTÓRIA .....	41
2.3	A INVENÇÃO DO COTIDIANO: UMA TEORIA PARA COMPORTAR OS SABERES DA MATA .....	44
<b>3</b>	<b>OBSERVANDO O CENÁRIO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS.....</b>	<b>50</b>
3.1	FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA EXPLORAÇÃO DO ESTADO DA ARTE .....	50
3.2	EXPLORANDO O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE A MATA DO ENGENHO UCHÔA .....	51
3.3	OS TRABALHOS DE NATUREZA CIENTÍFICA QUE FAZEM REFERENCIAS À MATA DO ENGENHO UCHÔA .....	54
<b>4</b>	<b>CAMINHANDO PELA MATA E REGISTRANDO SUAS CARACTERÍSTICAS.....</b>	<b>66</b>
4.1	CARACTERIZANDO A MATA E O SEU ENTORNO .....	67
<b>4.1.1</b>	<b>Caracterizando a mata.....</b>	<b>68</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Caracterizando o município do Recife e os bairros do entorno da mata .....</b>	<b>82</b>
4.2	A IMPLANTAÇÃO DO CONSELHO GESTOR E O PLANO DE MANEJO DA MATA .....	87
<b>5</b>	<b>DAS TERRAS DO ENGENHO UCHÔA À ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO .....</b>	<b>93</b>
5.1	O ENGENHO UCHÔA .....	94

5.2	A ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO .....	102
5.2.1	<b>Os amigos da Mata do Engenho Uchôa e as estratégias de destruição e as táticas de preservação e conservação no cotidiano de lutas .....</b>	<b>103</b>
5.2.2	<b>A ambientalista Rousinete Taveira Falcão: uma pessoa à frente do pensamento das outras pessoas. Uma educadora social. Um sujeito ecológico .....</b>	<b>112</b>
6	<b>CULTURA TRADICIONAL &amp; POPULAR, O MOVIMENTO ECOLÓGICO A E RELIGIÃO PRESENTES NO COTIDIANO DENTRO E FORA DA MATA.....</b>	<b>124</b>
6.1	CULTURA TRADICIONAL & POPULAR: A TROÇA CARNAVALESCA MISTA ARREBENTA SAPUCAIA E A AGREMIÇÃO O BOI DE MAINHA MOBILIZANDO TÁTICAS EM DEFESA DA MATA .....	125
6.1.1	<b>A Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia e a mobilização em defesa da mata .....</b>	<b>125</b>
6.1.2	<b>O Boi de Mainha: caminhando para a Mata do Uchôa, reunindo gente boa .....</b>	<b>146</b>
6.2	O MOVIMENTO ECOLÓGICO: TÁTICAS QUE APROXIMAM ESCOLA E COMUNIDADE .....	154
6.3	O SAGRADO NA MATA: AS ORAÇÕES, OS CULTOS E AS OFERENDAS NA MATA ENQUANTO TÁTICAS .....	162
6.3.1	<b>As orações: o clamor católico em favor da mata .....</b>	<b>163</b>
6.3.2	<b>Os cultos: o movimento evangélico em defesa do Rio Tejipió .....</b>	<b>165</b>
6.3.3	<b>As oferendas na mata: “cosi eué, cosi orixá” .....</b>	<b>169</b>
7	<b>SAINDO DA MATA .....</b>	<b>180</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>188</b>
	<b>APÊNDICE A ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>195</b>
	<b>APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO SRA. OLIVIA DA CONCEIÇÃO SANTOS .....</b>	<b>196</b>
	<b>APÊNDICE C ENTREVISTA COM OLÍVIA DA CONCEIÇÃO</b>	

	SANTOS .....	198
APÊNDICE D	AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA SRA. OLÍVIA DA CONCEIÇÃO SANTOS .....	203
APÊNDICE E	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PROF. JOSÉ SEMENTE .....	204
APÊNDICE F	ENTREVISTA COM PROF. JOSÉ SEMENTE .....	206
APÊNDICE G	AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA PROF. JOSÉ SEMENTE .....	209
APÊNDICE H	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PROF <sup>a</sup> JACILDA MARIA DO NASCIMENTO .....	210
APÊNDICE I	ENTREVISTA COM JACILDA MARIA DO NASCIMENTO .....	212
APÊNDICE J	AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA DE JACILDA MARIA DO NASCIMENTO .....	217
APÊNDICE K	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO DR. FLÁVIO ROBERTO FALCÃO PEDROSA .....	218
APÊNDICE L	ENTREVISTA COM DR. FLÁVIO ROBERTO FALCÃO PEDROSA .....	220
APÊNDICE M	AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA DR. FLÁVIO ROBERTO FALCÃO PEDROSA .....	223
APÊNDICE N	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO SR. VALTER LIBÂNIO DA SILVA .....	224
APÊNDICE O	ENTREVISTA COM SR. VALTER LIBÂNIO DA SILVA .....	226
APÊNDICE P	AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA SR. VALTER LIBÂNIO DA SILVA ....	233
APÊNDICE Q	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	

	<b>ESCLARECIMENTO PROF. EDMAR DE AMORIM NETO .....</b>	<b>234</b>
<b>APÊNDICE R</b>	<b>ENTREVISTA PROF. EDMAR DE AMORIM NETO</b>	<b>236</b>
<b>APÊNDICE S</b>	<b>AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA PROF. EDMAR DE AMORIM NETO</b>	<b>239</b>
<b>APÊNDICE T</b>	<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PROF. RONEI PRADO .....</b>	<b>240</b>
<b>APÊNDICE U</b>	<b>ENTREVISTA PROF. RONEI PRADO .....</b>	<b>242</b>
<b>APÊNDICE V</b>	<b>AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA PROF. RONEI PRADO .....</b>	<b>246</b>
<b>ANEXO A</b>	<b>LEI MUNICIPAL 17.337/2007.....</b>	<b>247</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>JORNAL ARAÇÁ DA MATA .....</b>	<b>248</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>RELAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS E DE AVES ENCONTRADAS NA MATA DO ENGENHO UCHÔA .....</b>	<b>250</b>
<b>ANEXO D</b>	<b>BOLETIM DA ASPAN .....</b>	<b>252</b>
<b>ANEXO E</b>	<b>PROJETO DE LEI Nº 74/2007.....</b>	<b>253</b>

## 1. ABRINDO OS CAMINHOS PARA A TRILHA

Fotografia 1 – Preparando-se para a trilha.



Fonte: Santos (2017a)

Início esta tese sinalizando para o fato de que esta pesquisa tem um cenário que é a Mata do Engenho Uchôa (Recife/PE), um marco temporal que vai de 1979 até os dias atuais, e os atores que por ali circulam no cotidiano de suas práticas trocando saberes que muito raramente se aprendem na educação formal, e que se constituem em conhecimentos igualmente válidos, sobretudo porque a educação está para além dos muros da escola e não é o professor o seu único agente, como nos ensina Brandão (1995). Logo, é um trabalho de historiografia dos saberes que circulam pela Mata do Engenho Uchôa e do seu entorno, razão pela qual está situado no Núcleo de Teoria e História da Educação do Programa de Pós Graduação em Educação desta Universidade Federal de Pernambuco. Em razão da pesquisa ter como cenário a Mata Atlântica e a comunidade do entorno, perpassa por esta pesquisa a dimensão ambiental da educação (CARVALHO, 2011; LIMA, 2009, 1999; LOUREIRO, 2011) como tema transversal nesta discussão.

Há algumas décadas, em particular na década de 1990, aprendi, a partir dos ensinamentos de uma estimada professora, que a ciência não é a dona da verdade; que o conhecimento científico não é algo imutável e que o cientista não é uma espécie de gênio ou um louco, como éramos levados a pensar a partir das representações que nos eram repassadas. Estes ensinamentos, obviamente, tinham o intuito de mostrar para o aluno que o conhecimento científico não se constituía numa verdade pronta e acabada e que a sua problematização não se situava distante do seu alcance.

Atualmente, e certamente em decorrência das rupturas epistemológicas registradas no curso da história em torno da natureza do conhecimento, vejo um avanço no modo de pensar de forma a perceber que o saber também é oriundo do nosso meio, não se constituindo numa propriedade exclusiva do conhecimento científico, posto que as comunidades tradicionais também são produtoras de saberes, os quais são elaborados a partir de informações que atravessam gerações, constituindo parte de sua identidade, sem ter que se submeter ao necessário rigor metodológico cientificamente definido.

Esses saberes tradicionais dão corpo a um conjunto de informações, modos de fazer, criar e saber que circulam entre os participantes de determinado grupo, constituindo parte de sua cultura, suas práticas e seus costumes, superando o reducionismo imposto pela hegemonia do conhecimento científico definido por meio de padrões pré-estabelecidos (CARVALHO; LELIS, S/D).

Nesse sentido, na perspectiva da historiografia por exemplo - que é onde se situa o desenvolvimento desta tese - se antes a academia concebia como “verdade” apenas aquele conhecimento que fosse oficialmente comprovado e tido como o mais próximo dos fatos, a partir da Escola dos Anales<sup>1</sup> (BURKE, 1991) a concepção de história sofre uma evolução, e a nova história vem oportunizar a escrita dos saberes tradicionais, rompendo com o velho paradigma em que se situava a história na perspectiva positivista.

Assim sendo, esta pesquisa se configura numa “trilha” a ser percorrida tendo como propósito investigar os saberes da Mata do Engenho Uchôa, no período de 1979 até os dias atuais, na perspectiva da historiografia desses saberes, fazendo-se valer das fontes orais dos sujeitos que dialogam com a mata em situações concretas do seu cotidiano sem, no entanto, desconsiderar as demais fontes - igualmente relevantes para os seus registros historiográficos – a exemplo da pesquisa sobre o estado da arte, da análise documental e da observação participante.

A Mata do Engenho Uchôa é uma área de mata atlântica que fica localizada na cidade do Recife/PE, entre as zonas Sul e Oeste do município. Ela é a única área urbana em Pernambuco que mantém os três biomas – mangue, restinga e mata atlântica. Está situada na bacia do Rio Tejiipió e em seu entorno há 11 bairros em que residem cerca de 19% da população da Cidade do Recife (MOVIMENTO, 2017).

Reconhecida como Unidade de Conservação (UC)<sup>2</sup> a mata é considerada um Refúgio de Vida Silvestre (RVS)<sup>3</sup> com 20 hectares, no âmbito estadual, e Área de Proteção Ambiental (APA)<sup>4</sup> com 192 hectares, tendo sido denominada APA do Engenho Uchôa Rousinete Taveira Falcão, aos 12 dias do mês de setembro de

---

<sup>1</sup> Trata-se de um Movimento historiográfico iniciado em 1929, com o propósito de superar o paradigma positivista, tendo à frente os fundadores Lucien Febvre e Marc Bloch. Inovou ao possibilitar a pesquisa histórica de modo contemplar as relações humanas via o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento científico. Burke (1991) é um dos teóricos que nos oferece uma leitura aprofundada sobre este Movimento.

<sup>2</sup> Compreende os espaços territoriais, incluindo seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, que têm a função de assegurar a representatividade de amostras significativas e ecologicamente viáveis das diferentes populações, habitats e ecossistemas do território nacional e das águas jurisdicionais, preservando o patrimônio biológico existente. Divide-se em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e Unidade de Uso Sustentável (MMA, 2017).

<sup>3</sup> É uma Unidade de Proteção Integral onde é permitido apenas o uso indireto dos recursos naturais (MMA, 2017).

<sup>4</sup> É uma unidade de uso sustentável onde as atividades que envolvem coleta e uso dos recursos naturais são permitidas, desde que a perenidade dos recursos ambientais renováveis e processos ecológicos esteja assegurada (MMA, 2017).

2007, por determinação da Lei Municipal nº 17.337/2007 (ANEXO A). Ela abriga nascentes e diferentes espécies da fauna e da flora. Assim, a mata é simultaneamente, do ponto de vista legal, uma unidade de proteção integral (20ha) e de uso sustentável (192ha).

A Mata se constitui num verdadeiro laboratório para as práticas em educação ambiental sendo fonte de pesquisa e produção de conhecimento para várias instituições escolares e comunidade do entorno (SILVA, 2014).

Em pesquisa exploratória constatei que a Mata, no século XIX, serviu como cenário de fuga de escravizados perseguidos pelas autoridades policiais da época (SANTOS, 2008).

Constater ainda que a Mata serve como ambiente para práticas religiosas de alguns grupos que para ali se dirigem na intenção de realizar suas oferendas (MOVIMENTO..., 2017; A HISTÓRIA..., 2012).

Outra constatação é que moradores que ali tinham residência tiveram que abandonar a terra em decorrência de uma enchente que fez com que eles deixassem suas casas e não mais voltassem para lá, conforme conta a reportagem do JC Online, publicada no dia 03.06.2012, que nos diz:

No meio da mata, uma senhora cercada de cães e gatos chama a atenção. Olívia Conceição dos Santos, 78 anos, costuma passar o dia no local, para fugir do barulho. Na floresta, se alimenta de frutas colhidas na área em que divide com pássaros e saguins. “Meus irmãos trabalhavam colhendo cana no engenho que se acabou. Me acostumei a vir aqui todo dia. Cheguei a morar aqui, mas a chuva derrubou minha casinha” (A HISTÓRIA..., 2012).

Como se percebe, estes fatos constituem saberes que – assim como muitos outros - a Mata reserva em si e podem vir a ser desvelados a partir dessa investigação, sendo necessário seguir uma trilha para que se possa chegar até eles.

Neste sentido, e considerando que em toda trilha existe a necessidade de uma preleção, cumpre-me esclarecer desde já que o interesse por este estudo surgiu das minhas pesquisas desenvolvidas durante o curso de Mestrado em Educação (UFPE) com dissertação defendida em outubro de 2013 e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia (UFPE) defendido em 2015, ambos tomando a Mata do Engenho Uchôa como um dos elementos de investigação (na seção 3.2, que trata do estado da arte, faço comentários sobre estas e outras pesquisas).

Além desses trabalhos de pesquisa de natureza científica, outra ação contribuiu para elevar o meu grau de interesse pela pesquisa tendo a Mata do Engenho Uchôa como objeto de investigação: Foi a minha participação na construção de um projeto técnico denominado Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa: Plano de Manejo, publicado em outubro de 2013, pela Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do estado de Pernambuco (PERNAMBUCO, 2013).

Estas minhas aproximações com a Mata do Engenho Uchôa, resultantes das pesquisas desenvolvidas na Dissertação do Mestrado em Educação, no TCC do Curso de Pedagogia, e na construção do seu Plano de Manejo, fizeram suscitar em mim uma questão central da qual se deu a investigação: Que saberes circulam no cotidiano dos sujeitos em sua relação com a Mata do Engenho Uchôa? Esta questão central se desdobrou noutras questões mais específicas: O quê nos revela o estado da arte sobre a Mata do Engenho Uchôa? Que características e trajetórias identificam a Mata do Engenho Uchôa ao longo de sua história? O quê os saberes da Mata nos revelam?

Estas questões me fizeram pensar na hipótese apresentada na seção a seguir a qual norteou toda a investigação.

### 1.1 A HIPÓTESE DA PESQUISA

Considerando a questão central a partir da qual se deu a investigação, a hipótese apresentada para esta pesquisa foi de que os saberes que circulam no cotidiano dos sujeitos em sua relação com a Mata do Engenho Uchôa constituem uma variedade de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998) que a mantém relativamente preservada<sup>5</sup> e conservada<sup>6</sup> em suas diversas dimensões até os dias atuais.

Tais saberes compõem um conjunto de informações, modos de fazer e criar que circulam entre os participantes da comunidade do entorno da mata, fazendo parte de sua cultura, suas práticas, seus costumes e de sua memória. São diversificados em razão da sua complexidade - que transita entre a dimensão ambiental (em particular a questão do clima e natureza biológica), pedagógica,

---

<sup>5</sup> A ideia de preservação será discutida no capítulo 5, seção 5.2.1.

<sup>6</sup> A ideia de conservação Idem.

histórica, política, econômica, social, cultural (inclusive em agremiações carnavalescas) e religiosa - e da materialização de suas ações.

A investigação que foi conduzida a partir dos objetivos apresentados adiante e guiada pelos seus fundamentos teóricos e metodológicos revelou as estratégias e táticas constitutivas dos saberes da mata, como elas se materializam nas ações dos sujeitos e de que forma contribuem para a preservação e conservação da mata em suas diferentes dimensões, num processo histórico que envolve conflitos socioambientais e situações de injustiça.

Neste sentido, a pesquisa se desenvolveu na perspectiva da historiografia tomando como referencial teórico os escritos de Michel de Certeau em “A escrita da história” (2011) e “A invenção do cotidiano: artes de fazer” (1998).

Na primeira obra aqui referenciada Certeau (2011) me ensinou sobre o historiador e a concepção de sua análise histórica, ficando clara a idéia de que a escolha do objeto e das fontes no processo de investigação passa por regras acadêmicas para que seja legitimado o resultado final.

Para o autor a nova história deixa de pesquisar os grandes impérios e as guerras e passa a dar espaço ao conhecimento popular antes silencioso (literatura popular, saberes tradicionais dos camponeses, das prostitutas, entre outros), sendo possível situar aqui os saberes da mata e construir o seu relato historiográfico.

Na segunda obra retromencionada Certeau (1998), discute duas categorias relevantes para este campo de investigação que são exatamente as estratégias e as táticas enquanto invenções do cotidiano, constitutivos das artes do fazer. Aqui também vi a possibilidade de desvelar os saberes dos tipos estratégicos e táticos da mata produzidos a partir das diversas fontes que serão descritas mais adiante.

No capítulo 2 desta tese apresento as contribuições destas duas obras que constituem a principal referência para a fundamentação teórica da pesquisa.

Tendo sido delimitadas as questões centrais da investigação, a hipótese de pesquisa e a filiação teórica em que se deu a investigação, cumpre-me esclarecer os objetivos da pesquisa, os quais apresento na seção a seguir.

## 1.2 OBJETIVOS

Como em toda trilha há metas a serem cumpridas, no percurso desta trilha também foram estabelecidos objetivos a serem alcançados. Assim, considerando as

questões centrais de investigação conforme apresentamos na seção anterior, partir para a definição dos objetivos da pesquisa.

Dessa forma, a primeira seta da trilha indicou o objetivo geral desta investigação que se constitui em conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa. O delineamento deste objetivo teve como propósito responder diretamente à questão central definida para a investigação.

De forma complementar ao objetivo geral, outras quatro setas surgiram ao longo da trilha para indicar os objetivos específicos que foram traçados, quais sejam: a) Construir o estado da arte das pesquisas que tem a Mata do Engenho Uchôa como campo de investigação; b) Descrever as características da Mata do Engenho Uchôa; c) Registrar a trajetória da Mata enquanto terras do Engenho Uchôa até a sua transformação numa Área de Proteção Ambiental (APA); e d) Registrar as diferentes estratégias e táticas constitutivas dos saberes da Mata, (seja no desenvolvimento da cultura local em diálogo com a Mata, seja na institucionalização desses saberes no ambiente escolar).

Assim, tendo sido apresentados os objetivos (geral e específico) que nortearam esta pesquisa, passo a justificar as intenções deste trabalho de investigação.

### 1.3 JUSTIFICATIVAS

As pesquisas em educação, em particular as que se situam no campo da linha de pesquisa em Teoria e História da Educação do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), têm reservado espaço às histórias e memórias das instituições escolares, o que, sem dúvida, representa uma riqueza para a história da educação no Brasil e no estado de Pernambuco, em particular.

Longe de desejar excluir o mérito da questão, posto que as instituições escolares por certo têm muita história ainda a ser desvelada, cumpre salientar que o foco desta investigação está nos saberes da Mata enquanto espaço de educação não-formal, onde figuram os agentes sociais enquanto educadores (GOHN, 2010) e construtores de uma história ímpar, sem, no entanto, desconsiderar a educação formal, uma vez que ela circula pela Mata por também considerá-la um espaço de formação, conforme veremos mais adiante.

Nesse sentido, os saberes tradicionais provenientes dos que lidam com a Mata no seu cotidiano e que aqui se constituem objetos de investigação, são trazidos para o debate com o intuito de alimentar, diversificando o banco de dados sobre a história da educação, indo ao encontro das estratégias e táticas presentes no cotidiano das práticas (CERTEAU, 1998) constitutivas dos saberes da Mata do Engenho Uchôa (Recife/PE), hoje reconhecida como Reserva de Vida Silvestre (RVS) e Área de Proteção Ambiental (APA) Rousinete Taveira Falcão<sup>7</sup>, e como um verdadeiro laboratório natural.

Sendo assim, considerando a Mata como um laboratório natural da prática educativa, onde transitam saberes das mais diversas áreas do conhecimento tanto no seu interior quanto no exterior, ainda pouco desvelado nas pesquisas científicas, sobretudo nas pesquisas em educação, entendo ter sido justificada a concretude desta tarefa investigativa que muito me revelou em termos de conhecimentos tradicionais, concretizando a revolução ocorrida a partir da Escola dos Annales, com o instituto da nova história (BURKE, 1991), ao oportunizar a fala dos que ainda não tinham vez.

Ademais, em pesquisa exploratória visando à construção do estado da arte, percebi que são raríssimas as produções científicas que têm a mata como objeto de investigação, quaisquer que seja a área do conhecimento, conforme pude constatar na Plataforma IBICT e BDTD da UFPE e nos relatos constantes do Plano de Manejo da Mata (PERNAMBUCO, 2013), o qual sugere a realização de pesquisas tendo a mata como objeto de investigação inclusive, e sobretudo, na dimensão social a partir da comunidade local – que foi um dos propósitos desta tese.

Além do cenário de mata atlântica em que esta pesquisa se debruça, o marco temporal que se inicia em 1979 até os dias atuais, situa o lugar social o qual se constitui num dos elementos da investigação historiográfica (CERTEAU, 2011). O período justifica-se pelo fato de que foi no ano de 1979 que um grupo de amigos moradores dos bairros do entorno da Mata se organizou num movimento sócio-ambiental em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, agregando, ao cotidiano de suas práticas, ações diversas em defesa desse ambiente natural que vêm se intensificado mais e mais até os dias atuais.

---

<sup>7</sup> Rousinete Taveira Falcão (In memorian) foi uma líder ambientalista, lutadora incansável em defesa do Meio Ambiente, especialmente da Mata do Engenho Uchôa (SILVA, 2014).

Dito isto, apresentamos, a seguir, a relevância da pesquisa, situando, inclusive, o contexto educacional, social, político e econômico em que ela se desenvolveu.

#### 1.4 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

O contexto em que se desenvolveu esta investigação foi marcado por um golpe contra a democracia e escândalos envolvendo grandes empresários e políticos de direita e de esquerda. O golpe atingiu inclusive a educação, causando um retrocesso na legislação educacional brasileira provocando mudanças significativas no ensino fundamental, médio e superior, e em favor do mito de uma escola sem partido, o que só favorece o agravamento da ignorância intelectual do cidadão, e que se apresenta como a velha nuvem de fumaça a encobrir nossos olhos para realidade que nos cerca, gerando opressão (FREIRE, 2006).

Realidade afetada pela produção de uma crise econômica, provocação da (quase) falência do sistema único de saúde, debate neoliberal em favor da privatização das indústrias, perdão de dívidas públicas milionárias em favor de instituições financeiras de iniciativa privada, reforma da previdência, e demais formas de violência e degradação da natureza humana e natureza primária, pois o contexto envolve também uma ampla discussão sobre o desmatamento e seu impacto no clima em níveis locais, regionais e globais.

Os desdobramentos desse impacto sobre o clima no cotidiano das pessoas chega a afetar a mesa do cidadão. Para se ter uma idéia, o fenômeno das mudanças climáticas que decorre, dentre outros fatores, da devastação da Mata Atlântica, produz impacto direto nas atividades agrícolas, comprometendo a produção de alimentos. Um agravante é que as informações midiáticas acerca desse fenômeno não são esclarecedoras, deixando a população alheia ou confusa diante desse acontecimento (COUTINHO, 2014), fruto da construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1998).

Assim, o fato de produzir pesquisa em história da educação, tendo como campo de investigação um ambiente natural como a Mata do Engenho Uchôa, se constitui não só no desafio de

(I) produzir o correspondente registro historiográfico, reconhecendo a riqueza dos saberes tradicionais que por ali circulam, como também representa

(II) uma responsabilidade ambiental, posto que a entrada na Mata convida a todos a pensar na preservação e conservação de uma casa comum, exatamente num tempo de incertezas sobre o futuro desse bioma, da problemática relativa às questões climáticas, dos constantes desastres ambientais<sup>8</sup> e de assassinato de líderes ambientalistas<sup>9</sup>; além de representar

(III) uma responsabilidade social, que convida a romper com os paradigmas impostos pela sociedade moderna relativos à questão do racismo, do preconceito e da intolerância religiosa - ainda tão marcantes em nossa sociedade - posto que, com a Mata dialogam, por exemplo, diferentes religiões manifestadas em razão das orações, dos cultos e das oferendas que ali acontecem.

Como se percebe, além de sua importância para a história da educação, esta pesquisa possui relevância de caráter científico, ambiental, social, histórico e cultural (sem prejuízo para outras áreas do conhecimento), dada a complexidade dos saberes que se encontravam ocultos à espera de serem desvelados e que doravante serão anunciados.

Nestes termos, tendo sido apresentada a devida relevância da pesquisa, cumpre-me indicar os caminhos que foram seguidos na investigação.

Sabe-se que o percurso teórico-metodológico que orienta o desenvolvimento da pesquisa é indispensável para a adequada escolha do método, da técnica de investigação, dos instrumentos de coletas de dados e do tratamento da informação.

Assim sendo, na seção a seguir serão sinalizados, de maneira geral, os caminhos que foram trilhados, porém, em cada capítulo em que se desenvolve a tese, os procedimentos e fundamentos teórico-metodológicos serão aprofundados.

Acredito que, o fato de não ter reservado um capítulo estanque destinado exclusivamente para os procedimentos e fundamentos teórico-metodológicos ofereceu melhor fluidez na leitura da tese.

---

<sup>8</sup> Desde a década de 1980, registramos vários desastres ambientais a exemplo dos constantes acidentes na Usina Nuclear em Angra dos Reis/RJ; o acidente com o Césio 37 em Goiânia/GO (1987); e mais recentemente (2015) o acidente causado pela Companhia Vale do Rio Doce em Mariana/MG.

<sup>9</sup> Dentre eles, o ambientalista Chico Mendes, morto em 1988, no estado do Acre, e a missionária norte americana Dorothy Stang, morta em 2005, no estado do Pará.

## 1.5 TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE FUNDAMENTAM A TRILHA

A natureza desta pesquisa se enquadra nos parâmetros de uma abordagem qualitativa (ANDRÉ, 2013; TRIVIÑOS, 2008). Considerando a perspectiva da historiografia na qual este trabalho se fundamentou e as fontes consultadas (fontes orais, trabalhos científicos para o estado da arte, documentos e observação participante), esclareço que os fundamentos do método foram construídos a partir dos ensinamentos de Certeau (2011) sobre a escrita da história e também Le Goff (1994) que reforça a concepção mais ampla de documento nas pesquisas atuais, além de Minayo (2000) pelos seus ensinamentos diversos sobre as pesquisas científicas, em particular, quanto ao adequado instrumento de coleta de dados.

Quanto às fontes orais, procurei pessoas com alguma vinculação com a Mata do Engenho Uchôa e, preferencialmente, moradores de um dos bairros do seu entorno. Assim, o campo empírico definido para esta investigação, foi formado por um contingente de 7 (sete) pessoas entrevistadas, sendo este quantitativo suficiente para o recorte desejado considerando que as informações sobre a Mata tenderiam a se repetir com outros sujeitos. Os sujeitos entrevistados foram os seguintes:

- a) Sra. Olívia da Conceição Santos: Possui vinculação com a Mata em razão de ter morado nela quando ainda era terra de engenho, tendo saído de lá em razão de uma chuva que derrubou a casa onde morava. Hoje ela habita na casa de uma irmã, no bairro do Barro (Recife/PE) onde passa a noite, mas, ao amanhecer, volta para a Mata onde passa o dia. É bastante conhecedora da Mata. A entrevista com ela foi gravada no dia 17 de maio de 2017 e consta no APÊNDICE C;
- b) Prof. José Semente: É integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, sendo um dos seus pioneiros. Também reside no bairro do Barro (Recife/PE). É testemunha da história de longos anos de luta pela preservação e conservação da Mata e atua no Movimento desde o seu surgimento. Ele é autor do hino da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia. A entrevista com ele foi gravada no dia 21 de junho de 2017 e consta no APÊNDICE F.
- c) Prof<sup>a</sup> Jacilda Maria do Nascimento: Também é moradora do bairro do Barro (Recife/PE). É professora de uma escola municipal no bairro onde mora. É integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. É

- testemunha da história de longos anos de luta pela preservação e conservação da Mata e atua no Movimento desde o seu surgimento. A entrevista com ela foi gravada no dia 2 de junho de 2017 e consta no APÊNDICE I;
- d) Dr. Flávio Roberto Falcão Pedrosa: É Promotor do Ministério Público de Pernambuco. É filho da Sra. Rousinete Taveira Falcão (*in memorian*) a pioneira nas ações em defesa da Mata. É também morador do bairro do Barro (Recife/PE) nas imediações da Mata. É testemunha dos trabalhos desenvolvidos por sua mãe os quais resultaram na organização do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, em 1979, e que permanece atuante nos dias de hoje. A entrevista com ele foi gravada no dia 27 de julho de 2017 e consta no APÊNDICE L;
- e) Sr. Valter Libânio da Silva (Vavá do Boi de Mainha): É morador do Bairro do Ibura (Recife/PE) e organizador da agremiação O Boi de Mainha, que - assim como a Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia - constitui uma ação cultural que também apóia as ações em defesa da Mata. É conhecedor da Mata, sobretudo no que diz respeito ao Bioma Manguezal onde realiza ações de povoamento de caranguejo. A entrevista com Vavá foi realizada no dia 23 de setembro de 2017 e consta no APÊNDICE O;
- f) Prof. Edmar José de Amorim Neto (*In memorian*): Foi integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Foi o idealizador da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia, que se constitui numa ação cultural, cujo desfile acontece nas ruas do bairro do Barro (Recife/PE) e tem o intuito agregar pessoas da comunidade nas ações em defesa da Mata, levando alegria e irreverência ao folião no período de Carnaval. Foi ele quem criou o estandarte da Troça. Antes de seu lamentável falecimento ocorrido em 09.11.2017, ele nos concedeu a entrevista que foi gravada no dia 25 de setembro de 2017 e consta no APÊNDICE R;
- g) Prof. Ronei Prado: É pedagogo, estudante do curso de mestrado em história pela UFPE. É morador do Bairro de Tejió (Recife/PE). É babalorixá, herdeiro do terreiro de Sr. Claudionor (Terreiro de Ogum). Sua vinculação com o terreiro e a Mata lhe proporciona significativo conhecimento sobre a Mata enquanto território propício para as oferendas aos orixás. A entrevista com ele aconteceu no dia 02 de abril de 2018 e consta no APÊNDICE U;

O estado da arte (que compõe o capítulo 3 desta tese) levou em consideração pesquisas de natureza científica em todas as áreas do conhecimento porque percebemos a carência na produção de pesquisas sobre a Mata do Engenho Uchôa. O recurso utilizado foi a busca nos sítios da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), como prioritários além da plataforma do Google Acadêmico, utilizada de forma complementar.

A análise documental teve a seu favor documentos diversos (cartas, letras de hino, letras de músicas, ofícios, fotografias e leis) fornecidos por integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia e da agremiação O Boi de Mainha, além de matérias de jornais encontrados nos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), mapas obtidos no Museu da Cidade do Recife, consultas ao acervo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP) e o Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa (PERNAMBUCO, 2013).

A observação participante se deu a partir da minha participação nos principais eventos sobre a mata, a saber: o desfile da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia (2017), de iniciativa do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, que na ocasião contou com a apresentação da agremiação O Boi de Mainha (Bairro do Ibura), de organização do Sr. Vavá; o Movimento Ecológico promovido pela Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco (Bairro do Barro); reunião para construção do Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa (PERNAMBUCO, 2013); caminhada em defesa do Rio Tejipió (Bairro do Tejipió) como parte do Projeto Rio Limpo Cidade Saudável, de iniciativa da Igreja Batista em Coqueiral (Bairro de Coqueiral); caminhada pela comunidade de alguns bairros do entorno da Mata e trilha percorrida dentro da Mata.

Antes da caminhada pelos bairros do entorno e de seguir a trilha no interior da mata, sobrevoei a mata com auxílio de um Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT), popularmente conhecido por DRONE, o que muito me ajudou na escolha do melhor local para as investidas na mata.

Em cada capítulo da tese estarei apresentando especificamente os procedimentos e fundamentos metodológicos ali aplicados, e a forma de abordagem, tomando como referenciais os teóricos retromencionados e outros que surgiram para dar conta de uma questão específica que sempre surge no decorrer da pesquisa.

Cumprе salientar que, quanto à concepção de educação em que se construiu esta tese, a ênfase foi dada ao campo da educação não-formal onde se tem o entendimento de que a escola não é o único local da prática educativa nem o professor o seu único agente (BRANDÃO, 1995). Uma educação que se volta para a formação do cidadão, capacitação para o trabalho, organização comunitária e também para a aprendizagem de conteúdos escolares porém, em ambientes diversos da sala de aula (GOHN, 1999, 2009, 2010). Para Gadotti (2012), nela encontramos outras variantes: a educação popular, educação social e comunitária.

Embora a ênfase tenha sido dada à educação não-formal, a educação formal também foi aqui evocada como promotora de algumas táticas em defesa da mata.

Neste sentido, uma caminhada pela Mata, um desfile pelas ruas dos Bairros de seu entorno, uma ação no mangue, uma reunião na comunidade, uma apresentação em praça pública, configuraram exemplos de atos pedagógicos e os seus agentes representativos foram as lideranças comunitárias, os cidadãos comuns que por ali circulam contando suas histórias, o coletivo que constitui o Movimento em Defesa da Mata Uchôa.

Importante ressaltar a relação de complementação entre a educação formal e não-formal (BRANDÃO, 1995; GADOTTI, 2012; GOHN, 1999, 2009, 2010) razão pela qual ambas foram aqui evocadas. Para se ter uma idéia, na caminhada pela Mata a educação formal materializada nas ações do Projeto Ecológico da Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco, executadas pelos professores, alunos, gestores e demais componentes da comunidade escolar, é entendida como uma tática em defesa da mata. Da mesma forma, uma manifestação popular, um ato pedagógico dentro da mata ou um desfile carnavalesco mobilizado pelo movimento socioambiental, que se situa no campo da educação não-formal, é igualmente entendido como manifestações táticas em defesa da mata.

Assim, a educação não-formal e formal foram aqui entendidas como complementares, logo, não excludentes, não sendo coerente do ponto de vista da complexidade em que se deu esta tarefa investigativa, dissociar uma da outra, muito embora a educação não-formal tenha sido concebida aqui como o carro chefe nesta investigação.

A propósito da complexidade, ela parte do entendimento de que a análise de um objeto não isola um elemento para sua discussão – tal como na perspectiva da

escola positivista - mas busca enxergá-lo num grau de entrelaçamento interdisciplinar em que as suas várias dimensões são levadas em consideração, não sendo possível abordá-las adequadamente por olhares disciplinares e reducionistas (MORIN, 1996; LEFF, 1999; LIMA, 2009).

Ademais, por falar em complexidade, perpassa nesta discussão a dimensão ambiental da educação, pautada numa perspectiva crítica que leva à problematização da realidade e visa a sua transformação, e que encontra em Loureiro (2004a, 2004) e Lima (2009, 1999), referências que muito contribuem para a fundamentação teórica neste quesito.

Esta tese está estruturada num texto que comporta 7 (sete) capítulos incluindo este capítulo introdutório intitulado “Abrindo os caminhos para a trilha”.

No capítulo 2, que traz o título “Entrando na Mata com a escrita da história e as estratégias e táticas de Michel de Certeau”, apresento e discuto os fundamentos da escrita da história e os conceitos de estratégias e táticas, categorias teóricas relevantes nesta investigação. Apresento também as credenciais<sup>10</sup> do autor e suas contribuições a partir dos seus escritos em “A Escrita da História” (CERTEAU, 2011) e “A invenção do cotidiano: artes de fazer” (CERTEAU, 1998).

O capítulo 3, “Observando o cenário das pesquisas científicas”, discute o estado da arte das pesquisas que tem a Mata do Engenho Uchôa como objeto (direto ou indireto) de investigação. Para construção desse capítulo busquei informações a partir da base de dados nos sítios da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), como prioritários e à plataforma do Google Acadêmico como complementar.

O capítulo 4 “Caminhando pela Mata e registrando suas características”, traz a descrição e a caracterização da Mata do Engenho Uchôa e das Regiões Político Administrativas (RPA's) em que estão situados os 11 bairros do seu entorno e ainda uma análise documental sobre a estratégia de criação e implantação do Conselho Gestor e a elaboração do Plano de Manejo da mata.

No capítulo 5 “Das terras do Engenho Uchôa à APA Rousinete Taveira Falcão” faço uma breve consideração sobre o Engenho Uchôa e discuto o processo

---

<sup>10</sup> Entendo ser relevante apresentar as credenciais de Michel de Certeau, em razão de que esta tese, embora esteja situada no campo da historiografia da educação, dirige-se a um público amplo, que assim como eu e alguns colegas de curso, ainda não conhecia a riqueza deste renomado historiador.

histórico que o conduziu à sua transformação na APA Rousinete Teveira Falcão e a atual luta pela instalação de um parque com o mesmo nome, no contexto em que se deu todo o processo.

No capítulo 6 “Cultura tradicional & popular<sup>11</sup>, o movimento ecológico e a religião presentes no cotidiano dentro e fora da mata”, caminho nos saberes produzidos tanto no interior da Mata quanto no seu exterior. Aqui, a busca procurou valorizar ao máximo a fala dos sujeitos que compõem o campo empírico da investigação de onde emergiram as categorias analisadas. A cultura tradicional e popular manifestada pelo desfile da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia no bairro do Barro, e da apresentação do Boi de Mainha, do bairro do Ibura; a escola que se faz presente por meio do desfile do Movimento Ecológico da Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco no bairro de Tejipió; e a Mata como palco para as oferendas religiosas dão corpo a este capítulo. Ainda neste capítulo, trouxe uma humilde discussão em torno das representações sociais (REIGOTA, 2007) dos sujeitos entrevistados sobre o que a mata significa para eles.

O capítulo 7 reúne as principais conclusões da investigação onde são retomadas as questões iniciais desta tese com os principais resultados advindos da pesquisa.

Dito isto, faço o convite a trilhar por este cenário que constitui a Mata do Engenho Uchôa, ouvindo as pessoas, analisando documentos, registrando fatos, revivendo memórias e trocando saberes. Entremos, pois, na Mata!

---

<sup>11</sup> Conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativas de comunidades enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular definida a partir da 25ª Conferência Geral da UNESCO, ocorrida em 1989, em Paris).

## 2. ENTRANDO NA MATA COM A ESCRITA DA HISTÓRIA E AS ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DE MICHEL DE CERTEAU

Neste capítulo me propus a apresentar e discutir os pressupostos teóricos que ofereceram suporte em torno dos conceitos de estratégia e tática, enquanto categorias teóricas centrais na investigação e também da historiografia, enquanto fundamento do método nesta pesquisa.

Esclareço que tais pressupostos estão presentes nos escritos de Michel de Certeau, precisamente em suas obras “A invenção do cotidiano 1: artes de fazer” (1998) e “A escrita da história” (2011), respectivamente. Obras que serão discutidas neste capítulo.

Antes, porém, cumpre-me apresentar um pouco da vida e das obras deste renomado historiador, posto que, assim como eu, alguns (ou muitos) pesquisadores estão tendo a primeira aproximação com Certeau nesta ocasião, e isto seria uma forma de reunir, num só texto, tais informações, bastando recorrer a outros escritos apenas para aprofundar o debate.

### 2.1 MICHEL DE CERTEAU: UM HISTORIADOR RENOMADO

O contexto histórico-político-social do período em que Certeau viveu (1925 a 1986), foi marcado por significativos eventos, um deles, no entanto, instigou bastante Michel de Certeau: foi o movimento estudantil de maio de 1968, quando “estudantes e operários franceses saíram às ruas pedindo por mudanças sociais e políticas. O movimento inspirou estudantes de outros países e causou profundas transformações na sociedade de diversos países europeus e americanos” (BADARÓ, 2008 p. 1).

Michel Jean Emmanuel de La Barca de Certeau – Michel de Certeau, nascido aos 17 de maio de 1925, em Chambéry, França, morreu aos 9 de janeiro de 1986, em Paris, vítima de câncer. Vindo de uma família da pequena aristocracia rural da cidade de Savoie na França, iniciou seus estudos em colégios religiosos católicos.

Certeau formou-se em Filosofia, Letras Clássicas e Teologia. No seminário de Lyon, foi ordenado padre em 1956, seis anos após ter entrado na Ordem dos Jesuítas. Recebeu o doutoramento em Teologia pela Sorbone de Paris (1960),

tornando-se um renomado historiador, na erudição mais clássica (SILVA, LYRIO, MARTINS, 2011; LIMA, 2014).

Estudioso inquieto, e de perfil multidisciplinar, mantinha-se em constante deslocamento transitando pela história, historiografia, teologia, antropologia, etnologia, linguística, psicanálise, sociologia e educação; este seu perfil o deixa livre para transitar em diferentes campos, sobretudo pelo fato dele nunca ter se acomodado em uma única área de saber (SILVA, LYRIO, MARTINS, 2011; LIMA, 2014).

Tornou-se uma figura pública, ultrapassando as fronteiras dos meios dos historiadores onde seus trabalhos o consagravam, ao se tornar um dos poucos intelectuais, junto com Deleuze, quando se manifestou sobre a revolta estudantil de maio de 1968, por meio do seu artigo *La Prise de Parole*. Os problemas da escola, das universidades, das minorias lingüísticas, sobre aquilo que constitui a cultura numa sociedade, tudo isto passou a ser objeto de reflexão (SILVA, LYRIO, MARTINS, 2011; LIMA, 2014).

Foi um estudioso dos textos místicos da Renascença à Idade Clássica, tornando-se um respeitado historiador em razão de sua produção em torno do misticismo e das correntes religiosas nos séculos XVII e XVIII. Lecionou na Universidade de Paris VIII – Vincennes (1968 – 1971) e na Universidade da Califórnia em San Diego (1978 a 1984). Em 1984 foi nomeado para ensinar e orientar estudos na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, onde ofereceu o curso *Antropologia histórica das crenças – Séculos XVII e XVIII* (SILVA, LYRIO, MARTINS, 2011; LIMA, 2014).

O princípio absoluto da rigidez disciplinar deixava Certeau inconformado, o que o fez fugir da lógica das instituições (Universidades, Igreja ou Estado), causando intrigas e desconcertos dada a diversidade de suas competências. Enquanto Jesuíta, ele recusou a ganhar dividendos pela situação de pertença a uma grande Ordem, mantendo, porém, os vínculos com a Companhia de Jesus; enquanto renomado Historiador não se contentava com este estatuto e passou a se preocupar com a psicanálise durante toda a existência da escola Freudiana de Jacques Lacan (1964-1980), além de estudar lingüística. Fundou e dirigiu a revista *Christus* (SILVA, LYRIO, MARTINS, 2011; LIMA, 2014).

Dentre as obras de Certeau, estão *La Prise de Parole: pour une nouvelle culture* (1968); *La possession de Loudun* (1970); *L'absent de l'histoire* (1973); *La*

culture ou pluriel (1974); L'invention du quotidien 1. Arts de faire (1974); L'écriture de l'histoire (1975); L'invention du quotidien 2. Habiter, cuisiner, com Luce Giard e Pierre Mayol (1980); La fable mystique (1982), etc.

Percebe-se a vasta experiência deste teórico, seu inconformismo com a lógica das instituições, e o seu inclinamento aos saberes tradicionais.

Os trabalhos de Certeau “tiveram grande repercussão internacional no campo dos estudos culturais, especialmente os que se referiram ao cotidiano, à sociedade de consumo e aos usos midiáticos-culturais” (SILVA, LYRIO, MARTINS, 2011, p. 64), e têm dado suporte teórico a uma imensa quantidade de pesquisadores que se debruçam com o estatuto da lógica dos saberes tecidos nos cotidianos ou por eles acionados (OLIVEIRA; SGARBI, 2007).

Dentre esta imensa quantidade de pesquisadores que recorrem aos escritos de Michel de Certeau, enquanto fundamentos teóricos para suas investigações, localizamos, como exemplo, a Dissertação defendida por Tavares (2012) e a Tese defendida por Ferreira (2003).

A Dissertação defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, por Tavares (2012), intitulada “Saberes Tradicionais como patrimônio imaterial na Amazônia intercultural: saberes, fazeres, táticas e resistência dos ceramistas de Icoaraci”, desenvolveram-se num ambiente não escolar e teve como foco os saberes tradicionais dos ceramistas de Icoaraci (Belém/PA).

O objetivo da pesquisa foi explicitar a dinâmica da produção de cerâmica e seus desdobramentos no que diz respeito à interação de homens e mulheres, velhos e jovens com suas habilidades, dedicação, criatividade, resistência e táticas. A interrelação com as políticas circunscritas aos saberes tradicionais e ao artesanato também compõe o objetivo da pesquisa.

Esta vinculação entre os saberes tradicionais e as políticas públicas específicas resultou na hipótese de que a ausência dessas políticas impossibilitava a continuidade da produção e gerava, conseqüentemente, o empobrecimento do ofício de fazer cerâmica por não haver apoio para mantê-lo.

Os fundamentos teóricos da pesquisa levaram em consideração, inclusive, os escritos de Michel de Certeau em sua teoria do cotidiano, em específico as astúcias contidas no saber do homem comum. Quanto ao enfoque metodológico, este se deu a partir de memórias e narrativas sobre o cotidiano.

Dentre os resultados alcançados, tornaram-se explícitos os processos de mudança, criação e reinvenção da tradição e a falta de alcance de políticas públicas, demonstrando que o tratamento designado à diversidade cultural deve levar em consideração os saberes tradicionais, uma vez que os sujeitos portadores desses saberes vivem realidades muito específicas e têm se posicionado diante daquilo que consideram importante para si.

Diferentemente de Tavares (2012), a pesquisa desenvolvida por Ferreira (2003) se situou no ambiente escolar, cuja tese defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, teve como título “A ‘fabricação’ do cotidiano escolar: as práticas coletivas dos alunos fora da sala de aula”.

Na tese, Ferreira (2003) definiu como objetivo a interpretação das práticas coletivas dos sujeitos profissionais que trabalham na escola de Ensino Fundamental (mas fora do ambiente de sala de aula).

Levantando a hipótese de que o cotidiano escolar é resultante da associação de fatores diversos (sociedade, política, vida, saber), fazendo de cada escola uma realidade, a pesquisadora realizou observações em três escolas distintas.

A partir da seleção de diferentes situações de participação dos atores da escola, pautada nas relações adulto/criança, adulto/escola e família/escola, a pesquisadora recorreu à teoria do cotidiano de Michel de Certeau.

O enfoque metodológico fez uso dos elementos da etnografia, como o registro e a interpretação das práticas cotidianas e da documentação que orienta a escola.

Os resultados apontaram a utilização de táticas e estratégias que traduzem a singularidade de cada escola, favorecendo a desmistificação da organização das unidades escolares como um todo orgânico de sucesso ou fracasso.

Como se percebe, ambas as pesquisas recorreram à teoria do cotidiano de Michel de Certeau como fundamento teórico. Se no primeiro caso foram oportunizados os saberes tradicionais dos ceramistas de Icoaraci (Belém/PA), no segundo, a pesquisa oportunizou o cotidiano das práticas num ambiente escolar.

Percebe-se ainda que os escritos de Michel de Certeau ofereceram suporte teórico às pesquisas científicas em diferentes espaços de formação, sejam eles formais - no caso da tese defendida por Ferreira (2003) – ou não formais – no caso

da dissertação defendida por Tavares (2013) – como vimos nos exemplos retromencionados.

Nesta pesquisa eu também recorri à teoria do cotidiano de Michel de Certeau. Para dar suporte às discussões em torno dos saberes da Mata do Engenho Uchôa, recorri a duas de suas obras, são elas: *L'invention du quotidien 1. Arts de faire* (1974) e *L'écriture del'histoire* (1975). As versões estudadas foram as traduzidas: *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer* (1998) e *A escrita da história* (2011).

Sobreleva dizer que “*A escrita da história* (CERTEAU, 2011)” foi aqui evocada em razão da perspectiva em que esta tese se construiu, qual seja, a historiografia dos saberes que circulam pela Mata do Engenho Uchôa e do seu entorno a partir dos sujeitos que tradicionalmente se relacionam com ela a exemplo da comunidade local.

Da mesma forma, “*A invenção do cotidiano 1: artes de fazer* (CERTEAU, 1998)” foi também por mim acionada em razão dela apresentar os conceitos de estratégias e táticas que compreendem categorias centrais desta investigação.

Seguindo este raciocínio, reservei as próximas seções para discutir estas duas obras, conforme segue.

## 2.2 A ESCRITA DA HISTÓRIA

Na escrita da história, Certeau (2011) nos fala sobre o historiador e a concepção de sua análise histórica, numa obra que comporta nove capítulos, distribuídos em quatro partes.

Com a publicação desta obra o autor ratifica o caráter científico do fazer historiográfico nos oferecendo apoio teórico neste campo de investigação. O destaque vai para o capítulo II intitulado “A operação historiográfica” (CERTEAU, 2011, p. 45-111), onde ele se propõe a mostrar que a operação histórica se refere à combinação de três elementos que a compõem: um lugar social, as práticas científicas e a escrita. Ele detalha cada um desses elementos.

As alegações do autor na introdução do referido capítulo me convenceram de que uma das tarefas do historiador é dar voz ao não-dito. Isto é possível a partir de fundamentos teóricos-metodológicos em que ele irá se apoiar, atribuindo sentido

ao objeto em estudo o qual por si só e, portanto, fora do contexto, não expressaria sentido algum.

Um dos elementos que compõe a operação historiográfica diz respeito ao lugar social. Para Certeau o lugar social ocupado pela pesquisa histórica é o lugar de uma instituição, uma vez que a história vai se organizar no estatuto de uma disciplina a partir do interesse dessa instituição que leva em conta a metodologia a ser empregada na pesquisa. Ele destaca a necessária utilização de uma teoria para as produções historiográficas cujo discurso deve utilizar um conjunto de regras, as quais são expressões da instituição e da ordem social em que a história, enquanto disciplina, está inserida. Sobre isto ele diz que

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2011, p. 47).

Dessa forma, ele atesta que a pesquisa histórica ocupa um lugar cujo interesse é que vai definir o que é permitido e o que não é permitido (permissão e interdição, respectivamente) ser pesquisado. Acrescenta que a combinação entre permissão e interdição constitui o ponto cego da pesquisa histórica e é sobre essa combinação que vai atuar o trabalho destinado a modificá-la.

Certeau faz um alerta para a obediência ao cumprimento das leis acadêmicas no sentido de não comprometer o trabalho do historiador para que este não fique à margem da comunidade científica, cujo ordenamento científico não se deve negligenciar.

Outro elemento que vai compor a operação historiográfica diz respeito às práticas científicas. Para Certeau, a técnica faz parte da prática do historiador. Segundo ele “Fazer história” é uma prática” (CERTEAU, 2011, p. 64) onde o historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história, empreendendo uma manipulação que obedece a regras.

O autor nos ensina que a prática do historiador é semelhante à atividade de um operário, pois o historiador trabalha sobre um material transformando-o em história. Este processo se submete às regras acadêmicas cabendo ao pesquisador a

tarefa de articular o elemento natural e o cultural, selecionando as fontes com as quais vai trabalhar, embora sujeitando-se aos limites dados pelas instituições a quem cabe a disponibilização dos documentos e métodos de investigação.

Ele reforça esta afirmativa ao dizer que “em história tudo começa com um gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2011, p. 69). Segundo ele, certos utensílios, composições culinárias, cantos, imagens populares, uma disposição dos terrenos ou mesmo uma topografia urbana, tudo isto e muito mais, constituem documentos para análise.

Além de ampliar a noção da ideia daquilo que vem a ser documento, Certeau nos aponta para o surgimento de um fenômeno que ele entende ser estranho na historiografia contemporânea: Para ele, o historiador não é mais o homem capaz de construir um império e que não visa mais ao paraíso de uma história global, posto que

Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista, ele se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. “Faz um desvio” para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia etc., todas elas zonas silenciosas (CERTEAU, 2011, pp. 78/79).

Assim, podemos compreender porque se diz que o historiador tem como função dar voz ao não-dito. Dessa forma, considerando estes dois elementos (o lugar social e a operação historiográfica) Certeau afirma que “um trabalho é “científico” quando opera uma redistribuição do espaço e consiste, primordialmente, em se dar um lugar, pelo “estabelecimento das fontes” – quer dizer, por uma ação instauradora e por técnicas transformadoras” (CERTEAU, 2011, pp. 72/73). Mas um terceiro elemento é indispensável: a escrita.

A escrita surge para compor a operação historiográfica. Trata-se de um relato onde o lugar social e a operação historiográfica, necessariamente, se fazem presentes posto que “não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber” (CERTEAU, 2011, p. 89), o que reforça a tríade lugar social / operação historiográfica / escrita.

Certeau nos ensina que há diferentes formas de discursos: o literário, o lógico e o do historiador e que, este último deve ter a pretensão de possuir conteúdo verdadeiro (portanto verificável), na forma de uma narração, para se ter validade,

pois, não se deve esquecer que há um compromisso na escrita da história com o ordenamento científico.

A escrita de uma história passa por uma ordem cronológica do discurso, indicando, inclusive, a possibilidade de recorte em períodos; por uma arquitetura harmoniosa do texto e ao seu fechamento, ainda que nunca se esgote a possibilidade de estudo qualquer que seja o objeto (CERTEAU, 2011).

Em síntese, Certeau (2011), vem nos ensinar que a escrita da história diz respeito à ação do conteúdo sobre a forma, tomando por base a construção e desconstrução, característica da operação historiográfica. Uma operação marcada pela presença indispensável de, basicamente, três elementos: o lugar social (daí a importância que se deve dar ao contexto social em que se situa uma pesquisa), as práticas (que apontam para um conjunto de técnicas necessárias ao cumprimento das leis científicas para o trabalho historiográfico) e a escrita (que também se submete às normas de validação acadêmica, e deve ter um fim, diferentemente da pesquisa que é interminável).

Ficou evidente que a escolha do objeto e das fontes no processo de investigação do conhecimento passa por regras acadêmicas para que seja legitimado o resultado final. Para o autor, a nova história deixa de pesquisar os grandes impérios e as guerras e passa a dar espaço ao conhecimento popular antes silencioso (literatura popular, saberes tradicionais dos camponeses, das prostitutas, e outros). Trata-se da história vista de baixo como também nos ensina Burke (1992).

Assim, cumpre destacar nesta discussão o ensinamento que Certeau nos deixa acerca de uma das funções do historiador que é de dar voz ao não dito, sobretudo ao desviar em direção às zonas silenciosas. Nesse sentido, não tive dúvidas de que por meio da historiografia seria possível dar voz aos saberes ainda não ditos que circulam pela Mata do Engenho Uchôa.

Sendo tais as considerações que por hora tenho a tecer sobre a escrita da história (CERTEAU, 2011) passo à próxima seção onde a discussão se dará em torno da obra “A invenção do cotidiano 1: artes de fazer (1998).

### 2.3 A INVENÇÃO DO COTIDIANO: UMA TEORIA PARA COMPORTAR OS SABERES DA MATA

A invenção do cotidiano é uma obra que foi escrita em 2 volumes: A invenção do cotidiano 1: artes de fazer e A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar.

A Invenção do Cotidiano, que trata da pesquisa desenvolvida por Certeau e colaboradores, examina as maneiras das pessoas individualizarem a cultura de massa, promovendo alterações desde objetos utilitários até planejamento urbanos e rituais, leis e linguagem, de forma a apropriá-los.

A pesquisa “nasceu de uma interrogação sobre as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina” (CERTEAU, 1998, p 37), ou seja, usuários que estariam sob o crivo de um estatuto estabelecido (leis, regras, normas, etc) e se colocariam, aparentemente, obedientes diante delas, sem manifestar quaisquer reações contrárias, no entanto faziam valer suas próprias orientações.

Na referida obra, o objetivo da pesquisa desenvolvida pelo autor e sua equipe era o de

explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma ‘cultura’ e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominado (o que não quer dizer passivos ou dóceis) (CERTEAU, 1998, p. 38).

Em outras palavras, o intuito era o de colocar na vitrine o conjunto das práticas cotidianas constitutivo da cultura das pessoas comuns, trazendo à tona os modelos de ação dessas pessoas, a partir dessas práticas. Pessoas que, via de regra, são vistas como dominadas, o que não quer dizer que estão entregues à passividade e à disciplina.

O livro nos mostra que na vida comum é perceptível uma luta subconsciente e contínua contra as instituições que competem para assimilar o homem comum do dia-a-dia. O poder invisível do outro.

O autor destaca a ausência de formalismos, pelas ciências sociais, no exame das maneiras como as pessoas, em situações concretas do cotidiano, se apropriam das tradições, linguagens, símbolos, arte e artigos de troca, próprios de sua cultura.

Como forma de colaborar no sentido de preencher esta lacuna, o autor nos apresenta uma série de conceitos (dentre os quais estão os de estratégia e tática, categorias teóricas centrais desta tese a serem discutidas mais adiante) e de questões que possibilitam a discussão formal das atividades do cotidiano recheadas de lutas escondidas no véu da conformidade.

Na obra, Certeau vai desenvolver ideias que vêm auxiliando pesquisadores inquietados com o paradigma do cientificismo moderno e preocupados em superá-lo, possibilitando uma melhor compreensão da complexa dinâmica que envolve o cotidiano das práticas escolares ou não escolares, como vimos nos exemplos citados na seção 2.1.

Trata-se de uma teoria das práticas cotidianas que, quase sempre ocultas, só aparecem a título de resistências com relação ao desenvolvimento sócio-cultural (GIARD, In: CERTEAU, 1998).

Na execução da pesquisa, Certeau tentou organizar 3 círculos de interlocutores, círculos distintos com funções separadas, mas com alguns membros circulando entre eles para manter um ponto de contato. A pesquisa que teve uma longa duração funcionou entre 1974 a 1978.

Estes três círculos, porém, contaram com o aporte de muitos grupos de pesquisa situados no estrangeiro (Brasil, Dinamarca, Estados Unidos e França), de forma que Michel de Certeau aproveitou as várias viagens que fez entre o período de 1974 a 1978 para acumular documentos sobre os problemas, os métodos, as experimentações culturais e sociais e participar diretamente em experiências concretas.

As experiências foram vivenciadas entre grupos diversos: militantes da periferia, educadores no meio carcerário, associações de auxílio aos imigrantes, arquitetos construtores das cidades novas de Paris, moças aprendendo a administrar a própria saúde, grupos minoritários defendendo seus interesses identitários contra um Estado centralista, etc.

Recorrendo a Foucault e Bourdieu como figuras teóricas de oposição, Certeau vai construindo sua teoria, sendo perceptível uma confiança depositada no outro, ao ponto que nenhuma situação lhe parece ser desesperadora. Percebendo um movimento de micro-resistências, fundadoras de microliberdades, capaz de deslocar as fronteiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima, Certeau evidencia a inversão e subversão pelos mais fracos, como no fato dos indígenas da América do Sul, que submetidos à cristianização forçada pelo colonizador hispânico aparentam estar submetidos e conformados com ela, todavia, faziam funcionar as suas leis, regras e tradições. E assim, acreditando na força do fraco, onde tantos outros só vêm obediência e uniformização, Certeau nos faz recordar que não se deve tomar os outros por idiotas (GIARD, In: CERTEAU, 1998).

Certeau levanta a suposição de que “à maneira dos povos indígenas, os usuários ‘façam uma bricolagem’ com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras” (1998, p. 40).

Segundo Giard (In: CERTEAU, 1998), é nesta confiança depositada no fraco, dada a sua inteligência, inventividade, atenção extrema à sua mobilidade, em face das estratégias do forte, que vai se esboçar uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos.

Assim, Michel de Certeau propõe “algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que elas são do tipo tático” (GIARD, In: CERTEAU, 1998, p. 20).

Ele parte de uma análise ordenada em três níveis: as modalidades da ação, as formalidades das práticas e os tipos de operação especificados pelas maneiras de fazer, onde cada proposição teórica é submetida a uma situação concreta no cotidiano das práticas como, por exemplo, o modo de caminhar na cidade, a descrição de uma moradia e a leitura silenciosa.

Além de Foucault e Bordieu vários outros teóricos surgem para embasar o pensamento de Certeau, a exemplo de Detienne e Vernant, Lévi-Strauss, Freud (presente em toda a obra) e Wittgenstein (ao qual se dá o crédito máximo). Mas não fica por aí, pois da tradição filosófica da antiguidade registram-se as contribuições de Heráclito, Platão e Aristóteles; da época moderna: Hobbes, Descartes, Pascal, Diderot, Rousseau, Kant e Condillac; o século XIX com Hegel, Marx, Nietzsche ou Peirce; e o século XX com Wittgenstein, Heidegger, Quine, Merleau-Ponty, Deleuze, Loytard ou Derrida.

É nesta obra que Certeau nos apresenta dois conceitos que passam a constituir as categorias centrais de investigação desta tese que são as estratégias e táticas.

Estratégia, para Certeau, é definida como sendo

o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se pode gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de uma pesquisa, etc.) Como na administração de

empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar (CERTEAU, 1998, p. 99).

Ou seja, é a relação de forças calculadas a partir do momento em que um sujeito de querer e poder, aqui representado pelas instituições, pode ser isolado. Ainda em outras palavras, e já contextualizando, a estratégia diz respeito ao poder das instituições que tem como alvo o (supostamente) fraco.

As táticas, ao contrário, compreendem por sua vez

a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio (...) é movimento ‘dentro do campo de ação do inimigo’ como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado (...) Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Alí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco (CERTEAU, 1998, p. 100, 101).

Isto implica dizer que diante da ausência de forças, no momento em que percebe a falha do forte, o fraco age de maneira astuciosa, tirando proveito das ocasiões.

Para Certeau “as, táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (1998, p. 45) que se desenvolvem em meio a tensões e atos de violência entre mais fortes e mais fracos. Ou seja, no cotidiano das práticas o forte e o fraco encontram-se numa relação de forças marcadas por tensões e atos de violência entre si.

Assim sendo, os conceitos de estratégia e tática são evocados nesta tese, em razão das relações de forças marcadas pelas tensões e violências, existentes entre a comunidade do entorno da Mata do Engenho Uchôa e as instituições (sobretudo o poder público e a iniciativa privada de grandes empresas) que desejam impor àqueles um estatuto estabelecido, embora haja registros de trabalhos que tentam uma aproximação, um diálogo, na perspectiva de gerenciamento desta

Reserva de Vida Silvestre (RVS), como é o caso do Plano de Manejo da Mata do Engenho Uchôa (PERNAMBUCO, 2013).

Nesse sentido, o cálculo das relações de forças (estratégias) e as ações calculadas (táticas) são saberes que de certo estão presentes do cotidiano das práticas daqueles que dialogam com a Mata do Engenho Uchôa que, vistos pelo contexto histórico, social, político e educacional em que se desenvolvem, constituem Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa e que doravante serão aqui registrados.

Dessa forma, tendo sido discutidos neste capítulo os pressupostos teóricos em torno da historiografia, enquanto fundamento do método nesta pesquisa, e das estratégias e táticas, enquanto categorias teóricas centrais na investigação dos Saberes da Mata do Engenho Uchôa, passo a discutir, no capítulo que se segue, o estado da arte sobre as pesquisas que têm a Mata do Engenho Uchôa como objeto (direto ou indireto) de investigação, afim de melhor situar a mata neste cenário.

Cumpre-me esclarecer sempre que os fundamentos e procedimentos metodológicos desta pesquisa estão referenciados em cada capítulo ou seção que se seguem, no intuito de oferecer ao leitor uma melhor fluidez na leitura.

### 3. OBSERVANDO O CENÁRIO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS

Neste capítulo a discussão se dá em torno do estado da arte das pesquisas que tem a Mata do Engenho Uchôa como objeto (direto ou indireto) de estudos tomando como base de dados para investigação os sítios da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), como prioritários e a plataforma do Google Acadêmico como opção alternativa.

#### 3.1 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA EXPLORAÇÃO DO ESTADO DA ARTE

Conforme nos ensina Minayo (2000), o conhecimento se constrói a partir de outros conhecimentos sobre os quais se faz a apreensão, a crítica e a dúvida. Nessa perspectiva, no processo de construção do conhecimento há uma fase denominada fase exploratória da pesquisa que, segundo esta autora, compreende várias etapas dentre as quais está a construção do campo teórico conceitual.

Seguindo este raciocínio Fonseca (2002), também tem o entendimento de que, qualquer que seja o trabalho científico, ele inicia com uma pesquisa bibliográfica, que traz ao investigador o conhecimento do que já se estudou sobre um determinado assunto.

Como se percebe, a construção do campo teórico se configura como uma fase inicial ou preliminar do trabalho científico e recebe uma contribuição importante do estado da arte, procedimento que implica no levantamento e revisão do conhecimento produzido sobre um determinado tema e que se constitui num “passo indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 43).

Ademais, tal procedimento tenta responder sob “que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado” (FERREIRA, 2012, p. 257).

Romanowski (2002, p. 16) aponta alguns procedimentos que ela executou em sua tese ao realizar a construção do estado da arte, a saber:

- a) Estabelecimento de critérios para seleção do material (definição dos descritores);
- b) Levantamento de teses e dissertações catalogadas pela ANPED
- c) Localização e coleta do material de pesquisa selecionado junto às bibliotecas do sistema COMUT;
- d) Leitura dos trabalhos selecionados e elaboração de sínteses atentando para os seguintes tópicos: tema, objetivos, problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e os cursos de licenciaturas;
- e) Organização do relatório do estudo, sistematizando as sínteses e identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações;
- f) Análise e elaboração das conclusões preliminares.

Pela sucessão de procedimentos realizados para realização do estado da arte, dá pra perceber que em muitos casos o próprio estado da arte pode se constituir numa pesquisa científica na forma de uma dissertação ou tese. Mas este não é o caso desta pesquisa, pois o estado da arte é aqui evocado para dar conta de uma seção desta tese com o intuito de responder, em linhas gerais, o quê se tem produzido em termos de pesquisa científica sobre a Mata do Engenho Uchôa.

Nesta perspectiva teórico-metodológica, obediente aos ensinamentos e procedimentos descritos nos parágrafos anteriores, passei a explorar o estado da arte das pesquisas sobre o objeto de estudo em questão, conforme segue.

### 3.2 EXPLORANDO O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE A MATA DO ENGENHO UCHÔA

Neste ponto da trilha, iniciei as atividades me dirigindo pessoalmente ao balcão de atendimento da biblioteca setorial do Centro de Educação da UFPE, explicando ao atendente a motivação da minha visita e a conseqüente necessidade de acompanhamento de um(a) bibliotecário(a) para me auxiliar na consecução desta tarefa. Na ocasião o atendente me disponibilizou um endereço eletrônico para que eu enviasse uma mensagem solicitando a orientação deste profissional e imediatamente providenciei o envio de uma mensagem por e-mail, datada de 29/08/2016, identificando-me, apresentando minhas demandas e solicitando orientações.

A partir deste momento, já me antecipando ao encontro com a bibliotecária, iniciei uma busca pelo sítio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) acessando ao conteúdo constante da página <https://www.ufpe.br>, na tentativa de identificar os trabalhos científicos produzidos tendo a Mata do Engenho Uchôa como objeto de investigação.

Ali utilizei como descritores para todos os campos de busca os seguintes termos: “Mata do Engenho Uchôa” e nenhum registro foi encontrado. Este fato me fez recorrer ao Google Acadêmico, numa tentativa de perceber se havia algum trabalho de pesquisa com este descritor. Foi então que encontrei alguns trabalhos de pesquisa e relatórios técnicos que se reportavam à Mata do Engenho Uchôa. Foram 10 (dez) referências encontradas entre os trabalhos técnicos e pesquisas de natureza científica.

No dia 30/08/2016, em resposta à mensagem por mim enviada, a bibliotecária identificada pelo nome de Kátia Tavares, apresentou-se, disponibilizando dias e horários para que eu pudesse comparecer à biblioteca para conversarmos sobre o assunto. Respondi agradecendo a disponibilidade e agendando uma visita que aconteceu no dia 02/09/2016.

Neste dia me dirigir a ela e lhe apresentei minhas demandas. Nesta ocasião ele me apontou dois possíveis sítios eletrônicos em que poderíamos realizar a busca pelo estado da arte que seriam o sítio do IBICT e do BDTD, respectivamente <http://bdtd.ibict.br> e <https://www.ufpe.br>.

Acessamos as referidas plataformas, fizemos opção pela pesquisa em todos os campos de busca, utilizando os mesmos descritores (Mata do Engenho Uchôa) e a situação se repetiu, ou seja, nenhum registro foi encontrado.

Este fato me causou estranheza em razão de que eu já tinha conhecimento de que a Mata se constitui em objeto de investigação de algumas pesquisas científicas (MOVIMENTO..., 2017; SILVA, 2013). Certamente os trabalhos deveriam estar ali registrados, ainda que com outros descritores.

Considerando que eu já havia identificado no ambiente virtual Google Acadêmico a ocorrência de alguns trabalhos sobre a Mata, a bibliotecária me orientou no sentido de relacionar tais trabalhos para que ela mesma fizesse uma análise a partir das referências bibliográficas destas obras e então pudesse construir novas abordagens para construção do estado da arte. Relacionei os trabalhos por mim encontrados e lhe apresentei tal como segue no quadro 01:

Quadro 1 - Produções técnicas e científicas que referenciam a Mata do Engenho Uchôa.

<b>Natureza da obra</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano de publicação</b>
Produção Científica (Dissertação-Mestrado)	Parques Metropolitanos: Gestão e Proteção de Áreas Especiais na RMR - 1975/2004.	CAVALCANTI, Maria José Marques.	2005
Produção Científica (Tese-Doutorado)	Natureza Mínima - Política Ambiental e Unidades de Conservação em Pernambuco: Um estudo sobre a Estação Ecológica de Caetés e a Área de Proteção Ambiental do Engenho Uchôa.	NEGREIROS, Emídio de Britto.	2008
Produção Científica (Artigo Científico)	Justiça, controle social e escravidão em meados do Século XIX.	SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos,	2008
Produção Científica (Artigo Científico)	Aves de Pernambuco: o estado atual do conhecimento ornitológico.	FARIAS, Gilmar Beserra de; PEREIRA, Glauco Alves.	2009
Produção Científica (Artigo Científico)	Análise multitemporal de um fragmento de Mata Atlântica como gerador de ilha de amenidade em área urbana através do IVAS e a Temperatura da superfície, estudo de caso: Mata do Engenho Uchôa, Recife – PE	OLIVEIRA, Josemary Santos e Silva... (et al).	2011
Produção Técnica	Estratégia para criação e implantação dos conselhos gestores.	PERNAMBUCO, Governo do Estado.	2012
Produção Técnica	Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa.	PERNAMBUCO. Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade.	2013
Produção Científica (Artigo Científico)	Zoneamento Climático Urbano da Cidade do Recife: Uma Contribuição ao Planejamento Urbano.	BARROS, Hugo Rogério de; LOMBARDO, Magda Adelaide.	2013
Produção Científica (Dissertação-Mestrado)	A Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988)	SILVA, Laudielcio F. M. da.	2013
Produção Científica (Artigo Científico)	A Escola Presidente Humberto Castello Branco e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa: nos rumos de uma Educação Ambiental Crítica ?	SILVA, Laudielcio F. M. da	2015a

Fonte: O autor, 2017.

Conforme se percebe, no quadro 01 estão relacionados os trabalhos encontrados numa pesquisa exploratória visando subsidiar a construção do estado da arte. Esses trabalhos estão apresentados em ordem crescente considerando o

ano de sua publicação e identificados quanto à sua natureza (Produção Científica ou Produção Técnica).

Foram identificados 10 (dez) trabalhos sendo 8 (oito) de produção científica (dos quais 5 são artigos científicos, 2 são dissertações, 1 tese) e 2 (dois) de produção técnica.

Um fato importante a ser observado é que todos os trabalhos, sejam de natureza técnica ou científica, foram publicados a partir do ano 2005, o que sugere uma preocupação da sociedade do novo milênio com o bioma mata atlântica que historicamente vem sendo devastado.

Após este levantamento procurei novamente a bibliotecária do Centro de Educação Sra. Kátia Tavares, no dia 11/01/2017, na tentativa de identificar novos descritores que pudessem conduzir a uma busca mais precisa nos bancos de teses e dissertações no sentido de construir o estado da arte sobre as pesquisas relativas à Mata do Engenho Uchôa a partir daqueles ambientes virtuais, em razão deles se constituírem plataformas oficiais para levantamento de dados dessa natureza.

Nesta ocasião ficou o entendimento de que a definição de novos descritores para realizar a busca nas plataformas do IBICT e BDTD ou mesmo no Google Acadêmico, talvez não trouxessem sucesso posto que a natureza dessa pesquisa sobre os saberes da Mata do Engenho Uchôa se constitui algo muito específico podendo resultar num desgaste desnecessário.

Daí a decisão tomada foi de manter os mesmos descritores definidos anteriormente (“Mata do Engenho Uchôa”) sendo selecionados os trabalhos de natureza científica que tinham a Mata do Engenho Uchôa como campo (direto ou indireto) de investigação, tal como apresentados pela plataforma Google Acadêmico. Uma vez identificados estes trabalhos passei a analisá-los conforme o item 3.3 subsequente.

### 3.3 OS TRABALHOS DE NATUREZA CIENTÍFICA QUE FAZEM REFERÊNCIAS À MATA DO ENGENHO UCHÔA.

As informações constantes do quadro 1: Produções técnica e científica que referenciam a Mata do Engenho Uchôa, indicam a ocorrência de 10 (dez) referências encontradas das quais 8 (oito) são de natureza científica e estão reunidas no quadro 2, conforme segue:

Quadro 2 - Trabalhos de natureza científica

TÍTULO	AUTOR	ANO DE PUBLICAÇÃO
Parques Metropolitanos: Gestão e Proteção de Áreas Especiais na RMR - 1975/2004.	CAVALCANTI, Maria José Marques.	2005
Natureza Mínima - Política Ambiental e Unidades de Conservação em Pernambuco: Um estudo sobre a Estação Ecológica de Caetés e a Área de Proteção Ambiental do Engenho Uchôa.	NEGREIROS, Emídio de Britto.	2008
Justiça, controle social e escravidão em meados do Século XIX.	SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos.	2008
Aves de Pernambuco: o estado atual do conhecimento ornitológico.	FARIAS, Gilmar Beserra de; PEREIRA, Glauco Alves.	2009
Análise multitemporal de um fragmento de Mata Atlântica como gerador de ilha de amenidade em área urbana através do IVAS e a Temperatura da superfície, estudo de caso: Mata do Engenho Uchôa, Recife – PE	OLIVEIRA, Josemary Santos e Silva... (et al).	2011
Zoneamento Climático Urbano da Cidade do Recife: Uma Contribuição ao Planejamento Urbano.	BARROS, Hugo Rogério de; LOMBARDO, Magda Adelaide.	2013
A Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988)	SILVA, Laudielcio F. M. da.	2013
A Escola Presidente Humberto Castello Branco e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa: nos rumos de uma Educação Ambiental Crítica?	SILVA, Laudielcio F. M. da.	2015a

Fonte: O autor, 2017.

No quadro 2, é importante observar que somente a partir deste século XXI é que começam a surgir pesquisas científicas que trazem a Mata do Engenho Uchôa em suas discussões, seja num grau de relevância maior ou menor. O que, evidentemente, não implica dizer que não existem outras pesquisas com a mata anterior a este período, posto que nosso recorte não abarca todas as possibilidades, limitando-se apenas às pesquisas apresentadas pelos veículos de informação que abordam os descritores utilizados na busca. Cada uma dessas obras foi analisada a partir do seu conteúdo, conforme segue.

Na Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, intitulada “Parques Metropolitanos: Gestão e Proteção de Áreas Especiais na RMR - 1975/2004”, Cavalcanti (2005), buscou aprofundar o conhecimento a cerca da relação entre as áreas verdes destinadas a parques metropolitanos e as áreas urbanizadas da região metropolitana do Recife. A questão central da investigação

girou em torno da proteção e gestão dos parques metropolitanos e aponta para um dado relevante que é a vulnerabilidade extrema dessas áreas.

O objetivo da dissertação foi construir um histórico da evolução do pensamento e da ação sobre os espaços livres da Região Metropolitana do Recife, na perspectiva de uma forma de gestão mais adequada do ponto de vista ambiental e social.

A Mata do Engenho Uchôa é citada nesta pesquisa como uma das áreas verdes localizadas na Região Metropolitana do Recife, indicadas como complementar das áreas prioritárias para parques metropolitanos, embora não esteja enquadrada como sítio histórico ou categoria segundo o Plano de Preservação dos Sítios Históricos da Região Metropolitana do Recife (PPSH/RMR) de 1978.

Dentro de um recorte temporal que vai de 1975 a 2000 a pesquisadora apresenta uma caracterização da Mata do Uchôa, indicando seu histórico no período, o interesse público pela sua proteção, bem como apresenta uma análise comparativa, a vulnerabilidade a que está sujeita e as implementações propostas para a área.

Os resultados apontaram para a possibilidade de implantação de uma gestão e proteção dos parques metropolitanos e identificação das questões relacionadas à vulnerabilidade em cada área estudada.

Em defesa de tese para obtenção do título de doutor em sociologia, Negreiros (2008) inicia seus escritos destacando a importância da Área de Proteção Ambiental do Engenho Uchôa (Mata do Engenho Uchôa), assim como a Estação Ecológica de Caetés, constituídas a partir de demandas dos movimentos socioambientais. Destaca ainda a influência exercida por eles na formulação das políticas ambientais, no que concerne às unidades de conservação da natureza.

O autor destaca o contexto em que se desenvolve a trajetória do ambientalismo local, que embora marcado por conflitos internos, apresenta uma preocupação muito forte com os interesses ambientais vinculados à democracia.

Destaca ainda a necessária relação entre participação social e proteção ambiental no gerenciamento das Unidades de Conservação (UC's) na construção cotidiana dos problemas ambientais.

A tese aborda a questão da política ambiental e das unidades de conservação no Estado de Pernambuco tendo tomado como enfoque central a

Estação Ecológica de Caetés (ESEC Caetés) e a Área de Proteção Ambiental do Engenho Uchôa (APA Uchôa).

Os objetivos foram compreender os processos sociais que fazem constituir a política ambiental; analisar como se estabelecem as relações entre governo e sociedade na definição da política ambiental; e identificar e analisar os possíveis conflitos em torno de questões ambientais.

A questão central em que se desenvolveu a tese foi apresentada nos seguintes termos pelo autor: “Em que medida a política ambiental estimula, reivindica ou se reestrutura a partir de valores democráticos, garantindo assim formas eficazes de proteção ambiental? Como se estrutura a ação política para a gestão ambiental, quais atores sociais estão envolvidos e como se relacionam, interferem e participam da construção de tais políticas” (NEGREIROS, 2008, p. 20)

A metodologia adotada para a pesquisa levou em consideração o trabalho de pesquisa na internet, em sítios oficiais do governo, nas bibliotecas públicas, nas participações das reuniões dos conselhos ambientais e entrevistas.

Dentre os entrevistados estavam representantes de três ONGs (Organizações Não Governamentais): A Sociedade Nordestina de Ecologia (SNE); a Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE) e a Associação Pernambucana de Defesa da Natureza (ASPAN), técnicos da CPRH e lideranças comunitárias ligadas à Uchôa e Caetés.

Na coleta de dados, porém, não foi possível entrar na Mata do Uchôa, tendo sido ela observada de longe, pois, segundo Negreiros (2008) havia a informação de que era perigoso entrar lá, em razão da violência e da falta de atenção sistemática do policiamento ambiental municipal e estadual - Brigada Ambiental e CIPOMA (Companhia Independente de Policiamento do Meio Ambiente), respectivamente – o que resultava no aumento da violência no local, tendo sido comprometido o trabalho de campo em Uchôa o que foi amenizado pela reunião de documentos encontrados que trouxeram dados para pesquisa que também aponta a burocracia e a estrutura governamental de gerenciamento ambiental, como fatores de dificuldades no decorrer da investigação.

Negreiros (2008) estruturou sua tese em cinco capítulos, que discutem a sociologia e a política de unidades de conservação; o contexto social e político do estado de Pernambuco em que se desenvolveu a abertura do governo para discutir a questão ambiental; o movimento ambientalista de Pernambuco e sua participação

na criação de unidades de conservação; as discussões dos resultados na perspectiva do cronograma e a importância dos acontecimentos históricos que evidenciam a relevância das ações dos movimentos locais na defesa dos interesses ambientais.

Do ponto de vista da sociologia, a pesquisa se fundamentou na perspectiva da sociologia ambiental e no conceito de construção social da realidade com fundamentos a partir de Berger (1998) e do construtivismo ambiental em Hanningan (1995). Um dos apontamentos do pesquisador é de que

Não podendo ser mais tratada como uma questão isolada, nem do ponto de vista das especialidades científicas, nem do ponto de vista dos grupos sociais atingidos, a questão ambiental, indefectivelmente, agrupa em si diversas faces dos problemas sociais intensificados pelos processos de globalização econômica polarizada entre Norte e Sul e o aumento da desigualdade social desigualmente distribuída, principalmente nos países periféricos do Terceiro Mundo (NEGREIROS, 2008, p. 51).

Logo, para o autor, com quem concordamos, a questão ambiental é também social, se propõe a discutir as questões relativas à pobreza e busca por políticas eficazes de proteção da natureza da qual o homem é parte indissociável e também políticas de sustentabilidade.

No capítulo em que discute o campo da política ambiental para as unidades de conservação, pode-se dizer que o autor conclui que a política voltada para as UC's não soluciona efetivamente o problema ambiental em sua complexidade mas, por outro lado, estimula a abertura de espaços de diálogo mesmo diante das complicações no processo de gestão, marcado pela lentidão, solubilidade fragmentada, resistências ideológicas e econômicas, que não impedem o processo de degradação ambiental ao qual acrescentamos, a degradação do homem.

O autor conclui ainda que a ação social de grupos de interesse ambientalista é essencial para promoção de uma mobilização social efetiva em torno da questão ambiental.

No capítulo em que discute o Movimento Ambientalista e a articulação política, Negreiros (2008) contextualiza, com bastante propriedade, o surgimento dos movimentos ambientalistas de Pernambuco. Ali ele tece comentário sobre a ASPAN e a SNE, apontando as dificuldades de atuação desses movimentos por não haver, por exemplo, uma agenda comum de atuação. Por fim, apresenta as unidades de

conservação (ESESC de Caetés e APA da Mata do Uchôa), detalhando seu histórico de lutas, contexto social em que surgiram e características.

Dentre as conclusões a que chega com a realização de sua pesquisa o autor nos diz que os movimentos ambientalistas contribuíram efetivamente para as negociações políticas sobre a Mata do Engenho Uchôa no que diz respeito às mudanças sociais e legais por quais passou, o que põe em evidência a inserção da questão ambiental no mundo político, embora isso não implique dizer que haja um retorno imediato e efetivo das políticas às comunidades, sobretudo em razão de que as dificuldades criadas no campo burocrático impedem a distribuição de recursos na viabilização das políticas ambientais.

Na pesquisa desenvolvida por Santos (2008), que traz o título “Justiça, controle social e escravidão em meados do século XIX”, a autora discute as questões voltadas para o controle social e a resistência, tomando por base as informações de um processo do Tribunal da Relação de Pernambuco, no ano de 1846, onde um escravo de nome Antônio aparece como réu.

Aqui não há estudos sobre a Mata do Engenho Uchôa, mas apenas um dado no mínimo curioso: o fato das terras do Engenho Uchôa terem sido palco de fugas de escravos que eram perseguidos pelas autoridades policiais.

A pesquisa relata que Antônio, assim como os demais escravos, gozava de dias de descanso e uma das formas mais comuns de sociabilização e lazer dos negros eram os batuques e as tabernas onde, neste último, observava-se uma freqüência de crimes devido à embriaguez.

Num episódio que envolveu a discussão entre outros freqüentadores da taberna, a polícia chegou de forma agressiva, na tentativa de controlar a situação e Antônio, por não acatar as ordens ríspidas e a humilhação, sobretudo num dia de descanso e lazer, buscou se refugiar indo em direção às terras do Engenho Uchôa, passando nas proximidades da capela do Barro.

A autora conclui que os escravos do Recife daquele período aproveitavam-se das contradições legais em sua luta cotidiana pela liberdade.

Aliás, diga-se de passagem, o cotidiano de lutas lembra a identidade do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, que ainda hoje parece representar um palco de fuga para aqueles que vivem à margem da sociedade e para lá se refugiam.

Em outra pesquisa de natureza científica Farias e Pereira (2009), discutem, em seu artigo “Aves de Pernambuco: o estado atual do conhecimento ornitológico”, a sistematização do conhecimento das aves no estado de Pernambuco. O trabalho teve como objetivo fazer uma revisão bibliográfica dos trabalhos considerados mais relevantes para o desenvolvimento do conhecimento ornitológico em Pernambuco.

Na referida pesquisa a Mata Atlântica é considerada o bioma com o maior número de espécies de aves no estado, sendo aproximadamente 450 espécies, o que representa 65% do total registrado para a Mata Atlântica Brasileira que conta com 682 espécies. A pesquisa destaca que dados de 2003 indicam que 45 espécies estão ameaçadas de extinção em Pernambuco, estado que conta com 76 unidades de conservação mas que apenas 33 delas tiveram sua avifauna inventariada.

Nesta pesquisa a Mata do Engenho Uchôa é citada como uma das Unidades de Conservação em Pernambuco que possuem inventários de aves.

Os pesquisadores concluem que embora a produção de conhecimento sobre o estudo das aves tenha aumentado nas últimas décadas no Brasil, há uma carência de profissionais habilitados em reconhecer as espécies de campo, em particular no estado de Pernambuco, onde a escassez de estudos requer investimentos em inventários, principalmente nas Unidades de Conservação.

O artigo científico desenvolvido por Oliveira et al (2011), cujo título é “Análise multitemporal de um fragmento de Mata Atlântica como gerador de ilha de amenidade em área urbana através do IVAS e a Temperatura da superfície, estudo de caso: Mata do Engenho Uchôa, Recife – PE”, levou em consideração a problemática do aumento da densidade urbana nos grandes centros que tem se tornado um desafio em razão deste crescimento sempre resultar em problemas que afetam a qualidade ambiental das pessoas. Considera ainda a supressão da mata para implantação de novas habitações em atendimento às demandas da indústria imobiliária.

A pesquisa estudou o caso da Mata do Engenho Uchôa, enquanto fragmento de Mata atlântica localizado na Cidade do Recife, reconhecendo-o como importante área de desenvolvimento da biodiversidade e de garantia para o conforto térmico da área urbana.

O objetivo do trabalho foi fazer uma análise espaço-temporal da Mata do Engenho Uchôa por meio do Índice da Vegetação Ajustado ao Solo (IVAS) e da

Temperatura da superfície, com destaque para a importância deste fragmento de mata na promoção da amenização da sensação térmica (OLIVEIRA et al, 2011).

A pesquisa reconhece que este ecossistema passou por intensos processos de degradação e atualmente está no centro das discussões entre o poder público - interessado em instalar uma usina de tratamento de resíduos sólidos - e a população - que clama pela preservação e conservação da área.

Os autores chegaram à conclusão de que a Mata do Engenho Uchôa, a exemplo de outras áreas verdes situadas nos centros urbanos, atua como controladora do clima em razão de amenizar os efeitos do aquecimento urbano estimulando a circulação atmosférica, fato que comprova a sua importância na promoção da sensação térmica mais amena para as comunidades do seu entorno.

O trabalho desenvolvido por Barros e Lombardo (2013), inicia com uma problemática que aponta para o grande risco na exacerbação da vulnerabilidade ambiental e climática da população das cidades de países em desenvolvimento, consequência da inabitual consideração desse tema no planejamento urbano e da inexistência de legislação sobre o assunto.

A pesquisa, publicada no formato de artigo científico, teve como objetivo identificar os diferentes componentes do mosaico sócio-ambiental da cidade do Recife e descrevê-los sob a perspectiva climática de forma a classificá-los em zonas climáticas urbanas.

No que concerne ao zoneamento climático urbano, os autores classificam a perspectiva climática em 5 zonas, dentre elas a que eles classificam como Cinturão Verde (zona 4).

O cinturão verde da cidade são as áreas vegetadas que possuem relevância territorial, concentram-se no extremo oeste da cidade, em terras antes pertencentes a engenhos de cana de açúcar ou áreas militares e que ainda resistem ao forte crescimento urbano.

Os resultados mostraram que é neste cinturão onde está a Mata de Engenho Uchôa; uma área de mata atlântica ainda preservada, cujo ecossistema apresenta as menores temperaturas, sendo caracterizada como ilha de frescor urbana, fator que contribui para o aumento da qualidade de vida das pessoas, o que reforça os argumentos em favor da sua preservação e conservação.

Na minha dissertação defendida em 2013, por ocasião da conclusão do curso de Mestrado em Educação pela UFPE, mais tarde materializada num livro

publicado pela Editora da UFPE sob o título “A Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988)” (SILVA, 2014), busquei conhecer a Educação Ambiental de Pernambuco a partir dos primeiros Movimentos Ambientalistas, ainda ativos na época, ocasião em que identifiquei dentre eles o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e sua relevante contribuição para a História da Educação Ambiental de Pernambuco.

Ali relatei, na perspectiva da historiografia, o contexto histórico-social em que estes movimentos surgiram, a motivação que os levaram a defender o meio ambiente, a forma como acontecia a Educação Ambiental nestes espaços (com ênfase nos conteúdos trabalhados, abordagens metodológicas, materiais didáticos) e os pioneiros da Educação Ambiental de Pernambuco.

A pesquisa fez uso de fontes orais tendo como campo empírico os coordenadores dos primeiros movimentos ambientalistas de Pernambuco, além de recorrer a fontes documentais (fotografias, jornais, cartilhas, impressos da época) enquanto instrumentos de coleta de dados.

O resultado da pesquisa mostrou que os primeiros movimentos ambientalistas de Pernambuco, ainda ativos na época da pesquisa, surgiram em 1979 (Amigos da Mata do Engenho Uchôa e ASPAN – Associação de Proteção ao Ambiente Natural) e em 1986 (SNE - Sociedade Nordestina de Ecologia). Esses movimentos superaram as perseguições de um Estado submetido ao Regime Militar, lutavam em defesa da natureza, promoviam a Educação Ambiental na comunidade e nas escolas do entorno, faziam-se presentes em audiências no Ministério Público para defender a Mata do Engenho Uchôa das ameaças que vinham sofrendo, promoviam ato público em defesa da natureza e incentivavam as pesquisas científicas.

O resultado ainda revelou importantes nomes da Educação Ambiental de Pernambuco, dentre eles a ambientalista Rousinete Taveira Falcão (*in memorian*) uma das coordenadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa; a Professora Maria Adélia Borstelman de Oliveira, uma das fundadoras da ASPAN junto com o Professor João Vasconcelos Sobrinho (*in memorian*), e a Professora Elisabete Braga, presidente da SNE.

No meu TCC, defendido em 2015, por ocasião da conclusão do curso de Pedagogia pela UFPE (SILVA, 2015a), procurei compreender como se constitui a

Educação Ambiental na relação entre a Escola Presidente Humberto Castello Branco<sup>12</sup> e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

O fundamento teórico que deu suporte a esta pesquisa incluiu a práxis pedagógica em Educação Ambiental inspirada nos escritos de Loureiro (2011) que defende uma educação ambiental numa perspectiva crítica, logo, transformadora. A metodologia aplicada caracterizada de estudo de caso, utilizou a entrevista semi-estruturada como prioritária na coleta de dados e a análise histórica como tratamento da informação.

Os resultados revelaram que a Educação Ambiental na Escola se expressa nas diversas ações em defesa da natureza, e são desenvolvidas com frequência contínua ao longo do ano letivo e com apoio do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

Tais ações apresentam-se por meio diferentes formas como o trabalho de cartografia no metrô, visitas à mata, visitas ao rio, excursões didáticas, caminhadas e passeatas, publicação de pesquisas, participação política por meio de representações junto a órgãos públicos, execução de projetos multidisciplinares, plantio de mudas, grafitegens, gincana, almoço coletivo, propaganda, coleta e destinação final de material reciclável, recital de poesias (além de coreografias, danças, confecção de fantasias), construção de hortas na escola, exposição fotográfica, participação em palestras e passeios ciclísticos.

Percebi que os sujeitos da pesquisa entendem a Educação Ambiental como grande florão da mudança de comportamento do individuo, sendo ela responsável por alguns impactos na transformação dos sujeitos e do meio, porém numa perspectiva ainda conservadora.

Conforme se percebe, os temas investigados nas diferentes pesquisas científicas são diversificados e dizem respeito fortemente às questões climáticas e a outros assuntos relacionados à natureza biológica (fauna e flora) da mata. Além disso, situam na dimensão social como a problemática da injustiça social e questões ligadas à qualidade de vida, e políticas públicas de preservação e conservação da mata.

---

<sup>12</sup> A Escola Presidente Humberto Castello Branco é uma instituição escolar, da Rede Pública Estadual de Ensino, localizada no Bairro do Tejipió, Recife/PE, e se destaca pelas ações ambientais que vêm realizando desde 2001 quando então foi lançado o Projeto Ecológico na escola, idealizado pelo então Professor de geografia Jorge José Araújo da Silva.

Certamente, a especial atenção dada pela maioria das pesquisas científicas às questões climáticas, deve-se à preocupação mundial com relação ao fenômeno das mudanças climáticas que vêm ocupando espaço cada vez maior no debate internacional, e à necessária preservação e conservação da mata, sobretudo, pela sua importância na regulação do clima.

Neste capítulo apresentei o estado da arte das pesquisas científicas encontradas sobre a Mata do Engenho Uchôa. O desafio maior neste quesito foi identificar as produções existentes pois, não foram encontradas referências na plataforma da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) nem do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), razão pela qual considerei, para construção deste estado da arte, a análise das dissertações e teses, além dos artigos científicos e trabalho de conclusão de curso de graduação encontrados conforme apresentado no quadro 2.

Este estado da arte revelou que a Mata do Engenho Uchôa, ainda muito timidamente, constitui objeto de investigação, direta ou indireta, estando presente em pesquisas de natureza científica em diferentes níveis de escolaridade (graduação, mestrado e doutorado), e em diferentes áreas do conhecimento, discutindo, inclusive, a produção dos saberes tradicionais, pondo em evidência sua riqueza não apenas enquanto laboratório natural das ciências, mas também como espaço de produção de saber local, em particular, o social, ainda a ser investigado.

Alí foram discutidos conhecimentos sobre a fauna e a flora, estudos sobre o clima, antecedentes históricos da mata, gestão de unidades de conservação, participação política e social na preservação e conservação do bioma da mata atlântica, casos de degradação da mata e relatos de violência.

A pouca produção científica constatada é apontada como uma das vulnerabilidades da Mata do Engenho Uchôa, enquanto Refúgio de Vida Silvestre (RVS), fato que justifica a realização desta pesquisa, sobretudo pela sua perspectiva voltada para o conhecimento tradicional, logo social, inclusive como reconhece o próprio Plano de Manejo (PERNAMBUCO, 2013), o que vem a contribuir para o preenchimento de uma lacuna ainda existente.

Uma questão que despertou a atenção neste estudo da arte foi a tática empregada pelas pessoas no sentido de burlar a lei em várias situações do seu cotidiano como por exemplo: a situação do escravo Antônio que, perseguido pela autoridade policial, procurou refúgio nas terras do então Engenho Uchôa (SANTOS,

2008) e a histórica luta do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa em razão das constantes ameaças de se transformar num condomínio de luxo, ou num lixão – uma luta marcada pelas táticas de mobilização iniciadas mesmo durante o regime militar, o qual proibia a reunião de ecólogos (SILVA, 2013; 2015a).

Outro exemplo está nas táticas de ensino, dada a relação de aproximação<sup>13</sup> entre escola e comunidade quando substitui um desfile cívico comemorativo à data de 7 de setembro por uma caminhada em via pública em defesa da mata, educando para a preservação e conservação deste bioma.

A referida questão me fez lembrar dos escritos de Michel de Certeau (1998), quando percebi que o cotidiano das práticas dos sujeitos que vivenciam a mata é marcado pela ocorrência de diferentes estratégias e táticas, sobretudo em suas ações em prol da mata.

Dito isto, cumpre-me, já no próximo capítulo, a tarefa inicial de descrever, caracterizando a Mata do Engenho Uchôa e as suas Regiões Político Administrativas (RAP's) para, num segundo momento, discutir a estratégia de criação e implantação do conselho gestor e a elaboração do plano de manejo da Mata e, num terceiro momento, ainda neste próximo capítulo, registrar a trajetória da Mata, enquanto terras do Engenho Uchôa até a sua transformação na Área de Proteção Ambiental (APA) Rousinete Taveira Falcão.

---

<sup>13</sup> Aproximação é entendida no sentido de estreitamento das relações entre os entes (escola e comunidade) e não na localização do ponto de vista geográfico.

#### 4. CAMINHANDO PELA MATA E REGISTRANDO SUAS CARACTERÍSTICAS

Fotografia 2 – Entrando na mata



Fonte: Santos (2017a)

Neste capítulo irei primeiramente descrever, caracterizando, a Mata do Engenho Uchôa e as Regiões Político Administrativas (RPAs) que inclui os 11 bairros que recebem influência da mata. Na sequência, discutirei, por meio da análise documental, as estratégias de criação e implantação do conselho gestor e a elaboração do plano de manejo da Mata.

Vale lembrar que, ao longo da discussão, os fundamentos teóricos-metodológicos, assim como os resultados das coletas de dados, já serão apresentados e discutidos.

#### 4.1 CARACTERIZANDO A MATA E O SEU ENTORNO

Os escritos desta seção nos permitem conhecer a Mata do ponto de vista de sua característica mais geral e, em particular, as Regiões Político Administrativas (RPAs) de sua abrangência, com destaque para os 11 bairros do seu entorno que são por ela influenciados.

A metodologia aplicada para a construção desta seção levou em consideração a coleta, análise e discussão dos dados obtidos a partir da plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/>), Prefeitura do Recife - PCR (<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros>), Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (<http://www.atlasbrasil.org.br/2013>), Blog do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa (<http://mataengenhouchoa.blogspot.com.br/>), e da plataforma Google Maps (<https://www.google.com.br/maps>) sendo que esta última serviu para obtenção de fotografia de satélite da região da mata.

Além destas ferramentas, servi-me de dados constantes do Plano de Manejo da Mata do Engenho Uchôa (PERNAMBUCO, 2013) e da dissertação de mestrado por mim defendida (SILVA, 2014).

Outrossim, a visita *in loco*, nos permitiu observar, e aqui relatar, algumas características dos bairros do entorno da mata.

Utilizamos também como recurso metodológico a captação de imagens fazendo uso da tecnologia a partir de um Drone<sup>14</sup> que sobrevoou a área da mata nos

---

<sup>14</sup> Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT) ou Veículo Aéreo Remotamente Pilotado (VARP).

forneendo uma visão panorâmica e sugerindo melhor acesso para entrar na mata com segurança e traçar a trilha a ser percorrida.

#### 4.1.1 Caracterizando a mata

##### a) Características gerais da mata

A Mata do Engenho Uchôa fica localizada na bacia do Tejipió, na zona oeste da cidade do Recife/PE. A figura 1 a seguir mostra uma imagem de satélite da região onde ela fica localizada:

Figura 1 – Imagem de satélite da região onde fica localizada a Mata do Engenho Uchôa.



Fonte: Google Maps. Organização: Cavalcanti (2017).

Pela figura 1 é possível perceber como a área verde representa uma pequena fração do território que é exibido. Sem dúvidas esta área é de significativa importância para regulação do clima na região além de abrigar toda a fauna e flora que para ali se refugiam, conforme relatado no Plano de Manejo (PERNAMBUCO, 2013).

Ainda, conforme se observa na figura 1, é possível identificar alguns dos bairros localizados no entorno da Mata com uma ocupação territorial e densidade populacional bastante significativa.

Reconhecida como Reserva de Vida Silvestre (RVS) e Área de Proteção Ambiental (APA) Rousinete Taveira Falcão, a Mata do Engenho Uchôa, é indicada como a única área urbana em Pernambuco que mantém os três biomas – mangue, restinga e mata atlântica e correspondente a uma área de 192ha (o que representa quase 1% da cidade do Recife, dos quais 20ha são protegidos por lei (PERNAMBUCO, 2013).

Embora os estudos técnicos indiquem a ocorrência de 3 (três) biomas dentro da APA Rousinete Taveira Falcão, a caminhada pela mata me permitiu observar a ocorrência de uma área representativa de outro bioma, o pântano. Assim, é possível afirmar que a mata passa a contar com a ocorrência de 4 (quatro) biomas: mata atlântica, mangue, restinga e pantanal, conforme ilustrado na fotografia 3 a seguir, capturada durante a trilha pela mata:

Fotografia 3 - Os quatro biomas existentes na Mata do Engenho Uchôa



Fonte: Santos (2017a)

A mata funciona como um verdadeiro laboratório para as práticas em educação ambiental constituindo fonte de pesquisa e produção de conhecimento

para várias instituições escolares e comunidade do entorno (SILVA, 2013). Ela também funciona como terreiro para as oferendas à Jurema como veremos no capítulo 6.

#### b) Uma mata “fechada” para a trilha

Para conhecer a mata de perto era indispensável caminhar por dentro dela, conhecendo as trilhas, observando suas características e desvelando alguns de seus saberes.

Para Negreiros (2008), que desenvolveu pesquisa sobre a importância da Área de Proteção Ambiental (APA) do Engenho Uchôa, não foi possível entrar na mata pelas razões por ele apresentadas e discutidas na seção 3.3, desta tese, onde ele relata que a violência e a falta de policiamento comprometeram o seu trabalho de campo.

Para entrar na mata eu também encontrei dificuldades. Percebi que somente após o uso de algumas táticas é que poderia ter acesso a ela. Uma das táticas que mobilizei foi pedir ajuda ao Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

A minha aproximação com o Movimento era uma das possibilidades de ter acesso à mata, mas, em conversa com o Sr. Augusto Semente, um dos coordenadores do Movimento, fui informado que só seria possível a entrada na mata com permissão da Prefeitura da Cidade do Recife e acompanhada de policiais da Companhia Independente de Policiamento do Meio Ambiente (CIPOMA).

O Sr. Augusto Semente, reunido com o coletivo do Movimento, tentou junto às autoridades obter a permissão e o acompanhamento para entrar na mata, conseguindo uma previsão de acesso agendado para o dia 31 de maio de 2017, mas, em razão de fortes chuvas que atingiram a região metropolitana do Recife a trilha foi suspensa, sem previsão de nova data.

Uma segunda data foi marcada para o dia 29 de agosto de 2017, tendo sido cancelada na véspera. Uma terceira tentativa de entrada na mata foi marcada para o dia 28 de setembro de 2017 e uma quarta tentativa para o dia 11 de abril de 2018, também tendo sido ambas canceladas.

A entrada na mata com a permissão da Prefeitura da Cidade do Recife e apoio da CIPOMA não foi possível, a pesar dos esforços mobilizados pelo Sr. Augusto Semente.

Percebi que as estratégias estabelecidas pelas instituições para viabilizar a entrada na mata não estavam a meu favor, e isto me fez lembrar dos ensinamentos de Certeau que nos diz: “Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas” (CERTEAU, 1998, p. 19). Diante desta lembrança, fui em busca de outra tática para entrar na mata até que encontrei o Sr. Valter Libânio<sup>15</sup>, o Vavá do Boi de Mainha. Uma tática infalível em resposta ao estatuto estabelecido pelas instituições (Prefeitura do Recife e CIPOMA) que, diante de uma estratégia burocrática, não conseguiu mobilizar esforços que garantissem a minha entrada na mata.

Tomei conhecimento das ações de Vavá por meio do Sr. Augusto Semente, e tive um primeiro contato com ele numa apresentação da agremiação que ele coordena. Vavá, que é residente no bairro do Ibura, mora próximo à mata, nas margens do Rio Moxotó e me garantiu que eu entraria na mata. Ele conversou com um dos moradores do bairro, Sr. Sérgio, que conhece bem os caminhos pela mata e agendou uma data para que eu pudesse conhecê-la. Enfim, entrei na mata!

#### c) As margens da mata: situação de contraste

A entrada na mata se deu no dia 21 de outubro de 2017. Numa manhã ensolarada, reuni alguns colaboradores a saber: O Professor Edilson Fernandes de Souza, meu orientador nesta pesquisa; Professor Leonardo Luizines de França Cavalcante, gentilmente assistente nesta pesquisa; e o Engenheiro Alexandre Andrade dos Santos, responsável pela captação de imagens fotográficas durante a trilha. Fui com eles para a casa do Sr. Valter Libânio da Silva (o Vavá do Boi de Mainha) no Bairro do Ibura, onde me encontrei com o Cinegrafista da TV Mangue, Sr. Hiran, contratado para registrar a caminhada pela mata.

De lá fui com o coletivo ao encontro do Sr. Sérgio, um morador do bairro do Ibura que conhece a mata e serviu de guia nesta missão. Segui com eles em direção à mata para iniciar a trilha, tomando um acesso pelo sul da mata, no Bairro do Ibura, ao lado do SESI (Serviço Social da Indústria) e margeando o Rio Moxotó, por onde efetivamente se deu a entrada na mata.

---

<sup>15</sup> Morador do Bairro do Barro. Organizador da Agremiação O Boi de Mainha. Figura como um dos sujeitos entrevistados nesta tese.

Ali já era possível perceber a beleza que a mata reserva, a exemplo de uma garça que, com sua exuberância, lançou vôo em nossa frente e pousou nas plantas para observar nossa movimentação.

Em contraste a esta cena, percebi uma triste paisagem: o rio Moxotó, poluído, confundindo-se com um esgoto a céu aberto e várias casas construídas na margem do rio, denunciando sérios problemas habitacionais.

A fotografia 4, a seguir, mostra as imagens captadas no início da trilha na mata e ilustram bem essas situações.

Fotografia 4 – Situações de contraste na mata



Fonte: Santos (2017a)

No caminho, um lado era mata e o outro era o rio. O lixo era percebido espalhado pelo caminho, mas, segundo o Sr. Sérgio, o lixo vem de outras comunidades, carregado pelas chuvas; o rio, lamentavelmente, dava a impressão de um esgoto a céu aberto. Em uma das margens do rio, várias casas construídas, indicavam a situação de pobreza ou mesmo de miséria em que se encontra a população daquela região. Essas palafitas encontradas na margem do rio onde se viam esgotos ali desembocando, indicam dois graves problemas sociais: a falta de política habitacional efetiva, e a falta de saneamento básico.

Nesta paisagem complexa - em que a natureza primária (aqui representada pela garça e pelo próprio rio) e a natureza humana, encontram numa relação indissociável, e juntas se veem diante da dimensão social (aqui representada pela deficiente política de habitação e de saneamento) aumentando ainda mais a complexidade das relações entre os seres e o ambiente, - percebi a ocorrência de sinais que denunciam a degradação do homem e do meio.

Isto me fez refletir sobre o pensamento dos sujeitos que se preocupam com algo elementar: A real necessidade de preservação e conservação da Mata do Engenho Uchoa e a luta em defesa da dignidade humana.

Pensamento complexo que somente um sujeito ecológico<sup>16</sup> (CARVALHO, 2011) pautado na perspectiva de uma Educação Ambiental Crítica<sup>17</sup> ou Transformadora (LOUREIRO, 2011, 2004; LIMA, 2009, 1999) consegue perceber e mobilizar ações táticas capazes de “entrar” na luta em defesa da mata e promover transformações.

d) Avançando na trilha: as sensações ao entrar na mata, o mangue e o dendezal.

Deixando as margens, percebi logo outras características da mata: o silêncio e o frescor. Acostumado com a poluição sonora e as altas temperaturas do cotidiano na vida urbana, senti um silêncio significativo que aos poucos foi sendo substituído pelo canto das aves e dos sagüis e pelo barulho das folhas secas caídas ao chão a cada passo que eu dava. O frescor também era percebido na pele e ao respirar.

Segui, junto com a equipe, desviando entre os galhos das árvores, para o interior da mata numa trilha que durou cerca de 2 horas e 40 minutos.

A primeira parada na mata foi para observar a área de mangue, ocasião em que o Sr. Vavá explicou as ações por ele coordenadas em favor da mata<sup>18</sup>. É para lá que Vavá, pelo menos uma vez por ano, leva os caranguejos e povoa a mata, recompondo o ecossistema. Esta ação de Vavá é vista como uma contribuição para a comunidade que, de tempos em tempos, entra na mata para caçar caranguejo no mangue. O caranguejo serve para a alimentação e geração de renda.

Bem próximo do manguezal vimos um bambuzal. O bambu inclusive serve de matéria prima para confecção de artigos de decoração e utilidades do cotidiano. Ele é uma opção de geração de renda para artesãos da comunidade que fazem uso sustentável dele, sem causar danos à mata, pois retiram de lá apenas os que já estão caídos ao chão para uso na confecção de seus objetos.

---

<sup>16</sup> O capítulo 5, seção 5.5.5, problematiza este conceito.

<sup>17</sup> Loureiro (2011, 2004) e Lima (2009, 1999) entendem a educação ambiental a partir de dois grandes blocos: um conservador (hegemônico) que agrupa as vertentes tradicionais. É reducionista, a-crítico, a-social e a-histórico. E outro crítico ou transformador (contra-hegemônico) onde se situam as vertentes transformadoras da educação ambiental. É pautado na complexidade, criticidade, contextualização sócio-histórica e participação política.

<sup>18</sup> No capítulo 6 apresento as ações executadas por Vavá em prol da mata e da comunidade.

Seguindo pelo bambuzal logo vimos um dendezal bastante definido. O dendê, a exemplo do caranguejo, também é usado na alimentação e geração de renda para a comunidade e dentre as entrevistas realizadas ele é uma das categorias citadas pelos sujeitos. Sobreleva dizer que tanto no bambuzal como no dendezal temos exemplos clássicos da ‘fabricação’ (CERTEAU, 2011) de saberes na mata, inclusive como táticas mobilizadas pelos cidadãos no enfrentamento do cotidiano de lutas pela sobrevivência diante das estratégias governamental que só corroboram com o aumento do desemprego. A fotografia 5, a seguir, mostra uma área de dendezal que vale a pena conferir.

Fotografia 5 – Dendezal na Mata do Engenho Uchôa



Fonte: Santos (2017a)

O dendezal é uma característica marcante da mata. Ele é lembrado na fala de um dos moradores do bairro do Tejipió que nos concedeu entrevista: o Professor Ronei<sup>19</sup>, que também é Babalorixá, no terreiro de Ogun, no bairro onde mora. Ele nos fala da importância do dendê:

Está vendo essas folhinhas assim parecendo uma cortina? Isso é da folha do dendezeiro. A gente desfia, ela quando vai ficando seca ela fica assim parecendo uma cortina! É muito importante para o candomblé, é importante para os filhos de ogun, até é uma obrigação tem que ter algumas folhas de dendê junto. E eu já vi muito o pessoal

<sup>19</sup> No capítulo 6 discuto mais detalhes da entrevista com o Professor e Babalorixá Ronei Prado.

ali de Uchôa tirando o Dendê pra vender ou pra levar pra casa para comer. Geralmente eles botam no feijão e tem um gosto muito bom. Tem muito pé de Dendê, tem muito! Eu mesmo já tirei um bocado. Quando eu vejo aqui eu sempre tiro porque o pessoal daqui gosta muito. Eu não como, eu não gosto muito não. Mas muita gente aqui gosta e eles sempre tiram pra comer, eles gostam de botar no feijão e comer (PRADO, 2018)<sup>20</sup>.

Como se percebe, além de possuir características marcantes na mata, o dendezal possui importância para a alimentação humana além de ser usado nos cultos aos orixás, indicando para a presença no sagrado<sup>21</sup> na mata, sendo indispensável nos rituais de candomblé, segundo Ronei. Ele mostrou com satisfação uma cortina feita das folhas do dendê no seu terreiro.

Além disso, o dendê também serve como fonte de renda para a comunidade que entra na mata para colher o fruto e o leva para o comércio local.

e) Continuando o percurso: a restinga, a fonte inesgotável de água pura e os sinais de degradação da mata.

Saindo da região do dendezal encontrei outro bioma: A Restinga. Com imagens bastantes características ela constitui uma área de destaque no interior da mata. Ali encontramos uma pequena população de Aracá (ver figura 6), um arbusto muito cultuado pelos integrantes do Movimento em Defesa da Mata, que no passado organizaram um jornal e deram o título de Araçá da Mata (ANEXO B), e inclusive, aparece na letra do hino da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia<sup>22</sup>.

Fotografia 6 – O formigueiro e o buraco do tatu na mata.



Fonte: Santos (2017a)

<sup>20</sup> A entrevista completa consta no Apêndice U.

<sup>21</sup> O capítulo 6, apresenta uma discussão sobre o sagrado na mata.

<sup>22</sup> Detalhes sobre a Troça serão discutidos no capítulo 6.

A caminhada pela restinga é uma trilha ascendente, que nos leva a uma região montanhosa na mata. Ao chegar ao meio da montanha, estava sol forte. Encontramos uma fonte de água. Esta fonte teria servido no século passado para os antigos moradores de um engenho que havia naquelas terras. Provei da água: ela é fresca, inodora e agradável de beber. Foi como um combustível para chegar ao topo da região elevada dentro da mata, nas proximidades da BR 101, de onde era possível, em razão da altura, ver vários bairros do entorno da mata.

Mas, nem tudo era agradável de ser ver. Ao olhar em volta percebi sinais de degradação manifestados na forma de queimadas ou erosão.

De fato, a mata é alvo de constantes acidentes. Há vários registros de incêndio na mata e de tentativas de derrubadas para dar espaço às imobiliárias de construir condomínios de luxo, ao ponto de chegarem a lotear a mata, conforme vimos no local. Uma das moradoras do bairro do Barro, Professora Jacilda Nascimento, em entrevista concedida para esta tese, registrou que:

o alerta maior mesmo foi em 79 quando a Odebrech comprou - não sei a negociação - pra construir os condomínios de luxo. Foi quando o grupo se reuniu e: Vamos tomar uma ação! Aí fomos atrás de políticos, atrás dos moradores, pra preservarmos o que era nosso (NASCIMENTO, 2017<sup>23</sup>).

Na mata identifiquei um demarcador de loteamento, conforme fotografia 7:

Fotografia 7 - Demarcadores de lotes no interior da mata.



Fonte: Santos (2017b).

---

<sup>23</sup> A entrevista completa consta no Apêndice I.

f) Retornando da trilha: a riqueza da fauna e flora, a área de pântano e o casarão abandonado.

Após estas observações retornei com o grupo seguindo em direção ao sul e mais à frente seguindo para o norte da mata. Ao caminhar nesta direção, Sérgio me mostrou o cajueiro roxo (*Anacardium occidentale*), uma planta cuja casca, segundo ele, é muito importante pela sua ação antiinflamatória. De fato, a casca do caju-roxo

possui ação antiinflamatória, cicatrizante, antiglicemiante, bactericida, antimicrobiana, hemostática, antiescorbútica, antiumoral, expectorante e analgésica, e seu uso é indicado nos casos de diabetes, tosses, bronquite, escorbuto eczemas, pancadas, inflamação na garganta, úlceras frieiras diarreias, e feridas (SOUZA, 2013, p. 16).

Assim como o cajueiro roxo, há na mata várias outras espécies de plantas que servem como remédios para diversos tipos de doenças.

A fauna e a flora representa alguns dos aspectos em que a mata é rica. A mata possui uma diversidade de animais e plantas, tendo sido catalogadas por pesquisadores, várias espécies de aves dentre as quais o anú, o rouxinol, besouro (importante polinizador), sabiá, canário amarelo, gavião e beija flor. E várias espécies arbóreas a exemplo da macaíba, dendê, embiriba, sapucaia e sucupira (ANEXO C).

A variedade de folhas que são encontradas na mata serve, inclusive, para oferendas<sup>24</sup> aos orixás que são realizadas dentro da mata ou nos próprios terreiros existentes nos bairros do entorno da mata.

Seguindo a trilha interrompemos por alguns instantes a caminhada para observar um achado que me chamou a atenção: a ocorrência de uma área com características de um pântano, no interior da mata, indo em direção ao norte. O achado foi registrado conforme fotografia 3d, já apresentada no início desta seção (subitem 4.4.1 a).

Mais adiante, alcancei outra meta, que era conhecer um casarão existente no interior da mata. Ao chegar lá foi feito o seu registro, conforme fotografia 8 a seguir:

---

<sup>24</sup> No capítulo 6 será discutida a presença do sagrado na mata.

Fotografia 8 - Ruínas do casarão encontrado no interior da mata.



Fonte: Santos (2017a).

Ao chegar neste ponto fiquei observando a arquitetura do casarão. Em razão das condições permitirem acesso ao seu interior, entrei nele. Ele apresentava paredes bastante largas, medindo cerca de 40 centímetros; altura em torno de 3 a 4 metros, numa área construída de aproximadamente 160m<sup>2</sup>, com paredes rebocadas, apresentando alguns poucos tijolos aparentes e um revestimento do piso com blocos também espessos com cerca de 3 centímetros.

Não imaginei que teria acesso ao interior do casarão em razão de sua localização e do abandono. Por este motivo não estava munido de instrumentos de medição, de forma que as medidas aqui expressas são apenas tentativas de aproximação do real.

Ao observar a bela paisagem e imaginar a riqueza que aquele patrimônio representa do ponto de vista histórico e arquitetônico para o estado de Pernambuco, fiquei me perguntando: Em que época este casarão foi construído ? Quem morou nele?

Tudo o que consegui a seu respeito é que ele teria sido construído pela Construtora Odebrech, provavelmente, na segunda metade do século XX, segundo informações de uma das ex-moradoras da mata, a Senhora Olívia da Conceição e a Professora Jacilda Nascimento. Mas não sabemos quem morou nele. Em entrevista para esta tese, falando sobre as terras da Mata do Engenho Uchôa, Olívia nos

contou que “a Odebrech tinha comprado aquilo ali” (...) comprou isso aí, essas terras todinha, fez um casarão muito bonito... só tem lá as paredes (SANTOS, 2017)<sup>25</sup>.

Segundo Olívia, lá dentro da mata havia casa à vontade e morava bastante gente. Ela lembra que

bastante gente chegava lá em casa procurando os meninos, os meninos (risos) os meninos fugiam pra dentro mata aqui (risos) é os meninos! (risos), os meninos! os meninos iam pra mata e eles chegavam procurando: Tu visse os meninos por aqui ? Eu disse: Passou um menino moreninho assim, magrinho, né? Eles disseram é? Eles tá pra cá, pra dentro, pra cá! Aí eles foi procurar eles. Quando chegou lá eles chega estavam com o calção rasgado de tanto correr na barreira, ... uma barreira “assim” olha (bastante inclinada)! Aí subia lá cima e descia (risos, risos...) (SANTOS, 2017).

Lamentando, completa dizendo que “depois houve um negócio, um reboiço lá, e aí saíram derrubando as casas, ai derrubou e só ficou a minha” (SANTOS, 2017)

Após conhecer o casarão na mata, saí em retirada com o grupo, retornando ao ponto de origem, ao sul da mata, próximo ao SESI, onde foi encerrada a trilha, com a satisfação de ter conhecido um dos mais belos patrimônios histórico, geográfico, arquitetônico, biológico, ecológico, ambiental, social e cultural que é a Mata do Engenho Uchôa.

Mas, as características da mata ainda não se resumem nestas questões. Há um tópico a ser discutido, conforme segue.

g) Os rios que banham a mata e o seu entorno.

A Mata do Engenho Uchôa, é banhada pelos rios Tejipió e Moxotó, dentre outros que vimos margeando a avenida Dom Helder Câmara, antiga avenida Dois Rios, no bairro do Ibura de baixo.

Sobrevoando a mata, fazendo uso da tecnologia do Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT) também conhecido popularmente como Drone, foi possível captar imagens inéditas do Rio Tejipió que, embora poluído, apresenta-se exuberante. A bela paisagem ilustrada pela fotografia 9 a seguir, mostra um trecho desse rio localizado nas imediações do bairro do Barro:

---

<sup>25</sup> A entrevista completa consta no Apêndice C.

Fotografia 9 – O Rio Tejipió.



Fonte: Recife (2017); Organização: Santos (2017b)

A bela paisagem, no entanto, não reflete a qualidade do rio. A situação em que se encontra o rio Tejipió (fotografia 9) e outros rios do entorno da mata, requer cuidados e exige políticas públicas efetivas de forma a reverter ou mitigar os efeitos da poluição, contaminação, assoreamento, ocupação das margens e extinção de espécies que têm neles o seu habitat natural.

Quando vêm as chuvas, a comunidade do entorno sofre com as enchentes e sobre este aspecto Sr. Vavá, um dos moradores do bairro do Ibura, que concedeu entrevista para esta tese, diz:

a gente tem um grande problema que são as enchentes, aqui no Ibura de Baixo. “Ibura” quer dizer, em Tupi Guarani, “Água”. Então aqui, o nome das ruas são todos nomes de rios: Rio Moxotó, Rio das Pedras, Riacho, todas nomes de água, quem botou não sei, mas é tudo nome de rio. Se você pesquisar o nome é tudo água. Avenida Dois Rios..., Então o grande problema daqui da gente é quando chega o inverno que alaga tudo. O Ibura para. Para tudo. Então o grande problema, principal, crucial, é isso aí. Aí o governo não toma providencias né? Já estamos começando o canal mas começa para, começa para, começa para, já estamos em 2017 e trezentos metros de canal que são se acaba (SILVA, 2017)<sup>26</sup>.

Encerro esta seção com esta fala do Sr. Vavá, que também reflete as inquietações de outros moradores dos bairros vizinhos ao apontarem as enchentes como situações que geram transtornos para a comunidade.

<sup>26</sup> A entrevista completa consta no Apêndice O.

Aqui reuni algumas características da Mata que consegui registrar ao percorrer a trilha. Do ponto de vista mais geral, a mata é caracterizada como uma Área de Proteção Ambiental (APA) que encerra em si uma variedade de espécies animais e vegetais. É caracterizada pela presença de 4 biomas (mata atlântica, mangue, restinga e pântano) e de difícil exploração do ponto de vista de visita técnica, em razão de não haver mecanismo eficaz que a garanta.

O acesso à mata através do bairro do Ibura, nas imediações do SESI, apresenta situações de contraste onde a bela paisagem de mata atlântica em que uma garça exhibe seu vôo rasteiro, coexiste ao lado de uma comunidade carente, com humildes casas construídas nas margens do rio Moxotó, o qual apresenta sinais de poluição que permite falar num verdadeiro esgoto a céu aberto, denunciando as injustiças sociais ali presente.

Já dentro da mata, dá pra sentir um clima agradável, um silêncio que vai dando lugar aos cantos das aves e dos sagüis, transmitindo uma sensação de tranqüilidade. Avançando para o seu interior, o contato com o mangue, com a restinga e com a área de pântano, oferece uma distração que nos faz esquecer a vida lá fora. A fonte inesgotável de água pura mostra a força de uma mata que tem resistido às queimadas e às investidas de seu retalhamento em lotes para construção de condomínios, denunciando que ela tem sofrido com a degradação.

O casarão abandonado, porém, encontrado no seu interior, parece refletir a situação de desprezo em que se encontra a mata. Já o Rio Tejipió, mesmo com a poluição que o degrada, ainda se mostra exuberante quando visto do alto em conjunto com outros elementos que compõem o bioma.

Tendo sido apresentadas estas importantes características da mata, entendo ser igualmente importante caracterizar o seu entorno. A seção a seguir é uma tentativa de dar conta desta tarefa.

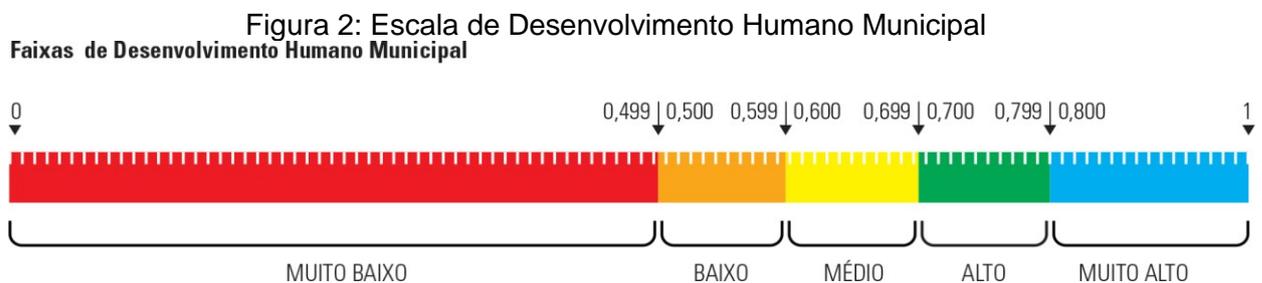
#### 4.1.2 Caracterizando o município do Recife e os bairros do entorno da mata

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)<sup>27</sup>, indicam que a Cidade do Recife possui uma área de unidade territorial de 218.435 km<sup>2</sup>, onde reside uma população de 1.537.704 pessoas, o que equivale a uma densidade demográfica de 7.039,64 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal<sup>28</sup> (IDHM) para o município do Recife é de 0,772, considerado alto, enquanto o do estado de Pernambuco é de 0,673, portanto considerado médio, de acordo com a metodologia de cálculo do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (RECIFE, 2005).

Esses dados implicam dizer que o município do Recife goza de um alto índice de IDHM, uma vez que a metodologia indica que numa escala de 0 a 1, quanto mais próximo o indicador estiver do índice 1, maior será o desenvolvimento humano do município, muito embora, haja uma significativa e notória diferença de classe econômica de um bairro para o outro, ou até mesmo dentro do próprio bairro.

A figura 2, a seguir, mostra a Escala de Desenvolvimento Humano Municipal e nos ajuda a compreender esta metodologia:



Fonte: Atlas Brasil, 2017<sup>29</sup>.

De fato, o IDHM na ordem de 0,772 é considerado alto conforme se observa na leitura da escala acima. Embora o município do Recife tenha um alto índice de IDHM, isto não é válido, naturalmente, de forma hegemônica para todos os seus

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=2611606>, acesso em 21.07.2017.

<sup>28</sup> O IDHM é um indicador socioeconômico dos municípios brasileiros cujo cálculo foi realizado a partir de informações dos 3 últimos censos demográficos do IBGE (1991, 2000, 2010), e considera 3 dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. (Fonte: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o\\_atlas/idhm/](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/))

<sup>29</sup> Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o\\_atlas/idhm/](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/). Acesso em 29 de julho de 2017.

bairros e nem para todas as regiões político administrativas que compõem o município.

Atualmente, para efeito de planejamento, os 94 bairros da cidade do Recife, estão distribuídos em 6 (seis) Regiões Político Administrativas (RPAs), legalmente instituídas pela Lei 16.293/97. Um dado a ser considerado é que a cidade está inserida em uma malha urbana heterogênea, dada a diferença de classes sociais, onde o IDHM, teoricamente deve variar substancialmente entre as 6 RPAs<sup>30</sup>.

O mapa 1, a seguir, nos ajuda a identificar estas regiões no município:

Mapa 1 - O município do Recife e suas RPA's



Organização: Cavalcanti (2017)

Percebe-se neste mapa o município do Recife dividido em 6 RPA's, e alguns municípios que fazem parte da região metropolitana (Paulista, Camaragibe, Olinda,

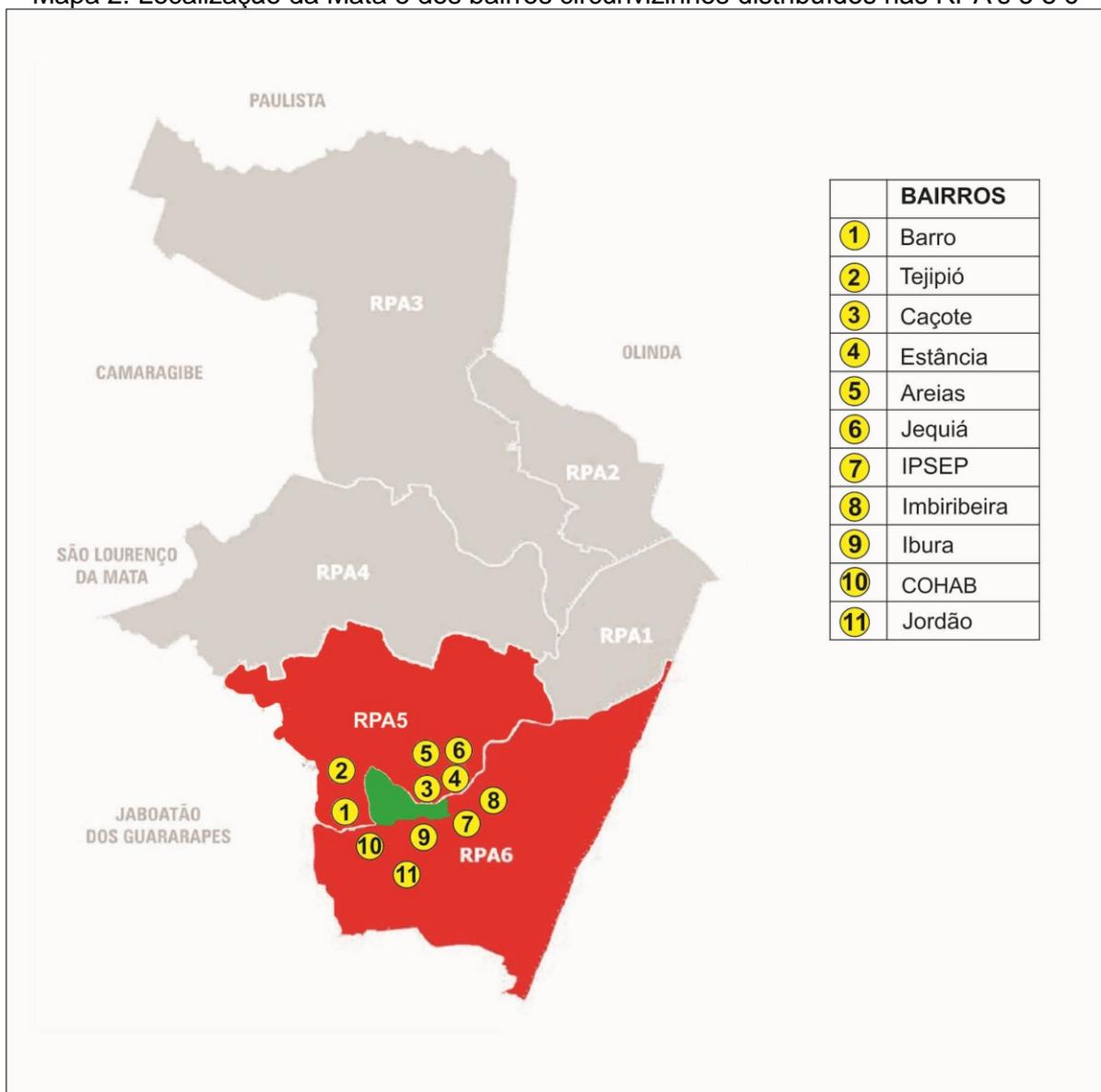
<sup>30</sup> Tentei identificar o IDHM para cada RPA mas não encontrei esta informação disponível.

São Lourenço da Mata e Jaboatão dos Guararapes). Observa-se ainda, que as RPA's 5 e 6, destacadas em vermelho, estão situadas na zona oeste do município do Recife e é lá, entre elas, que a mata está localizada.

A Mata do Engenho Uchôa, está situada na bacia do Rio Tejipió, tem em seu entorno 11 bairros, a saber: Ibura, Caçote, IPSEP, Areias, Barro, Tejipió, Estância, Cohab, Jiquiá, Imbiribeira e Jordão, os quais estão distribuídos nas RPAs 5 e 6.

O mapa 2, a seguir, mostra as RPAs 5 e 6 no Município do Recife, e nelas os 11 bairros que recebem influência da Mata que também vem ali destacada na cor verde:

Mapa 2: Localização da Mata e dos bairros circunvizinhos distribuídos nas RPA's 5 e 6



Organização: Cavalcanti (2017)

Podemos observar no mapa 2 que a mata ocupa um território na linha limítrofe das RPA's 5 e 6 (ver área destacada na cor verde). Os bairros que fazem parte de seu entorno gozam de um clima diferenciado das outras regiões em razão da vegetação característica do bioma mata atlântica.

Neste sentido, as pesquisas científicas (ver estado da arte na seção 3.3) revelam, a partir de uma análise espaço-temporal, que a Mata do Engenho Uchôa, enquanto fragmento de Mata atlântica localizado na Cidade do Recife, é reconhecida como importante área de desenvolvimento da biodiversidade e de garantia para o conforto térmico da área urbana (OLIVEIRA et al, 2011), sensação que pode perceber ao entrar na mata.

No quadro 3 a seguir, apresento alguns perfis característicos das RPAs 05 e 06 e dos 11 bairros que se localizam no entorno da mata:

Quadro 3 – Características das RPA's 5 e 6<sup>31</sup>

RPA	Bairro	IDHM da UDH (2010)	Taxa de alfabetização da população de 10 anos e mais (%)	Densidade demográfica (hab/m <sup>2</sup> )
RPA 5	CAÇOTE	ND	91,4	227,89
	BARRO	ND	92,1	70,09
	TEJIPIÓ	ND	96,3	94,63
	AREIAS	ND	95,3	124,51
	ESTANCIA	ND	91,5	114,44
	JIQUEIÁ	ND	92,6	60,22
<b>Densidade Demográfica Média para a RPA 5</b>				<b>115,2967</b>
RPA 6	IBURA	0,732	91,6	49,69
	IPSEP	ND	97,3	139,27
	COHAB	ND	92,6	92,60
	IMBIRIBEIRA	ND	91,6	72,85
	JORDÃO	ND	92,4	131,49
<b>Densidade Demográfica Média para a RPA 6</b>				<b>97,18</b>

Legenda: ND – Não Disponível

Fonte: O autor, 2017.

Na leitura do quadro 3, veja que a RPA 5 comporta o bairro mais populoso (Caçote) com, aproximadamente, o dobro da média da densidade demográfica ,

Já a RPA 6 comporta o bairro menos populoso (Ibura) com, aproximadamente, a metade da média da densidade demográfica calculada para esta RPA correspondente a 97,18 hab/m<sup>2</sup>

Este desequilíbrio na densidade demográfica entre as RPA's 5 e 6 e entre os próprios bairros que as compõem, aponta para a ocorrência de uma

<sup>31</sup> Dados brutos disponíveis em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros>. Acesso em 29 de julho de 2017.

heterogeneidade bastante significativa, sobretudo, se for levado em consideração o bairro do Caçote que conta com uma taxa elevadíssima, com possível impacto na redução do índice de alfabetização, calculada no percentual de 91,4%, conforme mostra o mapa. Este dado coloca o bairro como o de menor índice de alfabetização dentre todos os que estão no entorno da Mata do Engenho Uchôa, o que convida a pensar em ações voltadas especificamente para a população local.

O fato é que, observando por meio da visita *in loco* durante caminhada pelos bairros do entorno da mata, percebi que há realmente uma visível diferença de classe social se for levada em consideração a infraestrutura identificada entre o bairro do Barro e do Ibura, por exemplo. Comparando um com outro, é perceptível a diferença pelas ruas: no Barro, a maioria das ruas são asfaltadas e, no Ibura, muitas delas não tem calçamento. Há diferenças na construção das casas: no Barro, elas são mais afastadas das margens dos rios enquanto que, no Ibura, há construções de casas praticamente dentro dos rios.

Imagens registradas em caminhada pelos bairros também evidenciam que os espaços de lazer (campo de futebol, quadra de futsal e voley) apresentam estruturas mais conservadas no bairro do Barro em comparação com o bairro do Ibura que, quando tem (só vi campo de futebol), é pouco conservado. A propósito, no bairro do Caçote não encontrei espaços de lazer desta natureza.

Estas e outras diferenças infraestruturais aparecem entre os outros bairros quando comparados entre si, seja na arquitetura das residências (casas humildes e até mesmo palafitas e outras mais luxuosas), seja no esgoto que corre “a céu aberto” (mais comum nos bairros do Ibura e Caçote, diferentemente dos bairros do Barro e parte de Ipsep e Tejipió).

Não obstante, o serviço de transporte no bairro do Barro e Tejipió conta com estação de metrô, facilitando o acesso a este meio de locomoção aos seus moradores, diferente daqueles mais carentes que residem noutros bairros como o Ibura e Caçote por exemplo.

Esta breve descrição, obtida inclusive a partir das minhas observações em caminhadas pelos bairros do entorno da mata, é sugestiva de uma notória diferença de classe econômica de uma RPA para a outra, de um bairro para o outro, e até mesmo dentro de um próprio bairro.

Acreditando terem sido apresentadas neste tópico, algumas características da Mata e dos Bairros localizados no seu entorno, entendo também ser relevante

conhecer a implantação do conselho gestor e o plano de manejo da mata, razão pela qual reservei o tópico a seguir para dar conta desta tarefa.

#### 4.2 A IMPLANTAÇÃO DO CONSELHO GESTOR E O PLANO DE MANEJO DA MATA

Conforme apresentadas no capítulo anterior as informações constantes do quadro 1: Produções técnicas se referem à estratégia de criação e implantação do conselho gestor e a elaboração do plano de manejo da Mata e que serão analisados nesta seção.

Com relação ao Plano de Manejo eu já tinha conhecimento de sua existência em razão de ter participado da sua construção, mas com relação ao trabalho de implantação do Conselho Gestor contei com o auxílio da plataforma Google Acadêmico, como já problematizado no capítulo 3, para chegar até ele. Aqui recorri à análise documental como procedimento metodológico que consiste na recolha de dados em documentos, como elementos de prova ou produção de conhecimento histórico (SOUZA, 2011). Os documentos analisados foram os que estão relacionados no quadro 4, conforme segue:

Quadro 4 - Trabalhos de natureza técnica

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano de publicação</b>
Estratégia para criação e implantação dos conselhos gestores.	PERNAMBUCO, Governo do Estado.	2012
Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa.	PERNAMBUCO. Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade.	2013

Fonte: O autor (2017)

Passando a analisar os documentos, vi que o trabalho técnico intitulado “Estratégia para criação e implantação dos conselhos gestores das Unidades de Conservação (UCs) de Pernambuco” (PERNAMBUCO, 2012) é uma publicação conjunta do Comitê Executivo para Criação e Implantação de Unidades de Conservação de Pernambuco (criado pelo Decreto nº 36.627/2011), e do Governo do Estado de Pernambuco por meio da Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH) e da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade.

O referido trabalho define as estratégias para criação e implantação dos conselhos gestores para as 68 Unidades de Conservação do Estado de

Pernambuco, das quais 32 são de Proteção Integral e 36 de Uso Sustentável mas apenas 2 (duas) delas (dados de 2012) possuem Plano de Manejo (PM).

Importante registrar que em atendimento ao disposto na Lei Estadual nº 13.787, de 08 de junho de 2009, que estabelece o Sistema Estadual de Unidades de Conservação da Natureza (SEUC), o Governo de Pernambuco partiu para a elaboração de três planos de manejos cuja proposta foi testada e validada em três áreas pilotos: Reserva de Floresta Urbana Mata de Passarinho, Refúgio de Vida Silvestre da Mata do Engenho Uchôa e Parque Estadual Mata da Pimenteira. A proposta é dar continuidade a este processo com a elaboração dos Planos de Manejo para todas as UCs estaduais localizadas na Região Metropolitana do Recife que possuem conselhos gestores instituídos<sup>32</sup>.

Dados de 2013, segundo CPRH<sup>33</sup>, indicam que o estado de Pernambuco possui 81 Unidades de Conservação, sendo 40 de proteção integral e 41 de uso sustentável. Atualmente, porém, dados publicado em jornal local<sup>34</sup> indicam que em 2017, o estado somava 82 Unidades de Conservação das quais 10 (dez) delas já possuíam seu Plano de Manejo.

O próprio documento (PERNAMBUCO, 2012), estabelece a criação de Unidades de Conservação do Bioma Caatinga, a Criação dos Conselhos Gestores das UCs Estaduais, a elaboração dos seus Planos de Manejo e a implantação de estruturas administrativas.

Em razão do grande número de Unidades de Conservação o comitê definiu as etapas para criação e implantação dos conselhos gestores:

1ª Etapa: Agrupamento das UCs por elementos comuns. Inicialmente, elas foram divididas em Unidades da Caatinga e Unidades da Região Metropolitana do Recife (RMR). Na sequência, para otimizar os trabalhos de criação dos conselhos das UCs da RMR, elas foram agrupadas de acordo com a sua proximidade e semelhança de cenário em 8 grupos, conforme quadro 5 a seguir:

<sup>32</sup> Conforme Edital nº 02/2013 de chamamento público para seleção de projetos para elaboração de Planos de Manejo de Unidades de Conservação de Pernambuco. Disponível em: [http://www.cprh.pe.gov.br/ARQUIVOS\\_ANEXO/EDITAL%20UCs%20MUNICIPAIS%20FINAL.pdf](http://www.cprh.pe.gov.br/ARQUIVOS_ANEXO/EDITAL%20UCs%20MUNICIPAIS%20FINAL.pdf) Acesso em 09.08.2018, às 20h22min.

<sup>33</sup> [http://www.cprh.pe.gov.br/Unidades\\_de\\_Conservacao/descricao\\_das\\_unidades/41788%3B48981%3B5001%3B0%3B0.asp](http://www.cprh.pe.gov.br/Unidades_de_Conservacao/descricao_das_unidades/41788%3B48981%3B5001%3B0%3B0.asp). Acesso em 09.08.2018, às 20h44min.

<sup>34</sup> <https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2017/03/21/NWS,21724,70,449,NOTICIAS,2190-UCS-DEZ-TEM-PLANO-MANEJO.aspx>. Acesso em 09.08.2018, às 20h55min.

Quadro 5: Lista de unidades de conservação por grupo.

<b>GRUPO</b>	<b>UNIDADES DE CONSERVAÇÃO</b>
G1 – Suape	PqE Mata do Zumbi PqE Mata de Duas Lagoas FURB Mata de Camaçari
G2 - Aldeia Beberibe	APA Aldeia Beberibe RVS Mata da Usina São José RVS Mata de Quizanga RVS Mata de Miritiba
G3 – Urbano	FURB Mata do Passarinho FURB Mata de Dois Unidos FURB Mata do Engenho Uchôa FURB Mata do Janga FURB Mata de Jaguarana FURB Mata de São Bento
G4 – Gurjaú	RVS Matas do Sistema Gurjaú RVS Mata do Engenho Salgadinho RVS Mata do Conta-açude RVS Mata de Bom Jardim RVS Mata de Caraúna
G5 – Jaboatão	RVS Mata do Curado RVS Mata de Mussaíba RVS Mata de São João da Várzea FURB Mata de Jangadinha FURB Mata de Manassú
G6 – Tapacurá	RVS Mata de Camucim RVS Mata de Tapacurá RVS Mata do Outeiro do Pedro RVS Mata do Toró RVS Mata do Engenho Tapacurá RVS Mata do Engenho Moreninho
G7 – Serras	RVS Mata do Urucu RVS Mata do Cumaru RVS Mata da Serra do Cotovelo
G8 – Santa Cruz	APA de Santa Cruz RVS Mata do Lanço dos Caçães RVS Mata de Jaguaribe RVS Mata do Amparo RVS Mata do Engenho Macaxeira RVS Mata do Engenho São João RVS Mata de Santa Cruz

Legenda: Parque Estadual: PqE, Reserva de Floresta Urbana: FURB; Área de Proteção Ambiental: APA, Refúgio de Vida Silvestre: RVS.

Fonte: PERNAMBUCO (2012, p. 5). Adaptado pelo autor (2018)

Conforme demonstra o quadro 5, a Mata do Engenho Uchôa está agrupada no G3-Urbano e classificada como Reserva de Floresta Urbana.

2ª Etapa: Mobilização dos Atores: Previu uma reunião preparatória e aberta a toda a sociedade e apresentação da metodologia de trabalho. Depois, reuniões setoriais com representantes institucionais (Instituições de ensino superior e pesquisa,

ONGs, Setor Produtivo, Prefeituras e Lideranças Comunitárias, obedecendo a um calendário que teve início aos 29/02/2012 e término em 03/04/2012.

3ª Etapa: Composição e criação dos Conselhos Gestores, cuja composição básica previa representantes de entidades do poder público e da sociedade civil, buscando-se sempre a paridade.

4ª Etapa: Capacitação dos Conselheiros, prevista após a posse dos conselheiros, e por meio partir de oficinas de capacitação, com o intuito de que cada conselho pudesse elaborar seu regimento interno e se apropriar da situação das suas unidades de gestão.

5ª Etapa: Estrutura Administrativa: Ficou a cargo do Governo do Estado, como apoio de prefeituras locais e outras entidade, buscar parcerias para viabilizar estrutura para a administração e desenvolvimento dos trabalhos de gestão das UCs., das quais a Mata do Engenho Uchôa aparece como Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Foi a partir da proposição deste trabalho técnico que se tornou possível a construção do plano de manejo para a Mata do Engenho Uchôa, do qual eu participei de algumas reuniões para a sua construção.

O Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa (PERNAMBUCO, 2013), estabelece o seu zoneamento e as normas de utilização e manejo dos recursos naturais. Nele, busca-se explicitar alguns procedimentos imprescindíveis à garantia de uma adequada proteção à diversidade biológica e dos ecossistemas, mediante o estabelecimento de regras para a utilização humana destas unidades de conservação (PERNAMBUCO, 2013).

O documento que, inclusive, inicia com uma abordagem historiográfica sobre a Mata do Engenho Uchôa, resultou do trabalho coletivo de uma equipe técnica, envolvendo gestores e servidores do poder público estadual e municipal, além dos atores sociais que diariamente enfrentam conflitos inerentes à conservação da natureza.

O trabalho está estruturado em 2 partes. Na primeira é feito um estudo sobre a caracterização do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa, onde é discutida a caracterização do município do Recife; localização do RVS Mata do Engenho Uchôa; estudo dos aspectos físicos (geologia, clima e hidrografia); estudos dos aspectos legais da Mata e estudos dos aspectos biológicos (fauna e flora). Ademais, é feito um estudo da identificação das suas potencialidade e

vulnerabilidades, que podem ser resumidas conforme nos mostra o quadro 6 a seguir:

Quadro 6 - Potencialidades e vulnerabilidades do RVS Mata do Engenho Uchôa

Potencialidades
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mobilização social histórica em defesa da mata</li> <li>• Existência de um grande número de escolas na região</li> <li>• Representatividade cultural da região</li> <li>• Atuação positiva do conselho gestor da unidade</li> <li>• Possibilidade de significativa integração e participação da comunidade local</li> <li>• Potencialidade para o estabelecimento de convênios e parcerias</li> <li>• O Plano de Manejo</li> <li>• Capacidade de regeneração natural da mata</li> <li>• Possibilidade de formação de corredores ecológicos com fragmentos florestais existentes nas proximidades.</li> </ul>
Vulnerabilidades
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de estrutura física operacional para a equipe e equipe insuficiente</li> <li>• Área sujeita a forte especulação imobiliária</li> <li>• Falta de fiscalização e controle ambientais efetivos</li> <li>• Ausência de sinalização</li> <li>• Falta de integração com outras unidades de conservação existentes</li> <li>• Degradação da área pela ocorrência de incêndios florestais</li> <li>• Baixo conhecimento científico ou disponibilidade de pesquisas e estudos</li> <li>• Existência de áreas degradadas</li> <li>• Saneamento básico precário e insuficiente na área do entorno</li> </ul>

Fonte: O autor (2017)

No quadro 6, um dos itens que me chamou a atenção foi o baixo conhecimento científico ou disponibilidade de pesquisas e estudos sobre a área. Sobre isto, mostrei no capítulo anterior, que é muito limitado o número de pesquisas científicas que tem a mata do Engenho Uchôa como objeto de investigação.

Na segunda parte do documento é discutido o zoneamento da unidade de conservação, onde são apresentadas as bases conceituais, o zoneamento do refúgio e as normas gerais de uso. O documento também discute a gestão e monitoramento da unidade de conservação, o controle ambiental, a recuperação ambiental, os estudos e pesquisas científicas, a educação ambiental e integração com a comunidade e os recursos econômicos para apoio à gestão.

Da análise desses documentos técnicos produzidos sobre a Mata, vi a preocupação do poder público em estabelecer a criação de Unidades de Conservação (UC's) e definir o zoneamento e as normas de utilização e manejo dos

recursos naturais, o que, porém, não contempla os anseios da comunidade que deseja a desapropriação da mata e sua transformação um parque.

A Mata do Engenho Uchôa (que é uma Unidade de Conservação) está classificada como Reserva de Floresta Urbana (PERNAMBUCO, 2012) e, ao mesmo tempo, como Refúgio de Vida Silvestre (RVS).

Em síntese, os documentos destacam as características da Mata a partir dos seus aspectos físicos (geologia, clima e hidrografia) e também pelos seus aspectos biológicos (fauna e flora), e as suas potencialidades e vulnerabilidades, mesmo apesar da sua criação em UC, o que aponta para um cuidado especial com este patrimônio, não implicando, todavia, que devem ser implantadas barreiras para o seu uso pela população.

Com estas reflexões, encerro uma análise qualitativa dos trabalhos técnicos de implantação e criação do conselho gestor e Plano de Manejo da mata.

No próximo capítulo farei o registro historiográfico da trajetória da Mata, enquanto terras do Engenho Uchôa, até a sua transformação na APA do Engenho Uchôa Rusinete Taveira Falcão sem, no entanto, entrar no detalhamento das ações, tarefa que será objeto de discussão no capítulo subsequente.

## **5 DAS TERRAS DO ENGENHO UCHÔA À ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) ROUSINETE FALCÃO**

Neste capítulo apresento uma discussão em torno das terras do Engenho Uchôa até a sua transformação na Área de Proteção Ambiental (APA) Rousinete Taveira Falcão.

Embora o recorte temporal em que se desenvolve esta investigação se inicie no ano de 1979, com o surgimento do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, até os dias atuais, entendo ser relevante conhecer alguns registros historiográficos do Engenho Uchôa – terras que mais tarde dariam origem à Área de Proteção Ambiental (APA) Rousinete Taveira Falcão, reconhecida por meio da Lei Municipal nº 17.337/2007 (ANEXO A).

Início a investigação sobre esta questão a partir da análise documental dos elementos que compõem o acervo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP) e Museu da Cidade do Recife. Foram encontrados alguns (poucos) escritos e planta com a localização do Engenho Uchôa na cidade do Recife.

O percurso metodológico, para dar conta deste capítulo, envolveu visitas ao IAHGP e busca por informações nos elementos que compõem o acervo (fotografias, cartas, registro de imóveis, mapas, etc), disponíveis neste instituto e nos arquivos particulares de membros integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e no seu blog. Além desse acervo, recorri ainda à bibliografia sobre o assunto e às fontes orais por meio das entrevistas realizadas.

Aqui, a discussão considera a noção ampliada de documento tal como ensina Certeau (2011) e Le Goff (1994, p. 539). Este último afirma que, “em princípio, documento era sobretudo um texto” mas que essa noção de documento foi ampliada pelos fundadores da revista “Annales d’histoire économique et sociale” (1929). No entendimento desses historiadores não há dúvidas de que a história se faz com documentos escritos, quando eles existem, mas que pode e deve ser feita quando eles não existem.

Certeau (2011) e Le Goff (1994) também vêem a palavra documento sob o ponto de vista mais amplo, algo escrito, ilustrado, transmitido pelo som, imagem, ou de qualquer outra maneira. Para ambos, o interesse da memória coletiva e da história é por todos os homens e não apenas pelos grandes homens, ou pelos

grandes acontecimentos. Isto implica no surgimento de novos documentos. Documentos, que segundo Burke (1991), falam para além deles mesmos.

As visitas *in loco*, realizadas por ocasião de minhas caminhadas pela mata e seu entorno, permitiram registrar elementos das terras de engenho ainda presentes na APA do Engenho Uchôa Roussinete Taveira Falcão.

No que diz respeito às fontes orais, contactei um a um, cada sujeito componente do campo empírico (já indicado no capítulo introdutório), agendei uma conversa informal para exposição dos motivos que estariam me levando até eles e, na sequência, marquei as entrevistas e fiz uso do aparelho celular para captação de suas falas.

A opção pelas fontes orais como recurso metodológico, decorre de que

o trabalho da história oral junto aos segmentos populares resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pelos meios oficiais. À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm de suas vidas e do mundo ao redor (MONTENEGRO, 2010, p. 16).

Este entendimento de Montenegro reforça o propósito de se trabalhar com as fontes orais, por nos oferecer a convicção de que esta metodologia seria indispensável, considerando que o foco da pesquisa é o saber popular, o conhecimento tradicional, aquele mesmo que se faz presente no cotidiano dos sujeitos, em suas práticas, tal como apresentado por Certeau (1998).

Assim, a opção pelas fontes orais atende a intenção de registrar os saberes partilhados pelos sujeitos de pesquisa ao contar como se deu a trajetória da Mata, enquanto terras do Engenho Uchôa, até a sua transformação numa APA.

Este capítulo está estruturado em duas seções. A primeira discute um pouco a respeito da história do Engenho Uchôa e a segunda a APA do Engenho Uchôa Roussinete Taveira Falcão, conforme segue.

## 5.1 O ENGENHO UCHÔA

No dia 20 de maio de 2017, uma manhã ensolarada de sábado, por volta das 10h, cheguei ao IHGPE, com a intenção de coletar dados sobre o tema da tese, conforme fora previamente agendado por telefone. Na ocasião, fui recebido pelo

atendente na portaria, expliquei o que me interessava e ele me dirigiu ao Professor Renildo José Carneiro Leão.

Ao me identificar e explicar que o motivo de minha visita era a intenção de conhecer algo sobre o Engenho Uchôa, o Professor Renildo imediatamente falou que havia algo sobre o assunto, mas que não se tratava de muita coisa. E foi buscar o material nas estantes.

Primeiramente me foi apresentado um Dicionário escrito por Galvão (1927), onde constava a seguinte definição para o Engenho Uchôa:

Uchôa – Engenho - Compreendido na freguesia de Afogados, município do Recife ao sul, foi fundado antes da invasão hollandeza e pertenceu a Antônio Borges Uchôa, filho de Marcos André proprietário do Engenho da Torre (GALVÃO, 1927, p. 183).

Por meio destas poucas linhas encontradas sobre o Engenho Uchôa, é possível identificar que suas terras incluíam o bairro de Afogados e que pertenceram a um proprietário de nome Antônio Borges Uchôa, um capitão, que no século XVII, havia lutado contra os holandeses (VAINSENER, 2009).

Enquanto estava registrando as informações do dicionário, o Professor Renildo me trouxe outra referência que se tratava dos Anais Pernambucanos – 1635-1665 (COSTA e MELLO, 1983), para que eu a analisasse. Disse-me que havia apenas citação sobre o engenho, mas que eu o examinasse.

Passando à leitura dos escritos, encontrei às páginas 228 a 230 o seguinte texto que passo a transcrever na íntegra:

(p. 228) AGÔSTO 16 – Acampa na fazenda de Tejipló, pertencente ao mestre de campo general João Fernandes Vieira, a tropa que veio da Bahia sob comando dos mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, a qual fizera junção com o exército independente pernambucano no dia anterior na povoação do Cabo de Santo Agostinho.

Foi nesta mesma fazenda que Fernandes Vieira tinha já ocultado o capitão Antônio Dias Cardoso, que também viera da Bahia, com um reforço em auxílio da restauração de Pernambuco, e de onde partira para a memorável Jornada de Tabocas, cujas glórias em grande parte lhe cabem, pelo seu heroísmo na porfiada peleja.

Tejipló foi em sua origem uma grande propriedade rural, na qual havia um engenho de fabricar açúcar, situado à margem esquerda do rio do mesmo nome, e pelo qual descia para o Recife, em pequenos barcos, todo o açúcar fabricado, acondicionado em caixas de madeira, como então se praticava e permaneceu ainda por largos anos, até que foram substituídas por sacos de algodão. Com a invasão dos holandeses em 1630, foi o engenho abandonado por seus proprietários, e depois confiscados e vendido pelo invasor o que restava da propriedade.

Em 1645, ao rompimento da campanha restauradora, já não existia o engenho, e as suas terras, constituindo uma grande fazenda, pertenciam então ao mestre de campo João Fernandes Vieira, como vimos, onde construiu uma bela e espaçosa casa de vivenda, para a sua habitação, de cujas ruínas (p. 229) que ainda chegaram aos nossos dias, aproveitou-se o material nas obras de reconstrução da capela de N. S. do Rosário.

A essa propriedade se refere Fernandes Vieira no seu testamento celebrado em 1671 na sua fazenda dos Maranguapes, dizendo que ficava junto e adiante do engenho S. Francisco da Várzea, de André Vidal de Negreiros, as terras de Tejipió, que vão para N. S. da Luz, com a extensão de meia légua quadrada, que comprara a Sebastião Bezerra.

O Sítio Cavalheiro fazia parte dessa importante propriedade, desde muito subdividida em pequenos tratos territoriais, vindo daí o povoamento da localidade.

Em 1819 mandou o governador Luis do Rêgo Barreto fazer o aterro ou estrada de Tejipió, facilitando, assim, a comunicação do nascente povoado com a praça do Recife, até que em 1836 foi construído o primeiro lanço da estrada de rodagem da Vitória, de Afogados às Areias.

Com o desenvolvimento do povoado veio a fundação de uma capela em meados do século XVIII, sob a invocação de N. S. do Rosário, e situada à margem da estrada que o corta de leste a oeste. Uma irmandade posteriormente organizada, sob o mesmo patrocínio, com o seu compromisso aprovado em mesa geral de 29 de junho de 1852 e convenientemente legalizado, tem a seu cargo o zêlo do templo e a celebração do culto divino. Dando sepultura aos seus membros e filhos até à idade de sete anos, estende êsse benefício às pessoas pobres, no seu cemitério privativo, cujo ato é estatuído no seu próprio compromisso. A capela, segundo uma placa colocada na soleira da sua porta principal, fica a 21,18m acima do nível médio do mar.

A povoação de Tejipió ocupa uma excelente situação topográfica, é de um clima muito salubre, bastante populosa, e pertencente à paróquia de N. S. da Paz dos Afogados, município do Recife. É banhada ao sul pelo rio Tejipió, que lhe deu o nome, e que proporciona excelente banho pela frescura e limpidez das suas águas. O Tejipió nasce na freguesia da Várzea, toca no seu curso, na direção de norte a sul, nos (p. 230) engenhos Jangadinha, Pacheco e Uchôa, corta a estrada real que vem do sul, onde há uma ponte com o nome do mesmo rio, e também a estrada real que vem do Cabo, na ponte Motocolombó, e despeja no mar, defronte da ilha do Nogueira, no lugar chamado **Mercatudo**.

Em documento holandês de 1610, um itinerário de viagem do Recife, ao Rio S. Francisco, o rio Tejipió, que se passava em canoa, é designado por **Itaiipió**, e pelo padre F. Manuel Calado, um cronista da época, **Tajupió**.

Naquele lugar **Mercatudo**, segundo a **Descrição de Pernambuco em 1746**, havia então quatro cortumes de sola, com 12 escravos de trabalho.

A povoação de Tejipió, animada e de vida própria, com uma grande feira semanal e de fácil comunicação com a capital por uma linha de bondes elétricos, já em 1890 tinha um animado Clube Republicano Federativo, e em 1907 um grupo de seus habitantes começou a

publicação de um semanário litero-humorístico, denominado Zig-zag, impresso, porém, no Recife.

Tejipió ou Tijipió, parece, segundo Teodoro Sampaio, alteração do Tupi, **tejú-pió**, corrução de **teju-piog**, raiz de teju (COSTA e MELLO, 1983, pp. 228-230).

Desses escritos, a primeira observação que me chamou a atenção foi com relação ao bairro de Tejipió. Se hoje a Mata do Engenho Uchôa tem este bairro como um dos seus arredores, no passado, o bairro constituía terras deste engenho onde se fabricava açúcar por muitos anos, e depois o cultivo de algodão. Observa-se ainda que, em conseqüência da invasão dos holandeses em 1630, o engenho foi abandonado pelo proprietário tendo sido confiscado e vendido pelo invasor o que restava da propriedade.

Interessante observar também que em 1645, já não existia mais o engenho e as suas terras foram transformadas numa grande fazenda, passando a pertencer a João Fernandes Vieira<sup>35</sup> (1610-1681), um dos heróis da Insurreição Pernambucana.

Já na fazenda, Vieira construiu uma bela e espaçosa casa, de cujas ruínas aproveitou-se o material nas obras de reconstrução da capela de N. Sr<sup>a</sup> do Rosário, em meados do século XVIII, para a celebração do culto divino. A capela, que ainda existe nos dias atuais, conserva a placa colocada na soleira da sua porta principal.

Outro fato interessante é a questão da subdivisão da propriedade que, com o decorrer do tempo, fez surgir o povoamento da localidade e o conseqüente desenvolvimento com o surgimento da estrada de Tejipió (1819), por determinação do governador Luis do Rêgo Barreto, no intuito de facilitar a comunicação do nascente povoado com a praça do Recife e, pouco mais tarde (1836), construído o primeiro lanço da estrada de rodagem da Vitória, de Afogados às Areias.

Observa-se ainda que o bairro de Tejipió é referência nesses escritos que falam do Engenho Uchôa, mais até do que o bairro do Barro, onde fica mais centralizada a localização da Mata do Engenho Uchôa, o que coloca em evidência que, com o passar dos anos, o desenvolvimento foi subtraindo parte da mata ao ponto de que o bairro do Tejipió, atualmente, constitui-se apenas como um dos bairros do entorno da Mata, mas que ainda tem estreita ligação com ela.

---

<sup>35</sup> A propósito de Vieira, ele foi um dos senhores-de-engenho mais renomados de Pernambuco, chegando a possuir mais 16 engenhos nos estados da Paraíba e Pernambuco, nos quais se distribuíam seus mais de mil escravos. Vieira gozava de confiança perante o governo holandês sendo seu colaborador e conselheiro em assuntos brasileiros; gozava do apoio da comunidade luso-brasileira em razão de seu prestígio econômico e social, bem como de suas doações para a igreja e para os mais necessitados (GASPAR, 2009).



O Mapa (figura 3) revela que na cidade do Recife havia vários engenhos, dentre eles o Engenho Uchôa (em destaque no círculo em linha vermelha) sendo banhado pelo rio Tejipió e nos arredores alguns bairros, hoje muito conhecidos como Afogados, Barro, Tejipió e Boa Viagem.

Embora o mapa datado de 1870 ainda registre a ocorrência do Engenho Uchôa vimos que, com a invasão dos holandeses em 1630, o engenho fora abandonado pelos proprietários e, em 1645, já não existia mais. Na verdade, o que deixou de existir foi o engenho enquanto produção de açúcar inicialmente e depois de algodão. Após este marco temporal, suas terras que passaram a ter novos proprietários deram lugar a uma fazenda, porém, aparece neste mapa (figura 3) ainda como Engenho Uchôa, e o que restou dela ainda hoje é conhecido popularmente como Mata do Engenho Uchôa, tendo sido denominada e reconhecida por Lei como APA Rousinete Taveira Falcão, após décadas de lutas mobilizadas pela comunidade do entorno como veremos na próxima seção.

Em caminhada pela mata e no seu entorno, percebi algumas marcas do engenho ainda presentes como é o caso da linha de trem, no bairro do Iburá, por onde escoava o açúcar ali produzido e das ruínas de um casarão localizado dentro da mata, conforme mostrado na fotografia 8, no capítulo anterior.

Os indícios apontam para o fato de que este casarão teria sido construído pela construtora Odebrech, já no século XX, quando desejava lotear a mata, retalhando-a em condomínios residenciais. Isto já era sinal das várias estratégias (CERTEAU, 1998) que estavam por vir.

Na fala da Sra. Olívia, uma das mais antigas moradoras da Mata do Engenho Uchôa, vimos um desses indícios. Hoje, com aproximadamente 80 anos, ela nos conta que quando tinha uns 17 ou 18 anos andava muito pela mata, plantava cana, fazia mel de engenho, depois a construtora “Odebrech tinha comprado aquilo ali”. E mais adiante ela reforça: “uma firma comprou isso aí, essas terras todinha, fez um casarão muito bonito” (SANTOS, 2017)<sup>36</sup>.

Esta estratégia da Odebrech de comprar as terras do antigo Engenho Uchoa para derrubar a mata e transformar em lotes residenciais, encontrou resistências táticas dos moradores dos bairros do entorno da mata; discussão que será aprofundada na próxima seção.

---

<sup>36</sup> A entrevista completa consta no Apêndice C.

Vale lembrar que, no século XIX, as terras do antigo Engenho Uchôa serviram como rota de fuga de escravos fugidos da perseguição policial no século XIX, época também marcada pela injustiça social, sobretudo, contra o negro, conforme já discutido no capítulo 3, seção 3.3 desta tese.

Se no século XIX a mata serviu como palco para as injustiças sociais, no século XX essas mesmas terras serviram como palco para as brincadeiras da infância onde as crianças que moravam nas proximidades da região iam pra lá se divertir, como nos conta a Sra. Olívia:

Olha, bastante gente chegava lá em casa procurando os meninos. Os meninos (risos)... os meninos fugiam pra dentro da mata aqui (risos) é..... os meninos! (risos), os meninos! os meninos iam pra mata e eles chegavam procurando: Tu visse os meninos por aqui? Eu disse: Passou um menino moreninho assim, magrinho, né? Eles disseram: É ! Eles tá pra cá, pra dentro, pra cá! Aí eles foi procurar eles. Quando chegou lá eles chega estavam com o calção rasgado de tanto correr na barreira, ... uma barreira “assim” olha (bastante inclinada)! Aí subia lá cima e descia (risos, risos...) (SANTOS, 2017).

A Professora Jacilda Nascimento, em entrevista para esta tese, também falou a cerca das brincadeiras durante a infância na mata:

“as brincadeiras eram muitas. Brincadeiras que a infância, a adolescência criava, na época: Subir no pé; pegar aquele cipó e sair fazendo como o Tarzan... Eu tenho um irmão ele é muito arteiro, menino pelo amor de Deus! ele só vivia arrebetado. Ele subia no pé de jaca pra pular embaixo da.... que tem uns lagos aí dentro que caía dentro do mangue que tem aí, ele chegava em casa todo molhado.... assim...., era uma infância pura, não é?, dentro de uma mata que a gente não sabia que tinha dentro da cidade e assim... e bem criativa... eram brincadeiras assim que surgiam na hora, naturalmente, não era aquela coisa programada, não era nada disso. E a exploração nossa dia de domingo continuou (NASCIMENTO, 2017)<sup>37</sup>.

As brincadeiras, porém, aos poucos foram deixando de existir com as estratégias mobilizadas pelas instituições, possivelmente a Odebrech, a nova proprietária de parte das terras do antigo engenho, que dificultou a entrada na mata.

Segundo a Professora Jacilda

Derrubaram uma ponte, pra gente não ter mais acesso; o cano que tinha lá que era a ponte nossa mesmo que a gente brincava escorregava “tibuff” dentro do rio, que era o tobogan ou então o equilíbrio (a corda bamba nossa), eles tiraram também, foi assim dificultando a nossa entrada espontânea na mata (NASCIMENTO, 2017).

<sup>37</sup> A entrevista completa consta no Apêndice I.

Em respostas às estratégias de lotear a mata para dar lugar à construção de condomínios de luxo, um grupo de amigos moradores da região, preocupados com a devastação da mata, iniciou um movimento em sua defesa, mobilizando táticas (CERTEAU, 1998) diversificadas no cotidiano de suas práticas, por estarem receosos de que a mata viesse a ser devastada.

Segundo a Professora Jacilda, a idéia de preservar a mata já era uma preocupação da comunidade, mesmo sem ter ainda a noção desse conceito de preservação e conservação. Ela lembra que

o alerta maior mesmo foi em 79 quando a Odebrech comprou... não sei, a negociação, pra construir os condomínios de luxo. Foi quando o grupo se reuniu e: Vamos tomar uma ação! Aí fomos atrás de políticos, atrás dos moradores, pra preservarmos o que era nosso (NASCIMENTO, 2017).

Como se vê, pouco se sabe sobre o Engenho Uchôa: um engenho localizado na freguesia de Afogados ao sul do município do Recife, fundado antes da invasão Holandesa (1630) e que pertencia a Antônio Borges Uchôa, um capitão que teria lutado contra os holandeses, filho de Marcos André, proprietário de um outro engenho, o engenho da Torre (GALVÃO, 1927; VAINSENER, 2009).

O engenho, que produzia açúcar e depois algodão, deu lugar a uma grande fazenda que veio a pertencer ainda no século XVII, a João Fernandes Vieira (1610-1681), um dos líderes da Insurreição Pernambucana.

As terras que serviram como rota de fuga de escravos perseguidos no século XIX, também serviram como espaço para a infância feliz no século XX.

Terras que antes eram banhadas por um rio limpo e navegável (Rio Tejipió), pelo qual escoava toda a produção açucareira, hoje é inundada pelo mesmo rio, agora, com águas poluídas.

Estas foram as informações que encontrei sobre a trajetória da Mata, desde quando eram terras do Engenho Uchôa. Não foi fácil encontrar informações sobre este Engenho, o que, desde já, aponta para a necessidade de pesquisas futuras que possam trazer mais saberes sobre ele.

Na seção a seguir, tentarei explicar como se deu a transformação do Engenho Uchôa na APA Rousinete Taveira Falcão. Processo que envolveu, e ainda envolve, muita luta em defesa da mata, com vistas à implantação de um parque no local.

## 5.2 A ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO

Nesta seção, irei discutir o percurso histórico, também marcado por estratégias e táticas (CERTEAU, 1998), que resultaram no surgimento da Área de Proteção Ambiental (APA) Rousinete Taveira Falcão.

Aqui, a luta do fraco (CERTEAU, 1998) representa, indubitavelmente, o conjunto de saberes táticos mobilizados pelos defensores da mata até que ela se transformasse numa APA. Luta que já dura quase 40 anos e ainda continua em ação mesmo depois da conquista da APA, porque a garantia legal não basta, sendo necessária a vigilância permanente no sentido de evitar degradação e ir em busca de novas conquistas.

Do ponto de vista metodológico, a coleta se deu também por meio de diferentes instrumentos e procedimentos. Foram utilizados documentos diversos considerando a noção ampliada do seu entendimento (já discutida na seção anterior), sendo encontrado um bom número deles (fotografias, jornais, leis, ofícios, cartas), tanto em arquivos da FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco), quanto em arquivos pessoais dos integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e da ASPAN<sup>38</sup> (Associação Pernambucana de Defesa da Natureza).

Além dos documentos analisados, foram realizadas entrevistas com moradores do entorno da mata, lideranças comunitárias e da comunidade escolar, visitas *in loco* pela Mata e seu entorno, com registro de dados mediante produção de vídeo, registro fotográfico, incluída a captação de imagens aéreas via Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT) também conhecido como Drone<sup>39</sup> e coleta de dados pela internet no Blog do Movimento, mediante acesso ao sítio eletrônico: <http://mataengenhouchoa.blogspot.com.br/>.

O movimento que levou a transformação da Mata numa Área de Proteção Ambiental (APA) contou com a iniciativa de um grupo de amigos, com destaque para os trabalhos pioneiros de uma de suas lideranças. Trata-se d'Os Amigos da Mata do

---

<sup>38</sup> A ASPAN é uma organização não governamental de defesa da natureza e pioneira dentre os movimentos ambientalistas de Pernambuco (SILVA, 2014). Com o seu apoio o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa se fortaleceu e iniciou sua luta em defesa da mata com vistas à sua transformação numa APA.

<sup>39</sup> O serviço de filmagem, registro fotográfico e sobretudo a captação de imagens aéreas via Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT) constituem aqui exemplos da tecnologia utilizada na construção desta tese.

Engenho Uchôa e da Líder Ambientalista Rousinete Taveira Falcão (*In memoriam*), categorias que serão discutidas nas seções seguintes.

### **5.2.1 Os Amigos da Mata do Engenho Uchôa e as estratégias de destruição e as táticas de preservação e conservação no cotidiano de lutas.**

O movimento que levou à transformação da mata numa APA começou em 1979 com as ações individuais de Rousinete Taveira Falcão. Com o passar do tempo Rousinete foi agregando adeptos da causa até formar um grupo de amigos moradores do Bairro do Barro: Os Amigos da Mata do Engenho Uchôa. Este coletivo, mais tarde, se organizou num movimento socioambientalista denominado Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

Cumprе salientar que, fruto da questão ambiental que emergiu como problema significativo a nível mundial, na década de 70 do século XIX, desenvolveu-se de forma gradativa, uma consciência ecológica “no seio da opinião pública, nos movimentos sociais, nas agências e políticas públicas, nos veículos de comunicação social, nos organismos e bancos internacionais, nas organizações não governamentais e nas iniciativas empresariais” (LIMA, 1999, p. 137).

Esta consciência ecológica, empiricamente presente na pessoa de Rousinete, teria sido responsável pelas suas atitudes em favor da mata. Foi a partir de atitudes de militantes como Rousinete que o movimento ambientalista no Brasil foi ocupando espaços mais expressivos. Nesse sentido, segundo Lima (1999),

Constam que o movimento no Brasil, iniciado a partir de minorias de cientistas e militantes ambientalistas, organizados em torno da denúncia de agressões e da defesa dos ecossistemas, foi gradualmente se ampliando, conquistando novos espaços, até ganhar a feição multissetorial que hoje o caracteriza (1999, p. 3)

De fato, o contexto em que surgiu o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, foi marcado por uma série de conflitos sociais e políticos no Brasil, que resultaram dentre outros fatores nas injustiças ambientais, sobretudo na década de 1980, considerada por alguns como a década perdida do ponto de vista da economia, mas por outros um período de muitas conquistas sociais. Em Pernambuco, o surgimento do porto de SUAPE, a expansão imobiliária e a poluição dos rios por dejetos industriais, se constituíam em grande preocupação dos ambientalistas da época.

Nesta efervescência se começou a entender o termo justiça ambiental como sendo “um conjunto de princípios que asseguram que nenhum grupo de pessoas, sejam étnicos, raciais, ou de classe, suporte uma parcela desproporcional de degradação do espaço coletivo” (ACSELRAD, HERCULANO & PÁDUA, 2004, p. 9).

A justiça ambiental visa assegurar a determinados grupos sociais, em particular os de cunho socioambientalista, uma proteção contra os danos e consequências ambientais desproporcionais, e que eles tenham acesso aos recursos naturais de forma justa e equitativa, bem como informações quanto ao uso e destinação dos rejeitos e riscos socioambientais, e que favoreçam a constituição de novos modelos de desenvolvimento (ACSELRAD, HERCULANO & PÁDUA, 2004, p. 9-10).

Segundo Porto (2012), os principais protagonistas das situações de conflito e injustiça ambiental “são coletivos contra hegemônicos organizados em torno de agendas de mudança social tanto próprias e locais como ampliadas, como a luta antiglobalização e contra o neoliberalismo” (p.1494).

Foi exatamente a partir de um contexto de conflito envolvendo o coletivo representativo dos moradores do conjunto residencial Nossa Senhora de Lourdes, no bairro do Barro, Recife/PE, e a iniciativa privada de empreendimentos imobiliários, que se iniciou a batalha, primeiramente pela preservação da mata, depois, pela sua preservação e conservação mediante a implantação de um parque ecológico.

A idéia de preservação está associada ao cuidado com a natureza para o uso humano, do ponto de vista de sua apreciação estética e espiritual da vida selvagem, e não pela importância ambiental e, além disso, não considera a importância das pessoas na preservação ambiental e cultural. Busca a proteção da natureza contra o desenvolvimento industrial, moderno e urbano. Já a idéia de conservação considera o uso racional dos recursos naturais, a prevenção de desperdício e o uso dos recursos naturais para benefício da maioria dos cidadãos (DIEGUES, 2001).

A consolidação do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, de iniciativa da ambientalista Rousinete Falcão, teve a colaboração do Professor João Vasconcelos Sobrinho (1908-1989), pioneiro nos estudos ambientais no Brasil em conjunto com a ASPAN (Associação Pernambucana de Defesa da Natureza) e outras várias entidades que surgiram ao longo do tempo. Os jornais da época

passaram a veicular matérias sobre o tema. Em edição datada de 7 de abril de 1979, o jornal Diário de Pernambuco veiculou a seguinte matéria, onde o Professor Vasconcelos Sobrinho denuncia a destruição da Mata do Engenho Uchôa:

Defesa da Mata: O professor Vasconcelos Sobrinho denunciou, ontem, a destruição de uma das últimas matas existentes no Grande Recife. Trata-se da reserva florestal do Engenho Uchôa, no Iburá, que vem sendo loteada por uma poderosa firma imobiliária, conforme explicou o ecólogo. Essa mata, afirma Vasconcelos Sobrinho, constitui-se uma expressiva amostra do que foi a floresta Atlântica. “A minha denúncia tem força de lei, pois está fundamentada no Código Florestal, aprovado em 1965, no artigo que determina que as florestas existentes no território nacional são bens de interesse comum a todos os habitantes do País” (DEFESA..., 1979).

Como se percebe, mesmo sob o manto protetor da legislação federal de que trata o Código Florestal datado de 1965, poderosos grupos econômicos não se intimidaram e passaram a lotear a mata, visando à especulação imobiliária e conseqüentemente a devastação da mata. Foi a partir desta denúncia que teve início uma das maiores lutas travadas na cidade em prol do meio ambiente (SANTOS, 2013).

O contexto em que aconteceram as agressões contra a mata era de desenvolvimento das cidades com construção do porto de SUAPE no município de Cabo de Santo Agostinho, construção da Avenida Boa Viagem na zona sul do Recife, ocasião em que o aterro dos manguezais era uma realidade, e o interesse das imobiliárias em construir casas num condomínio de luxo era uma ameaça à Mata do Engenho Uchôa. Notícias veiculadas pelos jornais da época denunciavam as derrubadas, as queimadas e as tentativas de loteamento da mata (figura 4):

Figura 4 – Notícias sobre a mata denunciam devastação



Fonte: FUNDAJ, 2013. Organização: Cavalcanti (2017).

Em caminhada pela mata, encontrei um dos demarcadores do loteamento. De fato, os lotes chegaram a ser demarcados. Porém, em razão da denúncia registrada pelo Professor Vasconcelos Sobrinho e da mobilização da comunidade local, o projeto não foi a cabo, sendo interrompida a ação de loteamento e a sua comercialização. Ainda hoje a comunidade comemora as táticas mobilizadas em defesa da mata, mas continua atenta às novas estratégias investidas contra a mata, numa luta que já dura décadas.

Inicialmente, era um pequeno grupo de amigos que estava preocupado em defender a Mata do Engenho Uchôa, das ameaças a que estava submetida, especialmente por parte do setor imobiliário que desejava construir no local um *privê* de alto luxo, mas também por parte do setor de serviços que desejava instalar nas imediações da mata uma usina de tratamento de resíduos sólidos. Mais tarde, o grupo se ampliou, recebeu o apoio de inúmeras instituições e passou a se chamar Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

O Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, é o movimento ambientalista em atividade mais antigo do Estado de Pernambuco e do Nordeste Brasileiro (SILVA, 2014; 2015a).

O Movimento permanece atuante com reuniões ordinárias que acontecem na primeira terça-feira de cada mês, na Biblioteca da Escola Estadual Presidente Castelo Branco, localizada na Avenida Dr. José Rufino, 2.993, Tejipió, Recife/PE. É nesta reunião onde são discutidas as ações em defesa da Mata, tomadas as decisões e dados os devidos encaminhamentos, tudo de forma coletiva.

Este movimento, por sua vez, surgiu a partir das iniciativas individuais de uma das moradoras do bairro do Barro, em razão de suas inquietações acerca da degradação que a mata vinha sofrendo. Neste sentido, não poderíamos deixar de destacar nesta discussão a figura ilustre da pioneira do movimento ambientalista de Pernambuco, responsável pelo surgimento do movimento ainda no final da década de 1970. Trata-se da ambientalista Roussinete Taveira Falcão (*in memoriam*), a quem dedicaremos a seção seguinte para discutir o seu legado. Antes, porém, entendo ser importante registrar outros relevantes acontecimentos no curso dessa história que culminou com a criação da APA do Engenho Uchôa e a sua denominação para APA Rousinete Taveira Falcão, conforme cronologia a seguir:

Em 1978, a comunidade do entorno da Mata do Engenho Uchôa percebeu o movimento de tratores e de picaretas iniciando o processo de devastação da Mata para construção do condomínio residencial (MOVIMENTO..., S/D).

No ano seguinte (1979), iniciou-se a luta na comunidade do Barro no sentido de impedir a destruição da Mata. Os responsáveis pelo início desta luta se organizaram num grupo denominado Amigos da Mata do Engenho Uchôa. Neste ano, precisamente no dia 05 de junho de 1979, foi fundada a Associação de Proteção ao Ambiente Natural (ASPAN) que mais tarde seria denominada de Associação Pernambucana de Defesa da Natureza, permanecendo com a mesma sigla (ASPAN), importante organização não governamental de cunho ambientalista no estado de Pernambuco.

Ainda em 1979 – A ASPAN já denunciava as agressões contra a Mata do Engenho Uchôa, publicando em seu boletim a notícia de que a Mata estava para ser retalhada em lotes de luxo por uma Construtora. O boletim da ASPAN (ANEXO D) denuncia que

Em face do desmatamento criminoso que vem sendo efetivado na mata do Engenho Uchôa – de preservação rigorosa -, as comunidades da área se dirigiram à ASPAN, em dezembro passado, pedindo colaboração na luta contra os desmatadores. A ASPAN, por sua vez, pediu providências à Procuradoria da República, anexando documentos de comprovação do crime. E também ao CREA para que efetuasse vistorias ‘in loco’. A resposta que chega agora contém as seguintes informações:

- A Construt. Odebrecht planeja lotear a área do Engenho, transformando-a em área industrial e residencial.
- O IBDF fez uma AUTUAÇÃO de infração e EMBARGO do desmatamento.
- A referida área serve para proteger os mananciais dos rios Moxotó e Tejipió.
- A área é construída de três subáreas com um total de 110 hectares, sendo 17 pertencentes à Constr. Odebrecht; 61,5 à Precil Premoldados e 31,5 à Bompreço S/A.
- A área da Odebrecht já se encontra desmatada, sendo utilizada como jazida de argila.

A sugestão dada pelo CREA é textualmente: ‘Sejam solicitados à FIDEM elementos jurídicos e de zoneamento, na área em tela, a fim de que seja formado um quadro real dos danos causados pelas empresas, de modo que a sociedade civil possa exigir ressarcimento desses danos...’ (ANEXO D).

A questão do desmatamento da Mata do Engenho Uchôa, se configura numa estratégia marcada por vários capítulos se configurando numa constante preocupação da comunidade e que já atravessava décadas.

Em 1985, o então vereador do Município do Recife, Paulo Fernando Immisch, presidente da Comissão de Defesa do Meio Ambiente da Câmara Municipal do Recife, motivado por um memorial assinado por moradores do Conjunto Residencial Nossa Senhora de Lourdes do bairro do Barro, fez apelo ao Prefeito Joaquim Francisco no sentido de evitar a degradação da mata (DESMATAMENTO..., 1985).

Mas, não era apenas a questão do desmatamento que preocupava os defensores da mata. Ainda em 1985, por meio de nova denúncia da comunidade, o vereador Paulo Fernando Immisch volta a se manifestar em defesa da mata. Desta vez o parlamentar apresenta denúncia contra incêndio de grandes proporções e, supostamente, criminoso, na mata (VEREADOR... 1985).

Diante das estratégias de ameaças à mata e das táticas mobilizadas pela comunidade organizada, materializadas por meio de mobilização do coletivo do grupo de amigos, busca de apoio de outras organizações não governamentais a exemplo da ASPAN, denúncias às autoridades e reivindicações via memorial abaixo assinado, foi promulgada em 1987, a Lei Estadual nº 9.989/87, que definiu como Reserva Ecológica da Região Metropolitana do Recife – RMR, 20ha da Mata do Engenho Uchôa, o que lhe dava, de direito, a garantia de preservação, representando uma conquista para a comunidade.

A finalidade da referida Lei era de proteger o sistema hidrográfico, o relevo, o solo, a fauna e a flora, sendo vedado: o parcelamento para fins urbanos e construção de edificações; o desmatamento e a remoção da cobertura vegetal; a movimentação de terras bem como a exploração de pedra, areia, argila, cal ou qualquer espécie mineral; o emprego de fogo em práticas agropastoris ou outra atividade que venha a comprometer integridade da reserva e suas áreas limítrofes (SANTOS, 2013).

As constantes agressões à mata levaram a Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos (CPRH), motivada por novas denúncias dos moradores quanto ao desmatamento e retirada de barro da mata, a recorrer à polícia na tentativa de protegê-la (CPRH..., 1987). A CPRH, juntamente com a Polícia Militar de Pernambuco (PMPE) viabilizaram a criação de uma unidade de fiscalização e preservação permanente das reservas ecológicas do estado;

A luta incansável do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, fez com que um novo memorial com abaixo assinado dos moradores denunciasse, em

1988, novas investidas contra a mata por parte do Supermercado Pague Menos. Não tendo sido efetivamente atendidos os apelos da CPRH à PMPE, a destruição da Mata continuou de forma progressiva (DERRUBADAS..., 1988);

Iniciada na década de 1970, perpassando a década de 1980, a luta em defesa da mata entra para a década de 1990, agora com um agravante: a criação de um Projeto de Lei nº 781 que propunha a redução da Reserva Ecológica da Mata do Engenho Uchôa e a consequente cessão para a iniciativa privada construir casas. Este fato mais uma vez mobilizou a comunidade que se manifestou contra esta estratégia.

Em 1994, atendendo aos apelos da comunidade, o Decreto nº 16.609/94, instituiu o regime especial temporário de controle e ocupação do solo para a Mata do Engenho Uchôa, entretanto, em 1995, nova movimentação de terras e aterro do mangue dentro da mata, levam a comunidade a promover outro manifesto mediante as táticas já conhecidas como protocolo de documento junto aos órgãos competentes e de novas táticas como passeatas pelas ruas do bairro na tentativa de levar ao conhecimento da comunidade as investidas contra a mata e, conseqüentemente, ampliar a mobilização.

A ASPAN, uma das instituições de apoio ao Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, entendendo a importância do trabalho coletivo, o momento oportuno e os apelos da comunidade, apresentou um Projeto de Parque Ecológico para ser implantado na Mata. Mas, as investidas contra a mata não cessaram e, desta vez, outro incêndio foi registrado.

Já em 1996, uma nova lei (Lei nº 16.176/96), que trata do Uso e Ocupação do Solo do Recife, enquadrou a área como Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPA). Mas isto não foi suficiente para evitar um outro incêndio.

Até que em 1996, por meio do Decreto 17.548/96, foi regulamentada a Unidade de Conservação Engenho Uchôa, enquadrando-a na categoria de Área de Proteção Ambiental (APA), definindo o uso e ocupação do solo. Neste momento, portanto, foi criada a APA do Engenho Uchôa.

As estratégias institucionais de degradação da mata, porém, continuaram de forma que a Empresa de Urbanização do Recife (EMLURB), desmatou 1km de área de mata, para dragagem de um dos rios. A comunidade, como sempre organizada, fazendo uso de suas táticas, ofereceu denúncia ao Ministério Público que determinou a suspensão das atividades e o reflorestamento da área desmatada.

A luta em defesa da mata, que atravessava décadas, entrou para o novo milênio. Em 2001, diante da constatação de que os proprietários estariam permitindo a retirada de barro da mata e a sua transformação num lixão, a comunidade rearticulou o Movimento, ampliou suas táticas promovendo atos de protestos, passeio ciclístico, pronunciamentos diversos e mobilizou outras entidades e autoridades em defesa da mata.

Conseqüentemente, no momento em que o movimento foi rearticulado, a Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco (Tejipió, Recife/PE) pôs em prática o seu Projeto Ecológico, idealizado pelo então Professor de Geografia Jorge Silva, por meio do qual foi realizada, dentre outras ações, uma Caminhada Ecológica pelas ruas dos Bairros de Tejipió e do Barro, no sentido de levar a discussão aos moradores e envolvê-los nesta questão, ampliando, dessa forma, o coletivo em defesa da mata e reforçando as táticas em favor dela.

No ano de 2002, uma Audiência Pública da Câmara de Vereadores do Recife na comunidade do Barro, discutiu a criação de um Parque Ecológico Municipal, de forma que um Decreto Municipal nº 19.336/2002, declarou de utilidade pública para fins de desapropriação, o imóvel denominado Engenho Uchôa, com a finalidade de sua implantação. Porém o imóvel foi retornado aos seus antigos donos em razão do prazo de 5 (cinco) anos ter se expirado sem que houvesse o pagamento pela desapropriação.

Por ocasião da comemoração dos seus 25 anos de organização registrado no ano de 2004, o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, promoveu nova rearticulação, defendendo a desapropriação imediata e a criação do Parque Ecológico Municipal. Na ocasião, várias táticas foram postas em ação: Caminhada na Mata, oferta de oficinas de reciclagem, pinturas e outras, promoção de palestras e uma Seresta a título de culminância;

Em meio às comemorações, por ocasião da caminhada na mata, foi detectado um novo incêndio recente e a retirada de barro da mata.

Embora desgastante e deixando um sentimento de tristeza por não conter as agressões à mata, a luta pela sua preservação e conservação permaneceu firme e ganhou uma motivação por meio da Lei Municipal nº 17.337/2007 (ANEXO A), que nomeou como Rousinete Taveira Falcão a APA do Engenho Uchôa.

Enquanto a comunidade se consolidava na luta contra a devastação da mata evitando a construção de condomínio de luxo, num processo histórico marcado

pelas constantes estratégias de agressões contra a mata e táticas em sua defesa, o poder público surpreendeu ao estabelecer em 2008 um Decreto Municipal de nº 24.143/2008 declarando como de utilidade pública, parte do imóvel urbano (5,5ha) para instalação de uma central de tratamento de resíduos sólidos.

Assim, dito de outra forma, a mata que seria retalhada em lotes para construção de condomínio de luxo, por meio da estratégia da iniciativa privada, agora seria afetada pela instalação de uma usina de lixo, por meio de uma estratégia do poder público. Fato que só mudou em 2012 por meio de novo decreto do prefeito do Recife que reintegrou a posse dos 5,5ha, evitando assim a instalação da central de tratamento de resíduos sólidos.

2011 – Lei Estadual nº 14.324, em cumprimento às determinações do Sistema Estadual de Unidades de Conservação da Natureza (SEUC) recategorizou as Reservas Ecológicas da RMR e, dentre elas 20ha da mata, que passou à categoria de Refúgio de Vida Silvestre (RVS).

Fruto da mobilização popular, marcada pelas táticas em defesa da mata, a CPRH instituiu em 2012 o Conselho Gestor da RVS Mata do Engenho Uchôa, objetivando contribuir com a implantação e gestão da UC, envolvendo, de forma paritária, 22 instituições de governo e representantes da sociedade civil.

Em 2013, atendendo ao compromisso assumido perante o Conselho Gestor, foi assinado o Decreto nº 39.938/2013, alterando os limites da UC RVS Mata do Engenho Uchôa de 20ha para 171,05ha, ampliando a área de proteção integral.

Importante registrar que, no decorrer deste processo de transição do Engenho à APA, outras ações foram mobilizadas enquanto táticas em defesa da mata e serão discutidas detalhadamente no capítulo 5, a exemplo da cultura popular & tradicional, educação e religião presentes no cotidiano dentro e fora da mata.

Como se percebe, o processo em que se deu a transformação das terras do Engenho Uchôa na APA Rousinete Taveira Falcão, foi permeado de estratégias de degradação e táticas de preservação e conservação, diversas, num marco temporal que se iniciou no final do século XX quando, em 1979, surgiu um grupo de amigos em defesa da mata liderados pela ambientalista Rousinete Taveira Falcão (*in memorian*), uma das pioneiras na defesa do meio ambiente no estado de Pernambuco. Um processo de longas datas permeado de muitos conflitos e injustiça socioambiental.

Sobre Rousinete e o seu legado para a APA que agora leva o seu nome, dedico a próxima seção neste capítulo, mesmo reconhecendo que o espaço aqui reservado é pequeno diante da grandeza de suas ações.

### **5.2.2 A ambientalista Rousinete Taveira Falcão: uma pessoa à frente do pensamento das outras pessoas. Uma educadora social. Um sujeito ecológico.**

Na minha dissertação (SILVA, 2014), quando investiguei a Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988) com foco nos movimentos ambientalistas da época, conclui que Os Amigos da Mata do Engenho Uchôa, foi um dos pioneiros nas ações em Educação Ambiental no Estado de Pernambuco ao lado da ASPAN (Associação de Proteção ao Ambiente Natural) mais tarde denominada de Associação Pernambucana de Defesa da Natureza, porém permanecendo a mesma sigla.

Os Amigos da Mata do Engenho Uchôa, hoje organizado num movimento que recebe o nome de Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, teve como uma de suas fundadoras a líder ambientalista Rousinete Taveira Falcão, “uma mulher à frente de seu tempo” (PEDROSA, 2017)<sup>40</sup>

A exemplo da seção anterior, a metodologia empregada na construção desta seção envolveu fontes orais (MONTENEGRO, 2010), documentos (LE GOFF, 1994; CERTEAU, 2017) e coleta de dados pela internet no Blog do Movimento, mediante acesso ao sitio eletrônico: <http://mataengenhouchoa.blogspot.com.br/>.

O campo empírico em que se deu a investigação por meio das fontes orais contou com a entrevista concedida pelo Dr. Flávio Falcão Pedrosa, filho de Rousinete Taveira Falcão e Promotor do Ministério Público de Pernambuco.

Dentre os documentos analisados estão o Projeto de Lei nº 74/2007 (ANEXO E), que traz informações sobre trajetória curricular de Rousinete Taveira Falcão, e uma carta em homenagem à Rousinete, escrita por uma das Coordenadoras do Movimento em Defesa da Mata, a Professora Luci Machado, logo após o seu falecimento.

Os dados coletados foram submetidos à análise histórica.

---

<sup>40</sup> A entrevista completa consta no Apêndice L.

Partindo desse universo de informações foi possível conhecer um pouco desta advogada e pedagoga, ícone da Educação Ambiental de Pernambuco (SILVA, 2013), concebida como um Educador Social (GOHN, 2010; 2009) e Sujeito Ecológico (CARVALHO, 2011). Quanto a estas duas últimas categorias teóricas entendo ser importante conceituá-las para melhor compreender o perfil de Rousinete.

O Educador Social, segundo Gohn (2009), é aquele sujeito que desafia continuamente o grupo para a descoberta dos contextos, sendo importante na construção de dinamização dos processos participativos onde o diálogo é o fio condutor da formação. Seu trabalho tem princípios, métodos e metodologias de trabalho e neste sentido Freire (2006), distinguiria 3 momentos distintos: o diagnóstico do problema, elaboração de proposta de trabalho e implementação dessa proposta mediante processo participativo da comunidade.

Ainda segundo Gohn (2009), o Educador Social auxilia na construção de espaços de cidadania no território onde atua o que possibilita a construção de um tecido social novo de onde emergem novas figuras promotoras da cidadania (os tradutores sociais e culturais). Estas figuras, por sua vez, são promotoras de diálogo entre setores sociais usualmente isolados, invisíveis, incomunicáveis, portanto ignorados, excluídos da vivência com dignidade. Para Gohn,

as atividades desenvolvidas pelo Educador Social devem também buscar desenhar cenários futuros, os diagnósticos servem para localizar o presente, assim como para estimular imagens e representações sobre o futuro. O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. A esperança-fundamental aos seres humanos, reaviva-se quando trabalhamos com cenários do imaginário desejado, com os sonhos e os anseios de um grupo (GOHN, 2009, p. 34).

É nesta condição (de Educadora Social enquanto sujeito da prática educativa) que vejo a pessoa de Rousinete Falcão pelas ações educativas que permeou toda a sua luta em defesa da mata, ensinando ao coletivo como, quando e por onde agir.

Ela desafiou o grupo de amigos da mata do engenho uchôa durante anos, a conhecer o contexto de ameaças a que estava sendo submetida a mata. Por meio do diálogo ela construiu e dinamizou processos educativos diagnosticando problemas, elaborando propostas com a participação da comunidade, levando o grupo a se fortalecer e exigir os seus direitos enquanto cidadãos. De seu trabalho

surgiram novos promotores da cidadania que ainda hoje atuam em defesa da mata e de outras causas sociais dando voz àqueles que são marginalizados, ignorados e excluídos. Ela motivava a comunidade a lutar por mudanças e barrar os projetos de devastação da mata, ao ver o futuro como possibilidade de mudanças que levassem à implantação do Parque Ecológico que ainda constitui o imaginário desejado, os sonhos e os anseios do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

É por esta razão que Rousinete é aqui concebida como uma Educadora Social. Mas ela também acumula o papel de um Sujeito Ecológico. O Sujeito Ecológico que, segundo Carvalho (2011), é um sujeito cuja formação passa pela história do movimento ecológico e da própria Educação Ambiental - que por sinal foi instaurada no Brasil na década de 1970 (LOUREIRO, 2004a; LIMA, 1999), na mesma época em que surgiu o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, liderado por Rousinete.

Segundo Carvalho (2011), um sujeito ecológico é um sujeito orientado pelo ideário ecológico, aquele que anima a luta e difunde o projeto de sociedade; enquanto político, é herdeiro de tradições de esquerda; é também alternativo, integral, autônomo, equilibrado, harmônico, planetário, holístico; partilha de compreensão política e técnica da crise, media conflitos e planeja ações; sua existência fomenta esperanças de viver melhor, felicidade, justiça e de bem-estar.

Rousinete era um Sujeito Ecológico. E foi o Dr. Flávio Falcão quem nos falou sobre ela. O Dr. Flávio foi indicado pela Professora Luci Machado e pela também Professora Jacilda Maria do Nascimento (Coordenadora e integrante do Movimento, respectivamente) ambas moradoras do bairro do Barro, para nos conceder entrevista, dada a sua relação de aproximação com a mata desde quando criança e, sobretudo, por ele ser filho de Rousinete.

Certos da importância do Dr. Flávio Falcão para esta pesquisa, entrei em contato com ele via whatsapp, por meio do número de seu telefone que a Professora Jacilda havia me informado. Me identifiquei e apresentei o propósito da pesquisa e o convidei para a entrevista.

Dr. Flávio Roberto Falcão Pedrosa, é graduado em Direito, especialista em Meio Ambiente. No período em que me concedeu a entrevista ele estava concluindo o curso de Mestrado em Meio Ambiente. Ele é morador do Bairro do Barro, filho de Rousinete Taveira Falcão. A entrevista com ele aconteceu no dia 27 de julho de 2017 na Sede do Ministério Público de Pernambuco (Recife/PE) onde ele trabalha.

Por ocasião da entrevista, pedi que ele me falasse sobre a Mata do Engenho Uchôa e sua relação com ela. Sua fala foi inicialmente gravada no celular e depois transcrita, passando a constituir documento apensado a esta tese (APÊNDICE H), sendo submetida à análise de conteúdo.

A análise dos dados constantes da entrevista concedida pelo Dr. Flávio Falcão não deixa dúvidas acerca da relevante contribuição de Rousinete Taveira Falcão para a preservação e conservação da Mata do Engenho Uchôa, desde o final dos anos 70 do século XX, e dos saberes por ela mobilizados em defesa da mata, permeados de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998), conforme segue.

Rousinete, desde jovem, já expressava seu sentimento de pertença à mata conforme podemos conferir na fotografia 10 a seguir. Uma jovem que mais tarde se tornara uma lutadora incansável em defesa do Meio Ambiente, especialmente da Mata do Engenho Uchôa. A partir de suas iniciativas, começou todo o trabalho em defesa da Mata ao tentar impedir que ações individuais e/ou coletivas de pessoas físicas e/ou jurídicas viessem a degradar a mata e, por esta razão, ela foi considerada a pioneira no movimento em defesa da mata, sendo digna de homenagens pelos seus pares.

Fotografia 10 – Rousinete Taveira Falcão, desde jovem já alimentava seu sentimento de pertença à mata.



Fonte: Arquivo pessoal do Dr. Flávio Falcão

Rousinete era advogada, pedagoga e militante da causa ambiental. A Lei Municipal nº 17.337/2007 (ANEXO A), que deu seu nome à APA do Engenho Uchôa, decorreu do projeto de Lei nº 74/2007 (ANEXO E).

No referido Projeto, de autoria do então vereador Henrique Leite, a justificativa da proposição se fundamenta na biografia de uma militante da causa ambiental Rousinete Falcão, nascida aos 31.12.1942 e falecida aos 18.02.2007.

O projeto destaca a trajetória de Rousinete nos seguintes termos:

ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO era formada e pós-graduada em Direito e em Pedagogia, e dedicou toda a sua vida as lutas e causas relacionadas a educação e ao meio ambiente, bem como a defesa das pessoas humildes. Com origem simples, teve o seu primeiro emprego nos idos de 1961, como professora concursada do Estado de Pernambuco, nomeada pelo então Governador Miguel Arraes. Como docente e educadora, participou das lutas por melhores condições de trabalho e por uma educação de qualidade. Participou integralmente pela conquista da APENOPE, hoje SINTEPE. Foi Vice-Presidente do Centro de Professores de Pernambuco e teve participação efetiva e marcante em movimentos sindicais e profissionais, tais como Intersindical, Centro de Professores de Pernambuco e SINTEPE, sempre integrando comissões de negociação. Nas lutas da comunidade, e de se lembrar que, em um bairro onde não existia Escola Pública, (o bairro do Barro), fomentou e fundou um movimento que resultou na construção de um educandário - hoje, a Escola Estadual Professora Olindina Semente - em um local que seria destinado a construção de um cemitério. Mencionada escola atende, até hoje, a todas as crianças e adolescentes humildes daquela região. Importante registrar que, sempre voltada a educação e ao meio ambiente, Rouse (como era carinhosamente chamada pelas comunidades que atendia), aproveitou o ensejo da inauguração do supracitado centro escolar e, fazendo referência ao nome do estabelecimento - "Semente" -, fomentou nos novos alunos a importância da preservação ambiental. Assim e que, naquele dia, acerca de 24 anos atrás, ela plantou, junto com as crianças, diversas árvores no então árido pátio de barro, realizando eleição para que cada plantinha fosse cuidada por uma criança. Hoje, o pátio daquela escola abriga crianças brincando nas sombras daqueles "sombriões" plantados por Rouse e, no jardim daquele colégio, encontra-se um baobá de mais de vinte metros de altura. Rouse também sempre se dedicou a defesa dos humildes e pobres. Do ano de 2001 até 2006, através do convênio GAJOP no Projeto Justiça Cidadã, foi advogada na Assistência Judiciária da Prefeitura Municipal do Recife. Em bairros humildes, como Totó e Ibura, comparecia diariamente para atender aos necessitados, gratuitamente, levando cidadania e patrocinando suas causas na defesa de seus direitos perante o Poder Judiciário. Mesmo com o final do convênio, ela não descansou. Até sua morte, em 18.02.2007, participou como voluntária na Pastoral da Saúde na Paróquia do Barro, onde prestava advocacia preventiva, com aconselhamento, palestras e proposições de ações para pessoas carentes. Rouse também não se omitiu na vida política, tendo participado ativamente

nas eleições, contribuindo, significativamente, com as grandes mudanças presenciadas pelo País, por Pernambuco e, principalmente, pelo Recife. Na defesa das causas do Meio Ambiente, Rouse fez ainda mais. Estimulou e participou da fundação, em 1978, do "Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchoa", para defesa incessante daquele ecossistema - o qual reúne Mata Atlântica, Restinga e Mangue dentro de uma capital, e beneficia 11 bairros do Recife e mais de 250.000 pessoas - Ressalte-se que, até hoje, (29 anos após) aquela importante área ainda se encontra ameaçada pela especulação imobiliária e pelas indústrias. Felizmente, e finalmente, agora deverá tornar-se um Parque Ecológico. Em 2006, mesmo com o agravamento do câncer contra o qual lutou por nove anos, e a menos de um ano de sua morte, ainda teve forças para criar a Ong AMA - Amigos da Mata Atlântica -, tendo disponibilizado a sua própria residência como sede, a exemplo do que já havia feito com o Movimento de Defesa da Mata do Engenho Uchôa, para juntar forças com esse e, juntos, conquistar, finalmente, a efetivação da preservação da Mata do Uchôa através da criação do tão sonhado Parque Ecológico para a Cidade do Recife. Rouse morreu aos 65 anos, sem ver realizado esse seu sonho, porém com a ajuda e apoio de seu filho, FLÁVIO FALCÃO - Promotor de Justiça do MPPE que nos forneceu este resumo biográfico, e de todos seus amigos, companheiros de luta e admiradores, hoje construímos seus sonhos, sedimentados em seu exemplo de luta e compromisso com o povo. (ANEXO E).

Percebe-se neste trecho do Projeto de Lei nº 74/2007, a trajetória de Rousinete. Uma pessoa de formação multidisciplinar, que transitava por associações, sindicatos, movimentos sociais, instituição religiosa e política. Uma mulher sensível às causas sociais, sobretudo em atendimento aos mais necessitados e às questões ambientais. Uma militante que lutava por justiça social e ambiental; atuante em diferentes áreas, com relevante trabalho na área educacional em geral e, em particular, na promoção da educação ambiental. Uma das fundadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, figurando como uma das Pioneiras da Educação Ambiental de Pernambuco. Uma mulher perseverante, que lutou até a morte pela criação de um Parque Ecológico para a Cidade do Recife.

No referido Projeto, ainda consta o currículo vitae de Rousinete, o qual pode ser conferido no Anexo D, onde fica evidente a sua trajetória profissional marcada pela competência, liderança e dinamicidade, além de reafirmar sua opção pelas causas coletivas, seja em defesa dos pobres, seja em defesa da educação, ou mesmo em defesa do meio ambiente, além da sua filiação com a igreja católica mediante os serviços voluntários prestados à pastoral da saúde da paróquia do Barro.

O Dr. Flávio Falcão, filho de Rousinete, tendo sido convidado para me conceder entrevista, me contou como teve início a preocupação de Rousinete para com a Mata do Engenho Uchôa, desde a década de 70 do século XX, quando ele ainda era criança.

Ele diz que foi para o bairro do Barro, na Vila Nossa Senhora de Lourdes, que fica margeando a Mata do Engenho Uchôa, e que teria acompanhando a preocupação de sua mãe (Rousinete Falcão) na defesa do meio ambiente. Ele revela que

Naquela época, eu ainda muito pequeno, muitas vezes me assustava porque – inclusive, por conta da preocupação de meu pai – quando tentavam invadir a mata pra fazer ocupações irregulares, quando tentavam fazer loteamentos, quando tentavam tirar madeiras, enfim, agredir aquele sistema, aquela mata, eu via sempre a minha mãe se envolvendo nas brigas pela defesa daquela mata, naquela época, pelo menos na minha percepção de criança, naquela época, ela não tinha muito apoio. Não se falava muito em meio ambiente, não se tinha muita preocupação com isso e ela, desde aquela época, já ficava defendendo e chamava a polícia, a polícia demorava, chamava o corpo de bombeiros, nem sempre o corpo de bombeiros ia, porque era difícil apagar o fogo; algumas vezes ela foi ameaçada, e sendo ameaçada foi aconselhada pelo meu pai e por alguns vizinhos a não se envolver tanto nessa defesa. Mas, ela foi tão insistente, e tão... digamos, assim, firme naqueles propósitos de defesa da mata que, com o tempo, começou com suas amizades ali mesmo, na vila e no bairro, como também outras pessoas em outros bairros que se sensibilizaram e, juntamente com ela, fundaram o Movimento de Defesa da Mata do Engenho Uchôa (...) Movimento que tem impedido várias vezes a instalação de condomínios - já se tentou fazer condomínios lá, já se tentou fazer loteamentos lá, já se tentou fazer roubo de madeiras de lá também – então, várias agressões já se passaram por lá, construtoras que, nas margens, tentavam tirar o barro pra construções (PEDROSA, 2017)<sup>41</sup>.

Percebe-se na fala do Dr. Flávio Falcão a ocorrência, mais uma vez, das categorias centrais desta investigação: estratégia e tática (CERTEAU, 1998). É evidente que o que levou Rousinete a agir em defesa da mata foram (dentre outras questões) as estratégias institucionais da iniciativa privada em lotear a mata para a construção de condomínio residencial e, ao seu favor, a estratégia estatal ao poupar esforços para defender a mata, seja pela limitação da polícia que demorava chegar ao local ou do corpo de bombeiros porque era difícil apagar o fogo.

Diante destas estratégias, não restavam alternativas para Rousinete, a não ser agir com suas táticas, indo ao enfrentamento dessas agressões, se envolvendo

---

<sup>41</sup> A entrevista completa consta no Apêndice L.

em brigas contra os agressores, acionando o poder público, acompanhando as inspeções, enfrentando as ameaças e contrariando o aconselhamento no próprio seio familiar e no rol de amigos vizinhos.

O Dr. Flávio Falcão deixa bastante evidente em sua fala esta questão quando conta que “já como adolescente acompanhava minha mãe nas inspeções que eram feitas por órgãos ambientais para fazer a constatação das denúncias que ela fazia” (PEDROSA, 2017)

Rousinete era persistente. A persistência dela sensibilizou os vizinhos e outras pessoas de outros bairros até que se organizaram coletivamente num movimento ambientalista em defesa da mata, restando configurada ai, a força do fraco, enquanto tática constitutiva de defesa da mata (CERTEAU, 1998).

Rousinete era uma defensora da Mata. Era uma defensora da Vida.

Dr. Flávio confessa que é difícil lembrar dela sem que seja lutando pela Mata, mesmo sujeitando-se às constantes ameaças de vida. Diz ele que se “assustava quando ela se metia na briga contra invasores, pra lutar contra empresários, pra lutar contra quem queria tirar madeira. Meu pai se preocupava muito com a integridade dela” (PEDROSA, 2017).

Para ele, Rousinete “era uma pessoa que estava à frente do pensamento das outras pessoas daquela época e que foi uma pessoa que sempre lutou pela vida. Acho que é como ela dizia: aquilo ali é vida!” (PEDROSA, 2017).

De tanta persistência, o seu trabalho inicialmente solitário, se configurou mais tarde numa ação conjunta, coletiva, de onde surgiram os primeiros resultados e as justas homenagens a ela, conforme conta Flávio Falcão ao dizer que:

Nesses anos todos, se conseguiu que se reconhecesse como APA até o momento que após a morte dela, ela foi reconhecida, não só pelo Movimento de Defesa da Mata Uchôa como algumas homenagens que fizeram a ela, como também pelo município porque criaram uma Lei que transformou a Mata do Uchôa em APA Rousinete Falcão, em homenagem a ela (PEDROSA, 2017).

Uma das homenagens a que se refere Dr. Flávio Falcão está documentada numa carta escrita pela Professora Luci Machado Pinheiro, uma das atuais coordenadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

A carta (Figura 5) datada de 24 de fevereiro de 2007 – seis dias após a sua morte -, rende homenagem à Rousinete Taveira Falcão. O documento foi gentilmente cedido pela sua autora, a Professora Luci Machado, conforme segue:

Figura 5: Carta em Homenagem à Rousinete Falcão

### Homenagem à grande companheira Rousinete Falcão

Falar sobre Rousi, companheira de tantas lutas, é falar em :

Capacidade de luta, energia, determinação, perseverança, força, dinamismo, entusiasmo, otimismo e alegria. Suas características marcantes!

Rousi sempre esteve presente nas lutas sociais. Como professora, educadora, participou das lutas por melhores condições de trabalho, por uma educação de qualidade, pela conquista da APENOPE, hoje SINTEPE.

Dirigente do Centro de Professores de Pernambuco (CPP).

A Escola Olindina Semente, fruto das lutas da comunidade, teve também sua participação.

Na Igreja Católica do Barro, onde era membro participante, fez um trabalho voluntário como advogada de pessoas carentes.

Nas campanhas políticas, Rousi , também, esteve presente, contribuindo com as mudanças!

Foi lutadora, incansável em defesa do Meio Ambiente, em particular da Mata Atlântica, Mata do Engenho Uchoa!

Uma das fundadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchoa, Rousi tem uma história de 28 anos de luta, pela preservação da Mata, e, pela implementação do Parque Ecológico Municipal, sonho que temos certeza de que se tornará realidade e termos, também, o imenso prazer de, prestando justa homenagem à grande companheira, dar ao Parque o seu nome, acredito que seja esse o desejo de todos aqueles que a conheceram.

Com o objetivo de acelerar essa luta, que já dura tantos anos, de aproveitar o momento político que ajudamos a construir, a companheira fundou uma outra entidade, uma ONG - a AMA ( Amigos da Mata Atlântica.)

Com sua ausência vamos, certamente, precisar de muito mais força e determinação para lutar, impossível preencher essa lacuna; estamos todos de luto, Movimento e ONG.

Quem se aproximou mais intimamente de Rousi conheceu a amiga, de coração enorme, sempre presente quando necessitávamos dela! Companheira amiga, nas horas alegres e tristes, apoiando, ajudando, confortando!...

Tive o privilégio de ser sua amiga e companheira de luta. Orgulho-me de tê-lo sido.

Para a companheira, nossa imensa saudade, e a certeza de que estaremos juntas um dia!

Descanse em PAZ, Companheira.

Recife, 24 de fevereiro de 2007

Luci Machado Pinheiro



Como se percebe, os escritos da Professora Luci Machado, reafirmam a identidade de Rousinete como uma educadora social, um sujeito ecológico, aquela que transitava pela Igreja Católica do Barro (onde era membro participante, prestando serviços voluntários como advogada de pessoas carentes da comunidade); pela política (onde fazia campanha por mudanças); pelas entidades de classe (na luta por melhores condições de trabalho) e pela comunidade numa luta incansável em defesa do Meio Ambiente, em particular, da Mata do Engenho Uchôa.

Na carta, Luci se despede de Rousinete destacando a amiga de coração enorme e companheira de todas as horas.

Somando-se a esta homenagem, há também o reconhecimento do legado deixado por Rousinete em favor da mata, manifestado pelos integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa que, por ocasião do desfile da Troça Mista Arrebenta Sapucaia no ano de 2017, decidiu dedicar aquele desfile em sua memória. Nesta ocasião, o cotejo que desfilava pelas ruas do Barro, saiu em direção à casa onde morava Rousinete e lá, parado em praça pública, manifestou mais uma justa homenagem mediante palavras de apreço e gratidão e entregando nas mãos do seu filho, o Dr. Flávio Falcão Pedrosa e de sua neta Fabíola, uma placa reconhecendo o seu pioneirismo e sua significativa presença no Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Tive a honra de presenciar este momento, cuja imagem ficou registrada conforme fotografia 11 a seguir.

Fotografia 11: Homenagem à Rousinete Falcão no 10º ano de seu falecimento.



Fonte: Movimento... (2017).

Na fotografia 11, o Dr. Flávio Falcão e Fabíola (à direita), respectivamente filho e neta de Rousinete, recebem das mãos da Professora Luci Machado (camisa listrada), a placa em homenagem a Rousinete. A foto registrou a presença de outros integrantes do Movimento e da Troça: São eles (da esquerda para a direita): Gimena, Jacilda, José Semente e Augusto Semente.

Uma outra homenagem reconheceu os trabalhos desenvolvidos por Rousinete: Trata-se da Lei Municipal nº 17.337/2007 (ANEXO A), sancionada em 12 de setembro de 2007, pelo então prefeito do Município do Recife, João Paulo Lima e Silva. Em seu artigo primeiro, a Lei assim determina: “Denominar-se-á ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO a APA (Área de Proteção Ambiental) do Engenho Uchôa”.

Digna das homenagens, Rousinete era uma pessoa persistente, era uma defensora da vida. Rousinete era, antes de tudo, uma forte, e nela estava a arte do fraco (CERTEAU, 1998). Suas táticas eram as suas forças! Sua vitalidade, sua determinação, sua perseverança e otimismo, sua capacidade de diagnosticar os problemas da comunidade, de mobilizar a coletividade, sua iniciativa de enfrentamento das estratégias institucionais de destruição da mata, seus trabalhos de conscientização entre os vizinhos, amigos e comunidade escolar, pelo cuidado com a mata, são expressões dessas táticas dessas artes, dessas forças e constituem marcas características de um Educador Social (GOHN, 2009), de um Sujeito Ecológico (CARVALHO, 2011) e creditam a ela o referencial de Ícone da Educação Ambiental de Pernambuco (SILVA, 2014).

Com o seu modo ideal de ser e viver, orientado pelo ideário ecológico de ver a Mata do Engenho Uchoa em pé e transformada num Parque Ecológico, Rousinete foi uma pessoa que animava a luta e difundia o seu projeto, que se aproxima da política, se mostrava autônoma, equilibrada, harmônica, e conhecedora da crise em que se encontrava a mata, mediando conflitos e planejando ações. Assim era Rousinete sempre à frente do coletivo em defesa da mata. Na fotografia 12, temos um momento vivido por Rousinete acompanhando a Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia pelas ruas do bairro do Barro, levando consigo o fruto da sapucaia, símbolo da troça. Sua existência fomentava esperanças de viver melhor, felicidade, justiça e de bem estar, tal como o Sujeito Ecológico definido por Carvalho (2011). Esperança que se mantém viva pelo legado por ela deixado.

Fotografia 12 – Rousinete em um dos desfiles da TCM Arrebenta Sapucaia



Fonte: Arquivo pessoal do Dr. Flávio Falcão.

Foi assim que se deu o cotidiano de luta pela transformação da Mata, que deixou de ser terras de engenho, e passou a ser uma APA. O pioneirismo das ações individuais mobilizadas por Rousinete influenciou todo um coletivo em defesa da mata nesta luta; luta que se iniciou há quase 40 anos num processo histórico permeado de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998) e que acumula uma série de outros eventos que serão inclusive objetos de discussão nas seções que se seguem.

Pelo exposto, acreditando que restou cumprida a tarefa de explicar como se deu o movimento de transformação da Mata numa APA, passo ao capítulo seguinte onde estarei discutindo os saberes produzidos tanto no interior da mata quanto no seu exterior tendo ela como referência e objeto de discussão que dialoga com as diversas instituições a exemplo da comunidade, escola, religião e poder público.

Neste próximo capítulo, a fala dos sujeitos da pesquisa ganha mais espaços pois, também emana desses sujeitos, e principalmente deles, os saberes da Mata do Engenho Uchôa. Saberes do tipo tático (CERTEAU, 1998) que se manifestam por meio da cultura tradicional & popular, da educação e da religião presentes no cotidiano de suas práticas.

## **6. CULTURA TRADICIONAL & POPULAR, O MOVIMENTO ECOLÓGICO E A RELIGIÃO PRESENTES NO COTIDIANO DENTRO E FORA DA MATA**

Neste capítulo apresento e discuto os saberes produzidos no cotidiano da mata - tanto no interior dela quanto no seu exterior - tendo ela própria como referência e objeto de discussão que dialoga com as diversas instituições, a exemplo da comunidade, escola, religião e poder público.

Para construção deste capítulo, utilizei a prioritária fonte oral na coleta de dados, tomando como instrumento de análise as entrevistas realizadas conforme indicado no capítulo introdutório.

Além das entrevistas, fiz uso de outros documentos na concepção ampla deste termo (fotografias, jornais, memoriais e vídeos), além de pesquisas na internet por meio de visitas ao Blog do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa (<http://mataengenhouchoa.blogspot.com.br/>) e da observação participante.

O campo empírico envolveu a participação de moradores do entorno da mata, coordenadores de movimentos sociais, alguns dos quais também são professores ou ex-professores de escolas do entorno da Mata e pessoas filiadas à alguma igreja ou terreiro que, de certa forma, fazem uso da mata no cotidiano de suas práticas.

Na análise das entrevistas, ficou evidente a emergência de três categorias dentre os saberes da mata: a) a cultura tradicional & popular, b) o movimento ecológico e c) o sagrado na mata.

A emergência dessas três categorias deu uma estrutura a este capítulo que comporta 3 seções, a saber: 1) Cultura tradicional & popular: a TCM Arrebenta Sapucaia e a agremiação O Boi de Mainha, mobilizando táticas em defesa da mata; 2) O Movimento Ecológico: táticas que aproximam escola e comunidade e 3) O sagrado na mata: as orações, os cultos e as oferendas na mata enquanto táticas. Estas categorias mostram quanta riqueza existe na mata e no seu entorno e, claro, os saberes não se esgotam nela, mas o recorte precisava ser dado e, no vôo sobre a mata, estes saberes se apresentaram com mais destaque na fala dos sujeitos. Vejamos.

## 6.1 CULTURA TRADICIONAL & POPULAR: A TROÇA CARNAVALESCA MISTA ARREBENTA SAPUCAIA E A AGREMIÇÃO O BOI DE MAINHA MOBILIZANDO TÁTICAS EM DEFESA DA MATA.

O conceito de cultura tradicional e popular, aqui evocado, obedece à Recomendação Paris, sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, discutida na 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, aprovada no dia 15 de novembro de 1989.

A Recomendação define a cultura tradicional & popular como sendo:

“Conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas de comunidades enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (UNESCO, 1989).

Como manifestações dessa cultura temos a Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia (Barro) e a agremiação O Boi de Mainha (Ibura), que emergiram da fala dos sujeitos da pesquisa. Estas manifestações são aqui concebidas enquanto táticas (CERTEAU, 1998), presentes no cotidiano do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

A origem, a história e os agentes que as constituem, somados aos saberes por eles produzidos em defesa da mata, constituem os conteúdos a serem aqui analisados.

### **6.1.1 A Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia e a mobilização em defesa da mata.**

A Troça Carnavalesca Mista (TCM) Arrebenta a Sapucaia é uma organização de iniciativa do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Trata-se de uma de suas táticas para levar ao conhecimento da população a importância da preservação e conservação da Mata do Engenho Uchôa e denunciar as agressões que a mata vem sofrendo. A tática está em percorrer as ruas do bairro levando informações sobre a mata à comunidade local no momento oportuno da semana pré-carnavalesca, oferecendo alegria e irreverência aos foliões.

De fato, considerando a pouca eficácia das políticas públicas em favor da Unidade de Conservação, como vimos em pesquisas anteriores a exemplo de Negreiros (2008), e o conseqüente estabelecimento de um estatuto que não favorece à mata condições de assegurar à comunidade um espaço de lazer e desenvolvimento do conhecimento tradicional e científico, restou ao Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, recorrer à algumas táticas no sentido de superar esta barreira<sup>42</sup> imposta, tanto pelo poder público, como pelas iniciativas privadas, além do poder do tráfico. Por tais razões, surgiu a Troça, seja para alertar a população quanto à necessidade de preservação e conservação da mata (sua prioridade), seja para oferecer uma opção de lazer à comunidade.

A Troça, fundada em 2007, é uma criação dos integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Durante todo o ano, obedecendo a uma agenda flexível de reuniões, os integrantes da troça se encontram para discutir detalhes do desfile do ano seguinte (escolha do tema, escolha dos homenageados, o trajeto a ser percorrido, os eventos de divulgação e captação de recursos para sua sustentabilidade, etc). Como se percebe, a Troça faz parte do cotidiano dos agentes envolvidos na defesa da Mata, sendo apontada por eles como um evento de significativa importância no seu calendário de lutas.

Entrevistas com os professores aposentados Edmar José Amorim Neto (*in memorian*), criador do primeiro estandarte do bloco e José Semente, autor do hino do bloco, foram de grande valia para nos trazer detalhes sobre a Troça enquanto tática mobilizada pelo Movimento em defesa da mata.

A entrevista com o Professor Edmar José Amorim Neto foi gravada, a seu pedido, no diretório municipal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), do qual ele era militante, situado no bairro de Santo Amaro, Recife/PE, no dia 25 de setembro de 2017 menos de dois meses antes do seu lamentável falecimento, ocorrido em 09 de novembro de 2017.

A escolha do Professor Edmar Neto para participar como campo empírico nesta investigação se deu por ocasião da minha aproximação com o coletivo do

---

<sup>42</sup> Há barreiras que impedem a entrada na mata: Uma, supostamente imposta por “traficantes” que delimitam o território enquanto “boca-de-fumo” (local de comércio de drogas) que, segundo algumas pesquisas (NEGREIROS, 2008), alguns moradores e até mesmo administradores de Unidades de Conservação relatam não poder entrar na mata por causa da violência. Outra barreira vem do poder público que, numa demonstração de fraqueza, se mostra incapaz de implantar o tão desejado Parque Ecológico, o que garantiria o gozo do referido espaço público enquanto espaço de lazer para as pessoas, além de sua exploração enquanto laboratório natural para os pesquisadores.

Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa onde percebi sua dedicação à Troça, sendo mais tarde reiterada esta dedicação pelo professor José Semente que confirmou que ele (Professor Edmar) foi o idealizador do Estandarte da Troça.

Quanto à entrevista com o Professor José Semente, esta foi gravada em sua residência no bairro do Barro, no dia 21 de junho de 2017.

A escolha do Professor José Semente como campo empírico da investigação, se deu também em razão de sua filiação com o Movimento em Defesa da Mata e particularmente por ser ele o autor do Hino da Troça.

José Semente é um dos pioneiros do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e, ao lado do Professor Edmar Neto, constitui testemunha da história de longos anos de luta pela preservação e conservação da Mata, sendo sujeitos de sua construção.

Tendo sido indicadas as justificativas pela escolha do campo empírico, passo à discussão em torno da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia.

O Professor Edmar Neto, criador do estandarte, explica o que vem a ser a troça Arrebenta Sapucaia e porque ela representa mais do que um simples bloco carnavalesco ao dizer que:

o Movimento da Mata tem uma troça “Arrebenta Sapucaia” que é um braço cultural, digamos assim, do Movimento da Mata Uchôa, e então, todos os anos, no carnaval, nós nos organizamos para colocar lá no Barro, colocar nas ruas, a Troça Carnavalesca Mista Arrebenta a Sapucaia. Esta troça foi fundada no ano de 2007, e já tem mais de 10 anos. Este ano nós vamos fazer o 11º desfile da Troça Arrebenta a Sapucaia. Então, a Troça Arrebenta a Sapucaia recebe apoio de várias entidades locais aqui do Recife como sindicatos, associações... e esses sindicatos ajudam no desfile e na elaboração de um bingo, nós fazemos um bingo dançante e realizamos o desfile. Então, todos os anos temos a cooperação dos sindicatos e das entidades que nos apóiam. Uma coisa interessante que é bom colocar é que nós organizamos a Troça a cada ano com um tema carnavalesco, um tema ligado à política local e nacional, e também homenageamos sempre uma figura de destaque da sociedade. Então, a nossa troça não é uma troça pela troça! Nós procuramos defender a nossa cultura pernambucana, procuramos estar de acordo com a luta da sociedade, onde nós reivindicamos através dos nossos temas a defesa da cultura e a defesa da sociedade. Então, nossa troça realmente é uma troça que colabora com a luta política em defesa de uma sociedade melhor (AMORIM NETO, 2017)<sup>43</sup>.

Conforme se percebe a troça é uma tática mobilizada pelos sujeitos que defendem a preservação e conservação da mata. Ela, por si só, mobiliza saberes

<sup>43</sup> A entrevista completa consta no Apêndice R.

complexos por transitarem pela dimensão cultural, política e social, representando, de fato, mais do que simplesmente um bloco carnavalesco, conforme bem explicado pelo Professor Edmar.

Importante destacar na fala do Professor Edmar, o caráter coletivo tão presente nas ações mobilizadas pelo Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, e que vem materializado no apoio que ela recebe das entidades sindicais e associações locais que ajudam no desfile da Troça, inclusive na organização prévia de um bingo dançante.

Este bingo é uma forma de captar recursos para ajudar no custeio do desfile a partir das vendas das cartelas e também das camisas do bloco que são lançadas nesta ocasião. Dessa forma, em resposta às estratégias do poder público que limitam o apoio financeiro às agremiações carnavalescas, esta tática de sustentabilidade da Troça surge como alternativa na captação de recursos.

O Professor José Semente, o autor do hino da troça, revela que “a troça foi criada dentro de vinte dias. “Tivemos a ideia no dia 22 de janeiro de 2007 e no dia 11 de fevereiro foi o primeiro desfile” (SEMENTE, 2017)<sup>44</sup>.

Ele conta ainda como foi que se chegou ao nome da troça:

“Aí, quando surgiu a idéia da troça veio a questão do nome. Aí, de imediato veio Araçá da Mata – que tinha um jornal, teve algumas edições – porque depois vimos que o nome não era ideal pra carnaval, e no deslocamento quando nós saímos da reunião para o Metrô – algumas pessoas vinham para o Metrô – aí me veio, como na mata já tem a planta, a Sapucaia, aí eu me lembrei daquele slogan do ator Miguel Falabela, que ele coordenava aquele programa Vídeo Show, ele dizia: ‘Arrebenta a Sapucaia’ aí eu coloquei “Arrebenta Sapucaia” (SEMENTE, 2017).

A troça é uma tática em defesa da mata e que busca transformação social. O grau de complexidade e de coletividade que caracteriza os saberes por ela mobilizados lhe confere um caráter crítico de suas ações, o que sinaliza para a possibilidade de alcance de seus objetivos no que diz respeito à transformação social, inclusive na defesa da mata.

Esta criticidade presente na troça, é uma marca característica das demais ações mobilizadas pelo Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e decorre, muito provavelmente, da formação política de seus integrantes a exemplo do Professor Edmar que faz questão de registrar sua militância política ao dizer “sou

---

<sup>44</sup> A entrevista completa consta no Apêndice F.

militante de um partido que faz um trabalho na comunidade do Barro e através da militância política eu conheci o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa” (AMORIM NETO, 2017).

A este respeito, Carvalho (2011) reforça que a formação do sujeito ecológico deve passar pela dimensão política. Da mesma forma, Loureiro (2011, 2004) e Lima (2009, 1999) defendem que uma educação ambiental crítica, necessariamente passa pela dimensão política.

Acompanhando a troça, dentre os elementos que a simbolizam destaquei quatro deles: o hino, o estandarte, a camisa e, por fim, a culminância do desfile, sobre os quais passo a discorrer.

a) O HINO: O hino da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia, de autoria de José Semente e Mauro Semente, chegou ao meu conhecimento por meio de um panfleto que recebi das mãos de uma das fundadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, Professora Luci Machado, e apresenta a seguinte letra (cantada em ritmo de frevo):

**ARREBENTA SAPUCAIA!**  
(José Semente e Mauro Semente)

Hoje é carnaval  
Vamos cair na gandaia  
Com muito frevo, muito frevo no pé  
E muita alegria no coração

Arrebenta, arrebenta }  
Arrebenta sapucaia! } (bis)

A manhã ensolarada  
Incendiou nosso coração  
Hoje não queremos praia  
Hoje é carnaval e animação

Hoje somos a felicidade  
A nossa alma vamos aquecer  
Com a batida das alfaias  
E com Vassourinhas o frevo vai ferver

Arrebenta, arrebenta }  
Arrebenta sapucaia! } (bis)

O arará que vem da mata  
Como o frevo de Pernambuco  
O canto da jandaia  
Arrebenta coração!  
Arrebenta sapucaia!  
Arrebenta coração!

Arrebenta, arrebenta }  
Arrebenta sapucaia! } (bis)

Quando a sapucaia explode  
Sacode as sementes com animação  
Quando Vassourinhas explode  
Explode e sacode os foliões

Arrebenta, arrebenta }  
Arrebenta sapucaia! } (bis)

Considerando a necessidade de se aproximar da comunidade para sensibilizá-la quanto à necessária preservação e conservação da Mata, o hino do

bloco Arrebenta Sapucaia se constitui numa tática para fazer chegar à comunidade esta mensagem levando a todos a alegria e irreverência que vêm expressas nele, bem como a historicidade e a diversidade de conteúdo sobre a mata. Tudo isto confere um caráter de complexidade ao conhecimento que por ali circula, algo que, ousado dizer, quase inexistente no currículo e na prática da educação formal,<sup>45</sup> sobretudo nos moldes da legislação em vigor, preenchendo, portanto, uma lacuna nela existente.

O hino traz em seu conteúdo elementos da cultura local e da natureza primária, constitutivos da fauna e da flora e ainda elementos que marcaram, e ainda marcam, a história do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

Na entrevista com o Professor José Semente, ele me explicou como surgiu a letra do hino.

Na sua fala, ele revela logo de início, que as pessoas que defendiam a mata já tinham em mente a idéia de mobilizar a comunidade para viabilizar a conquista do parque<sup>46</sup>. A tática estaria em criar uma troça carnavalesca e percorrer as ruas do bairro e levar a mensagem desejada. Ele conta como surgiram as idéias e também dá exemplos das dificuldades encontradas:

(...) nós nos reunimos para debater o Movimento, como reunir, como mobilizar para pressionar a prefeitura para viabilizar a conquista do parque. Então, nesse momento, nós vimos que era muito difícil mobilizar as pessoas no período de carnaval, então surgiu a idéia da troça (SEMENTE, 2017).

Como se percebe, o cotidiano das práticas lhes permitira concluir que, naquele período carnavalesco, as atenções da comunidade estariam voltadas para as festividades do carnaval o que, certamente, deixaria as pessoas desatentas para necessidade de lutar pela preservação e conservação da Mata e pela a criação do parque ecológico, o que resultou na necessidade de pensar essas táticas.

Tendo sido idealizada a Troça, era necessário, antes de tudo, pensar também num hino para acompanhar o seu desfile pelas ruas do Bairro. Imediatamente, então, surgiu o hino que é uma composição de José Semente e de

---

<sup>45</sup> Sobre Educação Formal e Educação Não Formal: Aprendemos com Brandão (1995) que a educação não se limita apenas ao espaço escolar. Ela ultrapassa este limite e se faz presente em todo lugar onde ocorra a troca de saberes. Para Brandão, o professor não é o seu único agente e, nesse sentido, Gohn (2010) nos fala do educador social. A educação Formal e Não Formal devem ser concebidas como complementares entre si.

<sup>46</sup> Faz parte do cotidiano da comunidade a luta pela criação de um Parque Ecológico na Mata do Engenho Uchôa, como vimos no capítulo anterior.

seu primo Mauro Semente, como o próprio Semente revela na entrevista ao dizer que

O hino é composição minha e de meu primo Mauro Semente. Eu fiz a letra e ele musicou. A troça foi criada dentro de vinte dias. Tivemos a idéia no dia 22 de janeiro de 2007 e no dia 11 de fevereiro foi o primeiro desfile (...). Então foi criado dentro de vinte dias o hino (SEMENTE, 2017).

E completa:

(...) quando teve o nome da troça (Arrebenta Sapucaia), e então eu gosto de escrever um pouco, tive a idéia de escrever uma música para a troça. Então escrevi uma (não tenho certeza se foi Araçá da Mata), mostrei ao pessoal, mas não estava gostando muito e aí o pessoal também não gostou. Escrevi outra, que é essa que tocamos hoje e aí o pessoal gostou. Eu apresentei ao meu primo, ele musicou, levamos para um cantor, ele cantou só com o teclado, porque ela hoje só é com o teclado, mas ela tem a partitura - porque para registrar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, para registrar tem que apresentar a letra e apresentar a partitura. A partitura quem fez foi o Maestro Nunes, um ícone do carnaval. (...) Mas nós ainda não tivemos condições financeiras de pagar a uma orquestra para gravar então, por enquanto, ela continua só no teclado (SEMENTE, 2017).

Percebe-se na fala do Professor José Semente, que as táticas em defesa da mata surgiram graças ao trabalho coletivo (a construção do hino teve a participação de pelo menos quatro pessoas: José Semente, Mauro Semente, um cantor de identidade não revelada e do Maestro Nunes, além da aprovação pelo coletivo que constitui o Movimento em Defesa da Mata). A tarefa, no entanto, teve que enfrentar obstáculos como a falta de recursos financeiros para contratar uma orquestra e registrar o hino na Biblioteca Nacional.

Se, porém, o estatuto de procedimento legal impede que seja registrado, de direito, a letra do hino numa instituição, de fato não foi suficiente para impedir que o hino fosse entoado durante o desfile da Troça, levando a mensagem desejada pelos seus idealizadores.

Isto põe em evidência que o cotidiano das práticas daqueles que defendem a Mata, é marcado mais uma vez pela força do fraco, que, usando de suas astúcias, seguiu caminho diferente ao burlar (CERTEAU, 1998) um estatuto estabelecido por imposição legal, de forma que o hino parece ter 'caído na boca do povo'.

A Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia desfila há 10 anos entoando o mesmo hino o qual vem resistindo ao tempo mesmo sem atender ao estatuto estabelecido que sugere o seu registro na Biblioteca Nacional.

De certo, esta resistência pode estar na sua própria letra que conta aspectos da mata, destacando suas dimensões cultural, biológica e histórica, conforme pode se perceber nos esclarecimentos dados pelo Professor José Semente ao oferecer as seguintes explicações e interpretações dizendo: “A letra eu escrevi, como tudo que eu escrevo eu tento contextualizar, me situar dentro daquela realidade do objetivo para o qual eu me propus a escrever, naquela linha. Então, como era carnaval, aí... carnaval e mata!” (SEMENTE, 2017).

O título do hino também tem sua razão de existir. E sobre ele o Professor José Semente revela que

Quando surgiu a idéia da troça veio a questão do nome. Aí, de imediato, veio Araçá da Mata – que já tinha um jornal (com este nome), tiveram algumas edições. Depois vimos que o nome não era ideal pra carnaval (...) aí me veio - como na mata já tem a planta, a Sapucaia - aí eu me lembrei daquele *slogan* do Miguel Falabela (ator e apresentador de TV) que ele coordenava aquele programa Vídeo Show, ele dizia: “Arrebenta a Sapucaia”. Aí eu coloquei: “Arrebenta Sapucaia!” (SEMENTE, 2017).

Conforme se vê na fala do Professor José Semente, o título do hino já sinaliza o propósito do Bloco de convidar a comunidade para a folia com a responsabilidade de refletir sobre a mata, afinal o termo ARREBENTA no contexto em que é empregado, sugere explosão de alegria, deixar-se extravasar, pular de felicidade. Já o termo SAPUCAIA (nome popular de uma árvore da família das *Lecythidaceae* que conhecida cientificamente por *Lecythis pisonis*) é utilizado para lembrar a árvore que existe no interior da mata, valorizando a paisagem pela sua beleza. Logo, por este prisma, percebe-se a dimensão cultural e biológica presentes nos saberes da mata.

Em todas as estrofes do hino está presente a dimensão cultural, e em particular, dá para perceber claramente a valorização da cultura tradicional e popular de Pernambuco manifestada pelo frevo e pelo maracatu (com a batida das alfaias) e, do consagrado bloco Vassourinhas (de Olinda), reinando no período carnavalesco, o que reforça a fala de que os saberes da mata contemplam a dimensão cultural. Na entrevista, o Professor José Semente explica esta dimensão cultural ao comentar que o hino diz:

(...)“vamos cair na gandaia”, que é um termo popular. (...) As pessoas, no carnaval, todo mundo fica à vontade. Pra criar este clima: vamos cair na gandaia! Fala nas alfaias que também - nós entendemos que também é um símbolo importante na cultura pernambucana, porque faz parte do maracatu (...). Então as alfaias,

aqueles bombos que o pessoal usa. Fala do maracatu, fala das alfaias e fala, nessa troça, que também é um ritmo do carnaval pernambucano: as vassourinhas! (SEMENTE, 2017).

A natureza primária, naturalmente, não poderia ficar de fora da letra do hino, uma vez que ele retrata a mata em algumas de suas dimensões. Dessa forma, a dimensão biológica se faz presente também ao longo da letra do hino porque, a exemplo da Sapucaia (*Lecythis pisonis*) outras espécies da fauna e da flora são lembradas, a saber: o Araçá, nome popular de um arbusto frutífero do gênero *Myrcia* sp, pertencente à família das *Myrtaceae*, da espécie *Psidium guineensis* e a Jandaia, uma ave pertencente à família das *Psittacidae* e cientificamente conhecida pelo nome de *Eupsittula áurea*.

Em visita *in loco*, por ocasião da trilha percorrida na mata, vi a ocorrência do arbusto do Araçá e fiz o seu registro conforme fotografia 13.

Fotografia 13: O araçá na mata



Fonte: Santos (2017a)

O araçá é um elemento característico da mata. Sua ocorrência está mais concentrada na área da restinga. Ele aparece na letra do hino da troça Arrebenta Sapucaia.

De fato, na quarta estrofe da letra do hino, é feita menção ao araçá que vem da mata. Vimos que o araçá é um arbusto que compõe o acervo da flora da mata,

mas, vale ressaltar, que este arbusto também deu nome a um Jornal que funcionava como veículo de informações acerca dos acontecimentos sobre a Mata do Engenho Uchôa.

O jornal denominado Araçá da Mata (ANEXO B) faz parte da história do Movimento em Defesa da Mata e foi uma criação dos seus integrantes, no sentido de levar à comunidade as notícias do cotidiano sobre a mata, o que representa mais uma tática do grupo a fim de cumprir com o seu propósito.

Percebe-se neste contexto as dimensões culturais, biológicas (natureza primária) e histórica presentes na letra do hino.

O Professor José Semente confirma esta nossa percepção da complexidade das dimensões presentes no hino ao dizer que ele

(...) fala das alfaias, fala em vassourinhas, fala da sapucaia, fala da jandaia, que é um pássaro que também tem, fala do araçá... então, junta carnaval com a mata, pra criar um clima de.... a questão de expressão! produzir uma expressão artística que é a música que é fundamental para o ser humano (SEMENTE, 2017)

Como podemos perceber, a tática mobilizada para fazer chegar à comunidade do entorno da mata, por meio do hino entoado na ocasião do desfile da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia, contempla saberes de diversas áreas do conhecimento e de dimensões igualmente diversas, como a cultural, histórica e biológica.

A educação não-formal que se faz presente no cotidiano da mata, pode ser facilmente percebida em cada tarefa que se realiza. Neste caso, a criação do hino foi fundamental para que a tarefa maior de colocar a troça circulando nas ruas levando alegria e irreverência aos foliões mas, sobretudo, com uma intenção de mobilizar as pessoas no sentido de ficarem atentas para a importância de lutar pela preservação e conservação da Mata do Engenho Uchôa.

Mas, como dito no início desta seção, o hino não é o único símbolo da troça. Há um segundo elemento que passo a apresentar e discutir na próxima alínea: o estandarte.

b) O ESTANDARTE: O estandarte é um dos elementos que simbolizam a Troça. Nele está a “arte do fazer” (CERTEAU, 1998) pois há um coletivo responsável pela sua criação e confecção que envolve, inclusive, costureiras e bordadeiras,

conforme veremos adiante. A fotografia 14, a seguir, mostra o estandarte utilizado por ocasião do primeiro desfile da troça que aconteceu no ano de 2007:

Fotografia 14 – Primeiro Estandarte da TCM Arrebenta Sapucaia



Fonte: Movimento... (2017)

Na fotografia 14, temos a imagem do primeiro estandarte confeccionado em 2007, por ocasião do desfile inaugural da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia, tendo sido idealizado pelo Professor Edmar Neto, que explica os detalhes presentes nele:

O nome da nossa Troça é Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia. A sapucaia é uma árvore que dá um fruto parecido com um côco, e quando este fruto amadurece, ele, do alto da árvore, então ele provoca um estouro, ele ao amadurecer, ele solta.... o côco se desprende do alto da árvore e cai no solo, destampando – porque o côco ele tem uma tampa, ai ele arrebenta essa tampa e as sementes se espalham na mata, onde os animais – os macacos os sagüis - eles se alimentam dessas sementes. Então contribui com a alimentação dos animais citados e contribui também para disseminar a planta sobre o solo (AMORIM NETO, 2017).

Por esta explicação dá pra entender melhor a ilustração presente no estandarte que evidencia o nome da troça e mostra o fruto da sapucaia estourando e lançando suas sementes. Edmar vai mais além e explica que o desenho da sapucaia explodindo e lançando suas sementes passa a idéia de continuidade da vida. Ele nos diz que

tem um exemplo figurativo dessa planta sapucaia, que é a questão de quando está maduro ele arrebenta, ele dá continuidade à vida, soltando as sementes e alimentando os animais. Parece que tem uma figuração assim como se fosse um útero! Um útero que na hora de nascer a criança, ele chega a hora e não tem como retroagir. Então o fruto da sapucaia é da mesma função, ele, chegado aquele momento de maturação, ele arrebenta e dá prosseguimento à sua função de geração de outras plantas. Então se assemelha a um útero, se assemelha exatamente à vida, ele dá um exemplo de vida. E a nossa troça procura se espelhar nesse exemplo (AMORIM NETO, 2017).

Edmar explica que “tem uma figura central no estandarte que é o mesmo. Todo ano é a mesma figura, pode ser desenhado de maneira diferente, mas é sempre um côco da sapucaia lançando a semente” (AMORIM NETO, 2017).

Edmar era aposentado, mas, quando em atividade, ele ministrava aulas de Educação Artística. Ele nos conta, cheio de satisfação, como se deu a construção do estandarte:

Aceitei o desafio de confeccionar o estandarte da troça. Como eu tenho uma certa habilidade pra desenhar e pra pintar eu fui provocado por um companheiro pra confeccionar o estandarte. E nós saímos em pesquisa aqui pela cidade e conseguimos, eu, juntamente com uma equipe de costureiras e de bordadeiras, nós conseguimos confeccionar o primeiro estandarte da Troça Arrebenta a Sapucaia. Então foi uma idéia que eu criei, eu sou o autor.... fiz o desenho, fiz todo o projeto do estandarte e com a ajuda de algumas senhoras e costureiras nós colocamos na rua o primeiro estandarte da Troça Arrebenta a Sapucaia (AMORIM NETO, 2017).

Percebemos que o estandarte valoriza a figura central da Sapucaia, o que põe em evidência a natureza primária, mas valoriza também a tradição artesanal. O trabalho mobilizado em torno da confecção do estandarte, além de contar com o conhecimento do Professor Edmar, envolvia outros sujeitos na sua construção, como as costureiras e bordadeiras, evidenciando, mais uma vez, o trabalho coletivo em favor de um propósito maior que é a defesa da mata.

No estandarte estava ostentada uma tática, uma arte, uma astúcia (CERTEAU, 1998) para viabilizar o desfile da Troça e fazer chegar à comunidade a importância da luta pela preservação e conservação da mata.

Ali estava presente a educação não-formal, em que o Sr. Edmar, o agente da prática educativa, trabalhava para transformar a si e ao meio, quando cada folião que seguia a troça acompanhando o estandarte, aprendia sobre a importância da mata e se identificava com o propósito de protegê-la, num exemplo clássico da práxis pedagógica (FREIRE, 2006; VÁZQUEZ, 1977).

Ostentar o estandarte significa também erguer a bandeira de luta em defesa da mata e, neste sentido, o Professor Edmar fazia isto com muito orgulho.

No desfile da Troça em 2017 quando estive presente, registrei o momento em que Edmar exibia o primeiro estandarte idealizado por ele e que serviu para o desfile da troça em 2007. Ver fotografia 15 a seguir:

Fotografia 15 – Edmar e o primeiro estandarte da troça



Fonte: O autor (2017).

Mas, além do Hino e do Estandarte, surge um terceiro elemento que caracteriza a Troça Carnavalesca: A Camisa. Sobre ela passo aos comentários que se seguem.

c) A CAMISA: Outro elemento utilizado pela Troça em seus desfiles é a camisa. Cada ano que a Troça se apresenta na comunidade, confecciona uma camisa com o tema previamente escolhido, para ser vivenciado pelos foliões. As mensagens são impressas na camisa (frente e verso) tanto por meio de textos imagéticos, tanto por palavras ou frases, com detalhes coloridos para dar o tom de alegria do carnaval.

Na figura 6 temos alguns modelos. Nas figuras 6a e 6b a seguir, temos representações de camisas dos desfiles da Troça no ano de 2013 e 2016, respectivamente:

Figura 6: Modelos de camisas do desfile da troça.

Figura 6a – Camisa da Troça para no desfile de 2013



Figura 6b – Camisa da Troça para o desfile de 2016



Fonte: Movimento... (2017). Organização: O autor (2017).

Na camisa representada na figura 5a destaca-se na imagem da frente um beija flor (*Amazilia* sp) e o “seu canto” que vem expresso na frase que diz “Oh bela! É a luta pelo parque!” (em alusão à luta travada pelo Movimento junto ao poder público e à iniciativa privada no sentido de transformar num Parque Ecológico aquela Unidade de Conservação). No verso da camisa há uma figura do mascote da Troça, e a indicação do homenageado do desfile o radialista Hugo Martins e do ano do desfile além dos apoiadores da Troça.

No modelo da camisa do desfile de 2016, conforme representado na figura 5b, aparece, na imagem frontal, o mascote da Troça, e a mensagem que diz “Arrebenta sapucaia na cabeça dos coxinhas” (em alusão ao contexto político instaurado naquele ano, que culminou com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff). No verso da camisa a indicação da homenageada no desfile, a Sra. Zilda Xavier Pereira, o ano do desfile e os apoiadores da Troça.

Com estes três elementos à disposição (o estandarte, o hino e a camisa), a Troça se organizava para receber os foliões oferecendo-lhes uma opção de lazer desfilando pelas ruas do Barro e, ao mesmo tempo, colocava em prática a tática mobilizada pelos integrantes do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. O desfile, portanto, é a culminância desta tática, e será discutido na alínea a seguir.

d) O DESFILE: O desfile da Troça faz parte do calendário das ações promovidas pelo Movimento. Esta tática, mobilizada pelos organizadores no sentido de despertar a atenção da população para a importância de preservação e conservação da mata, já é tradição no carnaval da comunidade do entorno, em particular, no bairro do Barro, por onde desfila há mais de dez anos.

A cada ano é escolhido um tema, em geral ligado à política ou cultura local ou nacional e é homenageada uma personalidade ou uma instituição de reconhecida relevância para a comunidade. No quadro a seguir (Quadro 7) está o registro dos temas escolhidos e dos homenageados indicadas nos desfiles da Troça:

Quadro 7 - Temas escolhidos e personalidades homenageadas pela Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia:

ANO DO DESFILE	TEMA ESCOLHIDO	PERSONALIDADE HOMENAGEADA
2007	Não identificado	Não identificado
2008	Não identificado	Não identificado
2009	Não identificado	Não identificado
2010	O boi deu uma festa.... é o início da festa popular.	O Boi de Mainha
2011	Mulher também pode. Que diferença da mulher o homem tem ?	Gercina Gomes – “Que é isso companheira(o)?
2012	Vamos ferver a mídia com todos os ritmos!	Não identificado
2013	Oh Bela! É a luta pelo parque	Radialista Hugo Martins
2014	Em time que está ganhando não se mexe	75 anos de criação do Zoológico do Parque de Dois Irmãos
2015	Minha Mata Minha Vida! Arrebenta Sapucaia! Nem que o tucano tussa.	Grupos de Cavalo Marinho, Maracatus de Baque Solto e

		Maracatus de Baque Virado.
2016	Arrebenta Sapucaia na cabeça dos coxinhas	Zilda Xavier Pereira
2017	Vamos Brincar sem Temer!	Caboclinhos de Pernambuco
2018	Faz escuro mas eu canto.	Professor Edmar Neto

Fonte: O autor (2018).

Como dá pra perceber, no quadro 7, não consegui identificar os temas escolhidos e as personalidades homenageadas nos três primeiros anos do desfile (2007 a 2009), assim como não identifiquei o homenageado do desfile do ano de 2012. Mas, as informações ali registradas, apontam para uma problemática contextualizada nos desfiles, e para o reconhecimento dos sujeitos promotores da cultura tradicional e popular local.

Neste sentido, o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, por meio da tática de desfilar com a TCM Arrebenta Sapucaia proporcionando alegria ao folião pelas ruas do bairro, promove uma discussão ímpar, esclarecendo a comunidade e agregando forças as suas lutas em defesa da mata.

Na fotografia 16, a seguir, o registro do 6º desfile da TCM Arrebenta Sapucaia, em 2012, percorrendo as ruas do Conjunto Residencial Nossa Senhora de Lourdes:

Fotografia 16 - 6º desfile da TCM Arrebenta Sapucaia (2012)



Fonte: Movimento... (2017).

A fotografia 16 registra os foliões acompanhando o 6º desfile da Troça, pelas ruas do Barro, no ano de 2012. Observa-se o estandarte, anunciando tratar-se da TCM Arrebenta Sapucaia, a orquestra que o acompanha e os foliões, vestidos com a camisa e nela impressa o tema do desfile daquele ano: “Vamos ferver a mídia com todos os ritmos!”

Na fotografia 17, a seguir, o registro do 7º desfile da Troça, em 2013, que teve início no Polinho do Barro e encerrou sua apresentação na praça do Conjunto Residencial Nossa Senhora de Lourdes:

Fotografia 17 - 7º desfile da TCM Arrebenta Sapucaia (2013)



Fonte: Movimento... (2017).

Na fotografia 17 os foliões acompanham o desfile pelas ruas do Barro. O pelotão de frente é formado pela orquestra, seguida do segundo pelotão com os foliões e um minitrio para animar a folia.

No pelotão de frente, dá para perceber as pessoas vestidas com a camisa da Troça, a mesma do modelo que consta na figura 5b, que comunica a mensagem de luta por um Parque Ecológico na Mata.

Em meio aos foliões, vem erguido o estandarte, com o nome da troça estampado, permitindo aos foliões, transeuntes e moradores das ruas por onde passa, identificar que se trata da TCM Arrebenta Sapucaia.

Completando o desfile, um minitrio vem com a animação dos locutores, ocasião em que a comunidade é esclarecida quanto a importância da Mata do Engenho Uchôa para a comunidade, os ataques que ela vem sofrendo, manifestados, sobretudo, na forma de incêndio e desmatamento e, conseqüentemente, a necessidade de preservá-la e conservá-la. É a comunicação e a cultura a serviço da educação; saberes táticos mobilizados em defesa da mata. E nunca é demais repetir: a tática é a arte do fraco (CERTEAU, 1998).

No 11º desfile, ocorrido em 2017, pude conferir o desfile da Troça, ocasião em que observei mais detalhes.

Na fotografia 18, a seguir, está registrado um dos momentos desse 11º desfile:

Fotografia 18 - 11º Desfile da TCM Arrebenta a Sapucaia (2017).



Fonte: O autor (2017).

O 11º desfile da Troça foi realizado no dia 18 de fevereiro 2017 (sábado), ocasião em que estive presente observando toda a movimentação. Nesta edição, a Troça desfilou em horário noturno e no dia de sábado, diferentemente das versões anteriores quando o desfile acontecia sempre aos domingos, com concentração no horário da manhã. Na ocasião, o tema escolhido foi “Vamos Brincar sem Temer!” e

os homenageados foram os Caboclinhos de Pernambuco, que constitui Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

A concentração da agremiação para este desfile aconteceu na Praça Maria da Conceição, na Vila Carmela Dutra, no bairro do Barro, com os primeiros participantes/convidados chegando num ônibus por volta das 18h45min. Eram os integrantes do Boi de Mainha<sup>47</sup>, uma agremiação com sede no bairro do Ibura, que veio prestigiar e participar do desfile da Troça, oferecendo seu apoio ao Movimento.

Vale ressaltar que, sendo a Troça uma criação do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, ela mantém a parceria característica do Movimento, conforme percebemos na pesquisa desenvolvida no mestrado (SILVA, 2014), onde destacamos que “O caráter coletivo do grupo não se restringia apenas aos grupos de amigos. Era algo mais abrangente de tal forma que chegava a firmar parcerias com outras entidades para dar conta das demandas” (p. 89). Assim, a parceria que já vem materializada com os patrocinadores estampados na camisa da Troça agrega mais forças com a participação da agremiação o Boi de Mainha, reafirmando o caráter coletivo bastante característico de um movimento já consolidado, como é o caso do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

Voltando à concentração do desfile, ainda na praça, bem arborizada e com ruas asfaltadas, observávamos crianças brincando, acompanhadas pelos seus responsáveis, vendedores de pipoca, água e refrigerantes, oferecendo seus produtos e movimentando a economia, gerando renda para a comunidade.

Ao me aproximar do coletivo que integra o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, fui ao encontro do Sr. Augusto Semente, um dos coordenadores do Movimento e da Troça, que já estava ciente da minha participação no desfile na condição de pesquisador.

Na ocasião, Augusto, ao me receber, de imediato me apresentou ao Professor Edmar Neto, idealizador do estandarte da Troça, e a outros de seus colegas de luta, integrantes do Movimento e da Troça, explicando a razão da minha presença e eu fui muito bem recebido por todos, sendo, inclusive, convidado a experimentar um caldinho e batida de maracujá e limão, feitos por uma das integrantes, conhecida pelo nome de Angélica.

---

<sup>47</sup> Na seção 6.1.2, será discutida com detalhes a participação da agremiação O Boi e Mainha enquanto tática em defesa da mata.

A praça já contava com um significativo número de foliões, quando o carro de som, comandado por Luciano, anunciava os preparativos do desfile, destacando o homenageado (Caboclinhos de Pernambuco) e a motivação da Troça (oferecer alegria ao folião e chamar a atenção da comunidade para importância da luta em prol da implantação do parque ecológico como forma de preservação e conservação da mata), entoando, ao ritmo de frevo, o hino da Troça.

Na sequência, foi iniciada a apresentação da agremiação O Boi de Mainha que, com muita criatividade, fez sua exibição contando histórias e entoando cânticos, por meio dos quais promovia a educação (não-formal, em sua expressão mais autêntica) trazendo mensagens de cidadania, valorização da mulher e defesa do meio ambiente (na seção a seguir discutiremos a contribuição desta agremiação para a Mata).

Após a apresentação do Boi de Mainha, por volta das 19h30min, o desfile seguiu pelas ruas do bairro do Barro, atravessando a Avenida Dr. José Rufino, e indo em direção ao Conjunto Residencial Nossa Senhora de Lourdes, com o carro de som e a Orquestra Interatividade (Alto José do Pinho, Recife/PE) animando os foliões que acompanhavam o cortejo e as pessoas que apareciam nas calçadas ou janelas de suas casas.

Chegando ao conjunto residencial, em frente à casa onde morou Rousinete Falcão (já tecemos comentários sobre ela no capítulo 5, seção 5.2.2), o desfile fez uma pausa para uma justa homenagem a ela por ocasião dos 10 anos de seu falecimento.

Na ocasião, foi destacada a relevante contribuição de Rousinete em defesa da mata, a sua capacidade de luta e alegria contagiante. Ela, que foi a pioneira em defesa da Mata, também foi uma das fundadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, em 1979.

O momento sublime da homenagem se concretizou com a entrega, por Luci Machado, ao filho de Rousinete, o Dr. Flávio Falcão e a neta Fabíola, de uma placa de homenagem em que estava escrito:

10 anos sem a sua presença física, mas sua força, seu espírito de luta, sua alegria estão sempre presentes no coração de todos nós que continuamos a luta / Fevereiro de 2017 / Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e T.C.M Arrebenta Sapucaia! / Rousinete Falcão (Rosi) / 10 anos (MOVIMENTO... 2017)

O Dr. Flávio Falcão, recorda a homenagem ao dizer que “o Arrebenta Sapucaia saiu pelo bairro e parou na frente da casa dela e fizeram um discurso lindíssimo em homenagem a ela, e entregaram pra mim e à minha filha – a neta dela – uma placa” (PEDROSA, 2017).

A justa homenagem a Rousinete se estendeu aos demais companheiros e companheiras de lutas que ficaram para a memória do coletivo, a saber: Professora Gercina Gomes (militante do SINTEPE), Professora Lizete Morais (colaboradora na ornamentação de eventos) e Adelmo Araújo (educador popular e diretor regional da FASE).

O desfile chegou ao fim quando o Professor José Semente descerrou o banner rendendo homenagem à agremiação Caboclinhos de Pernambuco – homenageada do desfile de 2017 da TCM Arrebenta Sapucaia – ocasião em que ele lembrou que esta manifestação carnavalesca teve início no Século XIX, expressa por descendentes de índios (MOVIMENTO..., 2017).

Como dá pra perceber, as táticas mobilizadas por aqueles que, por meio da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia, constroem os saberes da mata, sejam eles organizadores ou, simplesmente, foliões sem filiação, é marcado por um calendário permanente do qual constam vários eventos, cujo cotidiano de lutas inclui reuniões de planejamento, bingos, encontros entre amigos, troca de informações pelas redes sociais e desfile do bloco.

Assim, a própria Troça representa uma tática em defesa da Mata, mobilizando ações diversificadas, recheadas de saberes curriculares e extracurriculares, a exemplo da cultura tradicional e popular aqui manifestada pelo frevo, caboclinho, bumba-meu-boi, bem como pela materialização de um currículo que favorece a discussão em torno dos conceitos de luta de classe, coletividade, complexidade, historicidade, preservação e conservação dos recursos naturais, valorização do ser humano enquanto sujeito de direito. Percebe-se uma complexidade dos saberes ali mobilizados; uma aula de cidadania que, no atual contexto da política educacional, se apresenta como uma tática bastante significativa no preenchimento da lacuna deixada pela estratégia governamental que defende uma escola sem partido.

Com isto, passo à próxima seção, sinalizando para outra tática, mobilizada pela comunidade, em defesa da mata, que é a agremiação O Boi de Mainha, conforme segue.

### 6.1.2 O Boi de Mainha: caminhando para a Mata do Uchôa, reunindo gente boa

A trilha pela Mata do Uchôa parece ser longa, mas continua reunindo gente boa e encontra, dentre os seus arredores, no Bairro do Ibura, um coletivo que promove a cultura tradicional e popular em defesa da preservação e conservação da Mata, além de outras causas: trata-se da agremiação O Boi de Mainha.

Nesta seção, me propus a discutir a agremiação O Boi de Mainha, que é mais uma tática mobilizada em defesa da Mata do Engenho Uchôa. Uma tática que vem sendo posta em prática há mais de 20 anos e que tem como carro chefe a cultura tradicional e popular do Boi Bumbá.

Sobre esta agremiação, tomei conhecimento dela em conversa informal com o Sr. Augusto Semente e a Professora Luci Machado (coordenadores do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa). Ambos comentaram sobre o seu trabalho educativo, artístico e cultural em favor da mata e em apoio ao Movimento.

Por ocasião do desfile da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia em 2017, pude assistir à apresentação da agremiação O Boi de Mainha (Fotografia 19) que havia sido convidada para participar daquele evento.

Fotografia 19 – Apresentação do Boi de Mainha (2017).



Fonte: O autor (2017).

O Sr. Augusto me explicou que a agremiação o Boi de Mainha é uma organização do Sr. Vavá, morador do bairro do Ibura. Alguns dias após o desfile

entrei em contato com o Sr. Augusto e solicitei dele um meio de contato com o Sr. Vavá, tendo ele me fornecido o número do seu telefone para que eu o procurasse.

A metodologia aplicada na construção desta seção fez uso da fonte oral mediante entrevista concedida pelo Sr. Vavá (Valter Libânio da Silva), organizador da agremiação O Boi de Mainha, além da observação participante que se deu em razão do 7º desfile da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia, em que a agremiação foi convidada a participar e eu estava presente.

Meu primeiro contato com o Sr. Vavá, aconteceu no dia 21 de setembro de 2017 por telefone via whatsapp. Na ocasião, eu me apresentei, falei quem havia me sugerido falar com ele, expliquei minhas intenções, lhe fiz o convite para participar da tese me concedendo entrevista e ele concordou.

Valter Libânio da Silva (Fotografia 20) é conhecido na comunidade pelo pseudônimo de Vavá. Ele tem formação na área de comunicação e é operador de áudio e vídeo. Mora no bairro do Ibura, onde é líder comunitário e organizador da Agremiação O Boi de Mainha, que inclusive mobiliza ações em defesa da Mata do Engenho Uchôa. A entrevista com Vavá aconteceu no dia 23 de setembro de 2017, na sede do Boi de Mainha, na Rua Rio Moxotó, nº 96, no Bairro do Ibura, Recife/PE.

Fotografia 20 – Valter Libânio da Silva (Vavá) - Organizador do Boi de Mainha.



Foto: Santos (2017a).

Na ocasião da entrevista, pedi que o Sr. Vavá falasse sobre a Mata do Engenho Uchôa e ele iniciou sua fala fazendo questão de entoar a seguinte canção:

**Essa mata é meu pulmão**  
(Lanis Maria)

Vamos caminhando,  
para a Mata do Uchôa!  
Vamos reunir,  
nessa Mata gente boa!

Nessa Mata gente boa  
Nessa Mata gente boa  
Nessa Mata gente boa  
Nessa Mata gente boa

Tartaruga, jacaré,  
peixe bom, poluição!  
Cajá, manga e dendê,  
e essa tal devastação!  
Essa tal devastação  
Essa tal devastação

Mas o povo está alerta  
Sapucaia vem me vê  
Barro, Ibura e Jordão  
Essa mata é meu pulmão  
Essa mata é meu pulmão  
Essa mata é meu pulmão.

Esta canção, segundo Vavá, é cantada numa batida de maracatu, pelo Boi de Mainha em suas apresentações. A música tem como título “Essa Mata é Meu Pulmão”. É de autoria da filha dele, Lanis Maria, ela compôs quando ainda tinha cerca de 9 a 10 anos de idade; e é a partir desta música que se dá todo o trabalho da agremiação (SILVA, 2017)<sup>48</sup>.

Segundo Vavá, O Boi de Mainha, é uma agremiação fundada em 1995, e um dos seus primeiros trabalhos em favor da Mata do Engenho Uchôa foi realizado de forma inocente e sem pretensões (Idem). Ele conta como a agremiação tomou gosto pela Mata, se aproximou do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e se identificou como defensores da mata, ao dizer que

Quando chega todo domingo de carnaval a gente reúne todo o pessoal do grupo e da comunidade, convida os parceiros, e vem com a corda de caranguejo, caranguejo vivo! A gente pega essa corda de caranguejo, e a gente vai soltando, cantando essa música. Vamos

---

<sup>48</sup> A entrevista completa consta no Apêndice O.

cantando num cortejo até a mata, onde você viu neste instante, e a gente vai passando e vai soltando os caranguejos. A gente vai pra dentro da mata povoando essa mata de caranguejo. Imagina de 95 pra cá quantos caranguejos a gente já soltou! E todo domingo de carnaval a gente faz isso. Já é uma coisa obrigatória do Boi de Mainha soltar os caranguejos. Então é nesse sentido que a gente tomou o gosto pela Mata e chegamos junto ao Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Então, não é de agora que a gente começou. Faz tempo que a gente começou. A gente é um defensor! (SILVA, 2017)

De fato, conforme escrito nos versos da canção, o que a jovem Lanis Maria nos transmite é que há uma preocupação em reunir o povo na mata. Uma mata que apresenta valores da fauna e da flora sendo ameaçados pela poluição e devastação, e aponta para a necessidade do povo dos bairros do seu entorno ficarem alertas porque a mata representa o pulmão. A música é a materialidade da preocupação de uma criança; agregou forças ao coletivo e fortaleceu a agremiação.

A agremiação se fortaleceu ao ponto de delegar aos moradores da comunidade o papel tático de defensores da mata contra as estratégias de poluição, incêndio, ocupação e desmatamento, conforme explica o Sr. Vavá:

O que é o nosso papel enquanto Boi de Mainha? Enquanto movimento aqui que a gente tem na comunidade? É o papel de defender a mata! A gente, quando teve a questão do lixo, a gente brigou, quando tem o pessoal que tira pau pra fogueira a gente briga também com esse pessoal, quando tentou o pessoal ocupar a gente foi pra cima dizer, explicar qual o motivo porque não faça a ocupação, porque essa mata é um pulmão pra gente é uma coisa.... não adianta se a gente deixar o pessoal vai fazer um barraco derrubar a mata. Então, a gente tem essa preocupação, a gente é um vigilante do Recife sem ter nenhum ganho financeiro com prefeitura, órgão do estado, mas a gente se preocupa mais, muitas vezes do que os próprios órgãos que deveria fazer, porque a gente ta aqui, ta alerta, a única coisa que a gente não podia fazer, porque a gente não tem poder de polícia é chamar e dizer ó, o pessoal ta fazendo isso, ta fazendo aquilo, ai o CIPOMA vem pra ver quem ta tirando pau da mata, derrubando árvore, tirando pau, e é uma briga constante que a gente tem (SILVA, 2017).

Percebi na fala do Sr. Vavá, o histórico de agressão que a mata vem sofrendo e como a comunidade tem se mobilizado, com suas táticas, para defendê-la, em resposta à estratégia dos órgãos governamentais que não mobilizam esforços com esta finalidade, além do interesse econômico que estaria incentivando a derrubada de árvores, também como estratégia, para favorecer a construção de um condomínio de luxo.

Vavá, que chega a afirmar que “a mata é um pulmão pra gente” (SILVA, 2017) nos chama a atenção para a riqueza da biodiversidade que constitui a mata, lembrando que a letra da música criada pela sua filha, apresenta os elementos da fauna como tartaruga, jacaré, peixe, capivara, macaco, sagüi, borboletas e também os elementos que a destroem como a poluição trazida pelo rio por ocasião das enchentes que são recorrentes na região, informações que reforçam os dados já apresentados em capítulos anteriores.

A este respeito ele destaca que “o papel da agremiação enquanto dimensão cultural das ações por ela mobilizadas é pegar esses elementos e transformar em música, e transformar em debates e transformar em poesias” (SILVA, 2017). É transformar em saberes da mata. É Educação!

O caráter cultural é tão marcante na agremiação que até o seu próprio nome nasceu de uma situação real que logo depois foi transformada em poesia. Ao questionar o Sr. Vavá como surgiu o nome da agremiação ele nos explica:

Num domingo de carnaval  
Um lindo dia de sol  
Lá no meu cercado  
Apareceu um boi manifestado  
Tudo o que via destruía

Um menino encabulado  
Chamou a mãe, muito zangado:  
Mainha! mainha!

A mãe logo apareceu  
E percebeu que no seu cercado  
Tinha um boi manifestado

O povo logo festejou  
E Boi de Mainha batizou  
O boi fazia assim: moooonnnn  
E o povo dizia assim:  
boi, boi, pra onde é esse boi?

E a gente dizia assim:  
Dizer boi dizer Ibura  
Dizer boi dizer Ibura  
Esse boi é do Ibura

Dizer boi dizer mainha  
Dizer boi dizer mainha  
Esse boi é de mainha

Boi, boi, boi, boi,  
Boi, boi, boi, boi,  
É carnaval, É carnaval....

Ao interpretar esta poesia ele mesmo explica como surgiu o nome da agremiação:

Aparece um boi na rua! Tinha eu, Dona Maria, um pessoal, Dona Maria já foi embora, algumas pessoas já foram embora, só tem dos fundadores eu e Dito - mora em piedade. Ai a gente sentado aqui, tomando uma com limão, num domingo de carnaval, dia 26 de fevereiro de 95, aqui, quando vê aparece um boi. Aparece um boi derrubando o lixo. Ai um menino encabulado, o menino até se chamava Pão com manteiga (risos) olha o apelido! O menino estava preocupado pra ele não derrubar o lixo, aí ele correu chamou mainha: mainha! mainha! A mãe sai. Quando a mãe sai, lá fora ela percebe o boi. A gente aqui, ai a gente disse: Eita, olha o boi! É de mainha! Aí pegou: O Boi de Mainha! (risos). Por causa dessa coisa: o boi foi mexer no lixo, o menino gritando mainha, ai a gente fez isso, era um domingo de carnaval, um dia de sol, apareceu um boi, todo manifestado, tudo o que via destruía, ai um menino encabulado chama a mãe, muito zangado, ai a mãe sai, percebe, o povo grita, o povo batiza, aí: Boi de Mainha! É nesse sentido que o Boi nasceu. Foi de uma coisa assim. Ai a gente fez um boi de papelão, ficamos brincando, ai pegamos umas latas aí com os meninos e saímos com uma caixa de papelão por cima, ai no outro ano a gente melhorou, hoje a gente é do grupo especial (SILVA, 2017).

Como se percebe, o Boi nasce da cultura, no seio da comunidade, numa situação concreta do seu cotidiano. Hoje a agremiação é uma manifestação cultural, constitutiva de uma tática em defesa da mata, que se apresenta em universidades, escolas, creches, presídios e reflete o trabalho de jovens do Ibura e de outros bairros como Pina, Milagres e UR1.

Além da dimensão cultural das táticas mobilizadas pela agremiação, percebe-se um impacto na dimensão social, sobretudo no que se refere à geração de renda para os jovens da comunidade quando aprendem a arte de confeccionar os elementos da agremiação (o boi, a burra, as alfaias, os mamulengos). Toda a aprendizagem que se dá na construção do boi, na arte de desenhar, de colocar cada adereço, e costurar cada roupa para o boi, de confeccionar e afinar as alfaias, constitui uma verdadeira fábrica de saberes (CERTEAU, 2011) que se dá por meio da arte do fazer, das táticas mobilizadas (CERTEAU, 1998).

O impacto social da fabricação desses saberes do tipo tático também é favorável à subsistência das famílias, em razão da reposição de caranguejo que é realizada no mangue dentro da mata, e do cuidado com a coleta de frutas; nestes casos, a intenção é garantir o crustáceo e as frutas sem que haja depredação do bioma. Para além do paradigma da conservação e da preservação Vavá avança, mesmo empiricamente, para o paradigma da sustentabilidade, quando nos conta

que o papel social da agremiação junto aos moradores do bairro, é para conscientizar as pessoas quanto ao uso da mata sem depredá-la. Ele nos diz que

Muita gente vai pra tirar manga, cajá, dendê, banana, enfim, tem muita coisa ai que eles sabem o tempo que elas vai dar e eles saem de carroça daí de dentro. Mas é.... a gente diz: não deprede! Não vá derrubar mangas verdes, não vá tirar..... deixa as árvores..... quando tiver no tempo..... muita jaca né, muita jaca, jambo, muito jambo, pitomba – que é coisa rara mas tem – mamão, muito mamão, quem planta eu não sei, mas que tem tem, né? e lá dentro tem, e lá perto do casarão tem côco, essas coisas. Então, a gente... é o papel da gente dizer isso pro social (SILVA, 2017)

A ocorrência dos frutos presentes na mata como jaca, jambo, pitomba, mamão, côco fica evidente na fala de Vavá, indicando que a comunidade faz uso da mata para colher frutos que irão servir, inclusive, na geração de renda para o sustento das famílias, o que reforça a preocupação com a preservação e conservação da mata e, mais ainda: com a sua sustentabilidade!

Ademais, há um serviço de Creche oferecido pelos organizadores da Agremiação que é a Creche de Mainha, que cuida das crianças carentes da comunidade enquanto suas mães vão para o trabalho, reforçando o papel social da agremiação.

Além das dimensões cultural e social mobilizadas em favor da mata, Vavá destaca a dimensão política das ações da agremiação, inclusive no apoio às iniciativas do Movimento em Defesa da Mara do Engenho Uchôa. Ele nos conta que

o político é a gente fazer o que o Movimento ta fazendo: é ir pra luta pra dizer que isso é importante pra gente. Importante barrar a usina de lixo, barrar alguns que estão aí ainda construindo com autorização do poder público, o poder público se esconde, tira o corpo, né?. Então a gente vai lutar até enquanto puder nesse lado, fazendo o trabalho político e social tentar enxergar, tentar ver, ta certo, essa importância (SILVA, 2017).

Com estas palavras Vavá ratifica a dimensão política do trabalho coletivo junto ao Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Ele vai mais além e apresenta suas críticas inclusive ao progresso. Para ele “o progresso vem assim: É um cavalo que vem montado na economia e com o apoio governamental. Aí chama de progresso e não sabe a destruição que vai fazer (...) É um crime o que vem fazendo né? É muita exploração, é complicado” (SILVA, 2017).

A dimensão cultural, social e política, não produziram os efeitos desejados pelo coletivo se não passasse pela dimensão educacional. Neste sentido, a

educação também é parte constitutiva do cotidiano das práticas da agremiação.

Segundo Vavá:

O Boi é uma escola sem título. É uma escola do dia a dia. Primeira coisa que a gente diz aqui no Boi. A quem quer participar desse Boi: Que a gente não aceita menor que bêba, que fume, a gente proíbe isso tá entendendo? E aqui é uma escola em que a gente vai fazer o Boi, pronto; vai fazer as alfaias, né? o bombo! Então eles têm que vir pra eles aprenderem; a gente vai confeccionar o Boi, eles tem que estar aqui pra eles aprenderem. Um mamulengo que a gente faz, eles tem que aprender. A burra, enfim... tudo isso pra eles aprenderem e começarem a fazer pra eles começarem a ganhar dinheiro, sua geração de renda! Então a gente faz isso (SILVA, 2017).

Além das oficinas que são oferecidas, conforme nos relata Vavá nesta sua fala, a educação se materializa por meio de palestras e dinâmicas. Dentre os conteúdos do trabalho educativo oferecido pelo Boi de Mainha, Vavá destacou as lições de cidadania, fé e política.

Vavá acredita no poder transformador da cultura, ele nos conta que “muita gente pensa que o movimento de cultura popular é uma ‘cosinha’ né? Mas não é. É uma coisa grande! A gente não faz cultura por fazer. A gente faz cultura pra transformar, né? Esse é o aprendizado da gente” (SILVA, 2017).

Segundo o Sr. Vavá, o entendimento é de que as atividades culturais mobilizadas pela agremiação O Boi de Mainha, não devem ser vistas como uma ‘coisinha’, mas o resultado de um trabalho coletivo que se constitui numa força transformadora do menor, tornando-o grande. Ele nos explica como a cultura popular era vista no passado e como a situação mudou, ao dizer que

tinha um certo ano que a cultura popular era vista assim: Quem faz a cultura popular? É o pobrezinho! É o cabra lascado, o descalço. Faz a cultura depois enche a cara de cachaça, parará, parará.. Era esta a visão que o pessoal tem, tinha e tem ainda que a cultura é isso. Acabou-se isso! A cultura não é mais isso! Hoje, se agente pudesse colocar todos os grupos hoje dentro da Cidade do Recife, a gente hoje é a maior categoria, vamos dizer se pegasse todos os que fazem parte da Federação, só ligado à Federação temos mais de 300 grupos e deles fazem parte fisioterapeutas, trabalhadores autônomos, tem pessoal da área de comunicação, tem da área de enfermagem, enfim, tem uma gama de gente que faz cultura popular hoje, como alguns maracatus. Tem maracatu de classe média, rica. Tem maracatu “A cabralada”, “A nação elefante” enfim (SILVA, 2017).

O que Vavá deseja que fique claro é que a cultura popular não deve mais ser entendida como uma coisa sem importância, pequena, fraca, como no passado,

mas uma tática que exerce poder de transformação. E é neste sentido que Certeau nos ensina que “a tática é a arte do fraco” (CERTEAU, 1998, p. 101) e nos faz recordar que “não se devem tomar os outros por idiotas” (1998, p. 19).

Como se percebe, a agremiação O Boi de Mainha, também se constitui numa tática mobilizada em defesa da Mata do Engenho Uchôa. Uma tática que vem permeada de ações culturais, cujo carro chefe é o Boi Bumbá, além das ações sociais, políticas e educacionais, que fazem parte do cotidiano da agremiação. Estes são os saberes que por hora encontramos ao caminhar pela mata e seu entorno.

Vavá, é mais um que se destaca como um Sujeito Ecológico (CARVALHO, 2011) e Educador Social (GOHN, 2010).

A trilha pela mata é complexa, cheia de caminhos alternativos que apontam sempre uma direção que é a defesa da Mata e que convida a seguir adiante, posto que ainda há outros percursos a serem explorados. O próximo, que será discutido na seção a seguir, é O Movimento Ecológico. Este caminho, traçado na comunidade escolar, também se constitui numa tática mobilizada em defesa da mata.

## 6.2 O MOVIMENTO ECOLÓGICO: TÁTICAS QUE APROXIMAM ESCOLA E COMUNIDADE

Nesta seção, trago para a discussão mais uma tática em defesa da mata. O diferencial aqui é que esta tática está situada no campo da educação formal. No entanto, ela rompe os muros da escola e segue em direção à mata, de forma que a comunidade escolar cria o Movimento Ecológico e estabelece diálogo com a comunidade do entorno mediante troca de saberes com o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa com aquele mesmo propósito de defender a mata.

Dessa forma, os saberes tradicionais da comunidade do entorno da mata se fundem com conhecimento que circula na comunidade escolar, na promoção de um diálogo em defesa da mata, resultando em táticas que mobilizam os sujeitos da prática educativa num contexto em que não é suficiente falar em uma só educação mas em várias educações (BRANDÃO, 1995; GADOTTI, 2012).

A metodologia a que recorreremos para dar conta desta seção incluiu a coleta de dados mediante consulta aos registros encontrados no blog do Movimento em Defesa da Mata, fotografias, notícias em jornais locais, observação participante e entrevistas que encontramos em nossos arquivos e que nos foram concedidas em

2015, sendo uma pelo Professor Jorge José Araújo da Silva<sup>49</sup>, e outra pelo Professor Hildemarco Florêncio da Silva<sup>50</sup>, por ocasião do meu trabalho de conclusão de curso de Pedagogia (SILVA, 2015a). As entrevistas – que aqui são tomadas enquanto documentos na amplitude de seu entendimento - trazem detalhes sobre O Movimento Ecológico que será aqui discutido enquanto tática teorizada por Michel de Certeau (1998).

O Movimento Ecológico é uma ação de iniciativa da comunidade escolar da Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco (Tejipió, Recife/PE) e que faz parte da sua agenda ambiental. Este Movimento se volta para a preservação e conservação da Mata do Engenho Uchôa, constituindo-se numa tática em sua defesa, favorecendo a aproximação entre escola e comunidade rompendo, portanto, com o ensino tradicional e valorizando as atividades extraclasses e os espaços de educação não-formal como é o caso do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

Trata-se de uma tática que mobiliza uma série de atividades escolares que acontecem numa frequência contínua e que utilizam a mata como laboratório natural para as aulas de diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar, culminando com uma caminhada pelas ruas do bairro em substituição ao desfile de 7 de setembro (Dia da Independência do Brasil).

Idealizado pelo Professor Jorge José Araújo da Silva, o Movimento Ecológico vem acontecendo anualmente desde 2001. O Professor Jorge, que é ambientalista, e faz parte da ASPAN e é especialista em manguezais, nos diz que sempre esteve participando da luta em defesa da Mata do Engenho Uchôa e, por trabalhar numa escola ali perto da mata, tendo tomado conhecimento de que a mata estava para ser retalhada em lotes para construção de um condomínio residencial e mais tarde numa usina de lixo, houve uma espécie de pânico porque a escola está localizada ali perto, às margens da mata.

O Professor Jorge nos revela que estas foram as inquietações que levaram ao surgimento do Movimento Ecológico na Escola Presidente Humberto Castelo Branco ao explicar que

---

<sup>49</sup> O Professor Jorge ministrava aulas de Geografia na Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco quando idealizou o Movimento Ecológico na instituição. Ele é membro do Conselho Gestor da APA da Mata do Engenho Uchôa Rousinete Taveira Falcão.

<sup>50</sup> O Professor Hildemarco é Gestor da Escola Estadual Presidente Humberto Castelo Branco. Durante a sua gestão foi implantado o Movimento Ecológico na escola.

O que vem daquela Mata, de produto de oxigenação, de amenização ambiental, entra diretamente no Tejipió. E a escola é um dos primeiros edifícios que tem ali, tem uns edifícios, uns condomínios baixinhos, mas logo depois vem a escola, então a gente sente essa brisa, tem a BR também que corta, mas a gente sente a amenização da Mata do Uchôa, do resultado na escola. Se aquilo ali fosse um condomínio ou uma Usina de lixo, imagina o mal cheiro que iria cair naquela escola! Então diante dessas questões começamos a pensar em algo maior, e o Movimento Ecológico surgiu. (SILVA, 2015b)

O Professor Jorge explica como surgiu o movimento:

O Movimento Ecológico surgiu, na verdade, em reunião dos professores e coordenação pedagógica para se montar o desfile da escola e eu era o único que dizia: eu não aceito essa questão de desfile! Eu acho que desfile era da Ditadura Militar, para mostrar arma, mostrar pose, mostrar um comportamento militar que hoje não cabe, a gente tem que parar com essa história de desfile militar, desfile de 7 de setembro! Aí o diretor foi bem claro: então coloque alguma coisa no lugar, você tem que colocar alguma coisa no lugar, porque a gente não vai ficar 7 de setembro sem fazer algo que não tenha algo cívico, que remeta à questão civil. Então eu disse: tudo bem, eu vou pensar! Eu passei três domingos, eu lembro que eu parei assim três domingos escrevendo um Movimento Ecológico e, para o meu ver, era fundamental a gente desfilar sair da escola e não para a praça, para o centro do bairro de Tejipió. Para mim o fundamental era sair para ir para a Mata do Uchôa, então nós pensamos no Movimento Ecológico (SILVA, 2015b)

Percebe-se, pelos relatos do Professor Jorge, a tática, sugerida por ele, diante de uma estratégia que estabelecia o instituto do desfile cívico de 7 de setembro em comemoração à data da Independência do Brasil. A tática consistia em substituir o desfile por uma caminhada ecológica pelas ruas dos bairros de Tejipió (onde está localizada a escola Castelo Branco) até a Mata do Engenho Uchôa no bairro do Barro.

A tática idealizada pelo Professor Jorge foi estruturada na forma de um projeto, o qual foi acatado pela comunidade escolar e deveria ser implantado ao longo do ano letivo, culminando com uma Caminhada Ecológica. O projeto envolvia alunos dos três turnos da escola, professores das diversas disciplinas e equipe gestora. A intenção era organizar uma caminhada com todos os alunos, divididos em pelotões identificados por diferentes cores que teriam alguma relação com os elementos da natureza, conforme nos relata o Professor Jorge:

Então, para você ter uma ideia, a escola tinha três turnos, acho que a escola ainda tem três turnos, cada turno com fundamental e médio, então são seis unidades, então eu pensei seis temas, seis sub temas, que foram distribuídos por cores. Então, por exemplo, o amarelo, o sol, tudo ligado a sol, a energia solar a reciclagem, a vida

no sol, a luz, a beleza do dia, tal. Então a temática que o grupo iria trabalhar era a temática sol e a luz do planeta; O azul as águas; o verde as Matas; o vermelho o sangue, os animais, por isso que era ligado aos animais; o preto o lixo e o branco a atmosfera, a paz e a atmosfera. Então foram seis temas com seis cores que nós distribuimos em seis pelotões, cada um pelotão com o horário e com o turno e as séries unidas para fazer aquela cor. (...) Então nós distribuimos, a idéia era ter os seis pontos e distribuir isso e sortear e eleger alguns professores que fossem coordenadores de cada área dessas, que iriam dialogar com os alunos durante o ano. Isso foi já depois de 7 de setembro para o próximo ano, começamos a montar no ano anterior. Então escrevi essa ideia e levei para o grupo e eles acataram (SILVA, 2015b).

Nas fotografias a seguir (Fotografias 21 e 22), estão registrados momentos da caminhada ecológica (uma das atividades do Movimento Ecológico) ocorrida em 2013 da qual eu tive a oportunidade e a satisfação de participar como membro da comissão julgadora das equipes participantes da gincana:

Fotografia 21 - Desfile do Movimento Ecológico realizado no dia 09/11/2013.



Fonte: Movimento... (2017).

Fotografia 22 - Alunos no pátio externo da escola Castelo Branco, no bairro do Tejipió.



Fonte: Movimento... (2017).

Na fotografia 21, observa-se a participação dos alunos, professores, técnicos e comunidade em ato em defesa da Mata do Engenho Uchôa, numa caminhada pela Avenida doutor José Rufino, no bairro de Tejipió.

Na fotografia 22, observa-se a participação de alunos reunidos em pelotões, no pátio externo da escola Presidente Humberto Castelo Branco. Em primeiro plano, o pelotão vestido de cor vermelha, representando os animais.

O projeto, que previa o trabalho em equipe, mobilizando toda a comunidade escolar, foi pensando de forma a incluir a participação da mídia, o apoio do Batalhão de Trânsito e do Movimento em Defesa da Mata. As ações envolviam a coleta de material reciclado ao longo do ano que, inclusive, seria uma das provas de uma gincana que seria realizada dentro do projeto, além de outras provas surpresas, conforme nos relata o Professor Jorge:

A ideia era que os professores ficassem coordenando essas subáreas e eu ficava coordenando (eu, o diretor e a vice diretora e o secretário). A gente coordenou a parte externa de levar para a mídia, de chamar o pessoal de fora, de montar o que seria a culminância do Movimento Ecológico porque a idéia, durante o ano, era da gente

colher lixo, colher papel para reciclar, colher pet para reciclar, colher lixo para reciclar, pesar tudo isso e contabilizar. Então as seis equipes estariam juntando tudo isso e quando chegasse em setembro, depois de setembro a gente já iria fazer a culminância. Então a ideia era fazer a culminância. Como? Pela manhã a gincana ecológica e o almoço, e à tarde o desfile. Com o retorno do desfile daria o resultado. Então, como era de manhã, a gente teria uma banca julgadora, uma comissão julgadora, e que a cada grupo iria trazer o que foi feito, o que foi apresentado. Tinha atividades surpresa, tipo assim: quem consegue fazer daqui a 10 minutos uma poesia ecológica? E cada grupo já se fechava para fazer a sua e iriam recitar a poesia ecológica. Tipo: a maior fruta, quem conseguir a maior fruta. Eles iam para a Ceasa. Durante o dia quem chegar com a maior fruta ganhava aquele ponto. Tinha várias atividades surpresa e tinha também atividades amarradas que iríamos construindo durante o ano, como eu falei, a reciclagem; fazer uma horta durante o ano. A equipe que estava com a horta frutificando mais, lá na escola. Isso tudo estava dentro do projeto (SILVA, 2015b).

Tendo chamado a atenção de órgãos ligados ao meio ambiente, o Movimento Ecológico recebeu a visita do diretor de Meio Ambiente da Prefeitura do Recife Sr. Maurício Laxe, que foi ver o movimento, e isso, segundo o Professor Jorge, foi conferindo visibilidade ao movimento, que foi tomando proporções maiores tendo abarcado outras escolas próximas (a exemplo da Escola Alberto Torres e Paulo Guerra) num total de 7 escolas e a comunidade.

Dentre outras as atividades do Movimento Ecológico, um detalhe me chamou a atenção: a visita à mata, que não era apenas a visita pela visita. Segundo o Professor Jorge

a missão maior de ir para a mata, além de conhecer e conscientizar a comunidade era que os alunos tinham que levar mudas e plantar na mata. Quem levasse as mudas e plantasse ganhava aquele ponto e não era desmerecimento quem só iria perder quem não cumprisse, mas também quem levasse e plantasse iria ganhar ponto. Aí juntava o grupo e a comissão lá na mata e a gente tinha que envolver a Polícia Rodoviária Federal, porque a gente ia pela Rodovia Federal, a CTTU, porque anda na José Rufino, assim foi um monstruoso trabalho para amarrar tudo isso. E a segurança para o alunado! (SILVA, 2015b).

O Professor Jorge destacou o trabalho coletivo das instituições envolvidas, o envolvimento dos alunos, da comunidade e dos servidores e funcionários da escola que, num dia de sábado, se dispuseram a realizar o evento que juntou cerca de 2000 alunos e, após as atividades na escola, fizeram um almoço coletivo e, em seguida, tomaram as ruas do bairro levando mensagens em defesa da Mata. Assim disse ele:

Recebíamos o apoio dessas instituições, e o carro de som que sempre era do sindicato dos professores, do SINTEPE. A gente colocava 3 pelotões, o carro de som e 3 pelotões, a gente botava o carro e saía desfilando nas ruas, ia embora, aí bater no Barro voltava, pegava a BR, ia pra mata, entrava na mata, plantava mudas, então era assim.. sabe.... foi muito rico! Os alunos que pegavam animais.....olha, você via porque eles pegavam fantasias de festas, não tem aquelas festas de final de semana? eles se fantasiavam mesmo de animais e saíam na rua, todos vestidos de animal, representando os animais. E de vermelho. Outra coisa: no padrão! Murais que eram feitos, no dia mesmo que sorteavam a parte de muro da escola para um grupo deles irem fazer suas grafitagens pra deixar o símbolo de cada equipe, era uma lição a ser cumprida no dia. Então, no dia do Movimento Ecológico, tinha resultados das ações que a gente ia falando no palco da escola. Então era muito dinâmico, meio-dia imagine, 2000 alunos almoçando numa escola daquela, com os professores! Era todo mundo almoçando, a cantina também à disposição no sábado para produzir tudo isso, então, a gente almoçava lá e depois ia todo mundo marchando, aí saíam os pelotões com as faixas, aí a mensagem da faixa, aí lia-se a mensagem da faixa do primeiro e ia anotando, foi muito trabalho (SILVA, 2015b).

Todo este trabalho compreende uma tática mobilizada pelos sujeitos envolvidos em defesa da mata e que tem registrado algumas vitórias em seu favor. Assim nos relata o Professor Hildemarco Florêncio da Silva, gestor da Escola Presidente Humberto Castelo Branco, que atribui o resultado à participação da comunidade escolar no Conselho Gestor da APA Rousinete Taveira Falcão e na construção do seu Plano de Manejo:

entre os avanços muito significativos nesses últimos anos, houve o impedimento, por exemplo, da instalação de uma usina de tratamento de lixo na mata. Estávamos na luta por este propósito há um tempo. Por fazer parte do Conselho Gestor participamos da construção do plano de manejo da Mata do Engenho Uchoa e o próximo passo é fazer com que ela seja indenizada e transformada em um parque (SILVA, 2015c).

Além da participação da comunidade escolar no Conselho Gestor da APA e na elaboração do seu Plano de Manejo, as táticas em defesa da mata incluíam a participação em audiência pública com o poder local, participação em palestras que incentivavam o exercício da cidadania, por meio da votação relativa ao orçamento participativo.

As estratégias governamentais, no entanto, pareciam ser elaboradas no sentido de dificultar a participação cidadã, marcando para o mês de julho, um mês chuvoso, num local relativamente distante da escola, a audiência sobre o projeto de

instalação da usina de lixo. Mas estas estratégias foram superadas pelas táticas conforme nos relata o Professor Hildermarco:

Nós participamos de uma audiência em Piedade, no Quartel da Aeronáutica, não sei se de forma estratégica, mas foi uma das principais audiências da qual participamos, neste mês de Julho. Mês de recesso, chuvas intensas e conseguimos mobilizar 50 alunos a estarem presente, onde estivemos vetando o projeto da instalação da usina de tratamento de lixo. Então, os alunos participaram de palestras com escolas vizinhas, promovidas pelo movimento. Isso é interessante. É transformação social ver os alunos participando de votação de orçamento participativo, onde no ano de 2010 foi aprovado esse orçamento, o terceiro ou foi o quarto item mais votado para que a prefeitura investisse na transformação da Mata em um parque (SILVA, 2015c).

As táticas mobilizadas pela escola em defesa da mata, no âmbito do Projeto Ecológico, impactavam inclusive na dimensão social uma vez que os resultados das atividades de coleta de lixo geravam benefícios para a associação dos catadores, conforme o Professor Hildermarco revela ao dizer que todo o material reciclado

É destinado para a Associação dos catadores. A associação vem através da URB/EMLURB com um caminhão, recolhem e levam. Eles devem ter algum lucro com isso, um benefício para a comunidade. Ele não é resgatado direto para a empresa de óleo, a empresa não vem aqui buscar! Seria até interessante a gente procurar saber o processo final da condução do óleo. Não sei a que preço é vendido. Sei que é revertido para a comunidade e isto não deixa de ser um ponto importante do Movimento (SILVA, 2015c).

Nesta trilha em defesa da mata, onde a educação formal e não-formal se encontram numa relação de complementação, os conhecimentos curriculares se unem aos saberes tradicionais de forma que os sujeitos transformam a si e a realidade, numa práxis (VÁZQUEZ, 1977) característica de uma tática denominada Movimento Ecológico.

Tática que se manifesta por meio de diferentes ações como: uma visita à mata; um plantio de mudas de árvores; um recital de poesias; realização de gincana na escola, coleta de material reciclado e confecção de artigos a partir deles; a atenção à comunidade na geração de renda em favor da associação dos catadores; participação política e exercício da cidadania por meio do orçamento participativo e elaboração do plano de manejo da APA; uma caminhada pelas ruas do bairro em defesa da mata; luta de classe e trabalho coletivo e estreitamento da relação entre escola e comunidade.

Diante das várias estratégias estabelecidas pelas instituições para acabar com a mata, sobretudo quando ela deixou de ser terras de engenho, as táticas que foram mobilizadas no sentido de conservá-la e preservá-la incluem a presença do sagrado como protetor. Esta tática representa mais uma ação dos fiéis defensores da mata e completa a trilha dos saberes mobilizados em sua defesa.

Portanto, em razão de ter emergido da fala dos sujeitos, e por terem sido registradas na observação *in loco*, e ainda, por estar presente nos conteúdos de alguns documentos analisados, a presença do sagrado na mata será objeto de discussão da próxima seção, onde o clamor católico pela preservação e conservação da Mata Atlântica, o culto evangélico em defesa do Rio Tejipió e as oferendas para Jurema na mata, representam as manifestações desta tática.

### 6.3 O SAGRADO NA MATA: AS ORAÇÕES, OS CULTOS E AS OFERENDAS NA MATA ENQUANTO TÁTICAS.

Nesta seção faço uma discussão sobre a presença do sagrado na mata, enquanto tática mobilizada pelos fiéis em sua defesa. A presença do sagrado na mata ou no seu entorno, é entendida aqui como sendo o registro da presença da Igreja Católica, de Igreja Evangélica, da Jurema e do Candomblé, em bairros do entorno da mata, mediante suas orações, cultos e oferendas, conforme seja.

Ainda na fase exploratória da pesquisa, percebi que a Mata constitui espaço, inclusive, para práticas religiosas de alguns grupos que, para ali se dirigem, na intenção de realizar suas oferendas (MOVIMENTO..., 2017; A HISTÓRIA, 2012).

Em conversa informal com alguns moradores do bairro, tive a informação de que alguns padres e pastores de igrejas cristãs (católicos e evangélicos) praticam ali a contemplação da natureza e fazem suas orações, louvores e movimentos em defesa da natureza; além deles, fomos informados que praticantes do Candomblé fazem oferendas para alguns orixás dentro da mata.

A metodologia aplicada na construção desta nesta seção contou com análise documental, relatório de observação participante, e uma entrevista com um babalorixá, morador do bairro de Tejipió. As informações coletadas evidenciam, sem dúvida, que o sagrado faz parte do cotidiano da Mata e que, de certo, representa mais uma tática em sua defesa.

A construção desta seção não foi uma tarefa fácil. Humildemente reconheço que minha filiação com a igreja católica, na qual eu sou batizado e praticante, impôs alguns obstáculos às investigações, de forma que era necessário romper com os paradigmas do preconceito e discriminação. Assim, num esforço consciente da necessária ruptura desses paradigmas, consegui superar algumas dificuldades a partir de aconselhamentos com alguns padres que celebram a eucaristia na minha comunidade. Eles não viram óbice à investigação científica dessa natureza, o que me deixou mais a vontade para realizar a coleta de dados.

Assim, parti para as investigações e reuni nesta tese um relato do sagrado enquanto tática em defesa da mata. O relato discute o sagrado em três dimensões: o clamor católico pela preservação e conservação da Mata Atlântica; o culto evangélico em defesa do rio Tejipió e as oferendas da Jurema e do Candomblé na mata, porque, “cosi eué, cosi orixá” (sem folhas não há Orixá).

### **6.3.1 As orações: o clamor católico em favor da mata**

A metodologia empregada para dar conta desta seção considerou a análise documental e entrevistas. Nesta seção, a fé e as obras, são apontadas como táticas mobilizadas em defesa da mata por cristãos da Igreja Católica Apostólica Romana.

Dentre os 11 bairros que circundam a Mata do Engenho Uchôa, o Bairro do Barro possui um dos templos mais antigos que é a Capela de Nossa Senhora da Conceição, erguida em 1839 (COSTA, 2001), e que em março de 1915, passou à categoria de Igreja Matriz do Barro.

No bairro vizinho, o Tejipió, há um templo ainda mais antigo: a capela de Nossa Senhora do Rosário que, como vimos no capítulo 5, seção 5.1 desta tese, foi fundada em meados do século XVIII.

Mas era a Matriz do Barro que a ambientalista coordenadora do Movimento em Defesa da Mata Rousinete Falcão freqüentava, conforme dito pelo seu filho, o Dr. Flávio Falcão, em entrevista concedida para esta tese (PEDROSA, 2017). Era lá que ela atendia a comunidade prestando serviços voluntários e onde, certamente, apresentava suas orações ao divino clamando pela preservação e conservação da mata e, inclusive, em favor de sua própria vida, em razão das ameaças de morte de que era vítima ao defender a natureza e, certamente, também agradecendo pelas conquistas. Sua fé, transformada em obras, de certo, sustentou a luta em defesa da

mata até a sua morte. Uma luta que, como dissemos, vem desde 1979 por meio de sua liderança no movimento.

A instituição, em si, orienta no sentido de se promoverem ações concretas de preservação e conservação do meio ambiente de um modo geral. Em particular, esta missão é atribuída à esfera individual estando a cargo dos fiéis que, por meio de sua participação nas pastorais, nos movimentos sócio-ambientais ou de outras organizações afins, cumprem com o dever de cuidar da natureza enquanto cristão católico.

Rousinete Falcão e o Sr. Vavá, do Boi de Mainha, são exemplos dos fiéis que, batizados na igreja católica, desempenharam ações concretas na defesa da Mata.

No caso de Vavá, ele é uma pessoa que não frequenta a Matriz do Barro, mas vai a uma capela no bairro do Ibura, onde mora e, na entrevista, lembrou um trecho de uma música (uma canção católica) que, segundo ele, ilustra bem a fé num mundo melhor a partir da força do menor. Identifiquei de que música se tratava e passei a transcrevê-la, na íntegra, conforme segue

### **Eu Acredito**

(Jorge Pereira Lima)

Eu acredito que o mundo será melhor  
Quando o menor que padece acreditar no menor  
Eu acredito que o mundo será melhor  
Quando o menor que padece acreditar no menor (refrão)

Quando os pequenos acreditarem no seu bem estar comum  
Sentindo as necessidades que padece cada um  
Unidos em Jesus Cristo, nós todos seremos um

Jesus Cristo veio à Terra para ver seu povo unido  
Disse até que cada grupo que luta em si dividido  
Com muita facilidade, ele será destruído

Certo dia um jovem rico a Jesus apareceu  
Perguntando o que fazer pra entrar no reino seu  
Jesus pede a caridade: o rapaz entristeceu

Quem possui noventa e nove, só pensa em completar cem  
Nesta cegueira não sabe que depois a morte vem  
Seu corpo se vira em terra e na Terra deixa o que tem

Certo homem colheu tanto que seu armazém encheu  
Pensou que estava seguro: na mesma noite morreu  
Levaram só ele à cova: ficou tudo o que era seu

Só confiar em dinheiro é loucura e vaidade

Porque Cristo é vida, o caminho e a verdade  
Quem pensa o contrário disso, nunca terá liberdade

A letra desta música fala da crença em um mundo melhor quando o menor acreditar nele mesmo (Certeau diria: quando o fraco acreditar em suas astúcias, suas táticas), enquanto coletividade que deve permanecer unida a Cristo e consigo mesma, para que não venha a ser destruída, e que a crença, apenas nos bens materiais, é uma vaidade que aprisiona.

Aplicada ao contexto da fala do Sr. Vavá, a letra da canção nos remete ao entendimento de que o resultado de um trabalho tático coletivo se constitui numa força transformadora do menor, tornando-o grande diante das estratégias que se apresentam, quando unidas a Cristo.

Por conceber a natureza como uma criação Divina, os fiéis católicos entendem que ela é digna de cuidado, e que este se dá pela fé, mas também pelas obras, conforme lhes ensinam as escrituras que dizem, no livro de Tiago, 2,17: “Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma” (BÍBLIA, 2010).

Não obstante, a Igreja Católica promove anualmente a campanha da fraternidade que, “nada mais é do que uma campanha que envolve a comunidade com diversas ações pastorais em todas as regiões do Brasil”<sup>51</sup>. A cada ano um tema é proposto para reflexão, meditação e ação. Em 2017, a campanha conclamou todos os povos a promoverem ações em defesa dos biomas brasileiros, com o tema: Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida, e como lema: Cultivar e guardar a Criação.

O cuidado com a natureza, no entanto, não é uma preocupação exclusiva da igreja católica. Ali, nos bairros do entorno da Mata do Engenho Uchôa, a presença de cristãos protestantes em defesa do Rio Tejipió, registra a presença do sagrado, conforme será discutido na seção a seguir.

### **6.3.2 Os cultos: o movimento evangélico em defesa do Rio Tejipió**

A metodologia mobilizada para a elaboração deste tópico levou em consideração a observação participante por ocasião da I Caminhada Rio Limpo,

---

<sup>51</sup> Fonte: (<http://www.campanhadafraternidade2017.com.br/>). Acesso em 01.08.2018.

Cidade Saudável, realizada pelo Instituto Solidare<sup>52</sup> e pelo CIPEL<sup>53</sup> (Conselho Interdenominacional de Pastores Evangélicos e Líderes) da qual eu participei como convidado do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

O movimento evangélico em defesa do Rio Tejipió, é apontado aqui como uma manifestação da presença do sagrado em defesa da mata.

Trata-se de uma tática mobilizada pelas Igrejas e lideranças comunitárias, em particular, um grupo de evangélicos ligados à Igreja Batista em Coqueiral, em resposta às estratégias de abandono do Rio por parte das autoridades que, notoriamente, não promovem políticas públicas efetivas na distribuição de esgotos e de educação ambiental. A tática dos organizadores foi mobilizar a comunidade numa caminhada pelas ruas do bairro do Coqueiral e Totó com o intuito de sensibilizar o poder público e a população em geral sobre a situação em que se encontra o Rio.

A I Caminhada Rio Limpo, Cidade Saudável, ocorreu numa tarde de sábado, dia 25 de novembro de 2017 e teve como objetivo pressionar os dirigentes municipais de Recife e Jaboatão dos Guararapes a respeito da conservação do Rio Tejipió que todo ano transborda provocando enchentes nos bairros da região.

O ponto de partida da caminhada se deu numa concentração ao lado da estação do metrô no bairro do Coqueiral onde, por volta das 14hs, cheguei, acompanhado de dois auxiliares de pesquisa, Alexandre Andrade dos Santos e Caio Andrade Prado dos Santos que, de forma voluntária, muito me ajudaram na observação e nos registros fotográficos.

Ainda na concentração, procurei, dentre as pessoas, os organizadores que logo me apresentaram ao Pastor Rildo. A ele, eu me apresentei como pesquisador e falei das intenções da pesquisa. Ele, por sua vez, comentou sobre a Caminhada, explicando as razões de sua existência e o trajeto a ser percorrido. Comentou sobre a importância da participação de todos, sem distinção.

Com as pessoas chegando, os organizadores convocaram, por meio do carro de som, que fossem formados pelotões de acordo com os integrantes de cada

---

<sup>52</sup> O Instituto Solidare é organização social, sem fins lucrativos, que nasceu a partir de uma iniciativa da Igreja Batista em Coqueiral juntamente com lideranças comunitárias locais, como alternativa para o enfrentamento dos problemas sociais e econômicos vivenciados por essas comunidades. (Fonte: <http://www.institutosolidare.org.br/quem-somos/apresentacao>. Acesso em 27.06.2018).

<sup>53</sup> O CIPEL abrange 18 igrejas evangélicas da região do entorno do Rio Tejipió, em Coqueiral, Recife. Após diversos encontros com lideranças comunitárias os líderes do Cipel deram início ao projeto *Rio Limpo, Cidade Saudável*. (Fonte: <http://tearfundbrasil.org/rio-limpo-cidade-saudavel/>. Acesso em 27.06.2018)

instituição que estavam presentes. Cada pelotão se posicionou, segurando uma faixa indicativa do apoio da sua instituição à Caminhada. A fotografia 23 registrou o momento em que as instituições se posicionavam com as faixas de apoio institucionais. Eram várias instituições representativas e dentre os pelotões estava o do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, do qual eu fui convidado a participar.

Fotografia 23: I Caminhada em Defesa do Rio Tejió



Fonte: Santos (2017b).

A caminhada pelas ruas dos bairros, também contou com a participação de um carro de som, por meio do qual, os organizadores, alternadamente, tomavam a fala para explicar a razão do evento denunciando a degradação do Rio Tejió, principal causa das enchentes que afetam, todos os anos, os bairros que ficam próximos.

Os organizadores destacavam a importância do Rio Tejió para a comunidade e comentavam sobre o seu passado quando ele era de águas limpas e depois foi sendo degradado pela falta de cuidado por parte das pessoas e do poder público.

Nas estreitas ruas dos bairros do Coqueiral, até o Totó, sempre margeando o Rio Tejió, as pessoas saíam de suas casas para ver o que estava acontecendo,

ocasião em que uns aplaudiam o movimento e outros, mais exaltados, aos brados apontavam a falta de cuidado das autoridades para com o Rio.

Entre os seus argumentos em defesa do rio e as denúncias quanto a sua degradação, os organizadores proferiam palavras de fé e breves orações, clamando a Deus em favor do Rio.

Durante a caminhada, percebi a situação de vulnerabilidade das pessoas que habitam casas muito próximas ao Rio. Algumas comentaram que, com a chegada das chuvas, sofrem com as enchentes e invasão de roedores. Percebemos ainda a obstrução de canaletas e assoreamento do Rio em alguns dos seus trajetos, além do acúmulo de lixo em via pública, o que agrava mais ainda a situação do Rio e dos moradores.

Estas situações apontam para a necessidade de ações efetivas por parte do poder público no sentido de promover mudanças concretas de forma a solucionar ou mitigar os efeitos da degradação do Rio, apontados pela comunidade.

Percorrendo as ruas dos bairros, observei a paisagem desagradável de um Rio poluído e esquecido, e de uma comunidade muito carente também ignorada pelo poder público.

O ponto culminante da I Caminhada Rio Limpo, Cidade Saudável, foi o Centro Social Urbano Bidu Krause, localizado no Bairro do Totó, onde foi dado o encerramento do evento com palavras de fé e de luta em defesa do Rio e das pessoas.

Como se percebe, o sagrado continua se fazendo presente nas táticas em defesa da Mata do Engenho Uchôa (o Rio Tejipió irriga a mata) e do seu entorno. Aqui foi relatada uma tática mobilizada por iniciativa de um grupo de evangélicos ligados à Igreja Batista em Coqueiral, em defesa do Rio e das pessoas. Ação que se dá em obediência ao cuidado com a criação Divina, aqui representada pela natureza primária (o Rio) e a natureza humana (as pessoas). Ação que ultrapassa as paredes do templo, e toma as ruas dos bairros, numa atitude de fé, por entender que tudo é sagrado. Ação que se estabelece no sentido de cobrar das autoridades as mudanças desejadas.

Mas, as táticas em defesa da mata que dizem respeito ao sagrado, não se limitam a histórica presença de um templo e as orações de seus fiéis, nem as suas campanhas ou ações concretas junto à comunidade, denunciando a degradação da natureza enquanto criação divina. Elas se manifestam por meio de outros rituais

que, também, vêm na natureza o poder de cura, como a Jurema Sagrada e o Candomblé, citados como exemplos dessas táticas pelo sujeito entrevistado, conforme passamos a discutir na seção a seguir.

### **6.3.3 As oferendas na mata: “cosi eué, cosi orixá”**

Nesta seção, faço uma tentativa de registrar a presença do sagrado, enquanto tática em defesa da mata, por meio da Jurema Sagrada e do Candomblé, considerando que, da fala do sujeito entrevistado, surgiram relatos de oferendas para caboclos e orixás.

A Jurema Sagrada é uma religião de matriz indígena do nordeste do Brasil, onde já existia antes da colonização portuguesa e dos escravizados africanos no século XVI. Nas décadas de 1930 a 1970 era conhecida pelos antropólogos como Catimbó. Hoje, sua presença Nordeste Brasileiro, sobretudo, em Recife e Região Metropolitana, é bastante expressiva (L'ODÒ, 2018).

Segundo L'odò (2018) a dimensão religiosa da Jurema tem como eixo juremológico a Jurema Preta (*Mimosa hostiles* ou *Mimosa tenuiflora*), uma árvore sagrada, típica da caatinga do nordeste brasileiro. Os saberes medicinais da Jurema conferem aos seus sacerdotes (juremeiros e juremeiras) o hospital dos pobres, que se apresenta como alternativa diante da ineficaz política pública de saúde, para curar nas comunidades marginalizadas.

A metodologia mobilizada para a elaboração desta seção fez uso das fontes orais como mecanismo de investigação, utilizando entrevista como instrumento prioritário de coleta de dados, tendo sido enriquecida por ocasião da observação participante durante as caminhadas pela mata e seu entorno. A entrevista foi concedida por um babalorixá, residente no bairro de Tejiipió.

Na fase exploratória da pesquisa, tive a informação de que nos arredores da mata, próximo à comunidade do Conjunto Residencial Nossa Senhora de Lourdes, no bairro do Barro há um terreiro de onde partem as oferendas aos orixás em direção à mata.

Por intermédio da senhora Luci Machado, uma das coordenadoras do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, fiz contato com uma das integrantes de um Terreiro localizado ali perto da mata. Tendo sido combinado dia e horário para uma entrevista com a Mãe de Santo, compareci ao terreiro mas, por

razões desconhecidas, ela não pode me atender. Tentei outras vezes combinar uma nova data para entrevista mas não consegui retorno.

Conversando com Emerson Raimundo, colega da Pós Graduação no PPGE, sobre a importância de preencher esta lacuna na tese, uma vez que as oferendas na mata se apresentavam como representativas de uma tática presente no seu cotidiano, ele sugeriu que eu procurasse uma pessoa que, talvez, pudesse me ajudar. Foi aí que ele nos indicou um colega seu conhecido por João. Ao contactá-lo expliquei a razão que me fez procurá-lo e ele sugeriu que eu conversasse com outra pessoa mais indicada para falar sobre o assunto, sugerindo o nome de Ronei Prado, um Babalorixá, residente nas imediações da Mata, no Bairro do Tejipió.

Fiz contato com Ronei, apresentei as intenções da pesquisa e o convidei para conceder entrevista. Tendo ele aceito o convite, sem restrições, combinamos um dia e horário para que eu comparecesse ao terreiro onde se daria a gravação da conversa.

A entrevista com Ronei Prado aconteceu no dia 02 de abril de 2018, no Terreiro de Ogum, localizado à Rua do Sancho, 77, Bairro do Tejipió, Recife/PE.

Ronei é Professor, Pedagogo, Mestrando em História. Sua vinculação com a Mata se dá em razão dele morar num dos bairros do entorno da Mata e, principalmente, por ele ser um Babalorixá, herdeiro do terreiro do Sr. Claudionor, Terreiro de Ogum.

O Professor e Babalorixá Ronei Prado, é ator e testemunha da história de longos anos realizando oferendas na mata ou indo até ela para colher as folhas para os rituais da Jurema, constituindo-se uma referência para falar sobre a presença do sagrado na mata.

Tendo sido indicado o percurso metodológico trilhado para a construção deste tópico, inclusive com as justificativas pela escolha do campo empírico, passo a discutir sobre o sagrado na mata, em particular as oferendas para Jurema.

Conversando com Ronei, ele me explicou quando e como ele começou a usar a mata para os rituais sagrados. “Primeira vez que eu entrei na Mata do Uchôa, tem uns 25 anos mais ou menos, quando eu fui levar uma oferenda pra Caboclo de Jurema, eu também sou Juremeiro, sou da Jurema, aí fui levar, a primeira vez lá (PRADO, 2018).

Ronei lembra que antes de ir para a Mata do Uchôa ele realizava as oferendas para a Jurema, numa mata localizada no bairro da Caixa D'água, mas

que, com o decorrer do tempo, a mata foi destruída, tendo sido invadida e desmatada.

Em razão disso, ele começou a freqüentar a Mata do Engenho Uchôa, para fins religiosos, por indicação de alguns conhecidos que lhe contaram que se tratava de um local ideal para as oferendas. Ele diz:

Foi quando eu comecei levar as oferendas, primeiro para a Jurema, que são os Caboclos, que pediam a obrigação, e sempre quando eles pediam aí eu levava pra mata pra fazer, como até hoje eu ainda faço. Continuo fazendo umas oferendas para Caboclos dentro da mata (PRADO, 2018).

Como se percebe, a mata serve de espaço para o sagrado. Alí são feitas oferendas e daí são retirados elementos necessários para os rituais que acontecem nos terreiros, como algumas folhas que são indispensáveis para os Orixás, porque sem elas não há o ritual, conforme Ronei nos explica ao dizer que

um irmão da casa que é o lolansã, lolansã quer dizer “conhecedor”; “o que mexe com as folhas” (...) quando eu vim pra cá e ele começou a me levar também pra lá, já que ele vive ali no Jardim Uchôa, sempre morou lá no Uchôa e vive dentro da mata, sempre está dentro da mata, onde ele vai buscar as folhas que a gente precisa para os rituais dos Orixás. E tem um provérbio que diz: “Cosi euê, cosi orixá” é “sem as folhas – euê é folhas – não se faz orixá (PRADO, 2018).

As folhas são, de fato, necessárias para os rituais aos orixás e a literatura brasileira nos apresenta um poema escrito por Mário de Andrade e cantado por Maria Bethânia, intitulado “Salve as folhas” cuja letra retrata a importância das folhas nos rituais aos orixás, o que reforça a fala de Ronei, conforme podemos conferir a seguir:

**Salve as Folhas**  
(Maria Bethânia)

Sem folha não tem sonho  
Sem folha não tem vida  
Sem folha não tem nada

Quem é você e o que faz por aqui  
Eu guardo a luz das estrelas  
A alma de cada folha  
Sou Aroni

Cosi euê  
Cosi orixá  
Euê ô  
Euê ô orixá

Sem folha não tem sonho  
 Sem folha não tem festa  
 Sem folha não tem vida  
 Sem folha não tem nada

Eu guardo a luz das estrelas  
 A alma de cada folha  
 Sou aroni

O poema identifica um espírito conhecedor das propriedades das folhas, o Aroni, que habita o âmago das florestas, sendo um dos mais temidos e que mora na parte mais escura onde nem mesmo a luz do sol consegue penetrar.

Segundo Ronei, todos os rituais que são feitos necessitam das folhas, o que desperta ainda mais o interesse pela preservação e conservação da mata. Ele diz que “Tem que preservar pra poder ter essas folhas para nossos rituais e tudo que a gente vai fazer, sempre antes tem que ter as folhas no meio. Sempre tem que ter o ritual das folhas; antes de qualquer coisa que a gente faça (PRADO, 2018)<sup>54</sup>.”

Foi também, em razão do interesse em conhecer mais sobre as folhas, que Ronei passou a frequentar mais a mata na companhia de um dos irmãos da casa que fica sempre responsável pra ir buscar as folhas por conhecer bem a mata e por já saber aonde vai encontrar as plantas lá dentro.

Além disso, Ronei vai à mata para fazer as oferendas para Jurema sagrada e as ofertas na parte dos orixás, do culto mais tradicional, ligado mesmo ao culto tradicional em África. Ele diz que “A gente também faz muito lá, limpeza, quando as pessoas precisam pra a saúde, pra dinheiro, pra emprego, alguma coisa a gente utiliza muito lá pra isso. Aí a mata é bem próxima, ali no Jardim Uchôa, é bem preservada” (PRADO, 2018).

Embora comemore a preservação e conservação da mata, ele revela que recentemente, há cerca de um ou dois anos, ele viu algum órgão ligado ao poder público abrindo uma estrada nela, partindo da BR 101, saindo lá na Avenida Recife, mas depois pararam. Ele revela com detalhes a estratégia de degradação frustrada e atribui ao sagrado a proteção à mata, ao dizer que:

Começaram a passar a máquina, destruíram tudo, mataram vários pés de Jurema - que é a árvore mais importante, a árvore mais sagrada que há dentro da Jurema, destruíram mesmo! Passaram a máquina - mas parece que mais lá pra dentro o solo é ainda uma parte, uma várzea né? aí afundou! Estava afundando as máquinas, mas ai eles pararam, pararam a destruição! Eu fui lá este ano e vi

<sup>54</sup> A entrevista completa consta no Apêndice U.

que a mata já esta se recuperando, ta tentando se recuperar novamente, está começando a crescer algumas árvores. Ela se protege a mata, se protege! É como a gente diz: “É o sagrado!” O Sagrado está dentro das matas. Tanto no culto dos Orixás quanto no culto da Jurema todo o sagrado é dentro da Mata. As casas que a gente usa é para guardar os utensílios e fazer as festas né? um lugar mais reservado, mas todo o ritual dos orixás, todo o ritual da Jurema tem que ser feito dentro das matas; e até a gente considera que tem mais energia, que é mais produtivo (PRADO, 2018).

Ao tentar destruir a mata, a estratégia utilizada supostamente pelo poder público, esbarrou diante das condições desfavoráveis, características da própria mata, o que, para Ronei, representa a proteção do sagrado que está lá dentro da mata, sendo necessária a sua preservação e conservação para que se garanta, sempre, as folhas e os demais elementos que são usados nos rituais.

Ronei destaca a Jurema enquanto uma planta importante para o sagrado dentro da mata ao dizer que

dentro da Jurema Sagrada, que é uma religião de origem indígena, segundo os caboclos, os mestres e as mestras, (...) a mata é importante. Porque tá os fundamentos lá, e por causa dos pés de Jurema né? Principalmente os pés de Jurema que é onde eu vou buscar as folhas da jurema, um pouco da casca, da raiz, quando a gente vai fazer a bebida, a jurema, quando a gente vai batizar na jurema alguém, tem essa bebida, que é feita a partir da jurema (PRADO, 2018).

Além da Jurema há outras plantas importantes para os rituais, dentre as quais o dendezeiro que, conforme nos ensina Ronei

dentro do culto orixá o que eu acho mais importante dentro da mata – até por causa de ogun, porque aqui é uma casa que pertence ao orixá ogun - é o dendezeiro, né? O igi òpè, de onde a gente pega, de tudo a gente aproveita. Está vendo essas folhinhas assim parecendo uma cortina? Isso é da folha do dendezeiro. A gente desfia, ela quando vai ficando seca ela fica assim parecendo uma cortina! É muito importante para o candomblé, é importante para os filhos de ogun, até é uma obrigação tem que ter algumas folhas de dendê junto (PRADO, 2018).

Além das folhas da Jurema e Dendê, outras que Ronei encontra na mata é a Tetê, que é uma folha muito importante dentro do culto do orixá; o Ojuoru e Oxibatá, que são outras duas folhas muito importantes para o ritual do Candomblé; Irôco, uma das folhas mais importantes e a Gameleira Branca, que é outra folha de grande ocorrência na mata. Ronei nos diz ainda que

tem gente que consegue até a Imbiriba, que é o ichão usado no culto à Irmã gun, no culto aos mortos, babá gun gun, que é um ichão que é alma clara, que controla os espíritos dos antepassados que vem pra

cá pra festejar, pra aconselhar. É um culto – dentro da tradição do Candomblé – é um culto separado, masculino, tem um lugar significação a eles, mas está dentro da religião do candomblé, inclusive na África também. Então eles usam essas varas, também que são usadas pra fazer berimbau, é uma vara que tem uma envergadura boa e lá na mata tem muita, muita mesmo! Pau pombo, que é utilizado também, tem muitas, muitas, o Ataré mesmo – que é pimenta-da-costa - que é primordial no culto aos orixás lá a gente encontra! Encontra também o Efun, que é um barro branco, que é utilizando também no culto aos orixás de iniciação, e tudo o que a gente faz está usando esse, o Efun, que é um barro branco! E lá a gente encontra esse barro branco também. A maioria das coisas que a gente precisa realmente dentro do Candomblé aqui, e da Jurema, lá tem muitos pés de Jurema, está na mata (PRADO, 2018).

Enquanto a Jurema Sagrada tem raízes indígenas, onde se cultuam os caboclos, o Candomblé é uma religião de matriz africana, onde se cultuam os orixás, tendo chegado ao Brasil por meio da diáspora africana nas Américas.

Ambos, a Jurema Sagrada e o Candomblé, que se fazem presente nos relatos de Ronei, configuram a presença do sagrado na mata mediante as oferendas que ali acontecem.

Como se percebe, a Mata do Engenho Uchôa representa, também, um espaço onde o sagrado se faz presente, sendo necessário preservá-la para que os cultos da Jurema Sagrada e do Candomblé sejam garantidos, uma vez que, como vimos, é de lá de dentro da mata onde são colhidas as folhas, os frutos e outros elementos fundamentais para as práticas dos rituais sagrados.

A necessidade de preservar a mata para que ela possa continuar produzindo esses elementos e favorecendo os rituais, conduz os adeptos da Jurema Sagrada e do Candomblé a mobilizarem ações táticas em defesa da mata.

Algumas dessas ações estão presentes no cotidiano de quem frequenta a mata enquanto espaço sagrado, seja para impedir que as pessoas deixem lixo, seja para evitar que o fogo das velas, acesas por ocasião dos rituais aos orixás, provoquem incêndio, conforme Ronei nos explica:

A última vez que eu entrei foi pra fazer uma oferenda pra Caboclo, foi em Janeiro, eu levo frutas – geralmente vai algumas pessoas também comigo, quem ta querendo ofertar alguma coisa pra Caboclo e pra Jurema aí vai comigo – a gente leva frutas, éééé eu procuro estar com uma conscientização de não deixar lixo, como eu vejo muitas pessoas, muito povos de terreiros deixa lixo; eu procuro não levar os pratos de barro, que são os alguidares né? Eu procuro não levar; e as sacolas, essas coisas, a gente depois que fez as oferendas, arrumou tudo, a gente recolhe as garrafas de bebidas, de mel, ta entendendo? A gente recolhe e trás tudo de volta, não deixa

lá. E nem acendo vela. Posso às vezes até acender velas mas, assim, eu abro uma clareira bem grande, faço uma limpeza e acendo as velas e dali a gente só sai depois que as velas apagam, a gente sempre faz isso! (PRADO, 2018).

Durante a caminhada pela mata e pelos bairros que ficam em sua margem, quase não vi sinais de materiais utilizados em rituais sagrados, seja da Jurema Sagrada, seja do Candomblé.

O que vi, e registrei, foi apenas uma ocorrência dessa natureza na margem da mata, no caminho pela BR 101, nas proximidades da comunidade dos Milagres, no Bairro do Ibura, seguindo em direção ao norte, conforme mostra a fotografia 24 a seguir:

Fotografia 24 - Sinais de oferendas na Mata do Engenho Uchôa



Fonte: O autor (2017).

A fotografia 24 mostra o que eu vi: uma panela de barro (alguidar) com uma galinha preta e algumas folhas dentro (seta amarela) e próximo a ele uma garrafa de aguardente (seta branca).

Aqui me limitei a mostrar esses elementos, porém, cada um deles tem relação com o arquétipo de um determinado orixá.

A fotografia 25, a seguir, mostra esta imagem aproximada, onde se percebe, com mais nitidez, alguns dos elementos ali presentes, necessários aos rituais.

Fotografia 25: Imagem aproximada das oferendas na mata



Fonte: O autor (2017).

As imagens registradas nas fotografias 24 e 25 revelam os vestígios de um ritual supostamente oferecido aos orixás deixados pelos praticantes, mas não identificamos outras ocorrências, possivelmente em razão do que Ronei falou acerca dos rituais que, após a cerimônia, o espaço é deixado limpo, no sentido de colaborar com a preservação e conservação da mata.

Como visto neste tópico, o culto aos caboclos e orixás também representa a presença do sagrado em defesa da mata. Aqui foram relatadas as táticas mobilizadas pelos adeptos da Jurema e Candomblé, no sentido de manter a mata preservada, para que se garantam os elementos (as folhas, as plantas, etc) necessários para os rituais, sem os quais não há orixá. Tática que se manifesta inclusive no gesto concreto de não deixar lixo acumulado na mata e evitar incêndio, após os rituais que são, ali, celebrados.

Assim, fica entendida a presença do sagrado enquanto tática em defesa da mata em razão: 1) da histórica presença da igreja católica por meio do templo erguido nas proximidades da mata e das orações de seus fiéis, com suas campanhas e mobilização social, unindo fé, oração e concretização de lutas em defesa da mata; 2) da participação da igreja protestante por meio da oração e ações concretas junto à comunidade denunciando a degradação do rio tejipió, exigindo do poder público políticas efetivas de mitigação dos efeitos decorrente das enchentes e poluição do rio; e 3) do culto aos caboclos e orixás, despertando para a importância de preservar e conservar a mata, em razão de ser um espaço ideal para os rituais sagrados.

Este capítulo encerra as discussões em torno dos saberes encontrados na mata. Aqui, as discussões foram concentradas em torno da cultura popular & tradicional, do movimento ecológico e da presença do sagrado no cotidiano dentro e fora da mata. Os resultados evidenciaram os saberes da mata, circulando por meio da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia e da agremiação O Boi de Mainha enquanto manifestações da cultura popular & tradicional. O Movimento Ecológico também se configurou numa trilha por onde os saberes da mata circularam, numa tática que aproximou escola e comunidade. Ademais, a presença do sagrado na mata manifestada por meio das orações, das caminhadas em defesa do rio Tejió e das oferendas para caboclos e orixás, igualmente serviram de espaços por onde circularam os saberes da mata.

Embora não tenha sido objeto de investigação, levei em consideração as críticas quando da qualificação do projeto desta tese, e busquei, na fala dos sujeitos, um pouco das representações sociais que eles têm a respeito da mata. Porém, o fiz de forma muito tímida, em razão de que a escrita da história precisa ter um fim, e já estamos caminhando para isto, e um aprofundamento em torno dessas representações, por si só, já constituiria outra pesquisa podendo ser objeto de investigação futura, uma vez que o conhecimento, este sim, permanece inacabado.

Dessa forma, situo as representações sociais, a partir do entendimento de Reigota (2007). Para ele, tais representações permeiam o entendimento das pessoas que se situam fora da comunidade científica, embora elas possam ocupar também este espaço.

Para Reigota (Idem), elas são originárias do senso comum, que se tem sobre um determinado tema, portanto, se apresentam constituídas por diferentes ideologias, preconceitos, marcadas por atividades que acontecem no cotidiano das práticas dos sujeitos.

Dentre os outros elementos que constituem o seu entendimento sobre as representações sociais, estão a escuta poética da natureza, questões de utopia, autonomia, cidadania e justiça social, o diálogo, a participação cidadã na elaboração de alternativa que supere o conservadorismo e considere a complexidade das relações humanas e ambientais.

Neste sentido, reuni algumas das representações sobre a mata, a partir da fala dos sujeitos investigados, conforme quadro 8 a seguir:

Quadro 8 – Representações sociais sobre a mata

A mata como elemento vivo e constitutivo do corpo humano	“A mata respira, a mata olha e pede o clamor (....) a mata é nosso pulmão” (SILVA, 2017)
A mata enquanto espaço para infância feliz	“tinha uma montanhazinha que a gente subia e depois descia, de bunda mesmo (risos) escorregando feito tobogan” (NASCIMENTO, 2017)
A mata como palco de injustiça social	“Tinha casa à vontade ali dentro (...) depois houve um reboliço lá, e ai saíram derrubando as casas” (SANTOS, 2017)
A mata vista como laboratório de pesquisa	“nós reivindicamos, na Mata Uchôa, a construção de um parque natural. Um parque que sirva para pesquisas das universidades aqui da região” (AMORIN NETO, 2017)
A mata enquanto espaço ideal para o diálogo com o sagrado	“O sagrado está dentro das matas. Tanto no culto aos orixás quanto no culto da jurema todo o sagrado é dentro da mata” (PRADO, 2018)
A mata entendida como reguladora do clima e temperatura	De manhã cedo aqui chove, esse pedaço aqui da gente quando Recife diz ‘tá tantos graus’ aqui está menos ainda (...) Aqui a temperatura baixa mesmo” (SILVA, 2017)
A mata enquanto promotora de geração de renda e subsistência familiar.	“Eu já vi muito o pessoal ali de Uchôa tirando o dendê pra vender ou pra levar pra casa para comer” (PRADO, 2018)
A mata enquanto beleza natural a ser contemplada	“a pessoa no dia-a-dia correndo, fumaça de carro pra lá, vindo do trabalho, voltando pra casa e quando entra numa área verde você se sente tão bem, então contemplar as árvores, os pássaros e simplesmente caminhar, caminhar” (SEMENTE, 2017)

Fonte: O autor (2018)

Conforme se percebe, as representações muito se aproximam do entendimento de Reigota sobre esta teoria, em particular no que diz respeito à escuta poética da natureza e questões de cidadania e justiça social. A mata é representada pelos sujeitos da pesquisa de forma empírica, a partir de vários pontos de vista, revelando a complexidade dos saberes que por ali circulam.

Tais representações são relevantes, inclusive, para subsidiar novas pesquisas sobre este bioma que é a Mata do Engenho Uchôa. Elas também ajudam a compreender o porquê da comunidade tanto lutar em defesa dela: segundo as representações sociais ela é parte indissociável do sujeito e, neste sentido, a relação

homem e natureza é vista como complementar e não numa relação de oposição. Destruindo um, se estaria destruindo o outro, seja o corpo ou a alma!

Agora sim, sinto-me preparado para deixar a trilha, certo de que muitos sujeitos terão, na sequência, muitos caminhos a percorrer pela mata e trazerem consigo muitos saberes que ainda circulam por lá.

## 7. SAINDO DA MATA

É sabido que numa caminhada pela mata há várias trilhas a serem percorridas. Algumas são curtas e levam pouco tempo a serem cumpridas; outras ainda, mais longas, exigem um tempo maior para o cumprimento do seu percurso; outras podem se apresentar com ou sem obstáculos a serem enfrentados. Claro que tudo isto depende de um referencial adotado (Quando dizer que é longa ou curta? Quando falar que é muito ou pouco tempo? Quando afirmar que foi com ou sem obstáculos?). O fato é que, sendo curta ou longa, breve ou duradoura, com obstáculos ou não, esta trilha termina por aqui, o que não implica dizer que os saberes da mata se esgotam nela, uma vez que ela diz respeito apenas a uma das muitas trilhas que podem e devem ser exploradas na Mata e no seu entorno.

Lancei vôo sobre a mata para alcançar uma visão panorâmica e pousei nela na tentativa de desvelar alguns dos muitos saberes que por ali circulam e, ao caminhar pelo seu interior, fui abastecido pela convicção de que tais saberes encerram questões multi e transdisciplinares, cabendo aos investigadores das diversas áreas do conhecimento estabelecerem acampamento em cada área específica, com o intuito de aprofundar a leitura sobre os saberes ali existentes, por meio de pesquisas futuras.

Após o vôo, já em terra firme na mata, iniciei abrindo os caminhos para investigação, de forma que esta pesquisa se configurou numa “trilha” pela Mata do Engenho Uchôa. Trilha que só foi possível de ser percorrida a partir da arte dos fracos (CERTEAU, 1998) aos quais sou inteiramente grato pela valiosa colaboração na construção desta tese. Sem a intervenção deles eu não teria entrado na mata. Os fracos, com suas artes, são verdadeiros fortes!

Cada indivíduo participante da pesquisa deixou um pouco dos saberes que conhecem sobre a mata. Saberes que se expressaram por meio da história da mata desde quando ainda figurava como terras de engenho, até sua transformação numa Área de Proteção Ambiental; saberes manifestados por meio da cultura popular & tradicional; saberes presentes na promoção da educação ambiental materializada por meio de num projeto ecológico e noutras diversas ações mobilizadas pelos sujeitos ecológicos que por ali circulam; e ainda, os saberes que se manifestaram por meio do sagrado na mata.

Cada indivíduo, ainda, revelou-se como um Sujeito Ecológico (CARVALHO, 2011) promotor de importantes transformações constatadas por ocasião das leituras

que fiz sobre os saberes que circulam na mata. Transformações de si e do meio que se configuraram numa verdadeira práxis (VAZQUÉZ, 1977). Tais sujeitos ecológicos formam um coletivo que a cada ano se fortalece mesmo com os obstáculos presentes no cotidiano de suas práticas em defesa da mata.

Os saberes por eles produzidos repousam no campo da Educação Ambiental Crítica (LOUREIRO, 2011, 2004; LIMA, 2009, 1999) marcada pela complexidade, coletividade, historicidade e contextualização de suas ações. Educação Ambiental que transita pela educação não-formal e formal (BRANDÃO, 1995; GOHN, 2010; 2009) de modo que, uma se fortalece com a outra, sendo complementares entre si, não cabendo dissociá-las.

Estes saberes são expressão dos clamores em favor da preservação e conservação da mata, dada a sua relevante contribuição para a qualidade de vida das pessoas por ela beneficiadas, direta ou indiretamente. Saberes que foram aqui registrados por reservar uma história impar recheada de estratégias e táticas.

Dessa forma, esta tese foi pensada na perspectiva da historiografia da Mata do Engenho Uchôa, cuja construção foi guiada pelos conceitos de estratégia e tática em Michel de Certeau (1998). Aliás, conceitos que serviram não apenas para a construção desta tese, mas também, no meu crescimento enquanto sujeito de direito.

Este meu primeiro contato com Michel de Certeau, foi um desafio muito enriquecedor. Conheci um renomado historiador. Aprendi dele que os saberes presentes no cotidiano das práticas daqueles que circulam por aquela mata fazem parte de uma história que merece ser registrada, para que seja ecoada a voz dos sujeitos.

Encontrei nele duas categorias teóricas (estratégia e tática) que formaram os pilares da discussão em torno dos saberes da mata. Essas categorias foram aqui evocadas em razão das relações de forças marcadas pelas tensões e violências, existentes entre a comunidade do entorno da Mata do Engenho Uchôa e as instituições (sobretudo o poder público e a iniciativa privada de grandes empresas), que, ao longo de uma história de quase 40 anos, defendem interesse opostos com relação àquela Área de Proteção Ambiental.

O ponto, mesmo de partida, foi conhecer os saberes que circulam no cotidiano dos sujeitos em sua relação com a Mata do Engenho Uchôa, enquanto questão central de investigação, defendendo a tese de que esses saberes

constituem uma variedade de estratégias e táticas que a mantém relativamente preservada e conservada em suas diversas dimensões até os dias atuais.

A confirmação da tese foi se concretizando a cada passo que eu dava em direção à mata, de forma que, ao longo da trilha, foram surgindo os argumentos em seu favor e, diante das estratégias existentes, as táticas de preservação e conservação também estiveram presentes.

Os primeiros argumentos favoráveis à tese, enunciada no capítulo introdutório e aqui retomada, surgiram já no estudo sobre o estado da arte, a exemplo da tática empregada pelas pessoas no sentido de burlar a lei em várias situações do seu cotidiano como, por exemplo, a situação do escravo Antônio que, perseguido pela autoridade policial, procurou refúgio nas terras do então Engenho Uchôa, constituindo um saber do tipo tático.

Outro exemplo foi a histórica luta do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, em razão das constantes ameaças de se transformar num condomínio de luxo, ou num lixão – uma luta marcada pelas táticas de mobilização iniciadas mesmo durante o regime militar, o qual proibia a reunião de ecólogos.

Mais um outro exemplo dos primeiros argumentos em favor da tese está nas táticas de ensino dadas à relação de aproximação entre escola e comunidade, quando substitui um desfile cívico comemorativo à data de 7 de setembro por uma caminhada em via pública, em defesa da mata, educando para a preservação e conservação deste bioma.

Ao analisar o estado da arte, ainda no início da investigação, fui em busca de conhecer a mata, do ponto de vista de suas produções científicas, ocasião em que surgiram novos argumentos em defesa da tese, como por exemplo: a estratégia governamental que dificulta a exploração da mata do ponto de vista de visita técnica e científica em razão de não haver mecanismo eficaz que a garanta. A este respeito, o estado da arte já denunciava que os pesquisadores interessados em visitar a mata não tiveram acesso ao seu interior, fato que aconteceria comigo se não fosse a tática que usei para entrar na mata à revelia do poder público, qual seja, minha aproximação com a comunidade que me acolheu de forma muito satisfatória.

Os argumentos foram se fortalecendo a cada passo que eu dava em direção ao interior da mata. Eram evidentes as estratégias de devastação da mata identificadas por meio de vestígios de incêndio/queimadas no seu interior, bem como, as investidas de seu retalhamento em lotes para construção de condomínios

residenciais de luxo, denunciando que ela tem sofrido com a degradação; e as estratégias de desprezo, refletidas no casarão abandonado no seu interior.

Quando da análise dos documentos técnicos produzidos sobre a Mata, percebi novas estratégias do poder público: a criação de Unidades de Conservação (UC's), a definição de zoneamento e o conseqüente estabelecimento de normas de utilização e manejo dos recursos naturais, impondo limites à utilização da mata pelos usuários. (Estes exemplos constituem estratégias de preservação e conservação, mas não contemplam os anseios da comunidade que também defende a desapropriação da mata e sua transformação um parque).

A consolidação dos argumentos em favor da tese foi ganhando força quando investiguei a história da mata, desde quando eram terras de engenho, até sua transformação numa APA. Ali, percebi que, em resposta às estratégias de lotear a mata para dar lugar à construção de condomínios de luxo, um grupo de amigos, moradores da região, preocupados com a sua devastação, iniciou um movimento em sua defesa, mobilizando táticas diversificadas no cotidiano de suas práticas.

Diante das estratégias que levariam à devastação, lideranças locais, a exemplo de Rousinete Falcão, não tiveram alternativas que não fossem agir com suas táticas, indo ao enfrentamento dessas agressões se envolvendo em brigas contra os agressores, acionando o poder público, acompanhando as inspeções, enfrentando as ameaças e contrariando o aconselhamento no próprio seio familiar e no rol de amigos vizinhos.

Aí, já se poderia dar como consolidados os argumentos em favor da tese. Mas, faltava ouvir os saberes que os sujeitos, que por ali circulam, tinham a revelar em favor das táticas por eles mobilizadas em defesa da mata.

Saí, então, em busca desses saberes e percebi a emergência de três categorias do tipo táticas em defesa da mata, quais sejam: a) a cultura tradicional & popular, b) o movimento ecológico e c) o sagrado na mata. Elas representam as táticas mobilizadas pelos sujeitos em defesa da mata no cotidiano de suas práticas, conforme passo a detalhar a seguir.

No campo da Cultura tradicional & popular, as táticas se manifestaram por meio da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia e da agremiação O Boi de Mainha. É por meio dessas táticas que os sujeitos constroem os saberes da mata, sejam eles organizadores, ou simplesmente foliões, sem filiação.

A troça constitui uma ação em defesa da mata, marcada por um calendário permanente do qual constam vários eventos, cujo cotidiano de lutas inclui reuniões de planejamento, bingos, encontros entre amigos, troca de informações pelas redes sociais e desfile do bloco. A própria Troça representa uma tática em defesa da Mata, mobilizando ações diversificadas, recheadas de saberes curriculares e extracurriculares a exemplo da cultura tradicional e popular aqui manifestada pelo frevo, caboclinho, bumba-meu-boi, bem como, pela materialização de um currículo que favorece a discussão em torno dos conceitos de luta de classe, coletividade, complexidade, historicidade, preservação e conservação dos recursos naturais, valorização do ser humano enquanto sujeito de direito.

A agremiação O Boi de Mainha, também se constitui numa tática mobilizada em defesa da Mata do Engenho Uchôa. Uma tática que vem permeada de ações culturais, cujo carro chefe é o Boi Bumbá, além das ações sociais, políticas e educacionais, que fazem parte do cotidiano da agremiação.

No que diz respeito ao Movimento Ecológico, as táticas se manifestaram por meio da aproximação estabelecida entre escola e comunidade. Esta tática está situada no campo da educação formal. No entanto, ela rompe os muros da escola e segue em direção à mata, de forma que a comunidade escolar cria o Movimento Ecológico e estabelece diálogo com a comunidade do entorno, mediante troca de saberes com o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa com aquele mesmo propósito de defender a mata.

Aqui, a tática se materializa por meio de diferentes ações como: uma visita à mata; um plantio de mudas de árvores; um recital de poesias; realização de gincana na escola, coleta de material reciclado e confecção de artigos a partir deles; a atenção à comunidade na geração de renda em favor da associação dos catadores; participação política e exercício da cidadania por meio do orçamento participativo e elaboração do plano de manejo da APA; uma caminhada pelas ruas do bairro em defesa da mata; luta de classe e trabalho coletivo e estreitamento da relação entre escola e comunidade.

No que diz respeito às táticas relativas à presença do sagrado na mata, agrupamos em três dimensões: o clamor católico pela preservação e conservação da Mata Atlântica; o culto evangélico em defesa do rio Tejipió e as oferendas para Jurema.

Uma das ações foi a ocorrência de uma tática mobilizada por iniciativa de um grupo de evangélicos ligados à Igreja Batista em Coqueiral em defesa do Rio Tejió e das pessoas. Ação que ultrapassa as paredes do templo e toma as ruas dos bairros, numa atitude de fé e ação, por entender que tudo é sagrado. Ação que se estabelece no sentido de cobrar das autoridades as mudanças desejadas.

Mas, as táticas em defesa da mata podem se manifestar por meio de outros rituais que também vêm na natureza o poder de cura, como as oferendas aos caboclos e orixás. Os rituais da Jurema e do Candomblé, portanto, também representam a presença do sagrado em defesa da mata. Nesta tese relatamos as manifestações táticas mobilizadas pelos adeptos dessas religiões no sentido de manter a mata preservada para que se garantam os elementos (as folhas, as plantas, etc) necessários para os rituais, sem os quais não há orixá. Tática que se manifesta, inclusive, no gesto concreto de não deixar lixo acumulado na mata e evitar incêndio, após os rituais que são ali celebrados.

Esta tática do sagrado na mata é um convite, inclusive, à reflexão sobre a intolerância religiosa ainda tão presente neste século e, a exemplo dos demais saberes aqui discutidos, merece ser aprofundada em sua investigação. Ela dá por encerrados os argumentos em favor da tese.

Ademais, estes argumentos por si, respondem aos questionamentos levantados no capítulo introdutório desta pesquisa, de forma que restaram cumpridos os objetivos delineados para a investigação.

Pelo exposto, os saberes da mata constituem um conjunto de informações, modos de fazer e criar que circulam entre os participantes e da comunidade do entorno, fazendo parte de sua cultura, suas práticas, seus costumes e da memória. São diversificados em razão da sua complexidade dada as suas dimensões ambiental, pedagógica, histórica, econômica, social, cultural, religiosa e política. Esta última de forte presença de partidos de esquerda, que muito influenciaram a consolidação das lutas dos movimentos ambientalistas no Brasil e, em particular, no estado de Pernambuco (LIMA, 2009; LOUREIRO, 2004a; SILVA, 2014).

Estes saberes são permeados de estratégias e táticas que mantêm a Mata do Engenho Uchôa ainda preservada nos dias de hoje. Essas estratégias e táticas já existiam desde quando a mata ainda se constituía em terras de engenho, mas, somente a partir de 1979, quando teve início uma luta travada entre a comunidade

(tendo a sua frente a líder ambientalista Rousinete Falcão) e a iniciativa privada, é que se deu o acirramento entre elas.

Uma das razões pelas quais os sujeitos mantêm a luta em defesa da mata, ainda nos dias de hoje, pode estar nas representações sociais que eles fazem da mata. Como vimos, segundo tais representações, a mata é parte indissociável do sujeito, de forma que, destruindo-a se estaria destruindo a si mesmo.

Dito isto, entendo ter cumprido com a missão que me coube enquanto historiador da educação, que é de dar voz ao não dito (CERTEAU, 1998), restando-nos acreditar na força transformadora do fraco, de forma que não devemos tomá-los como idiotas (IDEM).

Fico tentado a permanecer na mata, uma vez que os saberes conhecidos necessitam ser aprofundados em sua análise. Muitos outros saberes ainda estão por serem desvelados. Porém, necessito sair da trilha mesmo porque corro o risco de me perder pelo caminho traçado e não conseguir sair para apresentar à academia e à sociedade os argumentos em favor da tese aqui levantada.

Nesse sentido, ouço as orientações de Certeau e saio em retirada com a finalização desta escrita, desejoso de que futuros pesquisadores, inquietados com os saberes que por ali ainda circulam ou necessitam de análise mais profícua, possam trilhar por outros caminhos ali mesmo na mata.

E, nesse sentido, ainda, para não finalizar, fica a sugestão aos futuros pesquisadores que atenderem a este clamor: cada um dos saberes que foram aqui desvelados pode servir como objeto de investigação a ser aprofundado, a exemplo daqueles que estão na dimensão cultural (que transformações a cultura promove na vida das pessoas que moram no entorno da mata?), daqueles que se situam em torno da natureza primária (biologia, ecologia, geografia...), dos que reservam aspectos da geologia, sociologia, da arqueologia, da farmacologia, (que elementos de cada uma dessas áreas do conhecimento enriquecem os saberes da mata?) e ainda os que constituem o sagrado na mata (em particular, como acontecem os rituais do sagrado na mata?) dentre outros.

Finalizo esta tese com o sentimento de ter contribuído para a academia e para a sociedade deixando uma pesquisa com relevância educacional, que evidencia, à luz de teorias consagradas, as estratégias e táticas que permeiam Os Saberes da Mata do Engenho Uchoa, oportunizando aos sujeitos da pesquisa a materialidade de significativa realidade e lembranças de um movimento histórico de

lutas em defesa da mata, iniciado pela ambientalista Rousinete Taveira Falcão no ano de 1979 e levado a cabo pelos atores que por ali continuam; movimento que está prestes a completar 40 anos de existência, já no próximo ano, consolidando a luta.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ACSELRAD, H., HERCULANO, S., PÁDUA, J.A. (orgs). **Justiça Ambiental e Cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fundação Ford, 2004.
- BADARÓ, Celeste Cristina Machado. **Os 40 anos do maio de 1969**. Resenha. Minas Gerais, 2008. Disponível em:  
[http://www4.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO\\_ARQ\\_NOTIC20080521091012.pdf?PHPSESSID=ac7e934a9fd0c26d0e3e377f95ce02cb](http://www4.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20080521091012.pdf?PHPSESSID=ac7e934a9fd0c26d0e3e377f95ce02cb). Acesso em 14.02.2017.
- BARROS, Hugo Rogério de; LOMBARDO, Magda Adelaide. **Zoneamento Climático Urbano da Cidade do Recife: Uma Contribuição ao Planejamento Urbano**. Artigo Científico. Recife: Os autores, 2013.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 16. ed. Petropolis: Vozes, 1998.
- BIBLIA Sagrada. (Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous/Bélgica) São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.
- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995, 33ª Ed.
- BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A escola dos annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. 3. ed. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CARVALHO, Fábria Ribeiro Carvalho de.; LELIS, Acácia Gardênia Santos. **Conhecimento Tradicional: saberes que transcendem o conhecimento científico**. Disponível em:  
<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=44b4596c7a979aa7>, acesso em 06.01.2017.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- CAVALCANTI, Leonardo Luizines de França. Organização. Figura 1 – **Imagem de satélite da região onde fica localizada a Mata do Engenho Uchôa**, 2017
- \_\_\_\_\_, Organização. Mapa 1 – **O município do Recife e suas RPA's**, 2017.

\_\_\_\_\_, Organização. Mapa 2 – **Localização da mata e dos bairros circunvizinhos distribuídos nas RPA's 5 e 6**. 2017.

\_\_\_\_\_, Organização. Figura 4 – **Notícias sobre a mata denunciam devastação**. 2017.

CAVALCANTI, Maria José Marques. **Parques Metropolitanos: Gestão e Proteção de Áreas Especiais na RMR - 1975/2004**. Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento Urbano. UFPE, Recife: A autora, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. 3ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2011.

COSTA, F. A. Pereira da. **Arredores do Recife**. 2ª ed. autônoma. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2001.

COUTINHO, Robério D. da S. **Jornalismo e Mudanças Climáticas: desafios para uma adequada representação noticiosa**. Recife/PE: Editora da UFPE, 2014. 211p.

CPRH quer acabar desmatamento no Engenho Uchôa e recorre à Polícia. **Diário de Pernambuco**. Caderno Cidade, p. A-4. Recife, 05 out. 1987.

DEFESA da mata. **Diário de Pernambuco**. Recife, 07 abr. 1979.

DESMATAMENTO já preocupa vereador. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 mar. 1985. Caderno Cidade.

DERRUBADAS as matas do Engenho Uchôa. **Diário de Pernambuco**. ano 163, nº 21. Recife, 22 jan. 1988. Capa.

DIEGUES, Antônio Carlos S. **O mito moderno da natureza intocável**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

FARIAS, Gilmar Beserra de; PEREIRA, Glauco Alves. **Aves de Pernambuco: o estado atual do conhecimento ornitológico**. Artigo Científico. Biotemas, nº 22, set, 2009, p. 1-10. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/viewFile/2175-7925.2009v22n3p1/17910>

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. **A “fabricação” do cotidiano escolar: as práticas coletivas dos alunos fora da sala de aula**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, M. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**, In: Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.2, dez, 2012. p. 10-32. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>>. Acesso em 09.08.2018, as 13h40min.

GASPAR, Lúcia. **João Fernandes Vieira**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife: 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 19 jun. 2017

GOHN, Maria da Glória M. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

HANNIGAN, Jhon. **Sociologia Ambiental: formação de uma perspectiva social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

IBGE, 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 02/06/2017.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. 3ª ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1994, p. 535-553.

LIMA, Gladstone Pereira. **E o grande sertão virou pampa?" (des)continuidades na invenção dos povos do município de Chapada Gaúcha (MG)**. Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS, da Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros/MG, 2014.

LIMA, G. F. da C. **Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.35, n.1, p. 145-163, jan./abr. 2009.

\_\_\_\_\_. **Questão ambiental e educação: contribuições para o debate**. Ambiente & Sociedade. NEPAM/UNICAMP, Campinas/SP, ano II, nº 5, p. 135-153, 1999.

L'ODÒ, A. L. **A Jurema Sagrada: Resiliente religião de matriz indígena do Nordeste do Brasil**. Revista Senso. Belo Horizonte/MG, nº 8. Jul./ago. 2018. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/2017/10/23/jurema-sagrada-resiliente-religio-de-matriz-indigena-nordeste-brasil/>> Acesso em 09.08.2018, às 19h39min.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004a.

\_\_\_\_\_. Educação Ambiental Transformadora. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.) **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004 (p.65-84).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fase de Trabalho de Campo. In: \_\_\_\_\_. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2000. p. 105-158.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Unidades de Conservação**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/o-que-sao>>. Acesso em 07 abr. 2017.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORIN, Edgar (Org.). **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal: Europa-América, 1996.

MOVIMENTO em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. **Cronologia do desmatamento da mata do Engenho Uchoa, legislação pertinente e das lutas da comunidade do Barro e do entorno**. Recife: Memorial do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. Documento gentilmente cedido pela Professora Luci Machado coordenadora do movimento. Recife: S/D.

MOVIMENTO em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. **Blog**. Disponível em: <http://mataengenhouchoa.blogspot.com.br/>. Acesso em 17.01.2017.

NEGREIROS, Emídio de Britto. **Natureza Mínima - Política Ambiental e Unidades de Conservação em Pernambuco: Um estudo sobre a Estação Ecológica de Caetés e a Área de Proteção Ambiental do Engenho Uchôa**. Tese. Doutorado em Sociologia. UFPE, Recife: O autor, 2008.

RECIFE. Prefeitura; PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife**. 2005.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação**. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

OLIVEIRA, I. B. de; SGARBI, P. **Apresentação: A invenção cotidiana da pesquisa e de seus métodos**. Educação & Sociedade. Campinas: Vol. 28, nº 98, Jan./Abr. 2007.

OLIVEIRA, Josemary Santos e Silva (et al). **Análise multitemporal de um fragmento de Mata Atlântica como gerador de ilha de amenidade em área urbana através do IVAS e a Temperatura da superfície, estudo de caso: Mata do Engenho Uchôa, Recife – PE, 2011**. Artigo Científico. Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR, Curitiba, PR, Brasil, abr-mai, INPE: 2011.

PERNAMBUCO. Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade. **Plano de Manejo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Engenho Uchôa**. Recife: A Secretaria, 2013.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. **Estratégia para criação e implantação dos conselhos gestores**. Recife/PE: 2012.

PORTO, M. F. **Riscos, saúde e injustiça ambiental: o protagonismo das populações atingidas na produção de conhecimento**. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 17, nº 6, Rio de Janeiro: Jun., 2012. (Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000600013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600013). Acesso em 09.08.2018, às 10h09min.)

RECIFE, Drone. Fotografia 9 – **O Rio Tejipló**. Recife: 2017.

RECIFE, Museu da Cidade do. **Mapa da Cidade do Recife, 1870**. Visualização do Engenho Uchôa. Iconografia, 2003.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007 (Coleção Questões de Nossa Época; v. 41)

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Justiça, controle social e escravidão em meados do Século XIX**. Documentação e memória. TJPE, Recife/PE, v. 1, n 1, 94-115. Jul/dez, 2008

SILVA, K. F. da; LYRIO, K. A; MARTINS, N. de S.; **Michel de Certeau e a Educação**. Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica do Programa de Pós-Graduação em Educação. Vitória-ES, v. 17, n. 2, jul./dez. 2011.

SILVA, Hildemarco Florêncio da. Entrevista concedida a Laudielcio F. M. da Silva. In: **A Escola Presidente Humberto Castello Branco e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa: nos rumos de uma Educação Ambiental Crítica?**. TCC (Graduação em Pedagogia) UFPE, Recife/PE, 2015c.

SILVA, Jorge José Araújo da. Entrevista concedida a Laudielcio F. M. da Silva. In: **A Escola Presidente Humberto Castello Branco e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa: nos rumos de uma Educação Ambiental Crítica?**. TCC (Graduação em Pedagogia) UFPE, Recife/PE, 2015b.

SILVA, Laudielcio F. M. da. **A Escola Presidente Humberto Castello Branco e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchoa: nos rumos de uma Educação Ambiental Crítica?**. TCC (Graduação em Pedagogia) UFPE, Recife/PE, 2015a.

\_\_\_\_\_. **A Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988)**. Dissertação (Mestrado) - UFPE, Recife/PE, 2013

SOUZA, J. P. Quem tem medo da pesquisa empírica? Seguramente, não os pesquisadores portugueses em jornalismo. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. de. (Org.). **Quem tem medo da pesquisa empírica**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2011, p. 305-321.

SOUZA, Diogo Rodrigues. **O conhecimento sobre fitoterápicos no tratamento de feridas**. (trabalho de Conclusão de Cursos (Graduação em Farmácia) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

TAVARES, A. E. P. **Saberes Tradicionais como patrimônio imaterial na Amazônia intercultural: saberes, fazeres, táticas e resistência dos ceramistas de Icoaraci**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

TRIVIÑOS, A. R. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

VAINSENER, S. A. **Ponte D'Uchoa** (localidade, Recife). Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. (Trad. Luiz Fernando Cardoso). 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 454 p.

VEREADOR denuncia que incêndio é criminoso. **Diário de Pernambuco**. Recife, 09 ago. 1987.

SANTIAGO, Sandra Maria Neri. **Guia para elaboração e apresentação dos elementos pré-textuais de teses e dissertações conforme as normas da ABNT**. Colaboração: MELO, L. L. de; OLIVEIRA, L. M. P. de; ARAÚJO, M. A. C. de. Recife: O autor, 2018.

SANTOS, L. R. N. dos. Justiça, controle social e escravidão em meados do século XIX. In: **TJPE. Documentação e Memória**. Recife, PE, v.1 n.1, 94-115, jul. / dez. 2008.

SANTOS, Alexandre Andrade dos. Fotografia 1 – **Preparando-se para a trilha na mata**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 2 – **Entrando na mata**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 3 – **Os quatro biomas existente na Mata do Engenho Uchôa**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 3a – **Área de Mata Atlântica**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 3b – **Área de Mangue**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 3c – **Área de Restinga**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 3d – **Área de Pântano**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 4 – **Situação de contraste na mata**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 4a – **A garça**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 4b – **O Rio Moxotó**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 5 – **Dendzal na Mata do Engenho Uchôa**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 6 – **O formigueiro e o buraco do tatu na mata**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 6a – **O formigueiro**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 6b – **O buraco do tatu**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 8 – **Ruínas do casarão encontrado no interior da mata**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 13 – **O arará na mata**, 2017a.

\_\_\_\_\_, Fotografia 20 – **Valter Libânio da Silva (Vavá) – Organizador do Boi de Mainha**, 2017a.

SANTOS, Caio Andrade Prado dos. Fotografia 7- **Demarcadores de lotes no interior da mata**, 2017b.

\_\_\_\_\_, Organização. Fotografia 9 – **O Rio Tejipió**, 2017b.

\_\_\_\_\_, Fotografia 23 – **I Caminhada em Defesa do Rio Tejipió**, 2017b.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados da Entrevista
Nome do voluntário:
Data de Nascimento:
Formação:
Profissão:
Instituição:
Local da Entrevista:
Data da Entrevista:
Horário da Entrevista: Início ..... fim .....

- Fale-me sobre a mata e sua relação com ela.

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO –  
SRA. OLIVIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em  
Educação

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Nome da voluntária: **Olívia Conceição dos Santos.**

Conhecida na comunidade como: **Dona Olívia.**

**Introdução**

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

**Objetivo da pesquisa**

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

**Procedimentos:**

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

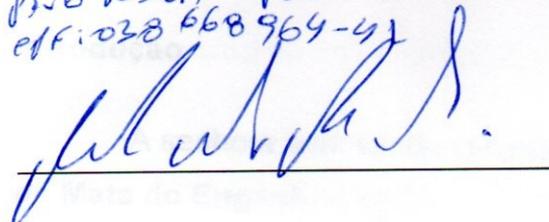
Após o processo de transcrição da entrevista, a senhora receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

## Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntária, deste estudo.

Prof. Edilson Fernandes de Souza  
 CPF: 038 668 964-42  


Assinatura da voluntária

Recife, 17/05/2017

Local e data

## DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## APÊNDICE C – ENTREVISTA COM OLÍVIA DA CONCEIÇÃO SANTOS



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome da voluntária: Olívia da Conceição Santos
Data de Nascimento:
Formação:
Profissão:
Vinculação com a Mata: Ex-Moradora da Mata e atual moradora do Bairro do Barro, Recife/PE
Local da Entrevista: Residência da entrevistada, localizada no Bairro do Barro, Recife/PE
Data da Entrevista: 17 de maio de 2017
Horário da Entrevista: Início 7h45min. fim 8h12min.

**Laudiélcio:** Hoje é dia 17 de maio de 2017, são 07h e 45min. Eu estou aqui com a Senhora Olívia da Conceição Santos, em sua residência no Bairro do Barro, Recife, PE, para entrevistá-la na expectativa de coletar dados para a pesquisa intitulada “Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa. A Senhora Olívia, “moradora” da Mata do Engenho Uchôa, vai nos contar a experiência dela junto com a mata, desde quando ela lembrar.

**Olívia:** Eu fazia já uns 18 anos... 17... que eu ia pra essa mata aí. Plantava cana, fazia mel de engenho, tirava os barros ali, fazia os (inaudível) era! Andava muito por ali naquela mata... cada cobra! Dava pra engolir um (risos). Por onde eu passei tinha uma cobra. A Odebrech tinha comprado aquilo ali, ai tinha uns seguranças, ai o segurança disse... eu ia assistindo... vim assistir novela, ai eu vim aqui na vila, à noite quando era nove horas, dez horas eu ia pra lá, ai eu passei e disse: Quando eu passar ali vou levar aquele pano! Um pano bonito, visse! Quando eu cheguei perto, menino, era uma cobra! (risos) Eu digo pôxa (risos), e agora pra eu passar? Mas como ela veio lá de baixo, a cabeça dela tá aqui e o rabo foi pra lá, eu passei por traz dela, ela nem se mexeu, a cobra. Ela estava esperando que passasse um bicho pra ela pegar. Ai eu passei e fui embora... falar nisso o vigia disse “oxe não faz nem vinte minutos que a gente passou ali e não vi esta cobra! Como foi que tu visse essa cobra lá? Eu disse “pois vá lá vê! Aí o outro disse: “bora lá vê rapaz, ela não está mentindo não!” Aí eles.... o outro levantou-se e foi e quando chegou lá disse “rapaz a mulher falou a verdade!” Ai o outro disse: “foi porque ela falou tão baixo!” Ai eu disse pra ele quando ele chegou lá: “E eu ia... tu pensa que eu ia gritar era?” Ele disse: “Não... não sei o quê....”. Aí eles mataram a cobra. Comeram a cobra todinha. Teve um que levou um pedaço da cobra pra vender como peixe, porque ele tinha uma bar. Aí ele.... teve um que ainda espinhou-se, não tirou a espinha, porque a espinha da cobra tem um veneno né? Aí a espinha furou a gengiva dele, ele ficou passando mal, levaram ele pro hospital e lá o médico disse “Você foi furado por uma espinha de cobra! Você sabe de onde veio essa espinha? Aí ele disse... ele não disse que não tinha comido não né? Aí ele chegou e disse: sei! Aí ele não queria dizer aos outros que foi ele que estava com as coisas da cobra né ? Aí ele chegou... e terminou morrendo. Furou a gengiva dele, e ele terminou morrendo! O médico disse: “olha, a espinha dela tem mais veneno do que ela viva. Na espinha dela é onde tá o veneno todinho da cobra!”

(silêncio)

**Laudiélcio:** A senhora brincava pela mata?

**Olívia:** Brincava como? Não! Eu andava. Oxe chegava polícia lá, tinha vez que a polícia vinha atrás de boca de fumo, aí chegava lá não acertava os caminhos, chegava e aí dizia “tu vai comigo?” De moto. Uma vez chegou pra mais de vinte moto. Aí “amonta aqui!” Eu disse não! Eu vou de pés. “Como é que a gente vai de moto e tu vai de pés?” Você anda e me espera! Aí o companheiro foi... Aí eu ri tanto! (risos). Aí ele pegou... eu disse “não você vai, deixa essa moto tudinho aí e a gente vai de pés avançar a mata”. Aí ele disse: “oxente e tu alcança chegar lá na mata, no fim dessa mata” ? Eu disse chego! Andamos a mata todinha de pés e eles deixaram as moto todinha lá e um menino atocaiando. É Dr. José e Dr. Luiz, os filhos do dono do Engenho. O dono do Engenho mesmo, o pai deles, era Florival e a mãe deles Aparecida.

**Laudiélcio:** Na sua caminhada para a mata como é que era?

**Olívia:** E eu num ficava lá menino? Num morava lá? Tinha casa e tudo. Tinha casa à vontade ali dentro! Tu não sabia não era? (Risos) Oxe, tinha tanta da casa visse? Seu moço, eu vou mostrar a você... eu mostro os terrenos todinho das casas. Vou e amostró tudinho as casas!

**Laudiélcio:** Acabaram por causa de uma enchente não foi ?

**Olívia:** Não... teve depois houve um negócio, um reboiço lá, e aí saíram derrubando as casas, aí derrubou e só ficou a minha. E eles de vez em quando aparecem lá Dr. Luiz e Dr. José. Aí ele grita desce de lá de dentro da mata: é Luis, é José, Olívia! Subam... Aí subiram e quando chegaram lá conversaram foi muito. Uma vez chegou uma reportagem lá aí o rapaz, da jornal, o rapaz senta aqui... aí sentou-se aqui, juntou aqui... parece que foi seis ou foi sete homens e eu sentada no meio lá e eles perguntando as coisas, gravando, tudinho, aí pois quando foi no no outro dia saiu no jornal (risos) saiu no jornal ... e o pessoal da rua me chamava de famosa. “Sois famosa visse?” Tu estais no jornal! O rapaz chegou lá queria entrevista, disse que ia sair no jornal, aí tinha que falar, não era?

**Laudiélcio:** A senhora nasceu lá ?

**Olívia:** Não, nasci lá não. Nasci no interior, num engenho chamado Ribeirão, e tinha a igreja lá no Engenho Laranjeira, que era o município era Moreno.

**Laudiélcio:** E quando a senhora veio pra mata tinha mais ou menos quantos anos?

**Olívia:** Tinha mais ou menos assim uns dezoito anos.

**Laudiélcio:** E quando a senhora entrava na mata a senhora tinha medo de alguma coisa?

**Olívia:** Não, não fazia medo não.

**Laudiélcio:** O pessoal falava alguma coisa da mata ?

**Olívia:** Depois é que aparecia passando gente perverso, querendo agarrar as pessoas, mas depois acabou-se.

**Laudiélcio:** A mata ela é importante para a comunidade não é?

**Olívia:** É menino, a mata é..... Se você chegasse ali naquela mata você tinha tanta novidade. Oxe, era tanta gente caminhando ali naquela mata ali visse? O povo dessa Vila. De manhã e de tarde tinha pra mais de cem pessoas.

**Laudiélcio:** E o que a senhora mais aprendeu nesse contato com a mata esse tempo todo?

**Olívia:** Assim... o que eu sabia! Eu não tinha leitura sabe? Ia estudar de noite.

**Laudiélcio:** E quem entrava na mata entrava pra quê? Pra caminhar....

**Olívia:** Pra caminhar, andar, pra ver o mato, conhecer a mata, repórter e mais repórter, era.... passava eu tava ali dentro, chegavam lá, sentava... Lá dentro tem uma casa! Aí eles viam no jornal ai iam bater lá... bastante gente de jornal!

**Laudiélcio:** Alguém entrava na mata à noite?

**Olívia:** Não. Só se fosse bandido, não era? Assaltante!

**Laudiélcio:** Uma vez ou outra aparecia não era ? Um caso assim ?

**Olívia:** Aparecia gente pra roubar os bois do povo (risos). Levava dois, três, ai uma vez chegou lá o capitão com uma arma assim e disse: olhe a gente vai levando aquela vaca ali, agora você vai dizer viu? Se você disser venho derrubar a casa. Aí eu disse oxente se eu fosse tu eu derrubava logo (risos). Aí quando o dono da vaca veio, meio dia ele levava o boi tudinho pra cocheira, aí o rapaz que tomava conta dos bois. Aí ele passou eu disse: êi vem cá, sentisse falta de algum bicho? Ele disse: Não! Vai tudinho aí! Eu disse: vai não! Oxe, levaram duas! E ele disse que as vacas iam tudinho, olha!

**Laudiélcio:** E durante esse tempo que a senhora morou lá na sua casa lá tinha alguma festa lá ?

**Olívia:** Lá não tinha festa não. Eu só vivia ali dentro.... vivia assim.... vinha pra festa na rua, lá na igreja, do Barro.

**Laudiélcio:** O pessoal entrava na mata pra fazer alguma oferenda ? O pessoal de terreiro?

**Olívia:** Quem ia fazer coisa de macumba lá eram os macumbeiros. Agora os **macumbeiros** iam dançar macumba lá (risos). Ou senão os crentes que faziam oração. Mas eram mais os macumbeiros.

**Laudiélcio:** Será que ainda hoje eles freqüentam a mata lá?

**Olívia:** Quase nunca mais foram não, mas ontem mesmo passaram aqui três, duas mulher e um homem, ai ela disse eu vou botar um despacho alí. Ai eu disse e é? Ela disse é. Mulher bonita!

**Laudiélcio:** Geralmente eles iam durante o dia ou à noite?

**Olívia:** É eles iam de tarde, logo cedo, eu vinha pra cá encontrei eles no caminho que iam pra lá pra dentro da mata, botar macumba, botava bode lá, como é... galinha, um homem levou um pinto – o bichinho – e duas lata de óleo, ai lá ele passou e levou, botou na sacola e levou pra casa. Chegar em casa deixa eu enxugar ele pra dar de comer a ele! Todo molhado de óleo. Deram um banho nele eu vi que ele tava cochilando. Eu peguei uma banana machuquei assim, levei a banana lá pro sagüi, o sagüi chega faz assim olha (gesticula com a mão) ai ele... pedindo banana (risos). Tudinho atrás de mim assim.

**Laudiélcio:** Esse pessoal que ia fazer as oferendas lá, Olivia, era muito dentro da mata, longe ou era...

**Olívia:** Não! Eles chegavam até ali assim olha (apontando para a beira da mata). A minha casa fica bem aqui assim olha!

**Laudiélcio:** Ainda tem alguma parede da sua casa ou não ?

**Olívia:** Parede? Só tem.... ela caiu, aí o rapaz fez uma passagem de um lado pro outro, e um terracinho assim e dois gatos. Ai uma semana dessa chegou um carro de policia lá logo cedo, aí eles foi lá e disse eu estive numa casa lá embaixo - eu tava pegando cajá lá em cima – ai ele chegou viu um carro de policia ali, não tem nenhum polícia! Depois apareceu mais três, depois apareceu mais três ai depois apareceu mais um. Aí ele chegou perto de mim disse: eu estive numa casa lá embaixo, tinha dois gatinhos. Aí eu disse aqueles gato é meu! Ele disse: É teu? Eu disse: É!. Ele disse: E tu mora ali? Eu disse: Eu passo o dia todinho ali, só não passo a noite. Ele disse: E é? Eu disse: É! Mais foi bom a gente te encontrar. Mas conversaram. Aí vieram... ai disse: Nós vai mudar daqui. Nós não fomos lá pro fim não. Eu disse: isso aqui é muita terra visse! Lá embaixo tem uma cacimba, água boa, você vê aquela areia alvinha. Eu sei que dali eles voltaram. Aí uma firma comprou isso aí, essas terras todinha, fez um casarão muito bonito... só tem lá as paredes. Eles vieram arrancaram as porta, levaram as telhas todinha - o povo – eles só deixaram as paredes porque não podia levar. Tá lá as paredes. Ainda dormia um casal lá quando ainda tinha a casa... (inaudível), a mulher estava buchuda de sete mês. Aí o cara chegou lá, o segurança, que tomava conta das terras, passava o dia olhando as terras, (inaudível) Aí uma mulher chegou e disse: olha tu conhece gente, aí na vila, da policia? Eu disse: conheço! Ai a mulher chegou lá e disse: olha vai avisar que a mulher tá morta e o feto que tá dentro da barriga dela chega tá bulindo assim. Aí ela chegou e disse: vai ver que tu.... que a polícia vai buscar... tu conhece gente da polícia aí na praça ? Eu disse: conheço bastante! Aí tinha um rapaz que era da polícia, era ameaçado do povo pra pegar ele, ai ele chegou e disse.... ai eu fui lá... tocava aqui, aí ele atendia, quem é ? é tu Olívia ? Sou eu mesma! Peraí que eu já desço! Ai ele chegou perto de mim pegou e eu fui e disse a ele e a gente pegou a conversar e daqui a pouco chegou gente lá. Aí chegou polícia que só a gota, foi lá dentro, mas quando chegou lá já tinha morrido! O que estava na barriga já tinha sete meses. Dava pra salvar ainda a filhinha dele não era? Se fosse mais cedo não era? Mas chegou lá tarde aí não deu mais, já tinha morrido, porque faltou fôlego nela né? Aí eles trouxe o casal... o marido, a mulher e a filhinha.

**Laudiélcio:** Lá na mata havia outras casas? Outras famílias que ali moravam?

**Olívia:** Tinha, tinha, morava bastante gente... tudo. Oxente então era casa e mais casa menino. Olha bastante gente chegava lá em casa procurando os meninos, os meninos (risos) os meninos fugiam pra dentro mata aqui (risos) é os meninos! (risos), os meninos! os meninos iam pra mata e eles chegavam procurando: Tu visse os meninos por aqui ? Eu disse: Passou um menino moreninho assim, magrinho, né? Eles disseram é? Eles tá pra cá, pra dentro, pra cá! Aí eles foi procurar eles. Quando chegou lá eles chega estavam com o calção rasgado de tanto correr na barreira, ... uma barreira “assim” olha (bastante inclinada)! Aí subia lá cima e descia (risos, risos...).

**Laudiélcio:** A senhora já morou lá dentro da mata, a senhora voltaria a morar lá novamente?

**Olívia:** Não sei, sei que os donos das terras disse que quando vendesse aquela terra me dava uma casa. Agora não sei quando ele vai vender né?

**Laudiélcio:** E quem são os donos dessas terras ?

**Olívia:** É Dr. José e Dr. Luiz. Dr. Lourival era o pai deles, e Aparecida era a mãe deles, era uma senhora magra, alta, a mãe dele, Dr. José e Dr. Luiz! Nunca mais.... de vez em quando, quando tinha reboliço ai dentro.... mas agora acabou-se, acabou-se o reboliço. Tinha um pessoal que queria fazer um... coisa de lixo! Ele chegou lá, desceram um monte de gente com ele dentro da mata, um comboio de gente falando, falando, falando... lá disseram: Olívia? Eu disse: Oi! É Dr. José e Luiz! (risos) Aí desceu... vai todo mundo acompanhar, ví? É todo mundo da polícia viu? vai te buscar visse ? Eu disse: Venha! (risos). Aí comecei a rir! Aí chegaram lá e conversaram, olha! isso aqui é moradora do meu pai, do tempo de meu pai! Aí ele disse e é? Eu disse é! Mas eles riram, a polícia! Aí foram simhora, disseram bora com a gente! Aí foram pra lá pra dentro do casarão, tem num terreno baixo assim, aí eles queriam subir de moto. Eles queriam que eu fosse de moto, eu disse: Oxente, eu vou nada! Aquilo pulava daqui pra li olha "tum"! (risos) Aí eu digo oxe! Aí ele chegou e disse: Não! Sabe o que é que vocês fazem? Eu disse vocês deixa essa moto ai e fica um atucaiano. Aí voltaram tudinho, mais de vinte motos! Aí deixaram tudinho lá e deixaram um atucaiano. Aí a gente veio de pés. Mas andamos na mata! Subimos ladeira, descemos ladeira, (risos)

**Laudiélcio:** Gostaria de dizer mais algum detalhe da mata que a senhora lembra?

**Olívia:** Daquela mata? Aquela mata... se eu fosse contar tudo o que se passava naquela mata... meu Deus! Dava um livro! Lá na mata tem um pé de pau, pé de macaíba, pé de dendê. Tem a sapucaia, lá dentro da mata. Ela bota umas frutas "assim" olha! Tem muita lá dentro, no dia em que vocês chegarem lá a gente vai lá no pé viu ? Eu sei onde é o pé! Da sapucaia.

**Laudiélcio:** Pronto Olívia, eu agradeço pela atenção e quando esta entrevista estiver transcrita eu trago pra senhora me autorizar a utilizar na tese tá bom ?

**Olívia:** Oxe! Uma vez chegou lá um repórter lá... chegou um bocado de gente do Jornal do Comercio, queria fazer a reportagem. Ai chegaram lá.... uma tuia... assenta aqui! Ai sentou-se começou a fazer perguntas. Aí saiu no jornal e quando eu passei na rua no outro dia aí o pessoal gritava: Tá famosa! Aí eu digo: Oxe? Tô famosa? Eles diziam: Tu saísse no jornal rapaz! Aí eu disse: Oxente, essa não! (risos)

Encerrada a entrevista às 08h12min.

## APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

### SRA. OLÍVIA DA CONCEIÇÃO SANTOS



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

#### AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Nome da voluntária: **Olivia Conceição dos Santos**

#### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

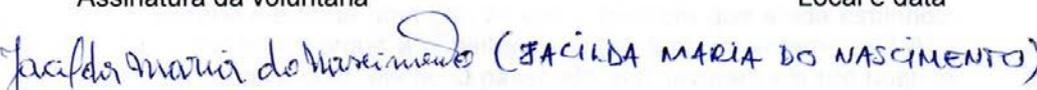
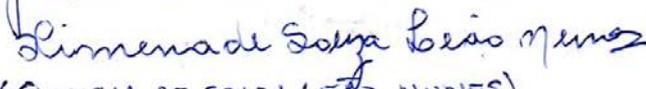
Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **Olivia Conceição dos Santos**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

26/09/2018.

Assinatura da voluntária

Local e data

  
 (JACILDA MARIA DO NASCIMENTO)  
  
 (GIMENA DE SOUZA NETO NUNES)

## APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

**PROF. JOSÉ SEMENTE**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome do voluntário: **José Semente.**

Conhecido na comunidade como: **José Semente.**

#### Introdução

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

#### Objetivo da pesquisa

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

#### Procedimentos:

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

Após o processo de transcrição da entrevista, a senhora receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

### Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Y. Dementi

Assinatura do voluntário

Reife, 21 de Junho de 2017

Local e data

### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiélcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## APÊNDICE F – ENTREVISTA PROF. JOSÉ SEMENTE



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome do voluntário: José Semente
Data de Nascimento:
Formação: Licenciado em Matemática
Profissão: Professor Aposentado
Vinculação com a Mata: Morador do Bairro do Barro, Recife/PE e integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e Autor do Hino do Bloco Arrebenta Sapucaia.
Local da Entrevista: Residência do entrevistado, localizada no Bairro do Barro, Recife/PE.
Data da Entrevista: 21 de junho de 2017
Horário da Entrevista: Início 9h10min. fim 9h22min.

**Laudiélcio:** Hoje são 21 de junho de 2017, 9h10min, eu estou com o Senhor José Semente, em sua residência no bairro do Barro, no Recife. Ele, que é integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, e um dos autores do hino do Bloco Arrebenta Sapucaia, vai nos contar um pouco da história da letra desse hino. Bom dia, José Semente!

**José Semente:** Bom dia, Laudielcio! É um prazer poder contribuir com o seu trabalho. O hino é composição minha e de meu primo Mauro Semente. Eu fiz a letra e ele musicou. A troça foi criada dentro de vinte dias. Tivemos a idéia no dia 22 de janeiro de 2007 e no dia 11 de fevereiro foi o primeiro desfile. Porque desfila no domingo antes do carnaval e que agora mudou - era no domingo de manhã - e agora mudou para o sábado à noite. Então foi criado dentro de vinte dias o hino, o estandarte... dentro de vinte dias! E depois deste dia 22 em que nós criamos, a idéia de fazer a troça, porque nós nos reunimos pra debater o Movimento, como reunir, como mobilizar pra pressionar a prefeitura pra viabilizar a conquista do parque. Então nesse momento nós vimos que era muito difícil mobilizar as pessoas no período de carnaval então surgiu a idéia da troça. Aí, quando surgiu a idéia da troça veio a questão do nome. Aí, de imediato veio Araçá da Mata – que já tinha um jornal, teve algumas edições – porque depois vimos que o nome não era ideal pra carnaval, e nos deslocamento, quando nós saímos da reunião para o Metrô – algumas pessoas vinham para o Metrô – aí me veio, como na mata já tem a planta, a Sapucaia, ai eu me lembrei daquele slogan Miguel Falabela, que ele coordenava aquele programa Vídeo Show, ele dizia: “Arrebenta a Sapucaia” ai eu coloquei: “Arrebenta Sapucaia!”. Porque tem a Sapucaia na mata e seu Arlindo Costa Lima, que é um dos que participa do movimento desde o começo, ele é engenheiro agrônomo, conhece muito a mata, inclusive nós já andamos com ele por dentro da mata e ele fala sobre esta planta, porque esta planta ela arrebenta a sapucaia, porque como você já sabe, chega um determinado momento que o fruto explode e solta as sementes e quando ele explode sai a casca, é como ele fosse um coco, como se estivesse um coco descascado. Sim, aí a sapucaia na mata, este slogan, nós sugerimos Arrebenta Sapucaia!, passou para o grupo, porque tudo é discutido no grupo, e até hoje nada foi votado, foi sempre um consenso, aí foi aceito e ai ficou: Arrebenta Sapucaia! Então ficou este nome, ai quando teve o nome da troça, e então eu gosto de escrever um pouco, aí tive a idéia de escrever uma música para a troça. Então escrevi, escrevi uma, não tenho certeza,

se foi Araçá da Mata, mostrei ao pessoal, mas não estava gostando muito e aí o pessoal também não gostou, escrevi outra, que é essa aqui hoje, que tocamos hoje, e aí o pessoal gostou, eu apresentei ao meu primo, ele musicou, levamos para um cantor, ele cantou, só com um teclado, porque ela hoje só é com o teclado mas ela tem a partitura, porque para registrar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pra registrar tem que apresentar a letra e apresentar a partitura. A partitura quem fez foi o Maestro Nunes, um ícone aí do carnaval, Maestro Nunes foi quem fez a partitura, a partitura está, mas nós ainda não tivemos condições financeiras de pagar a uma orquestra para gravar então por enquanto ela continua só no teclado. Sim, aí a letra escrevi como tudo que eu escrevo eu tento contextualizar me situar dentro daquela realidade do objetivo para o qual eu me propus a escrever, naquela linha. Então como era carnaval ai... carnaval e mata! Aí carnaval e mata! Aí tem a sapucaia, que é uma planta. Aí começa: “vamos cair na gandaia”, que é um termo popular.... as pessoas no carnaval, todo mundo.... a irreverência do carnaval, as pessoas ficam à vontade. Pra criar este clima: vamos cair na gandaia! Fala nas alfaias que também.... nós entendemos que também é um símbolo importante na cultura pernambucana, porque faz parte do maracatu o maracatu. Inclusive, nós conversando com um menino, ele foi conversar conosco sobre o maracatu, a questão que nós vemos por aí, ali é só percussão! o maracatu mesmo só pode sair à noite, tem tudo isso! Então as alfaias, aqueles bombos que o pessoal usa. Fala do maracatu, fala das alfaias e fala, nessa troça,..... que também é um ritmo do carnaval pernambucano..... as vassourinhas! Ai pronto, fala das alfaias, fala em vassourinhas, fala da sapucaia, fala da jandaia que é um pássaro que também tem, fala do araçá, então junta carnaval com a mata. Com a mata, pra criar um clima de, a questão de expressão, produzir uma expressão artística que é a musica que é fundamental para o ser humano. E o objetivo da troça, a gente tá falando do hino, mas tem que falar da troça. Todo mundo tem a necessidade de lazer, de arte, mas com o objetivo de chamar atenção para o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, que o objetivo é implantar um parque natural.

**Laudiélcio:** Há quanto tempo o Sr está no movimento?

**José Semente:** Desde 1985, eu nasci aqui, e vi todo o movimento da mata, as agressões que ela vem sofrendo ao longo dos tempos. As agressões é mais por parte da Odebrech, que tirava o barro para construir o metrô; mas a população tem um certo respeito. Tem até um trabalho aí, que eu não to lembrado agora, da universidade, uma tese, que fala sobre isso, que a população tem até um certo cuidado com a mata quando.... de primeiro.... parou mais, sempre havia uma tentativa de incêndio, quando havia qualquer tentativa de incêndio, qualquer coisa a população liga logo para o bombeiro, e aí, como nós ficamos mais conhecido agora, aí o pessoal já liga pra nós. Porque de primeiro só era um grupo, o grupo “Amigos da Mata do Engenho Uchôa” depois de 85, eu não sei precisar bem se transformou, depois de 85 se transformou num Movimento, que hoje gira em torno dele 100 instituições, lideranças, grupos religiosos, grupos culturais, sindicatos, associações de moradores.

**Laudiélcio:** Desses grupos religiosos o senhor tem contato com alguém que possa falar sobre a função da religião, qualquer que seja na mata?

**José Semente:** Tem um pessoal que tem uma ligação direta, que eles fazem umas oferendas, perto da igreja católica do Barro. Eu não sei lhe dizer o nome da entidade.

**Laudiélcio:** Ok, Semente. Alguma mensagem que quer deixar em defesa da mata para a comunidade?

**José Semente:** Parabenizar pelo seu trabalho, de não ser um trabalho simplesmente teórico, está juntando a teoria com a prática, entrando.... colocando a mão na massa, como se diz, colocando a mão na massa, conhecendo, pra fazer este trabalho, e aí parabenizar o seu trabalho e que nós continuamos firmes, na luta pela conquista de um parque, de um

parque natural, de contemplação, pesquisa... porque se as pessoas simplesmente andarem pela uma área verde as pessoas se sentem tão bem, a pessoa no dia a dia correndo, fumaça de carro pra lá, vindo do trabalho, voltando pra casa, e quando entra numa área verde você se sentem tão bem, então contemplar as árvores, os pássaros, e simplesmente caminhar, caminhar, e trabalhos científicos como este que você está fazendo e que está dando uma grande contribuição para o Movimento.

**Laudiélcio:** Ok, Semente! Muito obrigado pela participação!

## APÊNDICE G – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

**PROF. JOSÉ SEMENTE**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Nome do voluntário: **José Semente**

#### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

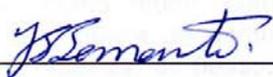
Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

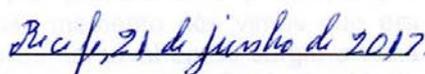
Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **José Semente**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).



Assinatura do voluntário



Local e data

## APÊNDICE H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PROF<sup>a</sup> JACILDA MARIA DO NASCIMENTO



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em  
Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome da voluntária: **Jacilda Maria do Nascimento.**

Conhecida na comunidade como: **Jacilda.**

#### Introdução

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

#### Objetivo da pesquisa

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

#### Procedimentos:

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

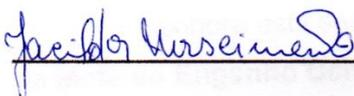
Após o processo de transcrição da entrevista, a senhora receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

### Declaração de consentimento

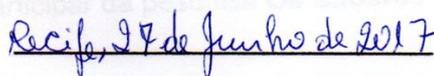
Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntária, deste estudo.



Assinatura da voluntária



Local e data

### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## APÊNDICE I – ENTREVISTA COM JACILDA MARIA DO NASCIMENTO



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome do voluntário: <b>Jacilda Maria do Nascimento</b>
Data de Nascimento:
Formação: Pedagogia
Profissão: Professora
Vinculação com a Mata: Moradora da Comunidade no Bairro do Barro, Recife/PE. Integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.
Local da Entrevista: Margem na Mata do Engenho Uchôa, numa praça, localizada no Bairro do Barro.
Data da Entrevista: 27 de junho de 2017
Horário da Entrevista: Início 08h10min. Fim 08h40min.

**Laudiélcio:** Hoje são 27 de junho de 2017, 8h10min, eu estou com o Jacilda Maria do Nascimento, na margem do Rio Tejipió, sentado num banco de praça na beira da Mata do Engenho Uchôa, no bairro do Barro, no Recife/PE. Ela, que é moradora deste bairro é professora da Educação Básica, pelo Município do Recife; formada em Pedagogia Especialista em Educação Especial; vai nos falar sobre a Mata do Engenho Uchôa e sua relação com ela. Jacilda, Bom dia!

**Jacilda:** Bom dia! É, nós viemos morar aqui em 1973, compramos a casa na inauguração em 72 e viemos morar em 73. Compramos a casa neste bairro, eu não conhecia este bairro, não conhecia esta área aqui, quando viemos, já viemos na mudança, em baixo de chuva, em julho de 1973, e foi uma surpresa pra gente. Quando o caminhão para, com a mudança, a gente se deparou com a Mata Uchôa. Pra gente foi assim, uma surpresa imensa. Porque viemos de um bairro muito populoso, que era o Arruda, e só tinha o campo do Santa Cruz, casas e a Mata foi assim um deleite pra gente lá de casa! Éramos seis irmãos e..... muita chuva, não é? E a gente correu aqui pra beira do Rio. E a surpresa foi uma mata virgem, um rio limpíssimo, de águas transparentes, não acontece mais hoje né? Tá o lixo todinho aí... E a nossa grande surpresa que poderíamos entrar na mata. Aí depois da mudança, do ajuste familiar, nos domingos convidamos nossos amigos, lá do Arruda, pra vir explorar essa parte. Mas foi quando descobrimos que no fim dessa avenida tinha uma ponte, uma mini ponte, e um cano da... acho que compesa, esgoto... não sei! Nem lembro de quem era esse cano, e que poderíamos entrar na mata, oxente, foi um festival de.... pra ir lá pra dentro da Mata! Muito bambu. Tinha umas cabanazinhas, o bambu arriava, e fazia aquele tipo de cabana.

**Laudiélcio:** Eram crianças ainda ?

**Jacilda:** Eu era adolescente, eu tava com 15 ou 16 anos por ai assim. Meus irmãos só tinha dois que ainda eram crianças. E passávamos o domingo, o sábado e as oportunidades que tínhamos pra ir pra dentro da Mata, vendo essas cabanas que o bambu formava; no rio, passando por dentro do rio, meus irmãos passavam por dentro do rio, eu não tinha coragem não, eu sempre fui medrosa, com medo de muçum. É muito muçum aí! (risos) e assim e

convidávamos né, nossos amigos do Arruda pra vir conhecer a Mata Uchoa. Que até então não sabíamos que era de particulares, que era da família Gouveia. Aí com o tempo a gente foi explorando realmente, nas férias, nos domingos, e vinha muita gente passear aí, do bairro e de outros locais, principalmente aquele pessoal que gosta de passarinhos. Mas eles vinham pra capturar os pássaros. É assim. E aí a gente saía explorando (conhecendo) o que tinha: o barro, tinha uma montanhazinha que a gente subia e depois descia, de bunda mesmo (risos) escorregando feito tobogan. Meus irmãos fugiam – que eram os dois menores – pra ficar ai dentro da mata e o interessante é que não tinha esse perigo que nós temos hoje né? A Mata era aberta, pouco explorada, e assim, a gente reverenciava mesmo as questões ai da mata, dos pássaros, dos sagüis, aquela coisa toda. E com isso a gente foi amadurecendo, tivemos outros interesses de brincadeiras, de passeios ai dentro da mata, e minha mãe sempre atrás da gente: “Vocês não vão entrar ai dentro da mata não! Vocês vão se perder! Tem tarado, não sei o quê....!” Mas a gente nunca encontrou.... vamos dizer assim... o mal da Mata! Por que tem uma..... e eu gostava muito de lê na época - gostava não, gosto! – ai eu procurava sempre nos livros que eu estava lendo alguma coisa que tivesse.... que fosse contra a mata né? Porque os contos de fadas, todos os contos de fada, eles falam da mata, da floresta, como um mal: Você vai encontrar um lobo mal; você vai encontrar a bruxa que queria matar a branca de neve com a macã; você vai encontrar aqueles duendes pra fazer o mal. E agente nunca encontrou isso! A gente sempre procurava. Eu sempre procurava na imaginação o quê que há de mal numa mata. E nunca encontrei. Eu só encontrei o animal, as cobras – morro de medo! – mas elas estavam no habitat dela. Não estavam fazendo mal a ninguém, a gente que estava invadindo. Aí eu comecei analisar: Meu Deus porque isso? Porque a mata, as florestas, os pássaros são sempre do mal ? E com isso eu fui amadurecendo minhas idéias de que a mata realmente não fazia mal a ninguém. Essa história do lobo mal, da bruxa, dos duendes, era tudo assim.... imaginações. E esses contos de fadas não eram nossos. Não eram nativos do Brasil. Vinham sempre de fora. Eram os contos de fadas dos irmãos Brinsks, ingleses, para estar com esta relação com a mata. E eu estava lendo na época aquele livro “Senhora”, de Machado de Assis né? nem lembro mais de quem é! E ele tem uma parte em que eles vão atravessar o rio, tem uma parte que é uma mata, e não tinha nada que... vamos dizer assim.... fizesse com que a mata fosse o mal do povo. Pronto! Aí com isso a gente foi amadurecendo eu fui tendo outros interesses, meus irmãos sempre fugindo com os vizinhos que foram chegando, minha mãe sempre atrás. Não tinha esta BR 101, a mata era inteira, ela se localizava com a do Quartel. Era uma mata só. Foi quando - eu não lembro o ano – foi quando começaram a cortar a Mata pra fazer a BR 101 e separou a mata do quartel com essa mata aqui Uchôa e fizeram a BR. Os ônibus começaram a passar aqui por dentro do conjunto, desviraram por aqui pra sair na avenida José Rufino - agora não lembro como foi o roteiro dos ônibus, só sei que passavam por aqui, passavam por esta avenida, passava pela frente da minha casa pra chegar na avenida. Foi quando as outras pessoas também foram descobrindo que tinha uma mata aqui. Porque as pessoas passavam pela avenida e não tinha é esta visão, não se dava conta, não tinha esta visão. E teve outras pessoas que vieram fazer pic-nic aqui pra conhecer a mata, de outros bairros, Cavaleiro, Tejipló, naquele tempo tinha Guanabara, algumas coisas assim, e foram descobrindo também a mata em relação aos ônibus, o percurso dos ônibus - passou uns dois ou foi três anos, nem lembro quanto foi, pra devastar, cortar a mata no meio e fazer a BR 101, e os ônibus destruíram aqui.... e aí começo a depredação né? porque as pessoas vinham pra tirar bambu, as pessoas vinham com as gaiolas pra pegar os pássaros, e com isso a gente foi já começando a ter um alerta. Um grupo - as Advínculas, Davi, Dona Rose, Claudinho - a gente foi ficando em alerta que a mata iria desaparecer. Mas o alerta maior mesmo foi em 79 quando a Odebrech comprou... não sei, a negociação, pra construir os condomínios de luxo. Foi quando o grupo se reuniu e: Vamos tomar uma ação! Aí fomos atrás de políticos, atrás dos moradores, pra preservarmos o que era nosso, porque até então a gente tinha uma mata, mas não se denominava: É minha! É nossa! As pessoas deixaram de passear na mata, as crianças deixaram de brincar na mata, porque mudou o interesse deles e nosso pra... é assim... em confronto com os interesses dos proprietários né? que era vender. Derrubaram

uma ponte, pra gente não ter mais acesso; o cano que tinha lá que era a ponte nossa mesmo que a gente brincava escorregava “tibuft” dentro do rio, que era o tobogan ou então o equilíbrio (a corda bamba nossa), eles tiraram também, foi assim dificultando a nossa entrada espontânea na mata. Olívia sempre dava o apoio a gente – Olívia era uma graça, ela acobertava quando meu pai ia buscar a gente lá dentro da mata (dizia ela): Não eles não estão aqui não! E a gente escondida né? pra gente não voltar pra casa. Aí Olívia depois guiava a gente por outro caminho e a gente chegava primeiro que o meu pai. Mas quando ele chegava a gente já sabia: era um carão! “Vocês não vão sair..., não sei o quê..., dentro daquela mata, vão se perder! Mas as brincadeiras eram muitas. Brincadeiras que a infância, a adolescência criava, na época: Subir no pé; pegar aquele cipó e sair fazendo como o Tarzan... Eu tenho um irmão ele é muito arreiro, menino pelo amor de Deus! ele só vivia arrebetado. Ele subia no pé de jaca pra pular embaixo da... que tem uns lagos aí dentro que caía dentro do mangue que tem aí, ele chegava em casa todo molhado.... assim...., era uma infância pura, não é?, dentro de uma mata que a gente não sabia que tinha dentro da cidade e assim... e bem criativa... eram brincadeiras assim que surgiam na hora, naturalmente, não era aquela coisa programada, não era nada disso. E a exploração nossa dia de domingo continuou; minha mãe gostava, minha mãe adorava, adorava não, adora essa mata! A gente tinha essa aliada que era minha mãe. Quando a gente chegava da escola, três, quatro horas da tarde, ela dizia: “Vamos pra dentro da mata, vamos atrás de Olívia!” aí a gente ia atrás de Olívia. Mas com o tempo isto foi sendo limitado pelo acesso, né? que os Gouveias queriam vender, aí a gente também cresceu, teve seus interesses, faculdade, né? mais a gente sempre em relação com a mata. Na época, nesta época junina, tirávamos os bambus, agora tinha uma coisa interessante, os rapazes que tiravam os bambus da época, eles não cortavam, não depredavam, eles pegavam o bambu que estavam soltos, porque este bambu tem uma coisa interessante: eles arriam e ali mesmo eles vão ficando e os meninos não cortavam com o machado ou com foices não! Eles levavam os bambus que estavam soltos pra não depredarem, e a gente não tinha nem essa consciência ecológica que não era depredar. A gente só tinha aquela consciência que (a mata) era nossa, que a mata nossa e que a gente só tinha que conservar, aí com o tempo foi entrando outras pessoas mais adultas, umas pessoas com mais consciência ecológica como Claudinho, as Advínculas, Dona Rose, e que foi agregando a gente pra preservação mesmo! Foi quando a gente foi lutar pra não ter a depredação da Odebrech, depois a do metrô, até mesmo moradores que vinham de outro lugar do Ibura. E até então a gente não sabia que essa mata ia até o Ibura. E o Ibura estavam invadindo por lá. Depois que a gente começou neste movimento, foi que a gente tomou consciência que a mata ia até o Ibura, ia até a Avenida Recife, foi quando fizeram também aquela avenida também D Helder, um pedaço do mangue. Por isso que ali só vive cheio também, vai pra aqueles Iburas todinhos da Vida. O barro do Metrô, e assim a gente foi nessa luta né? desde 1979, fomos tomando consciência mesmo de preservação e chegou aonde chegou né? Tamos aqui, em 2017, ainda tentando preservar, conservar e adquirir essa mata como um reduto ecológico, mesmo, de preservação e de vida né? e de vida!

**Laudiélcio:** Que perigos ela representa hoje? Não necessariamente ela mas o que vocês possam encontrar nela?

**Jacilda:** Olhe, de perigo em si, só... deixa eu pensar.... os animais não é perigo... a floresta em si não tem o seu perigo. O perigo aí realmente são os homens, somos nós ditos seres humanos que fazemos da mata é... um reduto de tudo, de maldade, um reduto de transgredir mesmo as leis, né? do homem e as leis da natureza, porque a mata em si, não tem perigo nenhum, em nada, em pássaros, em animais, nas águas, a mata não representa perigo. O que representa perigo é os homens que faz da maldade dele um assombro! Como eu tava dizendo, agora, este fim de semana eu fui pra fazenda brejo, sabe, lá em Saloá. É tudo conservado. A gente entrou lá na mata – eu tô toda arrebetada, olha! – porque a gente entrou na mata pra fazer caminhada ecológica. É fazenda Brejo! Assim, a coisa mais linda do mundo, agora é depredada também porque são fazendeiros e tem a questão dos

animais. Mas assim eles procuram preservar de alguma maneira que as pessoas possam conhecer. E aí a gente ficou assim deslumbrada porque a Mata Uchôa poderia ter isso, essas caminhadas, essas lições de..., para as escolas.. porque não apresentava tanto perigo - a Mata Uchôa - como ta apresentando agora né? A população cresceu e tudo é na mata, tudo é na mata. Foi como eu estava falando outro dia pra meus alunos: Como é que um assaltante, vamos dizer assim, um tarado, vai assaltar dentro da mata ? Não vai! Ele não vai. Vai assaltar aqui na calçada, ali na frente. Ele pode se esconder ali. Não é? E por coincidência a gente entrar neste dia na mata eles vierem e assaltar a gente. Mas na mata não tem assaltante. A mata não tem assassino . A mata tem o que? A natureza! Tem vida! Não é essa parte que o pessoal diz “Ah, vamos devastar porque tem moradores aqui, que aí ta cheio de tarado, cheio de assaltante”. Eu digo: De quem? Me diga! Conte uma história que teve algum aí dentro dessa mata! Não teve. O que tem às vezes são pessoas que vão namorar ali, não tem dinheiro - vamos dizer assim - pra ir pra um motel, essas coisas, entra pra namorar. Mas dizer: A Mata do Jardim Uchôa tem tarados, tem ladrões, não existe! Isso não existe mesmo. Você vê ai essa natureza linda, essa coisa linda. Agora os perigos que aparecem é o homem que coloca dentro. Como eu disse: quem construiu os contos de fadas, quem escreveu, tinha na cabeça, na época, que a mata só tinha maldade. Mas não tem maldade. Pra que esses matos todinho aí? Eu já ouvi isso aqui! É melhor a gente cortar tudinho e ver o outro lado! Eu digo é! Interessante. E o seu ar? O seu lazer? Que você senta aqui na frente, fica observando a natureza, os pássaros ? Aí tem pra mais de cinqüenta espécies de animais, de pássaros, você não vai ver mais isso! Ah! E o que me importa? Só assim sai esses ladrões daqui. Eu digo: Não! na Mata, principalmente o Jardim Uchôa não tem ladrão não! Ladrão tem na avenida, no centro da cidade. Pronto! E assim essa luta pra preservar isso aí. Tem hora que eu me desanimo, mas ai quando eu abro o portão vejo essa coisa linda essa natureza, aí vamos lutar de novo. Vamos começar tudo de novo. Mas a questão da maldade mesmo ta no homem. Não é na natureza em si.

**Laudiélcio:** Além de vocês que mais se aproxima da mata ?

**Jacilda:** As escolas e comunidades a igreja. Aqui tem em torno de umas quatorze escolas que agente – agora não, parou um pouquinho – mas a gente sempre traz as escolas pra mata, pra aprenderem o que é uma mata, uma floresta, pra verem os pássaros no seu habitat. Que também a gente tem essa preocupação de os meninos não aprisionarem os pássaros; os pássaros é pra viverem soltos na natureza e não ficarem dentro de uma gaiola, em casa, pendurado e você botando uma comidinha, alguma coisa. Eles tem que estarem dentro do habitat dele, o habitat natural. Aí temos a programação de trazer esses meninos, principalmente escolas da prefeitura, pra conhecerem a Mata Uchoa, mas ficou muito restrito essa caminhada pra dentro da mata por uma questão mesmo de acesso e do perigo que o homem oferece, não é a mata! E temos as escolas, temos a própria comunidade, sempre tá se reunindo pra fazer os passeios dentro da mata, conhecer, ver como é que esta a depredação lá por dentro, e assim a gente tem sempre atividades. Agora a gente parou um pouquinho porque, pela idade você vê: de 79 pra cá nós estamos velhos (risos) e limitados à vida urbana do dia a dia e restringe e muito a nossa luta. O movimento é forte, fortíssimo né? Você sabe que tem o Conselho da Mata Uchôa, tem os grupos, tem as universidades, tudo isso é o apoio nosso em preservação da mata. E fique certo viu! A Mata não tem maldade, não tem coisas más não! Só tem coisas boas. Tanto é que quando a gente quando vai caminhar tinha um caminho que era só oferendas quando a gente passava, um caminho de barro, por que será que só era ali, né? Tinha alguma coisa a ver com os orixás! Porque eu nunca parei pra pensar nisso, que era naquele local. Interessante! Aí quando a gente vinha a gente contornava essas oferendas, aí os meninos sempre brincando: Vamos levar! Vamos ver se tem dinheiro! (risos) Mas na brincadeira. Mas o respeito à mata é imenso. E tem pessoas, realmente, teve pessoas aqui que já mudou de opinião em relação à mata. Esse senhor mesmo que passou aqui, ele que é o ..... ele se diz síndico daqui, por ele isso aqui já tinha sido devastado. Mas a gente conseguiu que ele mudasse de opinião em relação à mata. A gente tem uns entraves políticos com ele mas,

em relação à mata, até que ele mudou de opinião. Mas é assim a nossa relação: escolas, grupos, os meus amigos, os amigos dos meus filhos, todos vem pra cá, todos querem conhecer a mata, até mesmo à noite: Quando é que a vamos poder entrar ? Mas só quando tiver um grupo realmente grande, que a gente possa convocar a Brigada, convocar aquele... o Cipoma, o Cipoma, pra podermos entrar, porque o perigo não é a mata, o perigo é o homem lá dentro da mata. Mas assim, é tirar na loteria todos os prêmios quem mora aqui em frente à mata! Aqui é divino. Divino mesmo! E assim, nossa vida em relação à mata é essa! Minha mãe adora isso aqui. Meus irmãos, meus sobrinhos, vem pra cá nas férias, tudinho pra brincar aqui em frente à mata. Pena que eu não tenha fotos da nossa infância e adolescência, porque naquela época não tinha essas histórias de tirar fotos, de registrar, e as fotos que nós tínhamos aqui, aqui por ser tão natural o cupim comeu (risos) aqui é um poço de cupim. Quando a gente menos espera o cupim aparece. E aí as fotos que nós tínhamos da infância, o cupim realmente comeu. Fica na memória. Foi muito bom. Muito bom mesmo. Inesquecível mesmo.

**Laudiélcio:** Obrigado, Jacilda! Estou satisfeito! Encerrada a entrevista às 8h40min.

**APÊNDICE J – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA**  
**PROFª JACILDA MARIA DO NASCIMENTO**



Universidade Federal de Pernambuco  
 Centro de Educação  
 Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

**AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA**

Nome da voluntária: **Jacilda Maria do Nascimento**

**DADOS SOBRE A PESQUISA**

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiélcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **Jacilda Maria do Nascimento**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (ex.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

Jacilda do Nascimento

Assinatura da voluntária

Recife 27 de junho de 2017

Local e data

## APÊNDICE K – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ECLARECIMENTO

**DR. FLÁVIO ROBERTO FALCÃO PEDROSA**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em  
Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome do voluntário: **Flávio Roberto Pedrosa Falcão.**

Conhecido na comunidade como: **Flávio Falcão.**

#### **Introdução**

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

#### **Objetivo da pesquisa**

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

#### **Procedimentos:**

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

Após o processo de transcrição da entrevista, o senhor receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos

anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

### **Declaração de consentimento**

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.



Assinatura do voluntário

Recife-PE, 30 de agosto de 2017.

Local e data

### **DADOS SOBRE A PESQUISA**

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## PEDROSA APÊNDICE L – ENTREVISTA COM DR. FLÁVIO ROBERTO FALCÃO



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome do voluntário: Flávio Roberto Falcão Pedrosa
Data de Nascimento:
Formação: Graduado em Direito. Especialista em Meio Ambiente. Concluinte do Mestrando em Meio Ambiente.
Profissão: Promotor Público
Vinculação com a Mata: Morador do Bairro do Barro, Recife/PE. É filho da líder ambientalista Rousinete Taveira Falcão ( <i>In memoriam</i> ) pioneira do Movimento em Defesa da Mata.
Local da Entrevista: Sede do Ministério Público de Pernambuco, Recife/PE.
Data da Entrevista: 27/07/2017.
Horário da Entrevista: Início: 17h30min. Fim: 17h50min.

Sr. Flávio Falcão, peço que fale-me sobre a Mata do Engenho Uchôa.

**Flávio:** Meu nome é Flávio Roberto Falcão Pedrosa, eu sou filho de Rousinete Taveira Falcão, nome de divorciada, ou Rousinete Falcão Pedrosa, nome de casada. Bom, eu fui pra o bairro do Barro, na Vila Nossa Senhora de Lourdes, que fica margeando a Mata do Engenho Uchôa, ainda criança, bem pequeno e acompanhei, naquela época, a preocupação de minha mãe Rousinete Falcão, na defesa do meio ambiente. E naquela época eu ainda muito pequeno, muitas vezes me assustava porque, inclusive por conta da preocupação de meu pai, porque quanto tentavam invadir a mata pra fazer ocupações irregulares, quando tentavam fazer loteamentos, quando tentavam tirar madeiras, enfim agredir aquele sistema, aquela mata, eu via sempre minha mãe se envolvendo nas brigas pela defesa daquela mata, naquela época, pelo menos na minha percepção de criança, naquela época, ela não tinha muito apoio. Não se falava muito em meio ambiente, não se tinha muita preocupação com isso e ela desde aquela época já ficava defendendo e chamava a polícia, a polícia demorava, chamava corpo de bombeiros, nem sempre o corpo de bombeiro ia, porque era difícil apagar o fogo; algumas vezes ela foi ameaçada, e sendo ameaçada foi aconselhada pelo meu pai e por alguns vizinhos a não se envolver tanto nessa defesa. Mas ela foi tão insistente, e tão... digamos assim firme naqueles propósitos de defesa da mata que com o tempo começou com suas amigas ali mesmo, na vila e no bairro, como também outras pessoas em outros bairros que se sensibilizaram, e juntamente com ela fundaram o Movimento de Defesa da Mata do Uchôa. E esse movimento foi crescendo, crescendo e hoje tem várias associações, é chamado muitas vezes pra participar de algumas reuniões com entidades públicas de defesa do meio ambiente. E acho que nesse trânsito de prazos, nesses anos todos, se conseguiu que se reconhecesse como APA até o momento que após a morte dela, ela foi reconhecida, não só pelo Movimento de Defesa da Mata do Uchôa, como algumas homenagens que fizeram a ela, como também pelo município porque criaram uma Lei que transformou a Mata do Uchôa em APA Rousinete Falcão, em homenagem a

ela. Essa defesa de meio ambiente, intransigente e obstinada dela que eu assistir durante meu crescimento, me influenciou ao ponto de, não só nos estudos por eu fazer especialização em Direito Ambiental, Mestrado em Direito Ambiental, como também a boa parte de minha atuação no Ministério Público, porque eu sou Promotor de Justiça, tem sido – eu acho que grande parte, a maior parte de minha atuação - tem sido na defesa do meio ambiente, na Promotoria de Defesa do Meio Ambiente. E infelizmente não pude atuar no inquérito que cuida da Mata do Uchôa porque como ela (Rousinete) era parte e eu necessariamente tinha que sempre me julgar impedido, e isso vem sendo sempre presidido pelo Promotor Ricardo Coelho que é uma pessoa muito competente na área, tem doutoramento também em meio ambiente, é muito comprometido. Mas assim, o que eu posso falar é que eu assistir uma transformação de uma pessoa solitária que se põe em risco na defesa de algo que naquela época ninguém valorava até o Movimento que vem crescendo e vem sendo reconhecido, fora a questão da transformação daquilo em APA e de ter se impedido várias vezes a instalação de condomínios, já se tentou fazer condomínios lá, já se tentou fazer loteamentos lá, já se tentou fazer roubo de madeiras de lá também, então várias agressões já passaram por lá, construtoras que nas margens tentavam tirar barro pra construções e que também teve a intervenção desse Movimento. E, assim, basicamente o que eu posso falar que eu conheço e pelo que eu me lembro da memória de uma criança, de um adolescente e de um adulto que cresceu vendo a sua mãe nesse movimento de defesa daquela área que ela sempre julgou de extrema importância para o Recife, e pra não sei quantos bairros que circundam diretamente... 11 bairros que circundam aquela região, com relação a clima, com relação a tudo, à poluição... e o quanto aquele ecossistema ajuda na qualidade da vida dessas pessoas.

**Laudiélcio:** O senhor, quando criança, chegava a brincar, entrar na mata? Pra explorar aquele espaço?

**Flávio:** Eu, enquanto criança e muitos e muitos e muitos amigos de lá, também da nossa infância, nós gostávamos de brincar e entrar pela mata. Mas mais adiante, já como adolescente eu acompanhava minha mãe nas inspeções que eram feitas por órgãos ambientais para fazer a constatação das denúncias que ela fazia, entendeu? pra tomar as providências contra invasores e pessoas que iam danificar a mata. Eu posso dizer que durante muito tempo eu conheci aquela mata lá por dentro, vivenciando mesmo esses momentos.

**Laudiélcio:** Conhecendo a mata várias pessoas que nos falam sobre a mata sempre trazem como referência o nome da Rousinete Falcão, que eu a conheço na fala de vários entrevistados e de documentos, mas como é que a gente poderia definir – se é que é possível dar uma definição, uma referência para Rousinete Falcão, ela e a mata? Que mulher é essa?

**Flávio:** Olha, é difícil eu lembrar de minha mãe sem lembrar dela lutando por aquilo. Inclusive na época em que ela corria risco, risco mesmo! Depois com o Movimento ficou mais fácil. Eu acho que a definição... a transformação da Mata do Uchôa em APA Rousinete Falcão, traz uma coisa que todas as pessoas do Movimento percebem: é como se ela estivesse presente ali! Não tem como olhar a mata, falar da mata sem... é difícil pra mim porque você pode pensar assim ele fala assim porque era a mãe dele, mas se você falar com Luci, com Semente, com Jacilda, com as pessoas que estão com ela desde aquele principio e que acreditaram e viram sentido naquilo, você vai ver o quanto tem a ver isso que eu tô lhe falando. Ela era uma pessoa que sempre lutou pela vida, ainda que aquilo colocasse em risco a vida dela. E algumas vezes eu enquanto criança eu me assustava aonde ela se metia na briga contra invasores, pra lutar contra empresários, pra lutar contra quem queria tirar a madeira, meu pai se preocupava muito com a integridade dela, os vizinhos, mas felizmente ela viveu isso e hoje tem essa homenagem. Acho que o que define ela é isso: ela é uma pessoa que na época estava à frente do pensamento das outras

peças daquela época e que foi uma pessoa que sempre lutou pela vida. Acho que é como ela dizia: aquilo ali é a vida. Tem até uma camisa que ela fez em homenagem a esse – ela junto com o movimento já, ela já estava.... inclusive já existia o Arrebenta Sapucaia e ela estava vestindo essa camisa na última... se não foi o primeiro foi um dos primeiros desfiles, e ela já estava com câncer muito avançado mas ela fez questão de ir e foi a última vez que ela saiu nesse Arrebenta a Sapucaia, que é o bloco carnavalesco que esse movimento criou. Não ficou até o fim, porque passou mal e teve que ser socorrida, e ela estava com essa camisa que falava sobre a mata e a vida. Eu tenho essa foto, aliás essa foto fez parte da homenagem que eu recebi este ano, que o Arrebenta a Sapucaia saiu pelo bairro e parou na frente da casa dela e fizeram um discurso lindíssimo em homenagem a ela, e entregaram pra mim e à minha filha – a neta dela – uma placa que tinha na foto ela com essa camisa e a sapucaia na mão e que tinha sido tirada nesse dia em que ela participou do desfile. Então, é o que eu posso, assim, falar informalmente sobre ela. Mas se quiser coisas mais técnicas eu posso pesquisar e posso ver pra poder lhe dizer. Ela tinha uma formação também na educação, trabalhou muito tempo na secretaria de educação, depois lá no bairro ela lutou pela instalação de um colégio estadual, que foi criado graças à luta dela com as pessoas que estavam junto com ela, defendendo o bairro junto à secretaria de educação. E lá ela plantou um Baobá, que o ano passado eu fui visitar esta escola e o Baobá está imenso, está imenso, imenso! (risos), a escola fica entrando ali por Floresta, no lado contrário da igreja. Descendo ali, depois do cemitério, tem uma escola que tem um Baobá imenso hoje, imenso! É uma escola estadual. E esse Baobá tá preservado, eu ouvi falar - não sei se é verdade ou não - que tem uma legislação municipal que está protegendo os Baobás e que por conta disso ela tá protegido também. Mas ele ficou imenso e tá lá (risos). Na época não existia, no pátio da escola, nenhuma árvore, você pode olhar isso também. Aí ela chegou e disse: as crianças vão ficar no sol! Vamos plantar árvores! Aí ela pegou movimentou as crianças todinhas e os pais das crianças da comunidade, conseguiu mudas de árvores, árvores que fazem sombra, e saiu com as crianças e os pais das crianças plantando as árvores. Hoje as árvores estão imensas também e o pátio que era no sol à pino tá todo na sombra com essas árvores que foram plantadas por ela e a comunidade. Portanto a comunidade passou a ter uma identidade muito grande com a escola, porque eles ajudaram a fazer aquela escola ficar mais agradável com a presença dessas árvores ali no pátio. E ela falava que ia plantar o Baobá porque queria que aquela escola se tornasse eterna como o Baobá, que não tem prazo de validade não é? É uma árvore milenar!

**Laudiélcio:** São muitas história né?

**Flávio:** São muitas histórias! E se precisar de algum complemento eu estou aqui à disposição.

**Laudiélcio:** Dá pra gente ficar por aqui. Eu agradeço a sua disponibilidade, em meio aos trabalhos aqui, ter esta pausa pra gente registrar esses saberes da mata. Muito obrigado e também estou à disposição, dentro dos poucos conhecimentos que eu tenho da mata pra poder dialogar, discutir mostrar um pouco da experiência que eu tenho coletado e aí eu fico à disposição de vocês, da comunidade lá.

**Laudiélcio:** Muito obrigado!

**Flávio:** Eu que agradeço.

## APÊNDICE M – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

**DR. FLÁVIO ROBERTO FALCÃO PEDROSA**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Nome do voluntário: **Flávio Roberto Falcão Pedrosa**

#### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **Flávio Roberto Falcão Pedrosa**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

Assinatura do voluntário

Recife-PE, 10.08.2017.

Local e data

## APÊNDICE N – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

**SR. VALTER LIBÂNIO DA SILVA**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em  
Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome do voluntário: **Valter Libânio da Silva**

Conhecido na comunidade como: **Vavá**

#### Introdução

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa**.

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

#### Objetivo da pesquisa

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

#### Procedimentos:

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

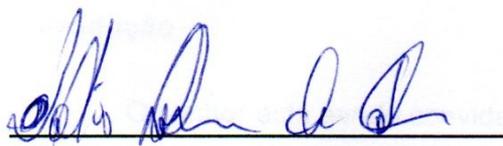
Após o processo de transcrição da entrevista, o senhor receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

**Declaração de consentimento**

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.



Assinatura do voluntário

Recife, 23 de setembro de 2017.

Local e data

**DADOS SOBRE A PESQUISA**

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiélcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## APÊNDICE O – ENTREVISTA COM VALTER LIBÂNIO DA SILVA



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome do voluntário: Valter Libânio da Silva
Data de Nascimento: (Idade: 59 anos)
Formação: Área de Comunicação
Profissão: Área de Comunicação (operação de áudio e vídeo)
Vinculação com a Mata: Morador do Bairro do Ibura, organizador do Boi de Mainha, líder comunitário do bairro.
Local da Entrevista: Sede do Boi de Mainha, na Rua Rio Moxotó, nº 96, no Bairro do Ibura, Recife/PE.
Data da Entrevista: 23/09/2017.
Horário da Entrevista: Início: 14h40min. Fim: 15h02min.

Sr. Vavá, peço que fale-me sobre a Mata do Engenho Uchôa.

**Vavá:** A gente vai começar a falando da mata assim:

Vamos caminhando,  
para a Mata do Uchôa!  
Vamos reunir,  
nessa Mata gente boa!

Nessa Mata gente boa  
Nessa Mata gente boa  
Nessa Mata gente boa  
Nessa Mata gente boa

Tartaruga, jacaré,  
peixe bom, poluição!  
Cajá, manga e dendê,  
e essa tal devastação!  
Essa tal devastação  
Essa tal devastação

Mas o povo está alerta  
Sapucaia vem me vê  
Barro, Ibura e Jordão  
Essa mata é meu pulmão  
Essa mata é meu pulmão  
Essa mata é meu pulmão...

Essa é uma música feita pela minha menina, Lanis Maria, ela ainda tinha 9, 10 anos, quando ela compôs esta música, onde o Boi de Mainha canta. Ela é numa batida de Maracatú. “Essa mata é meu pulmão”, o nome da música! E a partir daí a gente tem todo um

trabalho. E qual o trabalho que a gente tem? Primeiramente a gente está aqui nessa Sede, que é a Sede do Boi de Mainha, embaixo é a Casa de Mainha, e a gente tem.... o Boi de Mainha de 95, 1995, e durante.... quando a gente funda esse Boi, a primeira coisa que a gente fez foi um trabalho junto à Mata, inocentemente, sem querer, sem pretensões nenhuma a gente tornou-se uma coisa interessante. Quando chega todo domingo de carnaval a gente reúne todo o pessoal do grupo e da comunidade, convida os parceiros, e vem com a corda de caranguejo, caranguejo vivo, a gente pega essa corda de caranguejo, e a gente vai soltando, cantando essa música, vamos cantando num cortejo até a mata onde você viu neste instante, e a gente vai passando e vai soltando os caranguejos. A gente vai pra dentro da mata povoando essa mata de caranguejo. Imagina de 95 pra cá quantos caranguejos a gente já soltou! E todo domingo de carnaval a gente faz isso. Já é uma coisa obrigatória do Boi de Mainha soltar os caranguejos. Então é nesse sentido que a gente tomou o gosto pela Mata e chegamos junto ao Movimento em defesa da Mata do Engenho Uchôa. Então não é de agora que a gente começou. Faz tempo que a gente começou. A gente é um defensor! E se você olhar ela tem um lado do Barro. Ela é arrodada por onze comunidades. Ela tem o lado do Barro, tem o lado ali da BR que é pros Milagres, tem o lado que ela compõe a Vila do SESI e toda a sua extensão, o lado que ela compõe a Avenida Recife, Areias, Caçote, Chico Mendes, tal, tal e tem esse lado aqui da gente que é o Ibura de Baixo. Toda essa extensão do Ibura de Baixo, começando na Avenida Recife terminando aqui no Clube do SESI. Se você for vê tem o quê ? tem mais de .... acho que 2, 3 quilômetros de extensão de mata. Então, dentro disso aí a gente está no contexto. O que é o nosso papel enquanto Boi de Mainha? Enquanto movimento aqui que a gente tem na comunidade? É o papel de defender a mata! A gente.... quando teve a questão do lixo a gente brigou, quando tem o pessoal que tira pau pra fogueira a gente briga também com esse pessoal, quando tentou o pessoal ocupar a gente foi pra cima dizer, explicar qual o motivo porque não faça a ocupação, porque essa mata é um pulmão pra gente é uma coisa.... não adianta se a gente deixar o pessoal vai fazer um barraco derrubar a mata. Então a gente tem essa preocupação a gente é um vigilante do Recife sem ter nenhum ganho financeiro com prefeitura, órgão do estado, mas a gente se preocupa mais, muitas vezes do que os próprios órgãos que deveria fazer, porque a gente tá aqui, tá alerta, a única coisa que a gente não podia fazer, porque a gente não tem poder de polícia é chamar e dizer ó, o pessoal tá fazendo isso, tá fazendo aquilo, aí o CIPOMA vem pra ver quem tá tirando pau da mata, derrubando árvore, tirando pau, e é uma briga constante que a gente tem. E o Boi de Mainha tem uma participação cultural muito grande nessa mata. A gente.... todo o pessoal que vem aqui pra dentro dessa mata antes a gente levava pra Bica, ia tomar um banho, mas a Mata por si só ela se recompõe e fecha todas as passagens, né? Isto é que é interessante, se recompõe e continua aí a fazer isso. A música que canta, a música que iniciei diz o seguinte: Tem tartaruga, tem jacaré, tem peixe bom, mas tem poluição também né? Dentro desse complexo tem poluição ainda, que vem no rio, tem muita enchente aí quando vem a chuva e leva muita poluição pra dentro da mata. A gente desse contexto tem capivara, tem macaco, tem sagüi, tem toda espécie borboleta enfim, tem uma diversidade muito grande de fauna e flora na mata que é super interessante. E o papel nosso enquanto cultura é pegar esses elementos e transformar em música e transformar em debates e transformar em poesias, em ate, enfim, pra contar um pouco dessa história que a mata vem tendo durante esse tempo todo. E a gente tenta também fazer nosso papel social e político. Ao social, tentar conscientizar principalmente quem mora aqui que não desmate. Use e entre na mata pra tirar o quê: os frutos! Muita gente vai pra tirar manga, cajá, dendê, banana, enfim, tem muita coisa aí que eles sabem o tempo que elas vai dar e eles saem de carroça daí de dentro. Mas é.... a gente diz: não deprede! Não vá derrubar mangas verdes, não vá tirar..... deixa as árvores..... quando tiver no tempo..... muita jaca né, muita jaca, jambo, muito jambo, pitomba – que é coisa rara mas tem – mamão, muito mamão, quem planta eu não sei, mas que tem tem, né? e lá dentro tem, e lá perto do casarão tem côco, essas coisas. Então a gente é o papel da gente dizer isso pro social. E o político é a gente fazer o que o movimento tá fazendo: é ir pra luta pra dizer que isso é importante pra gente. Importante barrar a usina de lixo, barrar alguns que estão aí ainda construindo com

autorização do poder público, o poder publico se esconde, tira o corpo, né? E o avanço do progresso. O progresso ele é muito interessante. Eu sempre digo o seguinte: Que o progresso ele vem montado num cavalo, chamado economia – tudo é o lado econômico – apoiado pelo governo. Então o progresso vem assim! É um cavalo que vem montado na economia e com o apoio governamental. Aí chama de progresso e não sabe a destruição que vai fazer. Independente de qualquer coisa. Recife, nesse pedaço aqui, esse é a mata, esse é o pulmão da gente, é igual a Dois Irmãos, a Mata de Dois Irmãos. É um crime o que vem fazendo né? É muita exploração, é complicado. Então a gente vai lutar até enquanto puder nesse lado, fazendo o trabalho político e social tentar enxergar, tentar ver, ta certo, essa importância. E na cultura é isso: já teve movimento aqui que a gente veio trouxe vários grupos de fora e levamos pra dentro da mata, pra fazer o cortejo com gente com a gente. Aí é nisso ai que a gente vem trabalhando, vem fazendo a nossa vigilância com a Mata do Engenho Uchôa. Tem aquela parte onde mora Luci, ali já é a mata, tem essa parte aqui, ta entendendo e tem a grande questão do aeroporto, que ele vem, que tem o alargamento, já teve a segunda etapa e já vem uma terceira que vai encostar aqui na Avenida D. Helder, então dentro dessa mata ai a Aeronáutica se diz que tem 192 ha, a Aeronáutica diz que tem 55 que lhe pertence, que ninguém meche que é uma área de repouso para os aviões. Se o avião der pane aí desce na mata ta entendendo? Então é isso. É isso que é o trabalho da gente. Isso é uma trabalho da comunidade da Moxotó junto com a Boi de Mainha. Quando eu digo comunidade da Moxotó eu quero deixar claro pra você que isso é no Ibura de Baixo. Toda a população que tem aqui é no Ibura de Baixo. Essa mata, a gente já saiu com carro de som divulgando a coisa, aonde a gente passa canta essa música, ta entendendo? Canta ela! Depois eu posso até dar por escrito a você a música, escrita pra você colocar no seu trabalho, mostrar que tem gente que ta preocupado bastante com essa questão e esta preocupação né? Esta questão cultural é uma preocupação muito (inaudível) o movimento de cultura popular, muita gente pensa que o movimento de cultura popular é uma coisinha né? Mas não é! É uma coisa grande. A gente não faz cultura por fazer. A gente faz cultura pra transformar, né? Esse é o aprendizado da gente. Se você vê a apresentação da gente você vai ver que a gente... umas das músicas da gente também, música tem um trecho de uma outra música que é religiosa e cantada pelo Padre, e diz assim:

Eu acredito que o mundo será melhor  
Quando o menor que padece acreditar no menor  
Certo homem colheu tanto que o seu armazém encheu  
Pensava que estava seguro na mesma noite morreu  
Levaram só ele pra cova ficou tudo o que era seu.

Então, deixa a mata pô! Deixa a mata! Não meche. Isso aí vai ser para as gerações futuras. Isso ainda é um ar que a gente respira. Ta entendendo? Se tirar isso daí praticamente o Recife fica.... No litoral não tem nada.... pra cá pro lado oeste não tem nada, aí ta entendendo, ainda tem essa riqueza essa mata. Tá entendendo por isso essa luta ai. Trinta e tantos anos, trinta e três, trinta e quatro anos de luta, é uma luta imensa né? que a gente vem trabalhando. Precisa de mais estudos pra isso. Eu acho que as universidades deveriam ter uma preocupação virada pra isso aqui. Porque a partir do momento que não prejudica..... Porque isso aqui é uma mata que não é explorada, tá entendendo? uma vez só veio o Departamento de Geografia aqui e ficaram encantados, foram, fizeram mas não voltaram! Não disseram mais nada. O mal de muitos são esses né? As vezes quando a gente vai fazer trabalhos assim pra acadêmicos, vem chega aqui com aquela euforia, mas depois não voltam, ta entendendo? Isso seja aqui, seja noutras comunidades, esse povo chega aqui dessas universidades, faz pesquisas e depois não trazem o resultado, não dá retorno, não diz como foi, não traz material! Não deixa na mão da gente pra gente mostrar isso pra outras gerações, tá entendendo? É desse jeito. Pronto Lau. O que é que quer mais?

**Laudiélcio:** O Sr. é um líder daqui da comunidade?

**Vavá:** É! Dizem que eu sou. Eu tô aqui. Eu sou o presidente do Boi de Mainha e aqui tem uma entidade chamada Centro de Arte, Trabalho e Educação, é o CATE, ai eu sou o presidente, ai eu to no mandato agora, parece até que ta vencendo ai, pra gente vai passar pra frente mas eu sou o presidente, hoje eu sou o presidente disso. E aqui a gente tem um trabalho.... faço parte da Federação Ibura/Jordão, onde agrega todas as outras entidade, 54 entidades no Ibura, faz parte da Federação Ibura/Jordão, aí o pessoal diz que eu sou o líder.

**Laudiélcio:** Nessa sua liderança que problemas você tem percebido que incomoda mais a comunidade ?

**Vavá:** Veja bem, aonde você está aqui, agora, a gente tem um grande problema que são as enchentes, aqui no Ibura de Baixo. "Ibura" quer dizer, em Tupi Guarani, "Água". Então aqui, o nome das ruas são todos nomes de rios: Rio Moxotó, Rio das Pedras, Riacho, todas nomes de água, quem botou não sei, mas é tudo nome de rio. Se você pesquisar o nome é tudo água. Avenida Dois Rios..., Então o grande problema daqui da gente é quando chega o inverno que alaga tudo. O Ibura para. Para tudo. Então o grande problema, principal, crucial, é isso aí. Aí o governo não toma providencias né? Já estamos começando o canal mas começa para, começa para, começa para, já estamos em 2017 e trezentos metros de canal que são se acaba.

**Laudiélcio:** Vavá e o Boi de Mainha? Porque Mainha? Quem é Mainha?

**Vavá:** (Risos): A gente, tudo em que a gente tá na cultura, né ai tudo é poesia né? Então a gente diz assim:

Num domingo de carnaval  
Um lindo dia de sol  
Lá no meu cercado  
Apareceu um boi manifestado  
Tudo o que via destruía  
Um menino encabulado  
Chamou a mãe muito zangado:  
Mainha! mainha!  
A mãe logo apareceu  
E percebeu que no seu cercado  
Tinha um boi manifestado  
O povo logo festejou  
E Boi de Mainha batizou  
O boi fazia assim: moooonnnn  
E o povo dizia assim:  
boi, boi, pra onde é esse boi?  
E a gente dizia assim:  
Dizer boi dizer Ibura  
Dizer boi dizer Ibura  
Esse boi é do Ibura  
Dizer boi dizer mainha  
Dizer boi dizer mainha  
Esse boi é de mainha  
Boi, boi, boi, boi,  
Boi, boi, boi, boi,  
É carnaval, É carnaval....

E aí a gente começa a cantar isso! Mas vamos conversar isso. Aparece um boi na rua! Tinha eu, Dona Maria, um pessoal, Dona Maria já foi embora, algumas pessoas já foram embora, só tem dos fundadores eu e Dito - mora em piedade. Ai a gente sentado aqui, tomando uma com limão, num domingo de carnaval, dia 26 de fevereiro de 95, aqui, quando

vê aparece um boi. Aparece um boi derrubando o lixo. Ai um menino encabulado, o menino até se chamava Pão com manteiga (risos) olha apelido! O menino estava preocupado pra ele não derrubar o lixo, aí ele correu chamou mainha: mainha! mainha! A mãe sai. Quando a mãe sai, lá fora ela percebe o boi. A gente aqui, ai a gente disse: Eita, olha o boi! É de mainha! Aí pegou: O Boi de Mainha! (risos). Por causa dessa coisa: o boi foi mexer no lixo, o menino gritando mainha, ai a gente fez isso, era um domingo de carnaval, um dia de sol, apareceu um boi, todo manifestado, tudo o que via destruía, ai um menino encabulado chama a mãe, muito zangado, ai a mãe sai, percebe, o povo grita, o povo batiza, aí: Boi de Mainha! É nesse sentido que o Boi nasceu. Foi de uma coisa assim. Ai a gente fez um boi de papelão, ficamos brincando, ai pegamos umas latas aí com os meninos e saímos com uma caixa de papelão por cima, ai no outro ano a gente melhorou, hoje a gente é do grupo especial. Hoje o Boi de Mainha, qualquer apresentação que a gente faz, hoje eu não saio daqui pra qualquer apresentação, principalmente pra órgão (do governo), por menos de quatro mil reais. Hoje o Boi é apresentação! Eu estive na calourada da Universidade Federal, dos calouros de advocacia, da Universidade... da Faculdade de Direito, então sábado passado a gente se apresentou lá, mais de uma hora de apresentação. Foi muito bom, muito massa, massa, massa, enfim! O boi hoje vem sempre crescendo, crescendo. Agora a gente tem um trabalho, dentro do boi, social, não é só pra ganhar dinheiro não. A gente vai para as escolas, a gente vai pra creche, a gente vai pra presídios. Foi o único Boi, eu acho, dentro de Pernambuco, que teve um trabalho dentro de um presídio. Sem ganhar um tostão, mas a gente foi fazer a nossa apresentação dentro do presídio. O de Itamaracá. E também dentro das casas de..... o pessoal que está em recuperação mental a gente foi também, enfim. A gente vai para as escolas... agora, no dia da consciência negra o pessoal convida a gente pra gente fazer um trabalho, e a gente vai sem nenhum tostão. Tudo o que a gente pede é um lanche, eles dão o lanche. E tem lugar que é mais longe ai a gente pede o lanche e pede a passagem, porque eu não posso levar, não tenho como levar um Boi desse.

**Laudiélcio:** E os integrantes do Boi quem são?

**Vavá:** Os integrantes são crianças, adolescentes, jovens e adultos da própria comunidade do Ibura, tem alguns que é de outras comunidades e em outros que moram, por exemplo, em Brasília teimosa, no Pina, vem brincar aqui, vem do Milagres, da UR1.

**Laudiélcio:** Em termos de educação o que esses integrantes aprendem com o Boi?

**Vavá:** O Boi é uma escola sem é uma escola sem título. É uma escola do dia a dia. Primeira coisa que a gente diz aqui no Boi. A quem quer participar desse Boi: Que a gente não aceita menor que beba, que fume, a gente proíbe isso ta entendendo E aqui é uma escola em que a gente vai fazer o Boi, pronto vai fazer as alfaias, né? o bombo! Então eles tem que vir pra eles aprenderem, a gente vai confeccionar o Boi, eles tem que estar aqui pra eles aprenderem. Um mamulengo que a gente faz, eles tem que aprender. A burra, enfim, tudo isso pra eles aprenderem e começarem a fazer pra eles começarem a ganhar dinheiro, sua geração de renda! Então a gente faz isso. Agora você me pergunta: A gente aqui tem apoio de governo, de político, de qualquer órgão do poder público? Tem não! A gente faz com a comunidade inteira e o que a gente ganha aqui a gente tira uma parte pro Boi e outra parte a gente compra pano, compra peça de pano, compra isso, compra aquilo, compra aquilo outro, e faz isso e ajuda da própria comunidade quando a gente precisa disso, daquilo, daquilo outro, por exemplo agora você ta olhando isso aqui, a gente.... eu botei no face uma campanha "Doe uma telha" pra gente, o Boi não tem como... esta vendo essas telhas todinhas aqui, essas telhas foi que a gente conseguiu, cada pessoa deu uma telha, outro deu duas mas a maioria doou uma, eles dizem: Vavá eu garanto uma! Ta lá no face, se você for ver lá no Boi de Mainha você vai conferir. A gente ta nessa campanha ainda, faltam ainda 4 telhas e ainda tem aqui este outro lado. Então é assim, que o Boi faz. E esta parte educativa é isso. A gente tem palestras, a gente traz pessoas pra vir aqui conversar com o

peçoal, cada ensaio da gente antes da gente fazer o ensaio a gente faz uma dinâmica para os expectadores. Porque escola não faz dinâmica, faculdade não faz dinâmica, mas a gente aqui faz, porque aqui a gente acha isso muito importante. Uma dinâmica é muito importante, você vai perceber vai perceber que tem que trabalhar no coletivo. Isso pra mim é educacional. É aí que o menino se apega. Ta entendendo? Então eu faço as dinâmicas e deixo em interrogação pra eles mesmos entenderem depois. Ta entendendo? Entenderem depois essa dinâmica que todo ensaio da gente tem uma dinâmica. E a gente dentro disso ai tem, por exemplo, a creche aqui, que você vai ver, é a Casa de Mainha, porque a gente tirou do Boi pra fazer uma creche? Qual o papel da creche? Pra ganhar dinheiro? Não! É porque muitas meninas de famílias pobres, famílias necessitadas, elas engravidam, a família segura um mês, segura dois meses, três, e depois como é que fica a criança? Então o que foi que a gente fez? Não! Vamos pegar! Nós vamos botar ele na creche. E você vai procurar um trabalho. Agente fica com teu menino durante três meses e a gente segura, mas você arruma um trabalho pra também poder nos ajudar, ai você dá uma contribuição pra gente, por exemplo, eu não tiro nada com a creche, minha companheira não tira nada, a gente tenta manter, mas agente tenta chamar a comunidade pra ter esta atenção ta entendendo porque melhor coisa é essa porque quando você recebe qualquer coisa do governo depois La na frente você é cobrado, não é de graça que eles dão não, eles vem te cobrar, eles dão mas querem apoio, ta entendendo? E a gente não, a gente é independente, a gente não.... Quer ajudar a gente? A gente presta conta, tudinho, a gente presta conta; é assim, é assim, é assim. Veja que a gente trabalha no carnaval, a gente recebe dinheiro, veja que quase entidade nenhuma faz isso. Questão de dinheiro todo mundo segura, esconde, não diz a ninguém, não diz a A, não diz a B, (inadível), mas esta parte financeira a gente aqui não! A gente ganha o que ? Ganha oito mil? Oito mil ta aqui! Tira as despesas e o resto aqui vamos repartir tudo com o pessoal. Quem participou? Fulano, fulano, fulano e fulano. Vamos ver quanto é que fulano merece. Quanto é que a gente vai pagar a fulano. Essa aqui participava das oficinas, essa aqui perdeu o ensaio, esteve presente em tudo, foi para todas as apresentações, ganha X. Tu fizesse nada só fosse para uma apresentação, ganha X, ai tu pode reclamar? Não! O seu interesse de participação faz com que você ganhe uma coisinha melhor.

**Laudiélcio:** A lição que eles aprendem é pra vida né ?

**Vavá:** É pra vida! Inclusive teve um projeto “Mova Brasil” e eu fui chamado para falar sobre cidadania. Ai eu comecei a falar. E eu passo aqui com eles, boto no quadro. Primeiro entender o cidadão para depois entender a cidadania. Aí depois eu vou com fé e política né? Nesse tema fé e política para eles comecem a compreender, ta entendendo? Aí depois que eu faço essa coisa eu vou para a pirâmide social, pra mostrar aonde é que eles se encaixam dentro dessa conjuntura em que a gente vive neste país. Ué, pra você não ter mais tarde nenhum problema. Você entender porque você está aqui, e você não entender quem você é.

**Laudiélcio:** Vavá eu praticamente me dou por satisfeito com a quantidade de informações que a gente tem aqui sobre a mata. Mas, já para ir encerrando, eu quero que você me diga o que a mata representa pra você.

**Vavá:** A mata, pra gente, quando eu digo pra gente, é porque a gente tem uma compreensão do que e a mata como ela seja vida, ela tem vida. É isso que a gente passa para as crianças, que ela tem vida! A mata respira, a mata olha, e pede o clamor da gente para com ele, para que a gente cuide. Então para mim a mata é isso. Como diz a musica é nosso pulmão. A mata é nosso pulmão. Aqui pra gente é nosso pulmão. De manhã cedo aqui chove, esse pedaço aqui da gente quando recife diz ta tantos graus aqui está menos ainda, a gente que mora aqui a gente sabe. Aqui a temperatura baixa mesmo. Ai tem a questão da mata. E outra coisa, outro detalhe é que aqui chove quase todos os dias, quase não, chove todos os dias! Chove! É incrível, chove! A gente..... Chove! Tem vez que a gente

pensa que aqui ta chovendo e ta em todo mundo, não é! Mas aqui chove! Essa área aqui da gente chove que é uma beleza. Ta entendendo? Chove mesmo! Todos os dias quando a gente vê de madrugadazinha cai aquela água! Chove mesmo!

**Laudiélcio:** Ok. Vavá, muitíssimo obrigado pela colaboração. Desde já me comprometo em dar um retorno dessa pesquisa e trazer pra vocês o trabalho final que eu tenho certeza que vai servir muito pra vocês. Vou trazer, inclusive, um livro que foi resultado da minha pesquisa sobre os movimentos ambientalistas de Pernambuco, dentre eles o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa.

**Vavá:** Deixa eu colocar uma coisa do Boi e outra coisa da Universidade. Para os acadêmicos e principalmente os mestres das universidades, que quando fizerem essas pesquisas orientem o pessoal para que quando vierem fazer a pesquisa dê um retorno para quem está sendo pesquisado né? Porque a gente contribui, de certa forma a gente contribui né? Sem interesse, sem nada. E muitas vezes eu já tive prejuízo bastante, o pessoal levou o material pra copiar e não devolveu, então a gente perdeu muito material, e a gente fica cismado né? Quando o pessoal diz que vem fazer a pesquisa aqui eu fico com a orelha desse tamanho porque já esses anos de vida que eu tenho eu já dei muito isso na arquitetura, no urbanismo, na geografia, na área de saneamento. A gente contribui bastante com informação, com material e o pessoal usa de desonestidade, eu já disse isso já lá na Câmara dos Deputados, estavam os reitores lá e eu disse: este é o momento! Eu falei, mas mesmo assim ainda tem irresponsabilidade da parte do alunado que é um problema. Mas a questão do Boi é, tinha um certo ano que a cultura popular era vista assim: Quem faz a cultura popular? É o pobrezinho! É o cabra lascado, o descalço, faz a cultura depois enche a cara de cachaça, parará, parará.. era esta visão que o pessoal tem, tinha e tem ainda que a cultura é isso. Acabou-se isso! A cultura não é mais isso. Hoje se agente pudesse colocar todos os grupos hoje dentro da Cidade do Recife, a gente hoje é a maior categoria, vamos dizer se pegasse todos os que fazem parte da Federação, só ligado à Federação temos mais de 300 grupos e deles fazem parte fisioterapeutas, trabalhadores autônomos, tem pessoal da área de comunicação, tem da área de enfermagem, enfim, tem uma gama de gente que faz cultura popular hoje, como alguns maracatu s. Tem maracatu de classe média, rica. Tem maracatu “A cabralada”, “A nação elefante” enfim. Hoje o pessoal (inaldivel) da cultura popular e a cultura popular mais antiga que tem, a brincadeira mais antiga que tem é o bumba-meu-boi, não tem, não existe. O bumba-meu-boi começa em 21 de fevereiro de 1644 quando Maurício de Nassau faz o boi voar. Aí começa a brincadeira do bumba-meu-boi. Então é isso.

**Laudiélcio:** Obrigado!

## APÊNDICE P – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

**SR. VALTER LIBÂNIO DA SILVA**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Nome do voluntário: **Valter Libânio da Silva**

#### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **Valter Libânio da Silva**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

30 setembro 2017

Assinatura do voluntário

Local e data

## APÊNDICE Q – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PROF. EDMAR JOSÉ DE AMORIM NETO



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em  
Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome do voluntário: **Edmar José Amorim Neto.**

Conhecido na comunidade como: **Edmar.**

#### Introdução

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

#### Objetivo da pesquisa

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

#### Procedimentos:

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

Após o processo de transcrição da entrevista, o senhor receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

**Declaração de consentimento**

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Paulo Roberto Ferber Martins DAS CANDÉIAS / e/f.  
038668964-42

*[Handwritten signature]*

Recife, 25/09/2017

Assinatura do voluntário

Local e data

**DADOS SOBRE A PESQUISA**

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiécio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## APÊNDICE R – ENTREVISTA COM EDMAR JOSÉ DE AMORIM NETO



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome do voluntário: Edmar José Amorim Neto
Data de Nascimento:
Formação:
Profissão: Professor Aposentado
Vinculação com a Mata: Integrante do Movimento em Defesa da Mata e criador do Estandarte da Troça Carnavalesca Mista Arrebenta Sapucaia.
Local da Entrevista: Sede do Partido Comunista do Brasil, Bairro da Boa Vista, Recife/PE.
Data da Entrevista: 25/09/2017.
Horário da Entrevista: Início: 14h40min. Fim: 15h02min.

Sr. Edmar, peço que fale-me sobre a Mata do Engenho Uchôa.

**Edmar:** Eu sou Edmar José Amorim Neto, sou professor aposentado da rede estadual de Pernambuco e tenho atualmente 72 anos. Sou professor de Educação Artística, que hoje mudou de nomenclatura e é Artes, Professor de Artes! Eu sou militante de um partido que faz um trabalho na comunidade do Barro e através da militância política eu conheci o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa. E aí, como eu sou muito voltado para as questões da natureza, porque eu acho que a natureza é a nossa mãe maior, aí eu me interessei muito pelo Movimento da Mata do Engenho Uchôa. E a Mata do Engenho Uchôa, o Movimento, já tem mais de 35 anos de luta, ela exerce um papel muito importante aqui nessa zona sul do Recife. Ela é um... um bem ambiental, circunscrita por 11 bairros, e ela coloca pra esses bairros todos o oxigênio puro da vegetação e nutre os rios da região e a parte da flora e da fauna. Então ela é um bem muito importante aqui pra área do Recife. Não só para o Recife, mas pra todo o estado de Pernambuco. O Movimento da Mata vem defendendo esse bem maior que a gente considera, já há bastante tempo. Já travamos bastantes lutas, quando da implantação de uma usina de lixo. E tentaram - o governo da prefeitura - tentou implantar uma usina de lixo e nós, do Movimento da Mata, conseguimos barrar essa usina de lixo. Já houve tentativas de construir várias coisas aí nessa Mata do Engenho Uchôa, mas nós do Movimento da Mata Uchôa, conseguimos barrar, evitar a construção. E também, temos uma escola estadual que faz um movimento com seus alunos - a Escola Estadual Marechal Castelo Branco, que fica em Tejipió - consegue... já vem fazendo há alguns anos, um movimento da escola em defesa da Mata Uchôa também. Então eles já.... já vai ser eu acho que o 14º movimento, este ano, que sai pelas ruas aqui do Barro e adjacências, com cerca de mais de 1000 alunos em defesa da Mata Uchôa. Em defesa do Meio Ambiente. E a importância desse Movimento é muito grande! Nós já temos um Conselho que foi criado..... juntamente com o governo estadual, foi criado um Conselho em defesa da mata. Um Conselho que tem entidades públicas e entidades privadas. Um Conselho chamado Conselho Gestor. E esse Conselho se reúne periodicamente pra encontrar soluções.... para resolver a questão da Mata Uchôa. Porque nós reivindicamos, na Mata Uchôa, a construção de um parque natural. Um parque que sirva para pesquisas das universidades aqui da região. Um parque que seja preservado, um parque que sirva para estudos das universidades. Então estamos a cada dia defendendo a Mata junto aos governos estadual e municipal. Aguardamos.... temos tido reuniões com a prefeitura do

Recife para encaminhar a implantação desse parque atualmente né, porque a Prefeitura do Recife colocou em no seu programa de governo a implantação do parque natural, mas ainda não foi implementada as últimas soluções a respeito da implantação desse parque. Eu também estou envolvido junto à mata, que a Mata tem, o Movimento da Mata tem uma troça “Arrebenta Sapucaia” que é um braço cultural, digamos assim, do Movimento da Mata Uchôa, e então todos os anos, no carnaval, nós nos organizamos para colocar lá no Barro, colocar nas ruas, a Troça Carnavalesca Mista Arrebenta a Sapucaia. Esta troça foi fundada no ano de 2007, e já tem mais de 10 anos. Este ano nós vamos fazer o 11º desfile da Troça Arrebenta a Sapucaia. Então a Troça Arrebenta a Sapucaia recebe apoio de várias entidades locais aqui do Recife como sindicatos, associações... e esses sindicatos ajudam no desfile e na elaboração de um bingo, nós fazemos um bingo dançante e realizamos o desfile. Então todos os anos temos a cooperação dos sindicatos e das entidades que nos apóiam. Uma coisa interessante que é bom colocar é que nós organizamos a Troça a cada ano com um tema carnavalesco, um tema ligado à política local e nacional, e também homenageamos sempre uma figura de destaque da sociedade. Então a nossa troça não é uma troça pela troça! Nós procuramos defender a nossa cultura pernambucana, procuramos estar de acordo com a luta da sociedade, onde nós reivindicamos através dos nossos temas a defesa da cultura e a defesa da sociedade. Então nossa troça realmente é uma troça que colabora com a luta política em defesa de uma sociedade melhor.

**Laudiélcio:** Sobre o estandarte da troça! O senhor foi quem criou o primeiro estandarte da troça não foi?

**Edmar:** Aceitei o desafio de confeccionar o estandarte da troça. Como eu tenho uma certa habilidade pra desenhar e pra pintar eu fui provocado por um companheiro pra confeccionar o estandarte. E nós saímos em pesquisa aqui pela cidade e conseguimos, eu, juntamente com uma equipe de costureiras e de bordadeiras, nós conseguimos confeccionar o primeiro estandarte da Troça Arrebenta a Sapucaia. Então foi uma idéia que eu criei, eu sou o autor.... fiz o desenho, fiz todo o projeto do estandarte e com a ajuda de algumas senhoras e costureiras nós colocamos na rua o primeiro estandarte da Troça Arrebenta a Sapucaia.

**Laudiélcio:** O que este primeiro estandarte poderia nos ensinar a partir dos elementos que ele traz ?

**Edmar:** O nome da nossa Troça é Troça Carnavalesca Mista Arrebenta a Sapucaia. A sapucaia é uma árvore que dá um fruto parecido com um côco, e quando este fruto amadurece, ele, do alto da árvore, então ele provoca um estouro, ele ao amadurecer, ele solta.... o côco se desprende do alto da árvore e cai no solo destampando – porque o côco ele tem uma tampa, ai ele arrebenta essa tampa e as sementes se espalham na mata, onde os animais – os macacos os sagüis - eles se alimentam dessas sementes. Então contribui com a alimentação dos animais citados e contribui também para disseminar a planta sobre o solo. E tem um exemplo figurativo dessa planta sapucaia, que é a questão de quando está maduro ele arrebenta, ele dá continuidade à vida, soltando as sementes e alimentando os animais. Parece que tem uma figuração assim como se fosse um útero! Um útero que na hora de nascer a criança, ele chega a hora e não tem como retroagir. Então o fruto da sapucaia é da mesma função, ele, chegado aquele momento de maturação, ele arrebenta e dá prosseguimento à sua função de geração de outras plantas. Então se assemelha a um útero, se assemelha exatamente à vida, ele dá um exemplo de vida. E a nossa troça procura se espelhar nesse exemplo, e escolhemos o nome Arrebenta a Sapucaia.

**Laudiélcio:** O senhor lembra o que é que tem no primeiro estandarte? Todo ano é um estandarte diferente ou é o mesmo ?

**Edmar:** Não! Tem uma figura central no estandarte que é o mesmo. Todo ano é a mesma figura, pode ser desenhado de maneira diferente, mas é sempre um côco da sapucaia

lançando a semente. Agora o tema da troça é de acordo com a conjuntura nacional, local. O tema geralmente está voltado para uma situação nacional em que a gente defende toda uma luta social de forma conjunta, então nós estamos sempre voltados para esta questão da defesa do meio ambiente e para os trabalhadores e do povo.

**Laudiélcio:** Estou satisfeito e agradeço pela sua colaboração. Muito obrigado!

**Edmar:** Eu também quero agradecer a você pela minha participação nesta tese e poder contribuir também com a minha visão, a minha perspectiva de como eu vejo a luta em defesa do meio ambiente e da vida.

## APÊNDICE S – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

PROF. EDMAR JOSÉ DE AMORIM NETO



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Nome do voluntário: **Edmar José Amorim Neto**

#### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiécio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **Edmar José Amorim Neto**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

*Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa*  
*prof. Edmar José Amorim Neto*  
\_\_\_\_\_  
CPF: 038.668.964-42

*Recife, 26/09/2018.*

Assinatura do voluntário

Local e data

## APÊNDICE T – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PROF. RONEI PRADO



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em  
Educação

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome do voluntário: **Ronei Prado.**

Conhecido na comunidade como: **Ronei.**

#### Introdução

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Se decidir participar é importante que leia estas informações sobre a pesquisa e o seu papel como participante.

#### Objetivo da pesquisa

Definimos como objetivo geral para esta pesquisa Conhecer os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.

#### Procedimentos:

Utilizando a história oral como metodologia, recorreremos à técnica da entrevista narrativa junto aos atores da pesquisa. As fontes serão os relatos orais articulados por documentos e observação participante e demais fontes que poderão surgir no decorrer do período disponível para a pesquisa.

Após o processo de transcrição da entrevista, o senhor receberá uma cópia para conferência do texto, possíveis correções e autorização da publicação com sua identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

A handwritten signature in blue ink, consisting of several overlapping loops and lines.

**Declaração de consentimento**

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo.

Confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.



Assinatura do voluntário

Recife, 27/03/2018

Local e data

**DADOS SOBRE A PESQUISA**

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiécio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

## APÊNDICE U – ENTREVISTA COM RONEI PRADO



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

Dados da Entrevista
Nome do voluntário: Ronei Prado
Data de Nascimento:
Formação: Pedagogo. Mestrando em História
Profissão: Professor
Vinculação com a Mata: Babalorixá; Herdeiro do Terreiro de Sr. Claudionor; Terreiro de Ogum.
Local da Entrevista: Terreiro de Ogum, Rua do Sancho, 77, Bairro do Tejipló, Recife/PE.
Data da Entrevista: 02/04/2018.
Horário da Entrevista: Início: 14h25min. Fim: 14h47min.

Sr. Ronei, peço que fale-me sobre a Mata do Engenho Uchôa.

**Ronei:** Primeira vez que eu entrei na Mata do Uchôa, tem uns 25 anos mais ou menos, quando eu fui levar uma oferenda pra Caboclo de Jurema, eu também sou Juremeiro, sou da Jurema, aí fui levar, a primeira vez lá. Eu ia antes numa mata que ficava pro lado de Caixa D'água, lá pra dentro mesmo e da última vez que eu fui tinham destruído ela. Tinha invadido. Desmatado. Tinha destruído, era lá pro terminal de Caixa D'água, lá pra dentro, eu não me lembro o nome dela. Aí, como já tinham mexido, destruído a mata, eu comecei a vim pra essa Mata do Uchôa, tinha uns parentes e uns amigos meu que me levou pra lá. Disseram: “aqui tem uma mata boa, vamos lá que a gente faz lá!” Foi quando eu comecei a utilizar a Mata do Uchôa para fins religiosos. Foi quando eu comecei levar as oferendas, primeiro para a Jurema, que são os Caboclos, que pediam a obrigação, e sempre quando eles pediam aí eu levava pra mata pra fazer, como até hoje eu ainda faço. Continuo fazendo umas oferendas para Caboclos dentro da mata. Depois, um irmão da casa que é o Iolansã, Iolansã quer dizer “conhecedor”; “o que mexe com as folhas”; o ritual das folhas, que a gente chama de “Sasain”, que o patrono Orixá é o Ansain, ele, como ele conhece muito das folhas, ele sabe, ele tem um profundo entendimento sobre as folhas, tanto na parte litúrgica dos Orixás quanto na parte de remédios caseiros - é Sérgio o nome dele – ele, quando eu vim pra cá, faz uns 18 anos que eu estou nesta casa, mais de 18 anos, aproximadamente uns 20 anos quando eu vim pra cá e ele começou a me levar também pra lá, já que ele vive ali no Jardim Uchôa, sempre morou lá no Uchôa e vive dentro da mata, sempre está dentro da mata, onde ele vai buscar as folhas que a gente precisa para os rituais dos Orixás. E tem um provérbio que diz: “Cosi eué, cosi orixá” é “sem as folhas – eué é folhas – não se faz orixá”. Então tudo que a gente faz precisa das folhas, por isso que a gente tem que preservar a mata né? Tem que preservar pra poder ter essas folhas para nossos rituais e tudo que a gente vai fazer, sempre antes tem que ter as folhas no meio. Sempre tem que ter o ritual das folhas; antes de qualquer coisa que a gente faça. Então é ele que fica sempre responsável pra ir buscar, ele já sabe, já conhece bem a mata mesmo, ele sabe onde vai buscar essas plantas na mata, aonde tem essas folhas, né?, dentro da mata. E eu comecei a ir com ele também, né?, para aprender também sobre as folhas e fazer, além das oferendas para Jurema, Jurema sagrada, também fazer as ofertas na parte dos orixás, do culto mais tradicional, ligado mesmo ao culto tradicional em África. A gente também faz

muito lá limpeza quando as pessoas precisam pra a saúde, pra dinheiro, pra emprego, alguma coisa a gente utiliza muito lá pra isso. Aí a mata é bem próxima, ali no Jardim Uchôa, é bem preservada, está bem preservada, a pesar que faz uns dois anos que eu vi a prefeitura ou o estado abrindo uma estrada nela, partindo da BR 101, saindo lá na Avenida Recife. Aí pararam. Começaram a passar a máquina, destruíram tudo, mataram vários pés de Jurema - que é a árvore mais importante, a árvore mais sagrada que há dentro da Jurema, destruíram mesmo! Passaram a máquina - mas parece que mais lá pra dentro o solo é ainda uma parte, uma várzea né? aí afundou! Estava afundando as máquinas, mas aí eles pararam, pararam a destruição! Eu fui lá este ano e vi que a mata já esta se recuperando, ta tentando se recuperar novamente, está começando a crescer algumas árvores. Ela se protege a mata, se protege! É como a gente diz: “É o sagrado!” O Sagrado está dentro das matas. Tanto no culto dos Orixás quanto no culto da Jurema todo o sagrado é dentro da Mata. As casas que a gente usa é para guardar os utensílios e fazer as festas né? um lugar mais reservado, mas todo o ritual dos orixás, todo o ritual da Jurema tem que ser feito dentro das matas; e até a gente considera que tem mais energia, que é mais produtivo.

**Laudiélcio:** Essas folhas você sabe especificar ? ou dizer o nome popular ?

**Ronei:** Teté, é uma folha muito importante dentro do culto do orixá, tem na mata! Ojuoru e Oxibatá, são duas folhas muito importante que tem que ter dentro do ritual do Candoblé, e encontra na mata, são folhas que dão na água. A gente não encontra ela quando ta no período de estiagem porque as várzeas do rio – porque ali tem um rio o Tejipió – seca né? e a gente não encontra essas folhas; mas nesta época assim de chuva como tá agora pode ir lá pra dentro que você vai encontrar lá perto do Ibura, lá perto do Sesi, lá tem muito Ojuoru, muito Oxibatá que são plantas muito importantes. O Oxibatá quer dizer “não se submete” e parece a Vitória Régia só que menor de tamanho. Ela seca, a mata seca, ela morre – a folha – e na primeira chuva que der ela reaparece, e o rio não consegue arrastar ela pela raiz dela que é bem forte que pega no fundo do rio e se segura. Então são folhas importantes, tem muitas folhas, é Irôco, uma das folhas mais importantes, a Gameleira Branca, tem muitas lá, a maioria dessas folhas que a gente consegue mesmo é tudo na mata.

**Laudiélcio:** Você conhece algum passado histórico lá da mata desde quando era terra de engenho ?

**Ronei:** Pouco. Esse menino ali, o Sérgio né? ele vive ali e falou que ainda tinha – há uns dez anos atrás – ainda tinha a Senzala, era perto do Rio, mas como a Senzala tinha sido construída de madeira o pessoal dali começou a destruir, pegar as madeiras e levar pra casa pra fazer, pra utilizar né? por que são madeiras boas, madeiras de lei e começaram a destruir, só ficou esta Senzala, uma casa grande, já fui umas duas vezes lá! Eu gosto de ir na mata, não só pra fazer as obrigações de Jurema ou dos Santos, Orixás, mas pra andar na mata! Andar na mata! É uma mata boa de andar, tem gente que consegue até a Imbiriba, que é o ichão usado no culto à Irmã gun, no culto aos mortos, babá gun gun, que é um ichão que é alma clara, que controla os espíritos dos antepassados que vem pra cá pra festejar, pra aconselhar. É um culto – dentro da tradição do Candomblé – é um culto separado, masculino, tem um lugar significação a eles, mas está dentro da religião do candomblé, inclusive na África também. Então eles usam essas varas, também que são usadas pra fazer berimbau, é uma vara que tem uma envergadura boa e lá na mata tem muita, muita mesmo! Pau pombo, que é utilizado também, tem muitas, muitas, o Ataré mesmo – que é pimenta-da-costa - que é primordial no culto aos orixás lá a gente encontra! Encontra também o Efun, que é um barro branco, que é utilizando também no culto aos orixás de iniciação, e tudo o que a gente faz está usando esse, o Efun, que é um barro branco! E lá a gente encontra esse barro branco também. A maioria das coisas que a gente precisa realmente dentro do Candomblé aqui, e da Jurema, lá tem muitos pés de Jurema, está na mata!

**Laudiélcio:** A Mata Uchôa representa o quê pra você?

**Ronei:** Um espaço sagrado! Um espaço sagrado! Lá, até quando eu não vou – como eu disse - fazer um ritual nenhum eu gosto de andar na mata. Até pra pegar as frutas mesmo, lá tem muitas frutas também. Éééé um caju, que nem ranço tem, docinho, docinho, docinho; e o caju normalmente ele tem um rançozinho né? mas o caju que a gente encontra lá dentro da mata é muito doce, muito doce mesmo, é saboroso, é um caju vermelho. Éééé e tem muito pé lá e quando está na época eu gosto muito de ir lá pra pegar.

**Laudiélcio:** Além do caju que outras frutas você encontra lá ?

**Ronei:** Jaca, manga, azeitona preta, banana - às vezes a gente encontra um pezinho de banana lá, não sei se plantaram ou não - cajá.

**Laudiélcio:** Então sem dúvidas a preservação da mata é importante?

**Ronei:** É muito importante, é importantíssima! Não sei como o homem permitiu o que estavam tentando fazer agora, acho que a prefeitura junto com o governo do estado, abriu uma estrada ali lá, é provocar a destruição da mata, abrir possibilidade para o pessoal estar invadindo a mata. Por enquanto, do jeito que ela estar, ainda é muito fechada, só tem aquela entrada ali, pela BR 101, que a gente já vê uma diferença de destruição dessa entrada, e uma lá por dentro por trás do Jardim Uchôa – não sei quais são os bairros que passam ali por trás - que vai sair lá na Avenida Recife, também tem uma entradazinha pra mata onde passa uma linha de trem. Alí tem um caminho que o pessoal vai, Bola Preta! Comunidade da Bola Preta! Ali, tem um caminho que vai sair dentro da mata!

**Laudiélcio:** Você tem lembrança da última vez que você entrou lá na mata?

**Ronei:** A última vez que eu entrei foi pra fazer uma oferenda pra Caboclo, foi em Janeiro, eu levo frutas – geralmente vai algumas pessoas também comigo, quem ta querendo ofertar alguma coisa pra Caboclo e pra Jurema aí vai comigo – a gente leva frutas, éééé. eu procuro estar com uma conscientização de não deixar lixo, como eu vejo muitas pessoas, muito povos de terreiros deixa lixo, eu procuro não levar os pratos de barro, que são os algdares né?, eu procuro não levar, e as sacolas, essas coisas a gente depois que fez as oferendas, arrumou tudo, a gente recolhe as garrafas de bebidas, de mel, ta entendendo? a gente recolhe e trás tudo de volta, não deixa lá. E nem acendo vela. Posso às vezes até acender velas mas, assim, eu abro uma clareira bem grande, faço uma limpeza e acendo as velas e dali a gente só sai depois que as velas apagam, a gente sempre faz isso. E tá pra ir de novo, esperando passar mais a chuva né?, porque nessas chuvas assim fica muita lama na mata e fica meio perigoso por causa das cobras né?

**Laudiélcio:** Vocês vão lá, sempre em que horário?

**Ronei:** Pela manhã. Sempre pela manhã. Para colher folhas para os orixás tem horário. Tem folhas que a gente só dá pra colher de madrugada. Tem folhas que a gente só dá pra colher antes do meio e dia e tem aquelas que a gente só pode colher depois do meio dia. É bem específico mesmo. Então quando a gente está colhendo folhas para o ritual aqui são várias idas à mata para pegar elas.

**Laudiélcio:** Você tem registro fotográfico de alguma atividade que você faz lá? Se tiver acho que poderia ser importante a gente trazer, se não, acho que, numa dessas caminhadas, daria pra gente registrar que plantas são essas, que folhas são essas, onde é que está esta Beriba, ou outra categoria de plantas. Se você tem disponibilidade pra gente fazer outra caminhada por lá, dentro do horário oportuno pra gente.

**Ronei:** Tem, tem sim! Posso falar com Sérgio também que ele conhece bem melhor as plantas e ele tá pra ir! Tá pra ter um ritual pra um orixá aqui e a gente vai precisar bastante de folhas. Aí eu vou até combinar com ele direitinho, como vai ser isso num sábado, ele terá que pegar durante a semana, aí, assim, quando cai durante a semana ele vai ter que ir sozinho por que eu trabalho, sou professor e não tenho como ir, e ele tem mais disponibilidade. Mas eu posso falar com ele lá pra gente ir.

**Laudiélcio:** Acho importante também porque em tudo que a gente fala dessas folhas, se a gente puder ilustrar isso, aí enriquece a tese com imagens também, dá pra fazer esse registro.

**Ronei:** Eu e Sérgio fizemos isso passamos o dia na mata tirando folhas e botou lá no computador e foi botando o nome das folhas.

**Laudiélcio:** Você tem este material ? Sabe se está de qualidade a fotografia ?

**Ronei:** Tenho. Mas não está com muita qualidade não. Não pegou muito bem não. Quando eu botei no computador e salvei, ainda fiz algumas edições nelas mas distorce a imagem um pouco. A máquina não nem uma qualidade boa não. Aí eu tô pra ir de novo, pra fazer este trabalho de novo.

**Laudiélcio:** Pra gente dar por encerrada a entrevista você gostaria de acrescentar alguma informação, que a gente deixou de perguntar, algo que você esperava que fosse constar e não constou ?

**Ronei:** Eu estava pensando, mas é assim, dentro da Jurema Sagrada que é uma religião de origem indígena, segundo os caboclos, os mestres e as mestras, éééé eu tenho até umas fotos da última vez que eu fui, fazer um ritual maiorzinho lá, a gente passou uma tarde toda lá fazendo, éééé a mata é importante. Porque tá os fundamentos lá, e por causa dos pés de Jurema né? Principalmente os pés de Jurema que é onde eu vou buscar as folhas da jurema, um pouco da casca, da raiz, quando a gente vai fazer a bebida, a jurema, quando a gente vai batizar na jurema alguém, tem essa bebida, que é feita a partir da jurema, e eu tenho um pouco dessas imagens eu posso ceder, não tem problema nenhum não. Éééé... dentro do culto orixá o que eu acho mais importante dentro da mata – até por causa de ogun, porque aqui é uma casa que pertence ao orixá ogun - é o dendezeiro, né? o igi òpè, de onde a gente pega, de tudo a gente aproveita. Está vendo essas folhinhas assim parecendo uma cortina? Isso é da folha do dendezeiro. A gente desfia, ela quando vai ficando seca ela fica assim parecendo uma cortina! É muito importante para o candomblé, é importante para os filhos de ogun, até é uma obrigação tem que ter algumas folhas de dendê junto. E eu já vi muito o pessoal ali de Uchôa tirando o Dendê pra vender ou pra levar pra casa para comer. Geralmente eles botam no feijão e tem um gosto muito bom. Tem muito pé de Dendê, tem muito! Eu mesmo já tirei um bocado. Quando eu vejo aqui eu sempre tiro porque o pessoal daqui gosta muito. Eu não como, eu não gosto muito não. Mas muita gente aqui gosta e eles sempre tiram pra comer, eles gostam de botar no feijão e comer.

**Laudiélcio:** São 14h47min. e agente dá por encerrada a entrevista por aqui. Obrigado!

**Ronei:** Por nada!

## APÊNDICE V – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

**PROF. RONEI PRADO**



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação / Curso de Doutorado em Educação

### AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Nome do voluntário: **Ronei Prado**

#### DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: **Os Saberes da Mata do Engenho Uchôa.**

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Pesquisador Orientando: Laudiécio Ferreira Maciel da Silva.

E-mail: laudielcio@gmail.com

Local: Programa de Pós-Graduação em Educação - Núcleo de Teoria e História da Educação.

Período: 2015-2018.

Após o processo de transcrição da entrevista referente à pesquisa acima identificada eu, **Ronei Prado**, recebi uma cópia para conferência do texto e possíveis correções, e desde já autorizo a publicação da versão por mim visada, com minha identidade revelada na tese e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exs.: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais em congressos, etc.).

Assinatura do voluntário

Local e data

**ANEXO A – LEI MUNICIPAL 17.337/2007**

28/07/2017

Lei Ordinária 17337 2007 de Recife PE



LEI Nº 17.337/2007

**DENOMINAR-SE-Á ROUSINETE TAVEIRA  
FALCÃO A APA (ÁREA DE PROTEÇÃO  
AMBIENTAL) DO ENGENHO UCHÔA.**

O povo da Cidade do Recife, por seus representantes, decretou, e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** Denominar-se-á ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO a APA (Área de Proteção Ambiental) do Engenho Uchôa.

**Art. 2º** Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Recife, 12 de setembro de 2007.

JOÃO PAULO LIMA E SILVA  
Prefeito do Recife

*Data de Inserção no Sistema LeisMunicipais: 27/05/2009*

## ANEXO B – JORNAL ARAÇÁ DA MATA



### A Importância da Mata Atlântica



A Mata Atlântica, um dos mais ricos conjuntos de ecossistemas em termos de diversidade biológica do planeta é diretamente responsável pela qualidade de vida de milhares de brasileiros. Nas cidades, nas áreas rurais, nas comunidades quilombolas e indígenas, ela contribui com a qualidade e quantidade da água, assegura a fertilidade do solo, controla o clima, protege encostas dos morros, além de preservar um patrimônio histórico e cultural imenso.

A mobilização da população em todas as regiões do país em defesa da Mata Atlântica já começa a mostrar resultados significativos, tais como: demarcações de áreas,

implantação de unidades de conservação e reconhecimento da Mata Atlântica como reserva da biosfera, entre outros. Por outro lado, a extração predatória de madeiras, plantas ornamentais e tráfico de animais constituem graves ameaças permanentes que precisam, urgentemente, serem coibidas pelo Poder Público e a sociedade.

Conheça e participe da realidade mais próxima de você: A Mata Uchoa é a única área urbana em Pernambuco com trechos de mangue, capoeira e Floresta Atlântica considerada um dos mais ricos conjuntos de ecossistemas da região.

### UCHÔA, uma mata na cidade

Ao longo dos anos, as matas foram desaparecendo e as cidades foram sendo construídas. E com Recife não foi diferente. A nossa cidade é uma das poucas do Brasil que ainda tem matas em seu perímetro urbano, e entre elas está o Engenho Uchoa.

Localizada na bacia do Rio Tejiú, zona Sudoeste do Recife, a Mata Uchoa possui uma área de 192 hectares. Em seu entorno, residem cerca de 270.000 habitantes, 19% da população do Recife.

Por se tratar de uma área remanescente de Mata Atlântica, sua preservação é de extrema importância para a manutenção do equilíbrio ecológico da cidade, garantindo o sistema hídrico, solo, relevo, fauna e flora. A Mata Uchoa é também fonte de pesquisa e produção de conhecimento científico, consolidando-se como referência paisagística do Recife.

Apesar de legalmente ser Área de Proteção Ambiental (APA), a Mata do Engenho Uchoa pertence a particulares. Nos últimos 20 anos se constatou um acelerado processo de destruição do seu patrimônio, incentivado pelos proprietários, como queimadas, corte de árvores, retirada de areia e barro, despejo de lixo, provocando o assoreamento do rio e erosão.





## EM DEFESA DA MATA: o movimento e sua história

Moradores da comunidade do Barro, na década de 70, se reuniram para barrar a construção de um condomínio residencial de luxo dentro da Mata Uchôa. A partir dessa luta, que teve destaque na imprensa local nacional, constituiu-se o grupo "Amigos da Mata Uchôa" desenvolvendo ações em defesa da área. Surgiu, também, a primeira CPI ecológica do país e a primeira entidade ambientalista de Pernambuco, ASPAN Associação Pernambucana de Defesa da Natureza.

Em 79, o professor Vasconcelos Sobrinho reconheceu a importância da área, defendendo a implantação de um horto florestal.

As ações em defesa continuam e, recentemente, foi criado o MOVIMENTO EM DEFESA DA MATA UCHÔA, composto por representantes das comunidades do entorno, organizações não governamentais (ONGs), entidades do movimento popular, sindicatos, parlamentares e militantes ambientalistas.

O Movimento desenvolve ações que estão relacionadas com educação ambiental, denúncias da destruição da mata, divulgação de sua importância para o meio ambiente do Recife e formulação de propostas visando sua preservação.

## Conheça a Mata Uchôa



Lute pela sua  
Preservação!

## VOCÊ SABIA?

### ATUALIDADES DO MOVIMENTO

O Movimento em Defesa da Mata Uchoa vem realizando várias atividades, entre as quais: edição do Informativo "Araçá da Mata", brochês, marcadores de livros e calendários e audiências públicas.

As nossas reuniões acontecem nas 3ª quartas-feiras do mês, às 14h, na Ong FASE. Fone (81)3221 5478. Mais informações com Luci 3251 2628 ou Penha 8814 7181.

- Em comemoração à semana do Meio Ambiente, em 2002, o Prefeito do Recife assinou um decreto com a finalidade de desapropiação;
- A Mata Uchôa é reconhecida pela ONU como "Reserva Mundial da Biosfera";
- O Araçá da-mata é um fruto típico da Mata, de cor amarelo-claro, usado no preparo de doces, sorvetes e refrescos;
- E as principais espécies de aves são Anu, Rouxinol, Papa Formiga, Andorinhão, Canário, Sabiá, Ferreiro, Gavião e Beija-Flor;
- A Choca Listrada, ave presente na Mata Uchoa, já é considerada uma ave em via de extinção;
- A cada 4 minutos o equivalente a área de um campo de futebol é devastada da Mata Atlântica no Brasil.

## Parque Público

Uma das finalidades do Movimento Em Defesa da Mata Uchoa é transformar a mata em um Parque Público, com o objetivo de contribuir para uma cidade melhor com melhor qualidade do ar e do clima, evitando inundações, diminuindo a marginalidade, proporcionando lazer e esporte, educação ambiental e desenvolvimento econômico através do turismo. No ano de 2002 foi encaminhado ao Prefeito do Recife um abaixo-assinado com mais de 4 mil assinaturas, solicitando a criação do parque.

## ARAÇÁ-DA-MATA EXPEDIENTI

Publicação do Movimento  
em Defesa da Mata Uchôa

Redação: Lise Guimarães (DRT-668/SE)  
Cláudio Braga (DRT-1825/PE)

Revisão: Adelmo Araújo e Alexandre Ramos

Programação Visual: Diogo Dobbin, H3 Comunicação Visu  
Tiragem: 2.000

**ANEXO C – RELAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS E DE AVES ENCONTRADAS  
NA MATA DO ENGENHO UCHÔA**

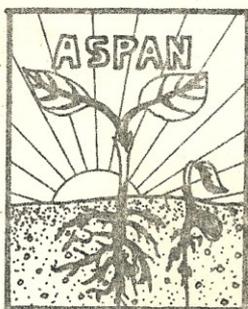
RELAÇÃO DAS ESPÉCIES ARBÓREAS ENCONTRADAS EM 400 M<sup>2</sup>  
DA MATA DO ENGENHO UCHOA

<u>Nome vulgar</u>	<u>Nome Científico</u>	<u>Família</u>
amescla de resina	<u>-Protium heptaphyllum</u>	Burseraceae
araçã de mata	<u>Myrcia sp.</u>	Myrtaceae
banana de papagaio	<u>Plumeria bracteata</u>	Apocynaceae
caboatã de leite	<u>Thyrsodium schomburgkianum</u>	Anacardiaceae
caboatã de rego	<u>Cupania sp.</u>	Sapindaceae
carne de vaca	<u>Rapanea sp.</u>	Myrsinaceae
cocão	<u>Pogonophora schomburgkiana</u>	Euphorbiaceae
dendê	<u>Elaeis guineensis</u>	Palmae
embauba	<u>Cecropia sp.</u>	Moraceae
embiriba	<u>Eschweilera luschnsthi</u>	Lecythidaceae
embiridiba	<u>Buchenavia capitata</u>	Combretaceae
favinha	<u>Stryphnodendron pulcherrimum</u>	Leguminosae
ingã	<u>Inga sp.</u>	Leguminosae
leiteiro	<u>Pouteria sp</u>	Sapotaceae
macaiba	<u>Acrocomia intumescens</u>	Palmae
murici	<u>Byrsonima sericea</u>	Malpighiaceae
oiti de morcego	<u>Couepia sp.</u>	Chrysobalanaceae
pau pombo	<u>Tapirira guianensis</u>	Anacardiaceae
pororoca	<u>Clusia nemorosa</u>	Guttiferae
purpuna	<u>Eugenia sp.</u>	Myrtaceae
quiri	<u>Brosimum discolor</u>	Moraceae
sabiazeira	<u>Miconia sp.</u>	Melastomataceae
sapucaia	<u>Gustavia augusta</u>	Lecythidaceae
sete cascos	<u>Pera ferruginea</u>	Euphorbiaceae
sucupira	<u>Bowdichia virgilioides</u>	Leguminosae

RELAÇÃO DAS AVES ENCONTRADAS EM 2,30 H DE OBSERVAÇÃO, NA  
MATA DO ENGENHO UCHOA

<u>Nome vulgar</u>	<u>Nome Científico</u>	<u>Família</u>
anú	<u>Crotophaga ani</u>	Cuculidae
rouxinol	<u>Troglodytes aedon</u>	Troglodytidae
-	<u>Myiophobus fasciatus</u>	Tyrannidae
frango d'água	<u>Rallus sp.</u>	Rallidae
sanhaçu	<u>Thraupis sayaca</u>	Thraupidae
sanhaçu (muito abundante)	<u>Thraupis palmarum</u>	Thraupidae
sebito	<u>Coereba flaveola</u>	Coerebidae
relógio	<u>Todirostrum cihereum</u>	Tyrannidae
verdelin (em extinção)	<u>Docnis cayana</u>	Coerebidae
Juruviara	<u>Vireo olivaceus</u>	Vireonidae
-	<u>Cyanerpes cyaneus</u>	Coerebidae
pia vovô	<u>Thryothorus genibarbis</u>	Troglodytidae
frei vicente	<u>Tangara cayana</u>	Thraupidae
papa fermeira	<u>Formicivora sp.</u>	Formicariidae
besouro (importante polinizador)	<u>Phaethornis ruber</u>	Trochilidae
-	<u>Idioptila sp.</u>	Tyrannidae
peneira	<u>Elanus leucurus</u>	Accipitridae
andorinhão	<u>Progne chalibea</u>	Hirundinidae
socozinho	<u>Butorides striatus</u>	Ardeidae
sabiá	<u>Turdus rufiventris</u>	Turdidae
penteví	<u>Pitangus sulphuratus</u>	Tyrannidae
ferreiro	<u>Certhiaxis cinnamomea</u>	Furnariidae
lavadeira	<u>Fluvicola climazura</u>	Tyrannidae
canário amarelo	<u>Sicalis flaveola</u>	Fringillidae
gavião	<u>Buteo magnirostris</u>	Accipitridae
beija flor (polinizador)	<u>Amazilia sp.</u>	Trochilidae

## ANEXO D – BOLETIM DA ASPAN

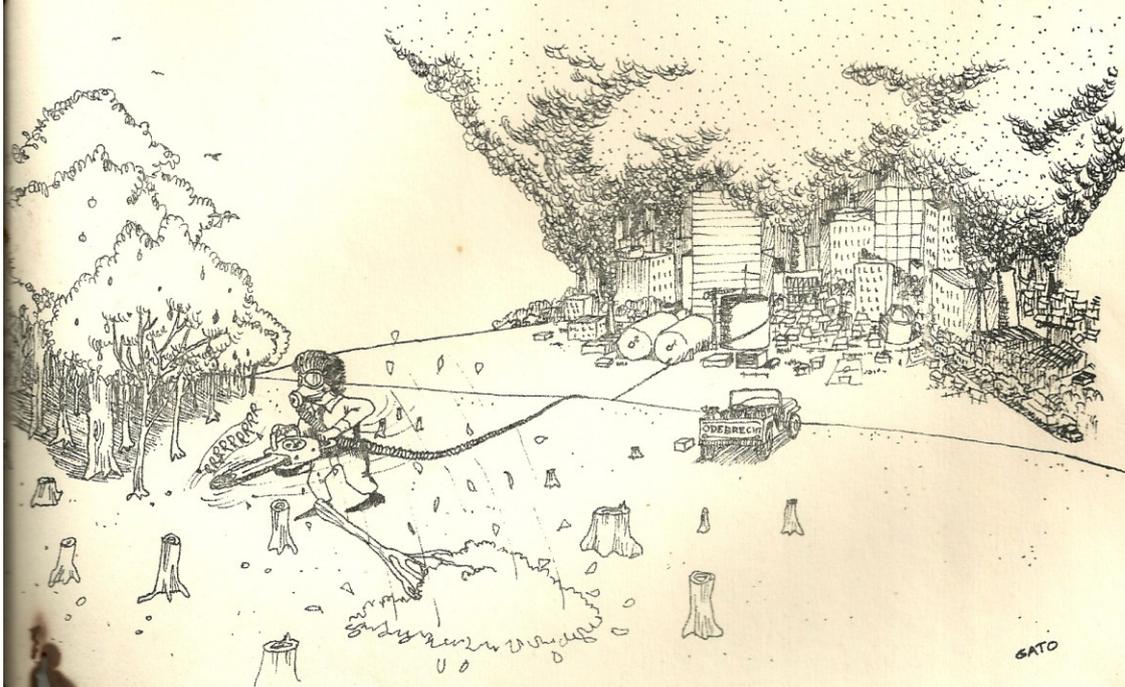


# BOLETIM DA ASPAN

ASSOCIAÇÃO PERNAMBUCANA DE DEFESA DA NATUREZA

Nº 1 - Nº 1

RECIFE, SETEMBRO 1979



**ENGENHO UCHÔA :**  
CONSTRUTORA AMEAÇA: UMA DAS  
ÚLTIMAS MATAS DO RECIFE SERÁ  
RETALHADA EM LOTES DE LUXO

**ANEXO E – PROJETO DE LEI Nº 74/2007**

PROJETO DE Lei no. 74/2007

Ementa: Denominar-se-á ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO a APA (Área de Proteção Ambiental) do Engenho Uchôa

Art. 1º - Denominar-se-á ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO a APA (Área de Proteção Ambiental) do Engenho Uchôa.

Art. 2º - Esta Lei no. entrará em vigor na data de sua publicação. Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, em 23 de maio de 2007. Henrique Leite Vereador

JUSTIFICATIVA:

BIOGRAFIA DE UMA MILITANTE DA CAUSA AMBIENTAL\*

ROUSINETE FALCÃO \* 31.12.1942 - 18.02.2007

ROUSINETE TAVEIRA FALCÃO era formada e pós-graduada em Direito e em Pedagogia, e dedicou toda a sua vida as lutas e causas relacionadas a educação e ao meio ambiente, bem como a defesa das pessoas humildes. Com origem simples, teve o seu primeiro emprego nos idos de 1961, como professora concursada do Estado de Pernambuco, nomeada pelo então Governador Miguel Arraes. Como docente e educadora, participou das lutas por melhores condições de trabalho e por uma educação de qualidade. Participou integralmente pela conquista da APENOPE, hoje SINTEPE. Foi Vice-Presidente do Centro de Professores de Pernambuco e teve participação efetiva e marcante em movimentos sindicais e profissionais, tais como Intersindical, Centro de Professores de Pernambuco e SINTEPE, sempre integrando comissões de negociação. Nas lutas da comunidade, e de se lembrar que, em um bairro onde não existia Escola Pública, (o bairro do Barro), fomentou e fundou um movimento que resultou na construção de um educandário - hoje, a Escola Estadual Professora Olindina Semente -, em um local que seria destinado a construção de um cemitério. Mencionada escola atende, até hoje, a todas as crianças e adolescentes humildes daquela região. Importante registrar que, sempre voltada a educação e ao meio ambiente, Rouse (como era carinhosamente chamada pelas comunidades que atendia), aproveitou o ensejo da inauguração do supracitado centro escolar e, fazendo referência ao nome do estabelecimento - "Semente" -, fomentou nos novos alunos a importância da preservação ambiental. Assim e que, naquele dia, há cerca de 24 anos atrás, ela plantou, junto com as crianças, diversas árvores no então árido pátio de barro, realizando eleição para que cada plantinha fosse cuidada por uma criança. Hoje, o pátio daquela escola abriga crianças brincando nas sombras daqueles "sombrieros" plantados por Rouse e, no jardim daquele colégio, encontra-se um baobá de mais de vinte metros de altura. Rouse também sempre se dedicou a defesa dos humildes e pobres. Do ano de 2001 até 2006, através do convênio GAJOP no Projeto Justiça Cidadã, foi advogada na Assistência Judiciária da Prefeitura Municipal do Recife. Em bairros humildes, como Totó e Ibura, comparecia diariamente para atender aos necessitados, gratuitamente, levando cidadania e patrocinando suas causas na defesa de seus direitos perante o Poder Judiciário. Mesmo com o final do convênio, ela não descansou. Até sua morte, em 18.02.2007, participou como voluntária na Pastoral da Saúde na Paróquia do Barro, onde prestava advocacia preventiva, com aconselhamento, palestras e proposições de ações para pessoas carentes. Rouse também não se omitiu na vida política, tendo participado ativamente nas eleições, contribuindo, significativamente, com as grandes mudanças presenciadas pelo País, por Pernambuco e, principalmente, pelo Recife. Na defesa das causas do Meio Ambiente, Rouse fez ainda mais. Estimulou e participou da fundação, em 1978, do "Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchoa", para defesa incessante daquele ecossistema - o qual reúne Mata Atlântica, Restinga e Mangue dentro de uma capital, e beneficia 11 bairros do Recife e mais de 250.000 pessoas - Ressalte-se que, até hoje, (29 anos após) aquela importante área ainda se encontra ameaçada pela especulação imobiliária e pelas indústrias. Felizmente, e finalmente, agora deverá tornar-se um Parque Ecológico. Em 2006, mesmo com o agravamento do câncer contra o qual lutou por nove anos, e a menos de um ano de sua morte, ainda teve forças para criar a Ong AMA - Amigos da Mata Atlântica -, tendo disponibilizado a sua própria residência como sede, a exemplo do que já havia feito

com o Movimento de Defesa da Mata do Engenho Uchôa, para juntar forças com esse e, juntos, conquistar, finalmente, a efetivação da preservação da Mata do Uchôa através da criação do tão sonhado Parque Ecológico para a Cidade do Recife. Rouse morreu aos 65 anos, sem ver realizado esse seu sonho, porém com a ajuda e apoio de seu filho, FLAVIO FALCÃO - Promotor de Justiça do MPPE que nos forneceu este resumo biográfico, e de todos seus amigos, companheiros de luta e admiradores, hoje construímos seus sonhos, sedimentados em seu exemplo de luta e compromisso com o povo.

#### CURRICULUM VITAE

ROUSINETE TAVEIRA FALCAO

Reg. MEC Licenciatura nº 188.277-DR/2

Reg. MEC Especialista em Educação nº 32.156-DR/2

OAB/PE nº 11652

#### GRADUACAO:

##### 1- CURSO DE PEDAGOGIA

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco.

Especializações: Magistério, Administração e Supervisão.

Conclusão - 1973

##### 2- CURSO DE DIREITO

UNICAP- Universidade Católica de Pernambuco.

Conclusão - 1989

##### PÓS-GRADUAÇÕES EM EDUCAÇÃO E DIREITO

1- Supervisão Escolar em Escolas de 1º e 2º Graus e Administração Escolar em Escolas de 1º e 2º Graus

Universidade Federal de Educação-PE.

Conclusão - 1973

2- Metodologia de Ensino Superior

UNICAP- Universidade Católica de Pernambuco.

Conclusão - 1981

3- Curso de Macroplanejamento

Projeto de Especialização de Recursos Humanos na Área de Educação

Secretaria de Educação de Pernambuco/Convênio: CETEB

Conclusão - 1982

4- Curso de Preparação de Docentes em Técnicas Didáticas

Projeto de Especialização em Recursos Humanos na Área de Educação

Secretaria de Educação de Pernambuco/Convênio: CETEB

Conclusão - 1983

5- Curso de Especialização em Direito do Trabalho

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco.

Conclusão - 1995

6- Curso Teoria e Prática da Sentença Trabalhista

Conclusão - 1990

7- Curso Sobre Alterações no Código Civil e Suas Repercussões no Processo Trabalhista

Conclusão - 1995

8- Curso Sobre Responsabilidade Civil - OAB/PE

Conclusão - 1997

9- Questões Atuais de Direito Eleitoral

Conclusão - 2002

10- I Curso Nacional de Responsabilidade Civil

Conclusão - 2002 CURSOS QUE PARTICIPOU COMO DOCENTE (Professora).

Curso de Aperfeiçoamento de Secretários de Estabelecimentos de 2º Grau

EC - CENAFOR/SEC

1977 - 1978

Curso de Aperfeiçoamento de Inspectores de Estabelecimentos de 2º Grau

1978 - 1979 - 1980

Cursos de Encontros de Reciclagens sobre Legislação Educacional

Promovidos pela Secretaria de Educação - PE, aos Diretores, Inspetores e Secretários de Estabelecimentos de Ensino do 1º e 2º Graus do Sistema Estadual de Educação de Pernambuco

1967 a 1990

Professora das Disciplinas Psicologia Educacional, Legislação Educacional, Técnicas de Secretariado e Estágio Supervisionado do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Pernambuco.

1977 a 1983

#### CARGOS EXERCIDOS NO SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Extranumerário Contratado.

Escriturário Contratado.

Professor Concursado - Ato no. 5284 - 1961/1972.

Professor Regente - Colégio Estadual Alfredo Freire.

Técnica em Educação - Secretaria de Educação de Pernambuco - Depto. de Ensino Médio.

Especialista em Administração Escolar - Efetiva - NU 6 - Ato 1284 - Secretaria de Educação - Depto. de Normatização e Registro.

Coordenadora de Atividades - Escola Estadual Profª Olindina Semente.

Professor Regente - Escola Estadual Senador Petrônio Portela.

#### ATIVIDADES EXERCIDAS COMO TÉCNICA E ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO

Análise de Certificados e Diplomas.

Registro de Diplomas.

Análise e parecer de equivalência de estudo no exterior.

Análise e parecer sobre estudos de 1º e 2º graus.

Análise e parecer sobre irregularidades escolares.

Planejamento e elaboração de programas e currículos do ensino de 1º e 2º graus do Sistema Estadual de Educação.

Orientação de Diretores, Secretários, Supervisores e Inspetores de ensino de 1º e 2º graus.

Análise e Parecer em regimento de Escolas de 1º e 2º graus.

Elaboração de cursos e planejamento de programas para o sistema de ensino estadual.

Pesquisa, análise e avaliação do ensino especial no Sistema Estadual de Pernambuco.

Participação do Grupo de Estudos para Elaboração do Estatuto do Magistério Estadual de Pernambuco.

#### OUTRAS ATIVIDADES COMO CIDADÃ, EM MOVIMENTOS SINDICAIS, PROFISSIONAIS E COMUNITÁRIOS

Vice-Presidente do Centro de Professores de Pernambuco - 1986/1988

Professora dos Sindicatos dos Estabelecimentos Particulares de Pernambuco - 1977/1983.

Integrante dos movimentos sindicais e profissionais - Intersindical, Centro de Professores de Pernambuco e SINTEPE - como membro de comissões de negociação 1986/1994.

Fundadora e integrante do Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchoa - 1978 até 2007.

Participação nos movimentos de lutas comunitárias, como a que conseguiu transformar a área em que seria destinada um cemitério, para a construção de uma escola pública estadual denominada Escola Professora Olindina Semente, no bairro do Barro.

Assessoria e Consultoria as Escolas Particulares do Estado de Pernambuco, com elaboração de Regimento, contrato social, programas e currículos.

Assistência Judiciária da Prefeitura Municipal do Recife/Convênio GAJOP no Projeto Justiça Cidadã – Núcleos do Totó e Ibura.

Voluntária na Pastoral da Saúde na Paróquia do Barro, com advocacia preventiva, aconselhamentos, palestras e proposição de ações para pessoas carentes do bairro do Barro e adjacências. Henrique Leite- Vereador

Disponível em: <http://www.radaroficial.com.br/d/2186904>. Acesso em 27 de maio de 2017)